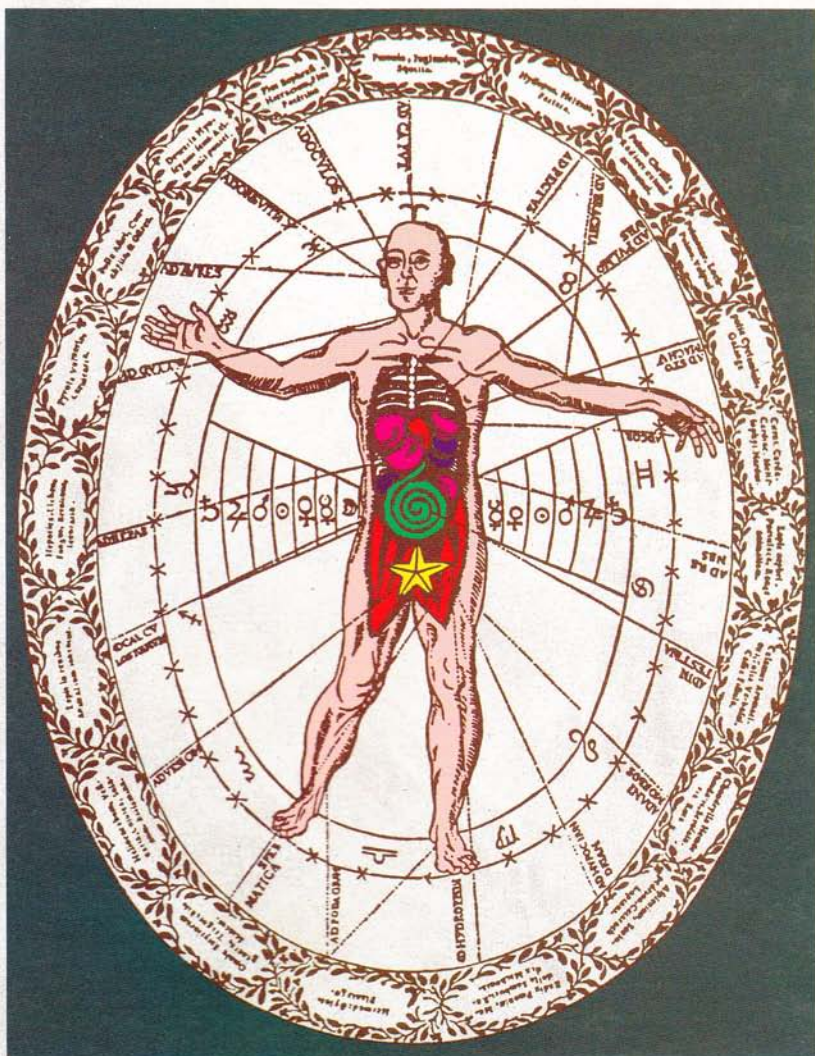


ANATOMIA ESOTÉRICA

Douglas Baker

B.A., M.R.C.S., L.R.C.P., F.Z.S.



MERCURYO

"Homem, conhece-te a ti mesmo."



ANATOMIA ESOTÉRICA

Douglas Baker

BA, MACS, LAC, FRA

"Homem, conhece-te a ti mesmo."

MERCURIO

ANATOMIA ESOTÉRICA

Douglas Baker

B.A., M.R.C.S., L.R.C.P., F.Z.S.

Tradução de
Júlia Bárány



MERCURYO

Título Original
ESOTERIC ANATOMY
© 1976, 1979 by Douglas Baker,
"Little Elephant", Herts, England.

1995

Todos os direitos reservados à
EDITORA MERCURYO LTDA.
Al. dos Guaramomis, 1267 — CEP 04076-012
São Paulo — SP — Brasil
Tel.: (011) 531-8222 — Fax: (011) 530-3265

ISBN 85-7272-050-2

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Baker, Douglas
Anatomia Esotérica / Douglas Baker,
tradução de Júlia Bárány — São Paulo: Mercury, 1993

ISBN 85-7272-050-2

1. Anatomia Humana 2. Esoterismo 3. Título

93-2013

CDD-133

Índice para Catálogo Sistemático:

1. Esoterismo: Ciências ocultas 133

Capa: Eduardo Piochi
Roberto Crivelli Jr.

Créditos Artísticos
O Fator do Soberano Supremo fundindo-se - Fay Pomerance
Chatterton - Henry Wallis
O Filho Pródigo - da estátua de M. Peynot
A Escola de Alquimistas - Pietro Longhi
O Halo dos Tratos Nervosos - Scientific American, junho, 1979
A Anatomia dos Músculos Anteriores e Posteriores do Corpo - de Anatomy of the Human Body, por Lockhart, et al.
(Faber & Faber)

Dedicado à memória de PARACELSO,
que, nesta vida,
trabalhou no Ashram do Mestre Inglês,
e a Kenneth Shipman

Deus habita em tudo,
Do minuto inicial de vida
Ao Homem — a consumação deste plano
Do ser, a conclusão desta esfera
Da vida: seus atributos espalhados
Aqui e ali pelo mundo visível,
Pedindo para serem combinados,
São pálidos fragmentos destinados
A se unirem num todo esplendoroso,
Qualidades ainda imperfeitas,
Que se encontram por toda a criação,
Sugerem uma criatura a ser formada,
Um ponto onde todos os raios dispersos
Devam convergir nas faculdades do Homem.

Quando a raça inteira chegar à perfeição,
Ao Homem, ao Ser, tudo visando à Humanidade,
Completa-se a criação e termina o ciclo:
Mas o Homem aperfeiçoado
Reinicia o caminho rumo a Deus.
O Homem se aproxima, anunciam os profetas;
Então surgem em seu ser visões majestosas,
Protótipos de um pálido esplendor,
Símbolos da eterna roda da vida.
Porque os Homens começam a vencer
Os limites de sua natureza,
Encontram novas esperanças e objetivos
Que não tardam a tornar menores
Suas próprias alegrias e aflições;
Os Homens tornam-se grandes demais
Para estreitas convicções de certo e errado,
Que esmaecem perante a incomensurável
Sede pelo Bem; enquanto a paz
No seu íntimo cresce mais e mais.
Homens assim já andam sobre a Terra,
Serenos, entre as outras criaturas
Semiformadas que estão ao seu redor.

De *Paracelsus*, por Robert Browning

ÍNDICE

1. O Hipotálamo	9
2. O Triângulo Femural.....	21
3. Os Núcleos do Hipotálamo.....	25
4. O Diencefalo.....	27
5. O Olho	31
6. A Visão Etérica.....	37
7. Cirurgia e o Terceiro Olho	42
8. Experiência Visual no Misticismo	48
9. A Analogia do Olho	52
10. Mais Analogias e Correlações.....	58
11. O Olho como um Órgão Criativo	62
12. O Controle Muscular do Olho	72
13. O Desenvolvimento Passado e Futuro dos Olhos	78
14. A Íris, Espelho da Saúde e da Doença	84
15. A Verdade sobre o Parentesco entre o Homem e o Macaco	89
16. A Face Humana e a Fisiognomonía	93
17. A Glândula Hipófise.....	98
18. O Pleomorfismo no Homem.....	101
19. O Significado Oculto da Ação da Hipófise	113
20. O Nervo Vago	123
21. O Quinto Nervo Craniano	139
22. O Sangue e a Irrigação Sangüínea do Encéfalo	141
23. O Escaravelho, Símbolo da Consciência Superior	148
24. A Glândula Pineal	153
25. O Terceiro Olho.....	173
26. As Clavículas, as Chaves de Salomão.....	189
27. A Glândula Tireóide	194
28. A Anatomia da Dor e do Êxtase.....	205
29. A Coluna Vertebral (Santuário da Serpente Sagrada).....	217
30. Sistemas de Recompensa, Alegria, Êxtase e Beatitude	226
31. O Gânglio Cervical Superior (O Sistema Nervoso Simpático).....	242
32. O Centro Respiratório.....	251
33. A Anatomia da Respiração Nasal	256
34. O Plexo Coróide	259
Conclusão	262

1

O HIPOTÁLAMO

A importância do hipotálamo foi enfatizada, recentemente, com a descoberta de que ele exerce uma forte influência sobre determinadas atividades da hipófise anterior. Esta glândula interessa ao discípulo por representar o ponto de concentração, no tecido físico, das energias do Chakra Frontal. Sabe-se que o excesso de atividade emocional inibe a abertura deste centro. É na região do hipotálamo que se localiza um dos sete centros da cabeça que se abrem na iniciação. No corpo etérico, este centro corresponde à extremidade superior de um eixo existente entre o pâncreas e o encéfalo.¹ O pâncreas sobrepõe-se ao Chakra do Plexo Solar que, através do vínculo com o plano astral, é o centro inferior da expressão emocional no homem. As energias do Sexto Raio estão focalizadas geralmente no Chakra do Plexo Solar. A estimulação deste chakra leva à expressão emocional (das energias astrais), como também produz efeitos na extremidade superior do eixo, o hipotálamo. Por exemplo, um forte desejo sexual, se freqüentemente satisfeito, produzirá inevitavelmente um aumento recíproco do desejo de comer, pois o centro de controle do apetite está localizado no hipotálamo.²

É com bastante freqüência que sensações desagradáveis e perturbações emocionais nos provocam rubores, sudorese, náusea e freqüência urinária. Esses sinais físicos resultam da estimulação do hipotálamo e da passagem dos impulsos até o sistema simpático.

O objetivo do treinamento iniciático é, conseguindo a estabilidade emocional, produzir uma rotação cíclica e rítmica deste eixo, que integra e coordena o fluxo de energia proveniente do plano astral com as atividades somáticas e as do sistema neurovegetativo autônomo, permitindo ao corpo manter condições internas estáveis (homeostase), a despeito das mudanças ambientais externas e internas (espirituais).

O hipotálamo é ligado ao córtex cerebral, no lobo frontal, por tratos de nervos bem definidos. A implantação destes tratos é um evento recente, iniciada na Raça-

1. Ver Figura p. 11.

2. *Idem.*

Raiz Atlante, e que não será completada em todos os seres humanos antes da Sexta Raça-Raiz.

Em termos de neurofisiologia, o discípulo que conseguiu alcançar um estágio avançado de treinamento reforça o domínio que a consciência sediada no córtex frontal exerce sobre a expressão emocional. O neófito aprende a sublimar sua energia emocional e a colocá-la sob o comando da consciência centrada na fronte.

ANATOMIA DO HIPOTÁLAMO

O hipotálamo é uma parte do diencéfalo do prosencéfalo que se encontra na parede do terceiro ventrículo do encéfalo e inclui as estruturas conhecidas por quiasma óptico, tubérculo cinéreo, infundíbulo e corpos mamilares. Situado abaixo do tálamo, o hipotálamo contém núcleos de nervos que controlam as atividades viscerais de muitos órgãos, tais como o metabolismo do açúcar e das gorduras, o equilíbrio hídrico, o controle da temperatura e a secreção das glândulas endócrinas. É o principal centro de integração das atividades do sistema simpático e do **parassimpático**.

O desabrochar crescente do Chakra Frontal proporciona uma consciência contínua e o conhecimento obtido por meio da visão astral.

Isto é produzido através:

(1) do fluxo constante de impulsos vindos do Centro Frontal ao córtex do lobo frontal dos hemisférios cerebrais, e dali, pelos tratos córtico-hipotalâmicos, ao sistema nervoso simpático;

(2) da ação direta do Centro Frontal sobre a hipófise e por meio dela, via sistema sangüíneo, sobre o encéfalo;

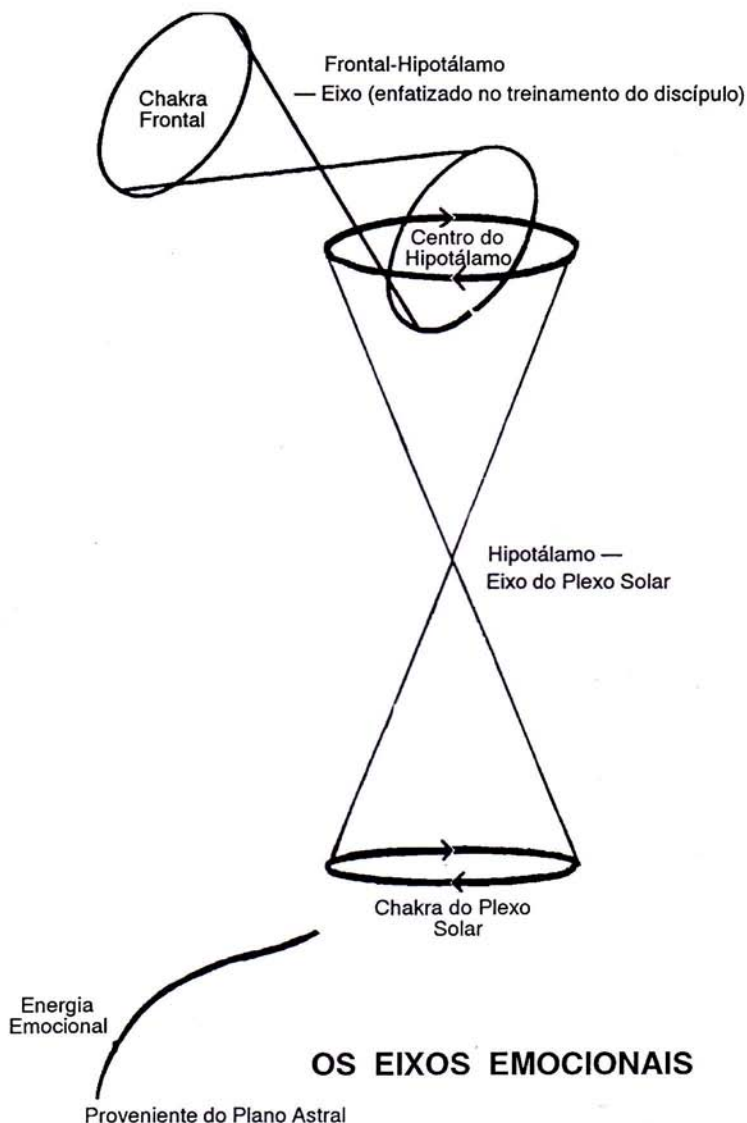
(3) dos eixos emocionais que se estendem desde o Centro Frontal até o centro do Plexo Solar (ver Figura ao lado).

A origem do hipotálamo está ligada filogeneticamente com a Atlântida. O envoltório astral de toda a área do encéfalo humano remonta, é claro, às raças astrais daquele ciclo, isto é, às primeiras sub-raças da Segunda Raça-Raiz. Esta precisava, porém, das tensões e pressões emocionais da raça atlante, com o seu Chakra do Plexo Solar desenvolvendo-se rapidamente, para organizar e estabelecer a matriz astral do hipotálamo (como parte do corpo astral).

A partir de então, o crescimento etérico e físico desta região prosseguiu rapidamente. O hipotálamo é constituído de muitos núcleos de pequenos neurônios que têm uma variedade de funções. Cada núcleo representa a materialização de um dos agregados descritos por Annie Besant:

“Estes agregados no envoltório astral são os inícios dos centros que construirão no corpo físico os órgãos necessários, e não são os freqüentemente chamados chakras, ou rodas, que pertencem à organização do corpo astral em si ... estes agregados atuam no duplo etérico, formando vórtices etéricos; então, centros correspondentes surgem no envoltório astral e no corpo físico, construindo assim o sistema nervoso simpático. Este sistema sempre permanece diretamente conectado aos centros astrais, mesmo depois de evoluído o sistema cérebro-espinhal.”³

3. *A Study in Consciousness*, Annie Besant, 1907.



OS EIXOS EMOCIONAIS

Foi necessária uma atividade mental, além da experiência emocional, para criar uma matriz que materializasse os tratos córtico-hipotalâmicos e seus contrários, os tratos que vão do hipotálamo à superfície do córtex cerebral. A atividade excessiva ou insuficiente de qualquer um destes núcleos hipotalâmicos pode levar a profundos distúrbios comportamentais da personalidade.

Estes tratos foram constituídos muito tarde, provavelmente durante as primeiras sub-raças da Quinta Raça-Raiz e, como já observamos, a evolução desta área está longe de ter sido completada. O diencéfalo, do qual deriva o hipotálamo, também origina o seguinte:

- (1) a glândula pineal,
- (2) o quiasma óptico e os olhos,
- (3) a hipófise posterior e
- (4) o terceiro ventrículo.

Cada uma destas estruturas tem um profundo significado esotérico. Em outra ocasião, referimo-nos à glândula pineal que funcionou como um órgão de percepção durante as primeiras Raças-Raiz, e regrediu, dando lugar ao desenvolvimento dos olhos. O terceiro ventrículo é o "pólo Norte" da aura magnética humana e a última posição anatômica do átomo físico permanente antes da morte. A glândula hipófise posterior, sendo endócrina, deve ter uma associação importante com pelo menos um dos chakras menores da cabeça.

O hipotálamo é extremamente sensível à mudança na irrigação sangüínea, que aumenta dramaticamente com as disciplinas esotéricas como a meditação, práticas de hatha yoga, etc. Daí a necessidade de disciplina emocional, equilíbrio e harmonia mesmo diante da provocação.

Por causa da sua influência sobre o comportamento e sobre a glândula hipófise, por meio dos hormônios transportados pelo sangue, temos de definir o hipotálamo como uma glândula endócrina. Todas as glândulas endócrinas sobrepõem-se a algum chakra importante. Sem dúvida, um dia será descoberto o centro relacionado ao hipotálamo e, com isso, sua relação com o pâncreas e o Chakra do Plexo Solar correspondente. Esta descoberta irá alterar as atuais idéias sobre as causas do diabetes. Certamente as formas roliças e volumosas de muitos yogues podem ser imputadas mais a uma hiperatividade do hipotálamo do que a uma dieta baseada em carboidratos!

A função primária do hipotálamo, nas primeiras Raças-Raiz, era a de adaptar o organismo humano ao impacto das desconcertantes mudanças do meio ambiente, enquanto ele se materializava fisicamente,⁴ a partir de um ser astral, através de um envoltório etérico, num planeta em cuja superfície o oxigênio aumentava gradualmente com a atmosfera. O hipotálamo era muito sensível às mudanças do campo magnético da Terra, também provocadas pelos eventos solares, e às mudanças da luz e das forças físicas. E assim é até os dias de hoje.

O desenvolvimento da região hipotalâmica no homem, o progenitor de todas as espécies,⁵ desencadeou no decorrer dos últimos quarenta milhões de anos o rápido estabelecimento dos mamíferos, capazes de manter a homeotermia, ou seja, uma temperatura corpórea regular, e assim viver em ambientes com variações de temperatura, impróprios para as espécies poiquilotérmicas (de sangue frio), que teriam sido eliminadas por esta causa.

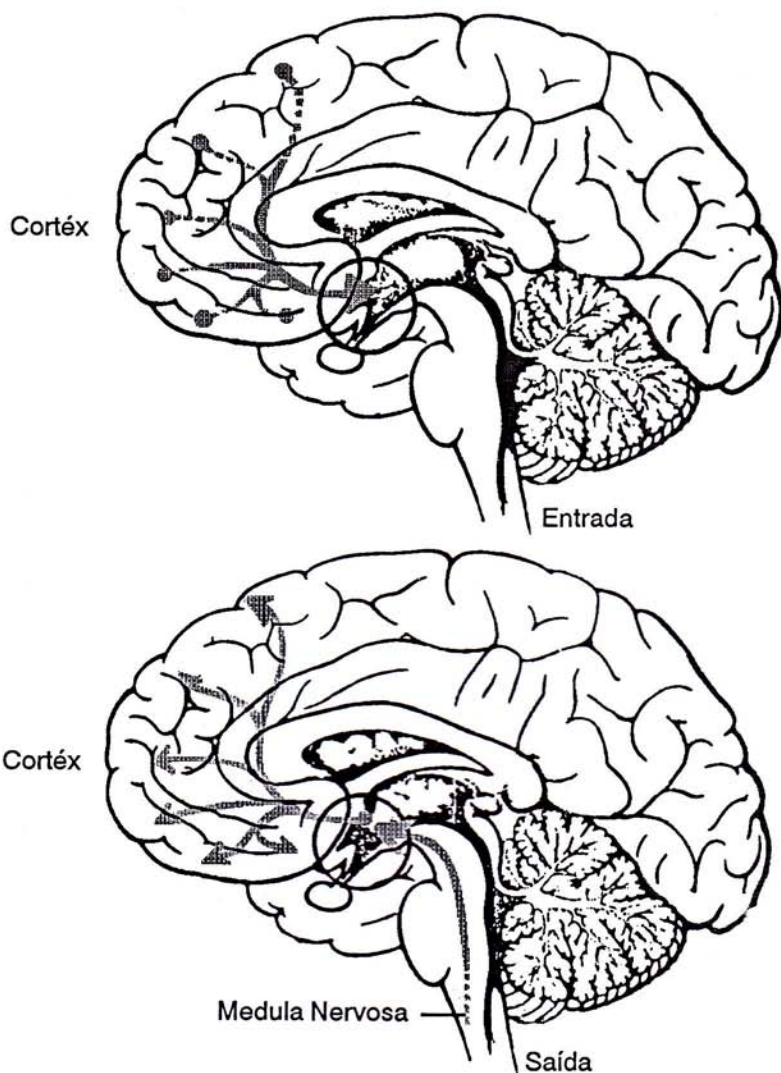
O hipotálamo é parte do sistema límbico. Uma vez estimulado, pode agravar no homem a sensação de fome, de sede, o desejo sexual, a necessidade de segurança e de uma experiência nova.

O neocórtex, a área da superfície cerebral constituída quase que inteiramente durante a época atlanto-ariana, tornou-se tão dominante em alguns indivíduos a

4. *Anthropogeny*, vol. VI, S.P.A.W., p. 89

5. *Ibid*, p. 37.

ponto de sobrepujar os centros do apetite e do instinto, que costumavam sinalizar as necessidades do corpo. Na realidade, as disciplinas esotéricas de autodesenvolvimento insistem que a mente deveria reger as emoções. Ao mesmo tempo, entretanto, advogam a moderação na dieta e em todos os desejos: o meio-termo. Quando o controle das emoções não é acompanhado pelas práticas habituais de moderação (purificação) com relação a todas as funções corporais, podem ocorrer doenças de



**Corte do HIPOTÁLAMO mostrando
a entrada e saída dos TRATOS CORTICAIS**

iniciação, muitas delas originadas na região hipotalâmica, com sinais de obesidade, taxa alta ou baixa de açúcar no sangue, excessos sexuais, labilidade emocional, manias dietéticas como a repulsa à carne, etc.

É evidente que o neófito deve atravessar uma fase durante a qual o controle do hipotálamo vai-se transferindo cada vez mais ao córtex cerebral. Isto significa ultrapassar as fronteiras no controle da personalidade, um caminho inseguro. Para manter o equilíbrio enquanto executa esta delicada transição, o neófito deve desenvolver um regime: estabilidade emocional, calma, moderação no comer e no beber, continência sexual, prática da bondade (mesmo ao confrontar-se com provocação deliberada). Isto tudo é importante fisiologicamente, mesmo sem conotação moral, ética ou mística.

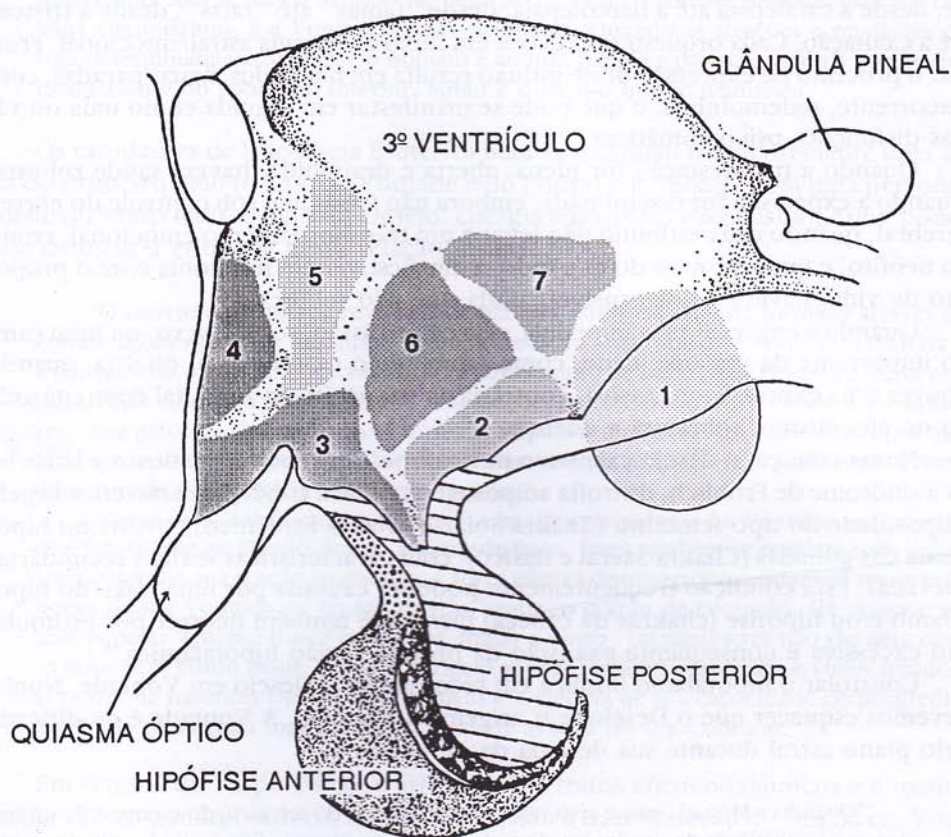
O hipotálamo, por exemplo, é extremamente sensível aos hormônios específicos de cada sexo. No treinamento iniciático, o neófito deve voltar a ser simples como uma criança, renascer, reorganizar seus impulsos e apetites, deve redirecionar-se para um reino mais elevado. A continência sexual acrescenta à sua circulação sanguínea os hormônios do sexo oposto. Nos homens, novos locais no encéfalo devem acomodar os mecanismos associados ao aumento de hormônios femininos (apreciação artística, intuição, compaixão). Nas mulheres, o mesmo se aplica a qualidades recém-adquiridas, associadas aos hormônios masculinos ou por eles permitidas, como a determinação, a iniciativa, etc. Os hormônios por si sós não fornecem estas qualidades, mas permitem a sua manifestação mais aberta na personalidade. Realmente, esses atributos provêm de veículos mais sutis. Como a própria ciência tem demonstrado, a estimulação sexual depende mais do cérebro do que dos órgãos sexuais (e seus hormônios). No processo iniciático, o hipotálamo deve ser encorajado a entregar gradualmente seu controle aos centros superiores da superfície cerebral.

Como os hormônios nascem nas glândulas endócrinas, e estas são as concreções dos chakras, o estudante do esoterismo facilita o fluxo de energia de um chakra a outro aumentando a sensibilidade do hipotálamo, o centro emocional do cérebro, a hormônios.

O córtex da glândula supra-renal está relacionado ao Chakra Muladara, na base da espinha dorsal. Na prática da yoga, suas energias sempre são direcionadas para a cabeça. Segundo as descobertas da ciência, seu hormônio, a corticosterona, presumivelmente agindo sobre a organização neural do hipotálamo, modifica a conduta emocional, tornando um animal menos emotivo.

Fatores emocionais afetam tanto o crescimento quanto o peso. Com o tempo, a ciência descobrirá que o bebê, a criança e o adolescente estressados crescem mais por causa do conflito emocional em que se envolvem. Algumas tribos africanas e outras que costumam fazer desenhos ritualísticos nos seus bebês através de cortes e marcas a fogo, ou quando perfuram lábios ou orelhas, tendem a apresentar uma pequena superioridade de duas polegadas na altura em relação a outras tribos.

No homem médio, o hipotálamo pode ser comparado ao regente de uma orquestra de emoções. A partitura que segue é ditada por estímulos dos cinco sentidos, por suas experiências anteriores e por seus impulsos. Qualquer um destes, seja a visão de um cavalo sendo chicoteado, o cheiro de um perfume, o som de uma sirene, a necessidade de segurança, um estímulo sexual ou o anseio pelo reconhe-



O HIPOTÁLAMO E SEUS NÚCLEOS

- | | |
|-----------------------|--------------------------|
| 1 NÚCLEOS MAMILARES | 4 NÚCLEO PRÉ-ÓPTICO |
| 2 NÚCLEO VENTROMEDIAL | 5 NÚCLEO PARAVENTRICULAR |
| 3 NÚCLEO SUPRA-ÓPTICO | 6 NÚCLEO DORSOMEDIAL |
| 7 NÚCLEO POSTERIOR | |

cimento, pode ativar uma orquestração de emoções que produz uma variedade de reações físicas: sede, sudorese, palpitações, palidez, rubor, dilatação dos olhos. A gama dessas reações físicas abrange desde a passividade absoluta até a hiperatividade, desde a catalepsia até a narcolepsia, desde “tamas” até “rajas”, desde a tristeza até a exaltação. Cada orquestração evoca um fluxo da energia astral/emocional. Frustrar o processo de expressão deste influxo resulta em bloqueios, águas paradas, contracorrente, redemoinhos, o que pode se manifestar em seguida como uma ou várias disfunções psicossomáticas.

Quando a manifestação for plena, aberta e desinibida, haverá saúde robusta. Quando a expressão for disciplinada, embora não frustrada, sob controle do córtex cerebral, quando cada estímulo não levar a um transbordamento emocional, como no neófito, e quando, mais do que tudo, a alma estiver em harmonia com o propósito de vida, haverá saúde sensível, ainda que não robusta.

Quando a expressão for impedida, seja na profissão, seja no sexo, ou num campo importante da personalidade, como também no caso oposto, ou seja, quando houver uma expressão excessiva, contrária ao propósito da alma, tal como na gula ou no alcoolismo, sobrevirá a doença.

Numa criança, o desejo excessivo por carboidratos, bolos cremosos e balas leva à síndrome de Fröhlich, distrofia adiposogenital, uma condição caracterizada pela adiposidade do tipo feminino (Chakra Solar e Chakra Esplênico), atrofia ou hipoplasia das gônadas (Chakra Sacral e Básico), com características sexuais secundárias alteradas. Esta condição freqüentemente pode ser causada por uma lesão do hipotálamo e/ou hipófise (chakras da cabeça) mas pode também ocorrer por estimulação excessiva e conseqüente exaustão da própria região hipotalâmica.⁶

Controlar o hipotálamo implica em reconverter o Desejo em Vontade. Nunca devemos esquecer que o Desejo tem origem na Vontade. A Vontade é modificada pelo plano astral durante sua descida da mônada:

“Quando a Mônada emite seus raios para a matéria do terceiro, do quarto e do quinto planos e se apropria de um átomo de cada um destes planos, cria o que freqüentemente se chama de sua ‘imagem na matéria’, o ‘Espírito’ humano, e o aspecto-Vontade da Mônada reflete-se no Atma humano, cuja morada é o terceiro plano, ou plano átmico. Esta primeira hipótese tem seus poderes bastante diminuídos pelos véus da matéria adquirida, mas não sofre distorção alguma; assim como um bom espelho reproduz fielmente a imagem de um objeto, também o Espírito humano, Atma-Buddhi-Manas — perfeita imagem da Mônada —, é, de fato, a própria Mônada envolta em matéria mais densa. Mas, assim como um espelho côncavo ou convexo produz uma imagem distorcida de um objeto colocado à sua frente, também as outras imagens do espírito refletidas na matéria ainda mais densa, ou envolvidas nesta matéria, são apenas imagens distorcidas.

“Quando a Vontade, velando-se cada vez mais à medida que desce de plano em plano, alcança o mundo imediatamente acima do físico, o mundo astral, aparece aí na forma de Desejo. O Desejo possui a energia, a concentração, as características impetuosas da Vontade, mas deixou de ser controlado e orientado pelo espírito, passando para o domínio da matéria. O Desejo é a Vontade destronada, prisioneira, escrava da matéria, que deixou de ser autodeterminante, para ser determinada pelas atrações a seu redor.

6. Ver também “Anorexia Nervosa”, em *Esoteric Healing*, vol. III de S.P.A.W., pp. 75-78.

“Esta é a diferença entre Vontade e Desejo. A natureza íntima de ambos é a mesma, pois são na verdade uma mesma determinação do Atma, a força motriz do homem, aquela que impele à atividade, à ação no mundo exterior, no não-Eu. Quando o Eu determina a atividade, sem se deixar influenciar pelas atrações ou repulsões provenientes dos objetos circundantes, é a Vontade que se manifesta. Quando as atrações e repulsões de fora determinam a atividade e o homem é atraído para lá e para cá, surdo à voz do Eu, inconsciente do Soberano Interior, então é o Desejo que se manifesta.”⁷

Os estudantes de Psicologia Esotérica bem sabem quão freqüentemente uma alma do Primeiro Raio (o Raio da Vontade e do Poder) combina-se com uma personalidade do Sexto Raio, o Raio do Desejo, energia emocional e idealismo. Aqui, podemos delinear a etiologia desta relação íntima:

“O Desejo é a Vontade revestida de matéria astral, de matéria formada através de combinações operadas durante a segunda onda de vida; a reação entre esta matéria e a consciência provocará nesta última o aparecimento de sensações. Revestida desta matéria, cujas vibrações correspondem às sensações na consciência, a Vontade se torna Desejo. Sua natureza essencial, que é fornecer impulsos motores, uma vez cercada por matéria apta a despertar sensações, responde com energia propulsora, e tal energia, evocada e ativada pela matéria astral, é o Desejo.

“Numa pessoa de natureza superior, a energia propulsora é a Vontade; na inferior, esse papel cabe ao Desejo. Sendo a Vontade fraca, fraca também se revelará toda a personalidade em sua reação ao mundo. A força efetiva de uma personalidade se mede pelo poder da sua Vontade ou do seu Desejo, segundo o grau de evolução. Há verdade no dito popular ‘Quanto maior o pecador, maior o santo’. Os medíocres não são nem muito bons nem muito maus: neles se abrigam apenas virtudes acanhadas e vícios miúdos. O poder da natureza-Desejo num homem é a medida de sua capacidade de progredir, a medida da energia motora com a qual ele avança no seu caminho.”⁸

Em termos do corpo físico, a ativação dos tratos córtico-talâmicos e a manutenção do seu domínio sobre o hipotálamo levam à transmutação do Desejo em Vontade. Em termos de substância etérica, isso equivale a manter a consciência no pólo Norte do eixo frontal-hipotálamo. A diferença entre desejo e emoção desvela ainda mais esses mistérios:

“Uma vez experimentado um prazer, surge o desejo de gozá-lo novamente, conforme explicamos, e tal fato implica a **memória**, que é uma função da mente. Lembremos de que a consciência age sempre segundo sua tríplice natureza, mesmo quando um dos aspectos estiver predominando, pois sem a presença da memória sequer um desejo germinal pode surgir. A sensação provocada por um impacto externo precisa ter sido despertada várias vezes para que a mente estabeleça uma relação entre a sensação que lhe chegou à consciência e o objeto externo que causou a sensação. Por fim, a mente ‘percebe’ o objeto, isto é, relaciona-o com uma de suas próprias mudanças, reconhece em si mesma uma alteração produzida por um objeto de fora. A repetição dessa percepção estabelecerá um vínculo definitivo, na memória, entre o objeto e a sensação aprazi-

7. *A Study in Consciousness*, Annie Besant, 1907, pp. 305-308.

8. *Ibid.*, pp. 316-317.

vel/dolorosa; e quando o Desejo exige a repetição do prazer, a mente evoca o objeto responsável por ele. Assim, a combinação Pensamento-Desejo engendra um desejo particular que persegue o objeto aprazível e tenta prendê-lo.

“Tal desejo impele a mente ao exercício de sua atividade própria. Ela se esforça para escapar ao desconforto provocado pela ânsia insatisfeita, fornecendo o objeto desejado. A mente planeja, esquematiza, põe o corpo em ação para atender às ânsias do Desejo. E, similarmente, pressionada pelo Desejo, planeja, esquematiza, põe o corpo em ação para evitar a recorrência da dor por parte de um objeto reconhecido como provocador de sofrimento.

“Essa é a relação entre Desejo e Pensamento. O Desejo desperta, estimula, apressa esforços mentais. A mente, em estágios primários, é serva do Desejo e cresce na proporção das violentas pressões do Desejo. Desejamos, logo somos forçados a pensar.

“A emoção não é um estado de consciência simples ou primário, mas um composto constituído pela interação de dois aspectos do Eu — o Desejo e o Intelecto. A ação do Intelecto sobre o Desejo faz nascer a Emoção, que é filha dos dois e ostenta algumas das características tanto de seu pai, o Intelecto, quanto de sua mãe, o Desejo ... As virtudes são simplesmente estados permanentes da reta emoção.”⁹

É possível entender agora que os Desejos estão num dos extremos do espectro, e que a Vontade se encontra no extremo oposto; entre os dois, existe uma gama inteira de emoções. Podemos entender também o que significa a noção de que a “arte deve disciplinar as emoções”, enquanto a pornografia, a publicidade, etc. favorecem emoções inferiores e despertam os Desejos.

Levando-se em conta a anatomia físico-etérica já descrita, podemos entender por que o Desejo sempre parece subir (do Chakra do Plexo Solar), e a Vontade sempre parece descer (da mônada através do Chakra Frontal).

Este lugar de encontro é o hipotálamo, para o homem médio; para o homem primitivo, é o Plexo Solar; e para o homem evoluído, o córtex cerebral.

Para o estudante de anatomia esotérica são obviamente importantes os esclarecimentos anatômicos, pois “A energia segue o pensamento”.¹⁰ A habilidade de localizar a atenção numa região do corpo conduz a resultados moderadores, estimuladores ou refrecedores naquela região, conforme:

- (a) a capacidade de visualizar a área anatômica em questão,
- (b) a atitude da mente e da respiração durante a concentração da atenção.

Esta é a base dos verdadeiros métodos de cura esotérica.¹¹

Nesta época atual de tensão intolerável, quando as pessoas correm para “manter o passo”, é de máxima necessidade desenvolver a capacidade de ajustar conscientemente seus mecanismos fisiológicos. Isto permite que o tributo inevitável da tensão incessante não leve à hipertensão, à úlcera duodenal, ao hipertireoidismo ou a outras doenças resultantes do estresse, características da civilização ocidental.

Vimos de que forma o córtex cerebral da região frontal — esta área estreita, porém contínua, de matéria cinzenta — pode regular o cérebro emocional, o hipo-

9. *Ibid.*, pp. 348, 351.

10. Ver Seção Um, *Esoteric Healing*, vol. III do S.P.A.W., Dr. Douglas Baker.

11. *Ibid.*, Seção Cinco.

tálamo. É dali que partem impulsos que podem desajustar o hipotálamo, resultando em medo, raiva, irritação e a sua parafernália de sinais físicos: palidez, sudorese, etc.

Muitas pessoas são naturalmente suscetíveis à tensão e pressão. Uma grande percentagem da população carrega um cromossomo com um gene de esquizofrenia.¹² A esquizofrenia pode não chegar a manifestar-se durante a vida inteira, ou pode desencadear-se num período de tensão, ou aparecer apenas em certos períodos tensos.

A cada ano, numerosas empresas ministram cursos aos seus funcionários sobre o modo de compensar o estresse. Este não é o lugar para discursar sobre métodos de cura esotérica, mas antes para uma apresentação dos mecanismos subjacentes causadores de angústia e o seu antídoto, a serenidade que resulta da expansão da consciência.

Um gesto típico de um indivíduo lutando instintivamente contra o estresse é levar a palma da mão à testa. O Chakra Palmar produz imediatamente um efeito moderador, suavizante, sobre o excitado Chakra Frontal. Esse indivíduo toca a fonte da maior parte da sua tensão: os impulsos que são despertados na matéria cinzenta da superfície dos lobos frontais do cérebro. Já vimos que essa região tem conexão direta e indireta com o hipotálamo.

Quando o córtex é bombardeado por impulsos causados pelo estresse (medo, preocupações, carência de *feedback*, etc.), estes passam ao hipotálamo, que os descarrega no tronco cerebral onde outros centros fazem aumentar a atividade cardíaca. Os impulsos entram também no sistema nervoso simpático. A medula da glândula supra-renal, que é uma parte desse sistema, secreta nor-adrenalina, que provoca a constrição dos vasos sanguíneos e o aumento da pressão. Durante o estresse, o hipotálamo também descarrega hormônios que fazem a hipófise liberar o seu próprio hormônio (ACTH). Este hormônio (adreno-córtico-trófico), por sua vez, faz a glândula supra-renal secretar hidro cortisona, que produz uma variedade de efeitos no corpo, especialmente efeitos metabólicos. Diz-se que este hormônio também modera a expressão emocional, presumivelmente através do hipotálamo. Sabemos que existe um eixo etérico entre o Chakra da Base da Espinha, ou Básico, (ligado às glândulas supra-renais) e o córtex cerebral. Uma maneira de moderar os efeitos da hipertensão é coordenar a respiração, principalmente a fase da expiração, com uma visualização dos impulsos caminhando do córtex, através do hipotálamo (logo acima da boca, na região do palato mole), para dentro dos vasos sanguíneos.¹³

A regulação da temperatura corporal está intimamente relacionada ao hipotálamo, não só no caso da febre, mas também em assuntos esotéricos. Existem exemplos famosos de pessoas que afrontaram o frio através de um excelente controle do seu calor corporal. Está bem comprovada a habilidade dos yogues de ficar em profunda meditação sentados em padmasana (posição de lótus) a 3.700 m acima do nível do mar, em temperaturas abaixo de zero, com trajes sumários.

Sócrates, quando em meditação profunda, ou em comunicação com seu Daimon, ficava horas e horas de pé, descalço, enquanto nevava. Sabemos que um corpo superaquecido é um veículo inadequado para a meditação, e sabemos também,

12. *Ibid.*, pp. 171-187.

13. Os métodos esotéricos de lidar com a hipertensão estão delineados no livro *Esoteric Healing*, parte II.

por Madame Blavatsky, que uma cabeça fria é igualmente inadequada. Ela nos ensina que durante a meditação devemos mantê-los temperados, o corpo mais frio que a cabeça, para que as forças elétricas da anatomia nervosa possam ser concentradas nos chakras da cabeça.

No treinamento iniciático, não é necessário trabalhar um por um cada núcleo hipotalâmico ou cerebral! Mas aprendemos a nos conscientizar das nossas limitações a fim de corrigi-las, e é por isso a ênfase na injunção de Delfos: "Homem, conhece-te a ti mesmo". Saber como você é permite entender o que você precisa mudar, e ter por onde iniciar essa mudança. Não saber como você é implica nem saber como começar a se modificar.

Todos os iniciados da sabedoria antiga são grandes estóicos, resistentes ao estresse e ao enorme dispêndio de energia causado por sua total dedicação em servir a humanidade. Eles possuem a capacidade do desprendimento que lhes permite, quando necessário, separar totalmente seu pensamento e sua emoção da situação em que estão agindo.

A meditação em circunstâncias tão difíceis torna-se impossível para a maioria das pessoas, mas pode ser praticada pelo iniciado. Focalizando toda a sua atenção no Centro Frontal, a temperatura de seu corpo cai e seu rosto enrubesce. As ondas cerebrais diminuem de beta para alfa, e mesmo essas dão lugar a ritmos elétricos que indicam maior contato com o Divino. A verdadeira meditação implica o controle do hipotálamo, assim, todas as técnicas de meditação visam principalmente ao controle dos mecanismos do sistema simpático e a porta de entrada para ele, que é o hipotálamo.



MALÉOLO LATERAL DO PÉ ESQUERDO
(da Vinci)

A perna dobrada na posição de lótus leva ao processo acima descrito. O maléolo lateral de cada tornozelo apóia-se, no padmasana, sobre estruturas de importância esotérica. O maléolo lateral é a protuberância no lado externo do tornozelo, produzida pela extremidade do osso perônio.

Em padmasana, cada maléolo apóia-se firmemente sobre o triângulo femural.

2

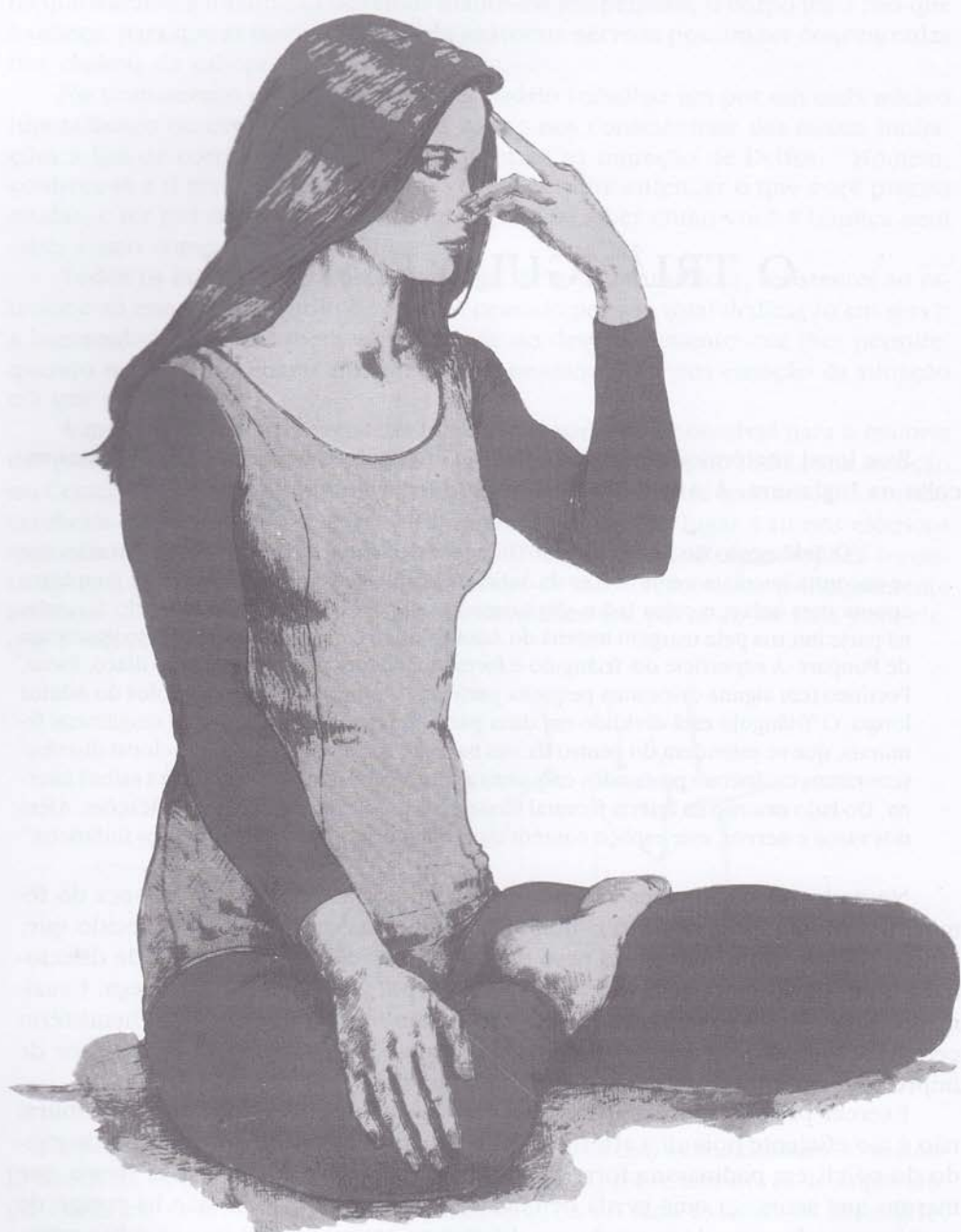
O TRIÂNGULO FEMURAL

Esse local anatômico é chamado de “O Triângulo de Scarpa” por algumas escolas na Inglaterra. A Anatomia de Gray o descreve como segue:

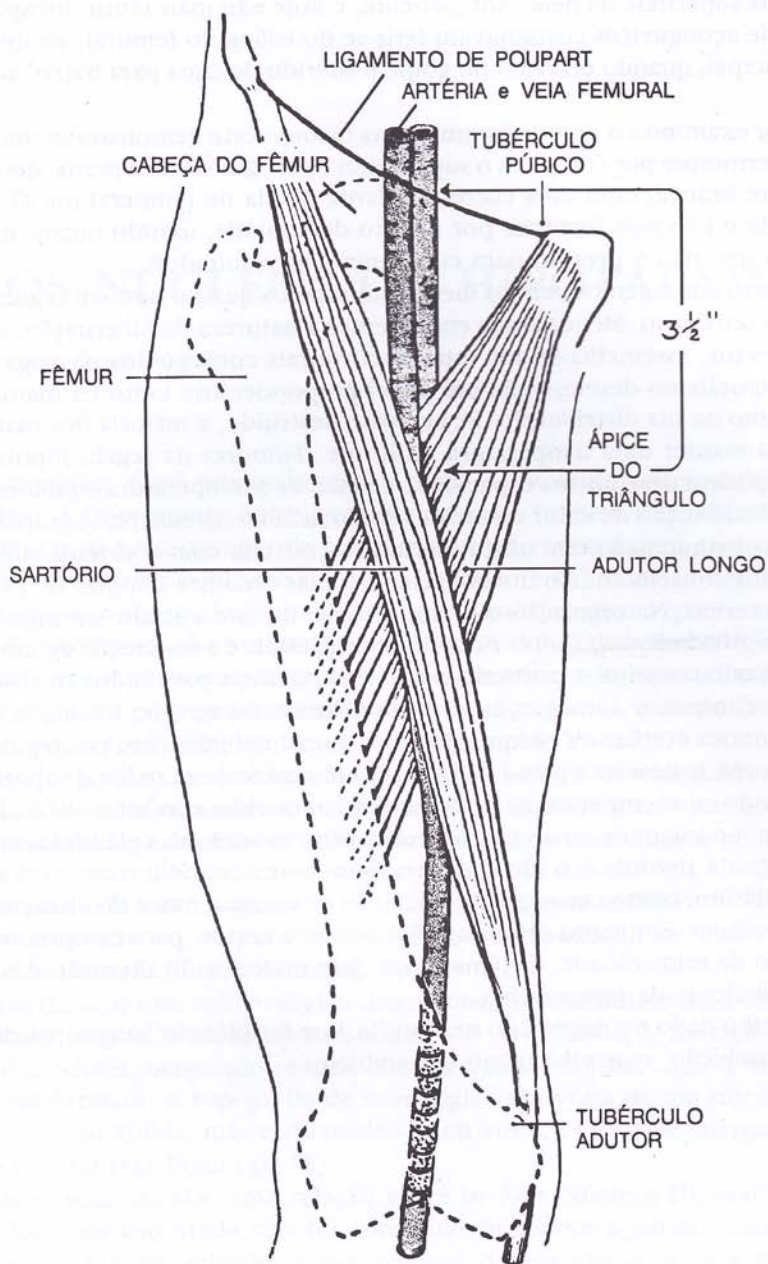
“O Triângulo de Scarpa. — O Triângulo de Scarpa corresponde à depressão que se encontra imediatamente abaixo da dobra da virilha. É um espaço triangular, cujo ápice aponta para baixo, e cujos lados são formados na parte externa pelo músculo Sartório, na parte interna pela margem interna do Adutor longo e na parte superior pelo ligamento de Poupart. A superfície do Triângulo é formada, de fora para dentro, pelo Ilíaco, Psoas, Pectíneo (em alguns casos uma pequena parte do Adutor breve) e os músculos do Adutor longo. O Triângulo está dividido em duas partes quase iguais pelos vasos sangüíneos femurais, que se estendem do centro da sua base até seu ápice. A artéria do local distribui seus ramos cutâneos e profundos enquanto a veia recebe o tronco femural e a safena interna. Do lado externo da artéria femural há o nervo crural anterior com ramificações. Além dos vasos e nervos, este espaço contém um pouco de gordura e alguns vasos linfáticos.”

No padmasana, os vasos sangüíneos são comprimidos contra a cabeça do fêmur, reduzindo a um mínimo o fluxo de sangue nas duas regiões de tecido que, juntas, constituem a metade do peso do corpo. Isto ajuda no processo de direcionar a atenção, junto com as forças vitais do corpo, para a região da cabeça. Usualmente, a postura é acompanhada pelo uso de um *mudra* que ancora o hemisfério cerebral esquerdo, deixando o direito livre para se afirmar como um receptor de impressões ou experiências da consciência interior.

Exercer pressão sobre a artéria femural abaixo do nível do triângulo femural não é tão eficiente pois ali a artéria se ramifica em todas as direções. O estado rígido do pêlvis em padmasana fornece uma base firme para o tronco, de forma que mesmo que aconteça uma perda de consciência total ou parcial não há perigo de se cair para a frente e de se machucar. Ao mesmo tempo, a postura age sobre estruturas externas ao períneo, não somente estreitando e consolidando a posição sentada, mas ajudando no fechamento de outras artérias além da femural e provocando uma anastomose na face posterior da coxa.



PADMASANA



TRIÂNGULO FEMURAL

O triângulo femural é muito vulnerável a ferimentos por causa da proximidade da artéria da superfície da pele. Antigamente, e hoje não mais tanto, inexperientes auxiliares de açougueiros costumavam ferir-se no triângulo femural, seccionando a artéria principal, quando erravam no golpe desferido de cima para baixo, ao cortar a carne.

O autor examinou o grande Swami Rama quando este demonstrava sua capacidade de interromper por completo o suprimento de sangue de uma perna, deixando-a mortalmente branca, com uma correspondente queda de temperatura. O Swami, porém, fechou os vasos femurais por um ato de vontade, usando outros métodos fisiológicos que não a pressão para conseguir seus resultados.

Ainda não entendemos bem os mecanismos pelos quais o homem regula a temperatura do seu corpo. Menos ainda entendemos a natureza da hibernação, que, em muitos aspectos, assemelha-se aos estados corporais conseguidos na yoga. Certamente, o hipotálamo desempenha um papel preponderante tanto na manutenção do calor como na sua distribuição. Se ele fosse destruído, a maioria dos mamíferos não poderia manter uma temperatura uniforme. Tumores na região hipotalâmica do homem podem destruir sua capacidade de manter a temperatura equilibrada. Parece que a distribuição do calor está mais relacionada ao sistema parassimpático enquanto a sua manutenção tem uma relação mais estreita com o sistema simpático.

O melhor conselho é não ir aos extremos, mas escolher sempre, de preferência, o meio-termo. Na regulação da temperatura, de fato entram em jogo fatores que afetam a atividade da glândula tireóide. Esta glândula é a concreção de um chakra importante, que constitui a porta de entrada obrigatória para todos os discípulos que querem conquistar a integração da personalidade e a terceira iniciação. Em geral, é sábio nunca confiar na estimulação da “casca” exterior para conseguir resultados interiores. Estimular a glândula tireóide colocando-se num local superaquecido ou expondo-se a temperaturas drasticamente reduzidas não substitui o controle que se obtém ao longo de uma vida de meditação. Na seção das glândulas endócrinas, tratamos da tireóide e o chakra correspondente.

O entusiasmo, com a conseqüente liberação de energia, nasce do elemento mais íntimo do homem. Enquanto dirigido pelos motivos certos, para campos criativos em benefício da humanidade, dispensa quaisquer métodos de alteração dos mecanismos reguladores de temperatura.

O conselho dado no manual do neófito “A Voz do Silêncio” é apropriado aqui: “Elimina a ambição, mas vive como um ambicioso”.

3

OS NÚCLEOS DO HIPOTÁLAMO

Cada núcleo é um grupo de células neurais que estão relacionadas a funções específicas. É interessante notar que, enquanto no homem estas células tendem a se espalhar mais e a se agrupar de forma menos diferenciada (em núcleos), nos animais elas são muito mais discretas e mais claramente definidas. Longe de conceber que o homem evoluiria dos animais, a noção esotérica afirma que os animais evoluíram do homem ou são sua imagem refletida. A especialização ocorre com maior frequência nos animais, enquanto o homem permanece não especializado, e sua natureza emocional passa gradualmente de um estado inicial, quando é ativada pelo desejo puro, até ser completamente controlada pela Vontade.

Mais do que isso, no feto humano os núcleos são muito mais diferenciados que no adulto. Isto confirma novamente a antropogenia esotérica. Numa época em que o homem espelhava os padrões arquetípicos do reino animal, seus núcleos hipotalâmicos eram mais diferenciados e assim eram/são os dos animais nos dias de hoje. Desde então, o homem continuou a evoluir e está constantemente reorganizando o seu sistema nervoso, ao passo que os animais estabilizaram-se, concretizando-se na sua determinada (e especializada) espécie.

Além disso, o exame histológico dos núcleos hipotalâmicos nem sempre indica a função fisiológica. Nem sempre os contornos dos núcleos se baseiam na concentração das células, ocupando-se mais com os tratos e as fibras que se infiltram e os feixes que formam. A topografia de uma região em volta de um núcleo pode ser fisicamente indefinida, mas cada núcleo é um vórtice radial de energia nos níveis etérico e astral (ver Figura p. 15).

Existe, sem dúvida, uma relação entre os Sete Núcleos Hipotalâmicos e os Sete Raios, mas isto ainda não foi comprovado e deve aguardar mais pesquisas. Certamente, existem relações entre os tipos de emoção e os Sete Raios, como por exemplo: o Primeiro Raio manifesta suas qualidades na energia emocional bem profunda e isolada; o Segundo Raio, a energia emocional independente e estável, etc.

O CÂNCER E O HIPOTÁLAMO

Veremos nos próximos cem anos, com quase toda a certeza, o domínio da cura do câncer, mas suas causas serão descobertas somente mais tarde. Por fim, se descobrirá que elas se relacionam com o hipotálamo. O câncer normalmente requer um estímulo físico (superficial) para manifestar-se: uma irritação cutânea, um *spray*, excesso de luz solar, fumo, etc. Muitos indivíduos, porém, escapam do câncer apesar da presença de um agente irritador que o provoca em outras pessoas. A causa do câncer é a frustração emocional, na maioria das vezes resultante da incapacidade de satisfazer o desejo por uma resposta, impulsos sexuais. Esta doença está relacionada com o Chakra do Plexo Solar, a principal porta de entrada para as energias astrais e mais ainda para o hipotálamo, ou cérebro emocional.

A eliminação das **causas** básicas (não superficiais) do câncer acontecerá quando o homem reorientar-se para o plano mental, quando aqueles que estão polarizados emocionalmente tiverem uma expressão mais saudável e quando o Karma da Atlântida (a civilização emocional) for cumprido.

A ciência já está descobrindo que existem vínculos diretos entre alguns tipos de câncer e o hipotálamo. O câncer da mama tem sido relacionado com o hipotálamo e a destruição do núcleo apropriado levou à regressão deste carcinoma.

4

O DIENCÉFALO

O encéfalo começa no embrião com a emergência de um tubo sem abertura, quase reto, que se alarga na extremidade superior (rostral), formando o encéfalo primitivo. Três intumescências tornam-se proeminentes e posteriormente adquirem importância. E entre estas há duas regiões de menor crescimento e de concentração uniforme. Ocupamo-nos aqui com o primeiro dos alargamentos do encéfalo superior, o prosencéfalo.¹ Em seguida, emergem do prosencéfalo duas regiões distintas. São o telencéfalo e o diencéfalo. Vagarosamente, estas se separam por um estreitamento e crescem até se tornarem compartimentos facilmente reconhecíveis. No telencéfalo, dois centros crescem para fora, transformando-se nos hemisférios cerebrais, que são o centro mais recente da consciência. O diencéfalo começa a formar as duas vesículas ópticas, os futuros olhos, resultantes da elaboração de suas paredes laterais. Antes disso, porém, cresce do topo da cavidade do diencéfalo a epífise ou glândula pineal. Neste estágio, o encéfalo tubular inteiro projeta-se para a frente e o telencéfalo aponta para baixo, cedendo a maior parte da região rostral (ponta) ao diencéfalo.

Assim, enquanto os órgãos ópticos crescem rapidamente, a glândula pineal ocupa uma posição de proeminência, próxima ao “topo” do corpo. No embrião, isso é resquício da época das primeiras Raças-Raiz, quando a glândula pineal tinha a função de órgão sensorial de grande importância. Mais tarde, mesmo quando o mesencéfalo passa a ocupar a maior parte da região rostral na extremidade da curvatura cefálica, a glândula pineal, ou o “terceiro olho”, aponta para a frente, enquanto que os olhos ainda estão próximos ao tubo do encéfalo, muito menos salientes em relação à glândula pineal e à posição que ocupam no embrião mais desenvolvido. Mostraremos a importância disso mais adiante, ao tratarmos especificamente da glândula pineal.

O rombencéfalo incorpora o cerebelo e a medula nervosa. A matriz astro-etérica desta parte do encéfalo foi estabelecida no homem já na terceira fase, especialmen-

1. **Encéfalo** — O encéfalo, incluindo o cérebro, o cerebelo, o bulbo e a ponte, o diencéfalo e o mesencéfalo.

te na Terceira Raça-Raiz daquele período. Sua imagem externa aparece pela primeira vez nos metazoários adiantados, imediatamente antes da chegada dos vertebrados, há cerca de 1,2 bilhões de anos.

Os estudantes da Psicologia Esotérica não terão dificuldade em localizar as correspondências com os Sete Raios nestes tecidos primitivos:

PRIMEIRO RAIOS da Vontade e do Poder

Prosencéfalo

(1) Telencéfalo (hemisférios cerebrais e ventrículos laterais)

(2) Diencefalo

Glândula pineal, olhos e hipófise, terceiro ventrículo

SEGUNDO RAIOS do Amor-Sabedoria

Mesencéfalo

Tronco cerebral

TERCEIRO RAIOS da Inteligência Ativa

Rombencéfalo

Cerebelo

Medula Espinhal

Mais algumas correspondências com os Raios:

RAIO III

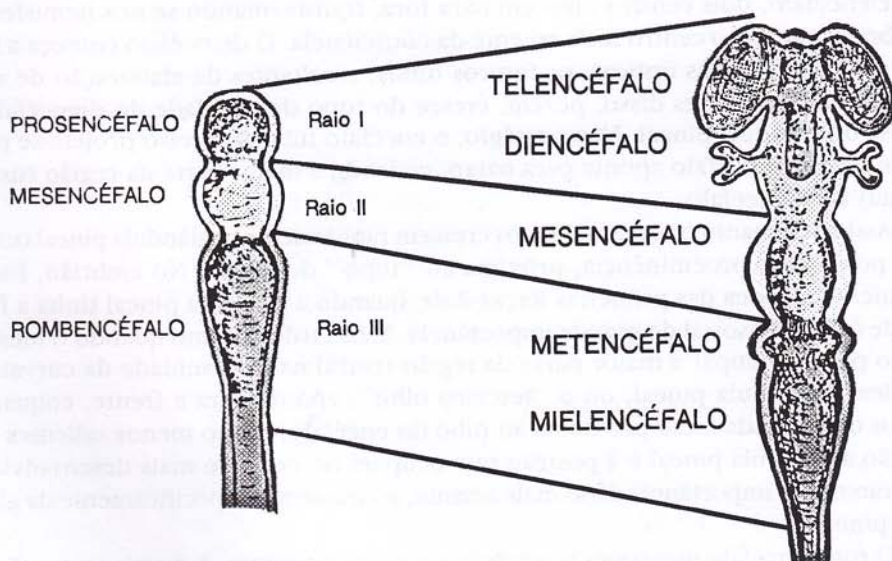
Medula Espinhal.....Raio 3 - Medula e Nervos Cranianos

Raio 4 - Cerebelo

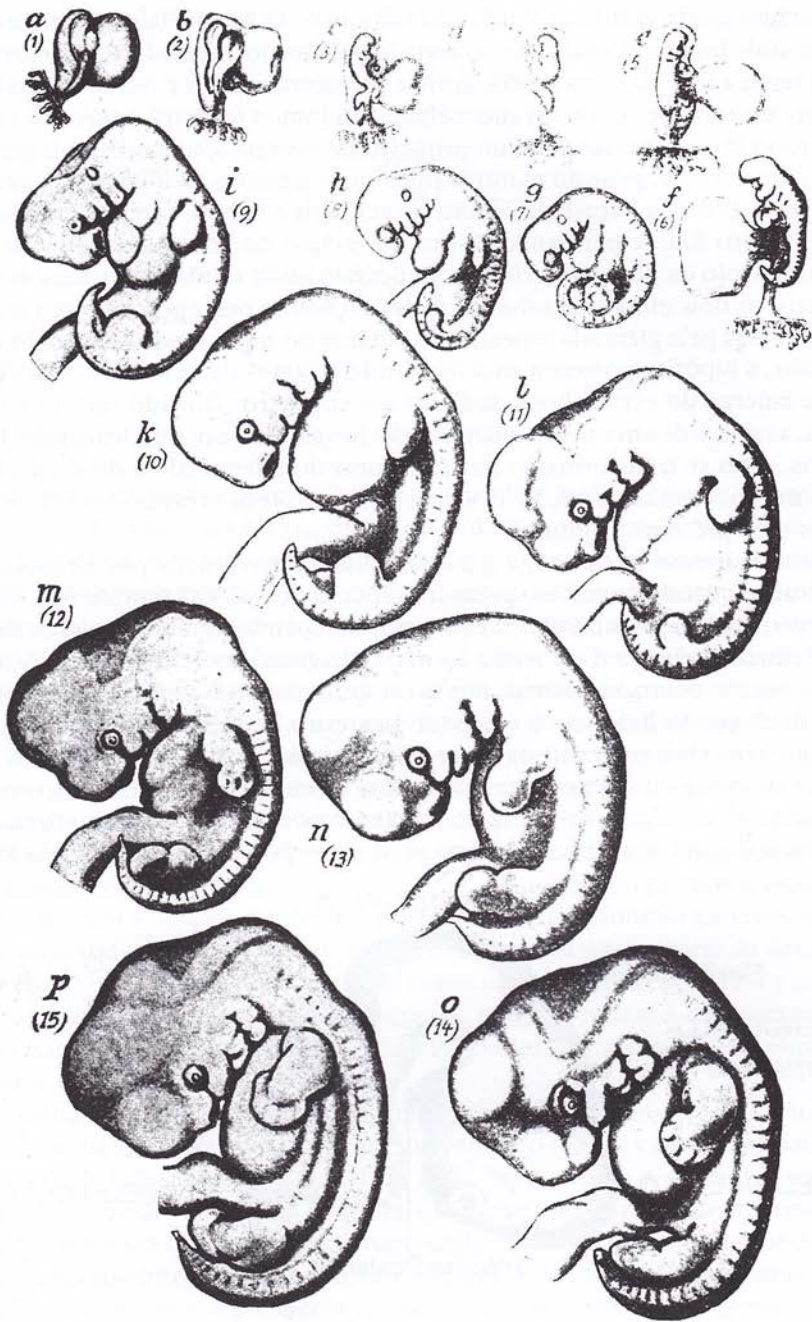
Raio 5 - Nervos Periféricos

Raio 6 - Fluido Cérebro-Espinal

Raio 7 - Prana do Sistema Nervoso



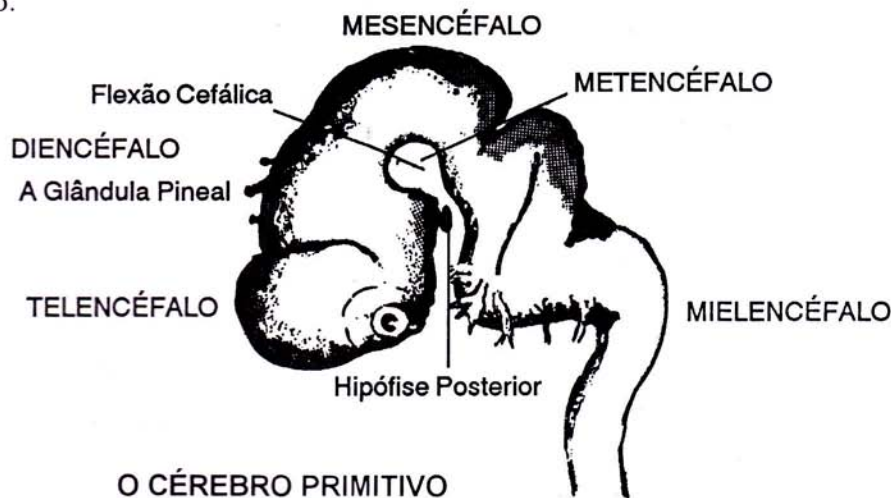
O CÉREBRO PRIMITIVO



OS DOIS PRIMEIROS MESES
DO DESENVOLVIMENTO HUMANO

O encéfalo embrionário (abaixo), o céfalo, sofreu várias dobras ou curvas, mas neste estágio ainda continua sendo um tubo oco. O telencéfalo está ocupado em elaborar dois bulbos laterais que se transformarão nos hemisférios cerebrais, que por fim serão a sede da consciência. Entre a curvatura cefálica e o telencéfalo localiza-se a parte do tubo denominada diencéfalo. Seu lúmen formará o terceiro ventrículo. Seu topo já está formando, num processo de invaginação, a glândula pineal que aponta para a frente, posição mantida por alguns gigantes ciclóticos primitivos das sub-raças da Terceira Raça-Raiz primitiva (ver mais adiante). Este tecido corresponde ao Primeiro Raio e permanece assim no estágio do adulto (ver Figuras p. 28 e abaixo). Do solo da ponta anterior do diencéfalo estão sendo elaboradas as estruturas visuais, os dois olhos que substituem as funções de percepção (exceto as hormonais) exercidas pela glândula pineal. Mais adiante no tubo, ainda no solo do terceiro ventrículo, a hipófise posterior está formando-se antes de se juntar à hipófise anterior que emerge do céu da boca, indo ao seu encontro. Do lado oposto a estas estruturas, as raízes dos nervos cranianos estão formando-se no mielencéfalo. Em muitos casos, estes se transformarão nas estruturas do telencéfalo e do diencéfalo, ou seja, os nervos cranianos III, IV e VI moverão os olhos através dos seis músculos oculares (ver próximo capítulo).

No treinamento iniciático, a glândula pineal é governada por Urano e depois por Vulcano, quando envolve o primeiro aspecto do Sol. O Primeiro Raio mantém, entretanto, sua hegemonia sobre a estrutura, independentemente do grau de evolução espiritual da pessoa. Da mesma forma, o diagrama mostra que a hipófise, através do controle neuro-hormonal, direta ou indiretamente continua sendo uma estrutura do Segundo Raio sob o comando posterior de Netuno. Antes dessa fase, é Vênus que tem mais poder nesta área. Mas quando o amor envolvente do Chakra Cardíaco funde-se com a agudeza do Chakra Frontal, Netuno se torna o supremo soberano no discípulo. A dispensa de voltar a nascer (Vulcano), a continuidade da consciência (Urano) e a síntese final na Mônada (o Sol) são qualidades do Primeiro Raio.



5

O OLHO

Existem várias razões para se considerar o olho humano como o órgão mais esotérico dentre todos. Sua forma, estrutura e funções são manifestações de um significado profundo, interior, com implicações que agem em todos os níveis dos sete planos da consciência humana e envolvem conceitos do microcosmo (reinos abaixo do homem) e macrocosmo (reinos acima do homem) e que se tornam reveladores para os estudantes da ciência esotérica que buscam na profundidade.

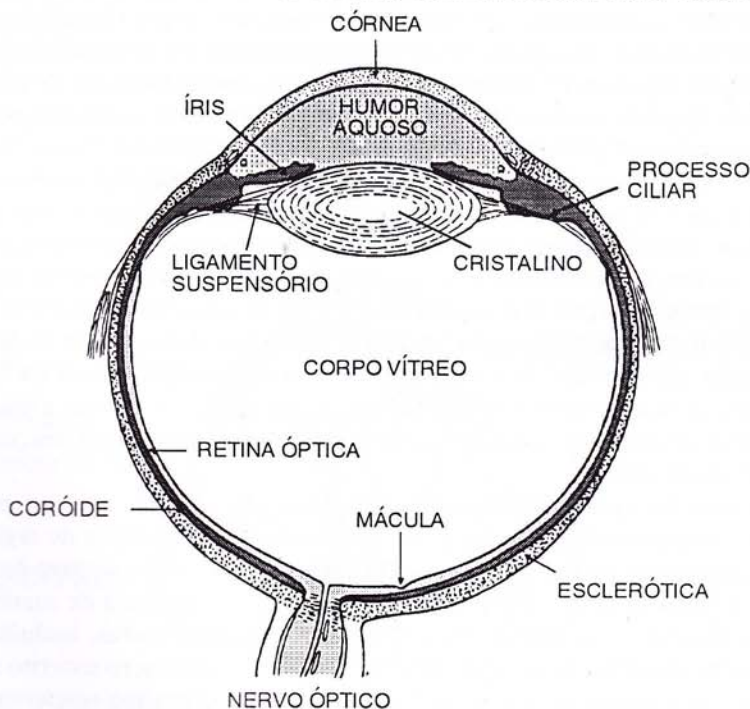
O desenvolvimento do olho ocorreu paralelamente à regressão da glândula pineal. O homem tornava-se cada vez mais interessado e enredado na matéria e ao mesmo tempo desenvolvia gradualmente um corpo físico mais denso ou “rude”, que lhe permitia interagir com o seu meio ambiente material. Neste processo, seus olhos refletiram este interesse e tornaram-se altamente organizados, especializados e essencialmente funcionais. Por outro lado, a glândula pineal retraiu-se do contato com o mundo externo e deixou de se ocupar com ele, tornou-se menos especializada e quase perdeu a função. A glândula pineal é agora um símbolo externo do órgão da visão **interior** e emergirá de seu “pralaya” apenas na última parte da Sexta Raça-Raiz. Contudo, ela continua funcionando como uma glândula endócrina e participa da manutenção dos ciclos e ritmos do corpo, que são reflexos em miniatura dos grandes ciclos através dos quais esta glândula evoluiu, e que estão descritos numa outra parte desta obra.

Um estudo do funcionamento de uma câmara fotográfica ajuda a entender a anatomia e as funções do olho que é um instrumento óptico capaz de registrar mudanças na qualidade da luz ambiental. O olho, assim como a câmara fotográfica, possui um sistema de lente, uma abertura variável e uma camada de material sensível à luz. A lente do olho humano compreende várias estruturas, incluindo a córnea, que é uma modificação da esclerótica (derma), ou o invólucro externo azul/branco do olho, que permite a passagem da luz, uma lente cristalina suspensa por ligamentos e o material líquido que se localiza entre os dois. A combinação destes tecidos quebra as ondas de luz, fazendo-as convergir, formando uma imagem sobre a camada de células sensível à luz no fundo do olho, chamada retina.

A força do cristalino pode ser modificada voluntariamente no que se chama "acomodação". Isto se consegue pelos ligamentos afixados à cápsula fibrosa que envolve o cristalino. Estes ligamentos suspensórios, por estarem fixados nas bordas da cápsula do cristalino, podem puxá-la e com isto modificar seu formato. Assim, por meio de vários estágios de tensão, pode-se obter desde uma lente redonda até uma lente plana. Este mecanismo possibilita ao olho mudar seu foco dos objetos próximos aos distantes, sempre trazendo a imagem resultante para a retina. O músculo ciliar circular, que puxa os ligamentos suspensórios, é controlado pelo sistema nervoso parassimpático.

A íris do olho é um músculo circular que aumenta ou diminui a abertura do olho, que chamamos de pupila. Pigmento colorido é depositado nas suas fibras e dá aos olhos suas cores características: cinza, verde, marrom, azul, etc. O efeito da íris é aumentar a quantidade de luz incidente no olho quando está escuro e reduzi-la quando a luz é forte. O diâmetro da pupila do olho pode chegar ao mínimo de 1,5 mm e ao máximo de 8 mm, variando a força da luz incidente em quase trinta vezes.

Uma camada escura de células pigmentares que se encontram embaixo da retina impede a luz incidente no olho de se espalhar. Envolvendo a retina existe uma camada de tecido que carrega vasos sanguíneos, constituindo a camada vascular. Por cima dessa camada existe a esclerótica, ou a cobertura branca fibrosa do globo ocular.



O OLHO HUMANO

A RETINA

Todo o interior do olho está coberto com as células sensíveis à luz que constituem a retina. Cada uma delas está ligada ao encéfalo por um trato nervoso que passa através da papila, juntamente com o nervo óptico. Na realidade, o nervo óptico é parte do encéfalo, a única parte do encéfalo visível ao mundo exterior. Este nervo tem uma grande importância esotérica, como veremos em seguida.

Existem duas espécies de células na retina: os bastonetes e os cones. Os bastonetes se ocupam principalmente da reação à escuridão e à luz, enquanto os cones contêm pigmentos sensíveis à cor e não só fornecem os mecanismos para a visão da cor mas também dão a visão aguda e detalhada, o que os bastonetes não podem fazer sozinhos. Esta acuidade de visão da cor e do detalhe atinge o máximo numa pequena região das células cones no centro da retina chamado mácula. No centro da mácula existe uma região destas células que forma a fóvea, onde todos os vasos sanguíneos, nervos, etc., que estejam no caminho, são desviados. Os cones se dividem então em três grupos, cada um sensível a uma cor específica, isto é, ao vermelho, azul ou verde e, de maneira menos intensa, às combinações destas cores. Dessa maneira, o encéfalo pode registrar todas as cores do espectro, mesmo se apenas em termos de impulsos elétricos.

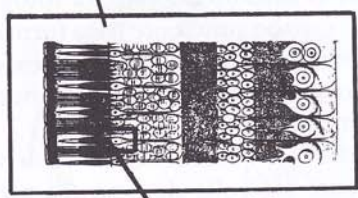
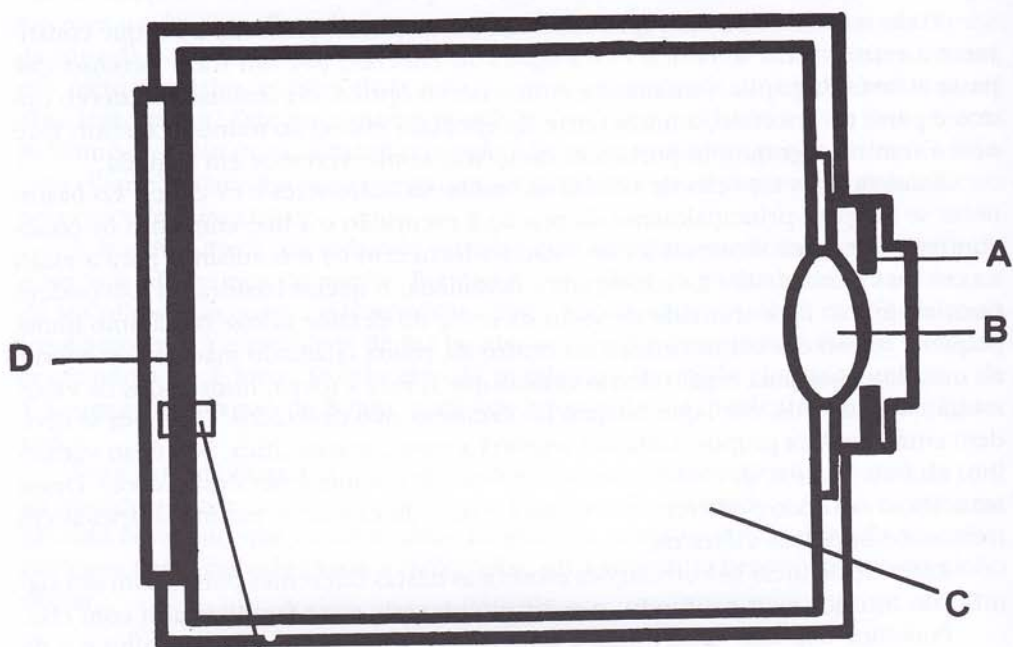
Antes de delinear as correlações esotéricas destas diferentes partes com seu significado interior mais profundo, o estudante deveria estar familiarizado com elas.

Podemos explorar mais ainda a semelhança entre a estrutura do olho e a da câmara fotográfica. A câmara, assim como a natureza exotérica do olho, incorporam um conhecimento simples das leis da Física. O interior do olho está forrado de material escuro, pigmentado, que se encontra logo atrás da camada de células sensíveis à luz que constituem a retina. O interior da câmara fotográfica também é à prova de luz e, como o olho, contém espaço suficiente para formar uma imagem ("C", Figura p. 34). Em ambas as estruturas não há interferência externa na formação da imagem. O olho é como um santuário, um lugar sagrado onde apenas determinadas energias purificadas podem entrar.

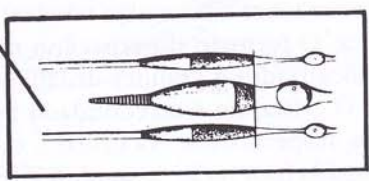
A câmara possui o equivalente à íris. Nos olhos humanos, a íris é formada de fibras musculares organizadas radialmente em volta de uma abertura que permite a entrada da luz, a chamada pupila. Nestes tecidos musculares é depositado o pigmento que dá ao olho sua coloração. A pupila age como um diafragma que pode ser alterado para deixar entrar mais ou menos luz ("A", Figura p. 34).

A função da lente, tanto na câmara quanto no olho, é óbvia, ou seja, a de focalizar as ondas de luz sobre uma região sensível onde é criada uma imagem invertida de grande nitidez. O formato do cristalino no olho pode ser alterado de maneira que os objetos localizados a grandes distâncias, assim como os próximos, possam ser focalizados. O cristalino é arredondado ou achatado pelos músculos ciliares e pelos ligamentos suspensórios. Na câmara, o formato da lente não é alterado; ela é, sim, reposicionada (por meio de um fole) para se obter os mesmos efeitos de acomodação ("B", Figura p. 34).

A camada de tecido onde se forma a imagem no olho é chamada de retina. Na retina, as células sensíveis à luz reagem constantemente aos raios luminosos que in-



E

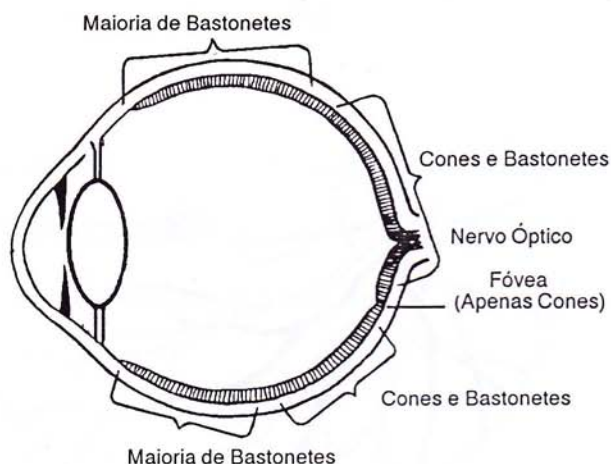


F

cidem sobre elas. Algumas reagem em termos de escuro e claro. Outras reagem imediatamente a diferentes vibrações de luz que chamamos de cor. As primeiras são chamadas de bastonetes, e as últimas, de cones. Na câmara fotográfica, a função destas células, tão vital no relacionamento do corpo com o meio ambiente externo, é exercida por uma placa sensível à luz. Cada placa pode reagir a apenas uma imagem, enquanto no olho uma série ininterrupta de imagens é levada pelos nervos que ligam as células sensíveis à luz ao encéfalo. Este feixe de nervos está envolvido por um material branco, gorduroso, chamado mielina, constituindo o nervo óptico (nervo craniano II). A placa fotográfica na câmara ("D", Figura p. 34), após a exposição, precisa ser revelada e fixada. O olho dispensa esta operação transmitindo em código para o encéfalo a informação contida na imagem. O código é transportado por impulsos elétricos ao nervo óptico e é recebido numa área especial de seleção, na superfície do encéfalo, chamada córtex visual. O encéfalo pode então registrar ou memorizar a informação obtida, ou descartá-la. A câmara fotográfica precisa de um operador. No homem, as operações finais são por conta do ego ou da personalidade (no homem comum) e da alma (no homem adiantado).

Não devemos levar muito adiante a comparação entre os dois objetos, o olho e a câmara. Na verdade, isto foi feito somente para ajudar o leitor a entender a anatomia do olho e as implicações esotéricas que se seguem.

Devemos concentrar nossa atenção, agora, nas figuras menores da p. 34, que mostram a natureza da retina do olho, que equivale à placa sensível à luz na câmara fotográfica. A figura inferior mostra dois bastonetes e um cone, os elementos sensíveis à luz, componentes da camada da retina.

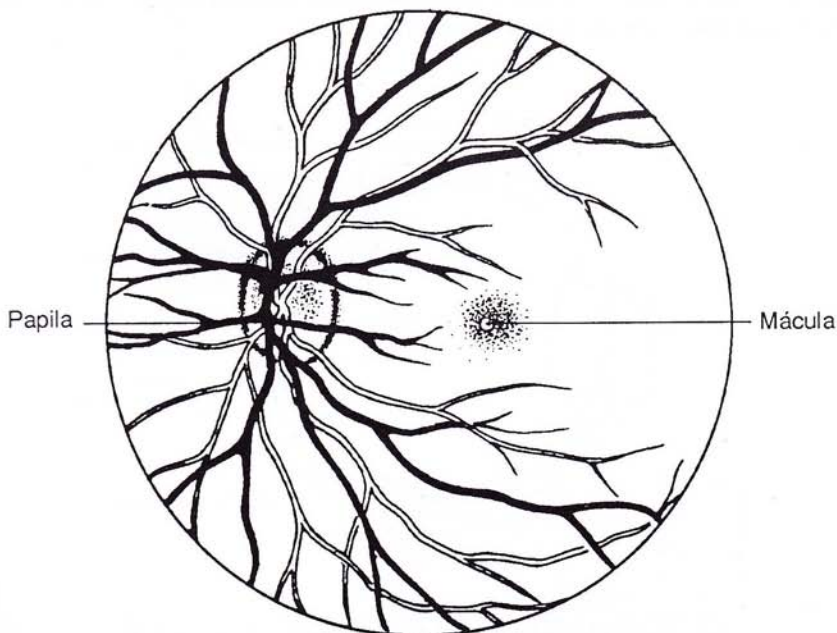


POSICIONAMENTO DOS BASTONETES E CONES NA RETINA

A figura anterior (p. 35) mostra o posicionamento dos bastonetes e cones na retina. Notarão que há um entalhe na retina, uma depressão onde os cones se concentram bastante. É a fóvea, cujo tamanho não passa de um ponto tipográfico, um minúsculo ponto onde ocorre a visão mais nítida, a acuidade visual. É onde incide a luz emitida por qualquer objeto que se olha diretamente. É onde cada uma das letras do livro que você está lendo é registrada e de onde nascem os impulsos elétricos que seguirão através do nervo óptico para o encéfalo, trazendo a mensagem contida nestas letras. E porque existem somente cones nesta área, é o local onde a visão da cor é mais intensa.

Além disso, diferentemente dos bastonetes, que compartilham os tratos nervosos que vão ao encéfalo, cada uma das células cones tem seu próprio trato nervoso conduzindo ao córtex cerebral.

A fóvea encontra-se no centro de uma região da retina que parece não ter vasos sangüíneos, chamada de mácula (ver Figura abaixo). Aparentemente, os vasos sangüíneos desviam-se da região da mácula, e isso é verdade. A presença dos grandes vasos sangüíneos impediria a acuidade da visão conseguida nesta região. Na verdade, os vasos sangüíneos estreitam-se muito em minúsculos capilares que não são facilmente visíveis. Na área do próprio centro, as células sangüíneas da fóvea passam somente uma de cada vez. Por isso, a mácula parece uma mancha esbranquiçada sobre a superfície avermelhada da retina, em cujo centro encontra-se a fóvea.



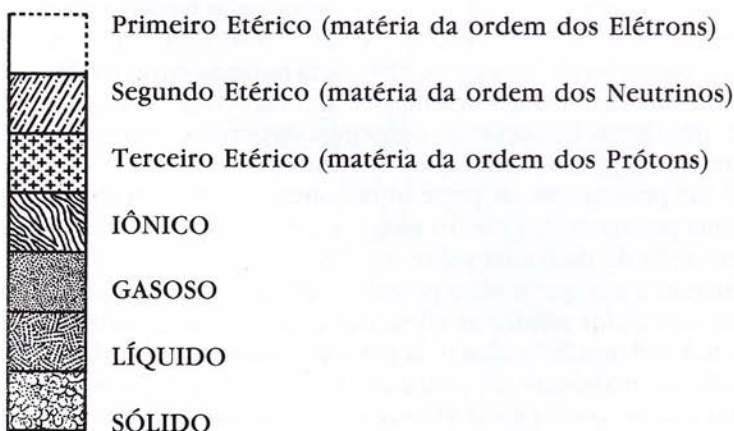
VASOS SANGÜÍNEOS DA RETINA

6

A VISÃO ETÉRICA

O mundo material que vemos à nossa volta e que aprendemos a amar tanto, o mundo que ouvimos, sentimos, degustamos até o extremo, não é somente a substância gasosa, líquida e sólida que conhecemos tão bem.

Assim como a água penetra na areia e resulta num punhado de lama, e assim como sabemos que a água, por sua vez, é interpenetrada pelo ar, gasoso, o que permite aos peixes respirar o seu oxigênio, assim também estes estados da matéria gasoso, líquido e sólido são interpenetrados por estados mais sutis da matéria, matéria de uma natureza etérea, mas muito tangível. Esta matéria etérica ou éter, muito sutil, permeia todo o espaço, certo como é que a natureza detesta o vácuo. A verdade oculta é que não existe o vácuo. Mesmo o espaço entre os planetas e o sol, ou mesmo o espaço entre as galáxias, contém matéria etérica.



OS SETE SUBPLANOS DO FÍSICO

Este material sutil flui nas correntes portadoras de vida, liberando sua energia para as plantas, os animais e os homens. Concentra-se mais na região dos planetas e mais ainda nos corpos dos seres vivos, onde forma um veículo coerente, subjacente ou interpenetrante, que transfere constantemente sua energia para os órgãos ou estruturas visíveis mais grosseiras.

A parte mais densa deste coerente corpo etérico é composta de partículas carregadas, conhecidas por íons, cuja concentração é facilmente medida por instrumentos científicos. As categorias mais sutis da matéria etérica são os elétrons, os pósitrons e o exército de partículas subatômicas, que vão sendo descobertas atualmente pelos químicos.

Estas partículas são mais difíceis de detectar porque a maioria delas tem carga neutra e está em constante formação e decomposição. Por causa de sua natureza, concentram-se mais nas regiões do corpo onde ocorrem mudanças metabólicas. Este corpo etérico subjacente a todos os seres vivos não sobrevive à morte, desintegrando-se vagarosamente e retornando ao corpo etérico do planeta.

Este corpo sutil e os ainda mais sutis a ele associados serão descritos mais tarde. Primeiro verificaremos se, fora do ensinamento esotérico de todas as grandes religiões, há evidência de que este corpo sutil existe.

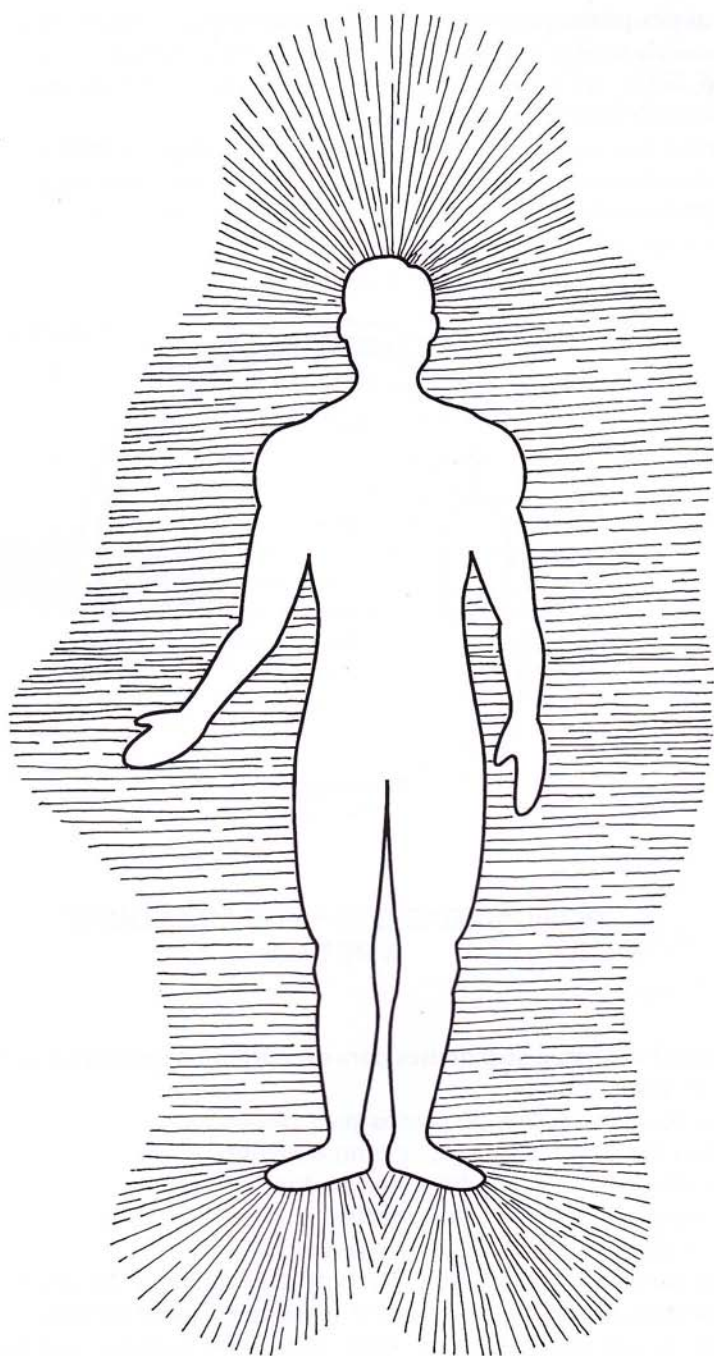
Estas provas são escassas, mas se vão acumulando com o aprimoramento da ciência e o progresso da tecnologia, e na próxima geração a existência do corpo etérico será aceita nos círculos científicos, mesmo que apenas como uma hipótese não comprovada.

Consideremos agora a comprovação científica da existência da matéria etérica. Por volta de 1920, o Dr. Walter Kilner, B.A., M.B. (Cantab) M.R.C.P., e eletricitista-chefe no Hospital St. Thomas, de Londres, publicou um livro sobre suas pesquisas do estado mais sutil da matéria que, segundo ele, reveste e aparentemente interpenetra o corpo humano.

Um dia estava ele estudando os efeitos de determinadas forças físicas sobre o corpo humano quando, olhando através de certos tipos de telas azuis, tingidas com dicianina, descobriu o contorno de um tipo de atmosfera humana envolvendo o corpo. Testando esta atmosfera com calor, correntes de ar, magnetismo e eletricidade, descobriu que nenhuma dessas forças físicas conseguia dispersar esta nuvem de substância sutil. Descobriu, ainda, que a tintura afetava as células bastonetes e os olhos, tornando-os sensíveis à luz proveniente da parte ultravioleta do espectro eletromagnético.

Apenas uma pessoa dentre quatro **não** via o contorno da atmosfera sutil tornando-a visível pela ação da dicianina sobre o olho.

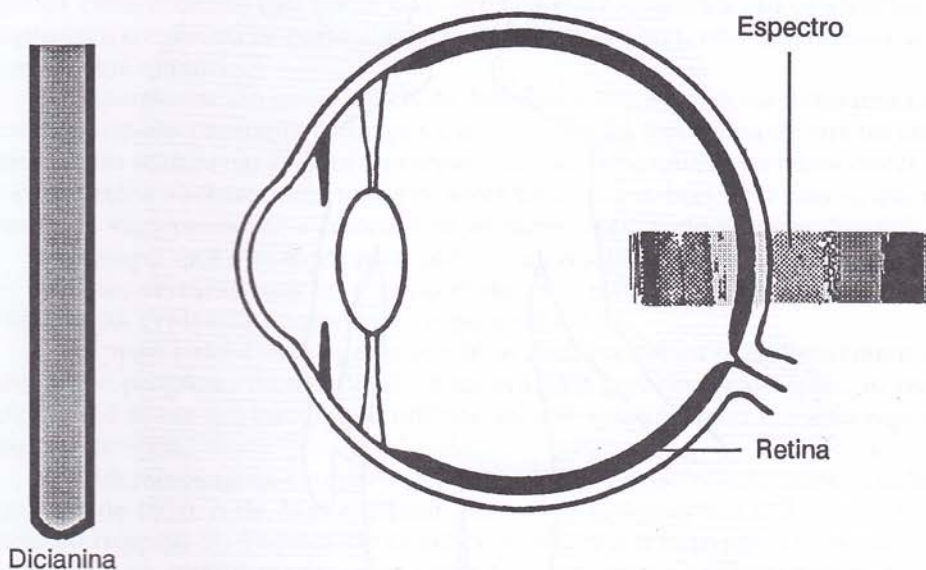
Normalmente, a cor que o olho percebe melhor é o amarelo. As lentes focalizam na retina com maior nitidez as vibrações amarelas do espectro que as outras. Quando os olhos são sensibilizados pela passagem da luz através da tintura dicianina ou géis azuis (normalmente um azul real), acontece um deslocamento do espectro de maneira que as faixas de cor violeta e o ultravioleta passam a focalizar-se na retina. É nestas vibrações de luz que vibra o corpo etérico. Assim, após um período de cerca de cinco minutos durante o qual os olhos são sensibilizados, é possível ver na penumbra a energia etérica emitida pela superfície da pele humana nua.



O CORPO ETÉRICO

Durante as pesquisas, puderam ser distinguidos três contornos ou camadas distintas desta matéria sutil. Uma se estendia cerca de oito centímetros além da superfície do corpo; outra, até trinta centímetros e meio; a terceira irradiava até uma distância de sessenta e um centímetros, ou mais.

O Dr. Kilner não era um ocultista. Ele nada sabia sobre a matéria etérica como é ensinada pelo misticismo oriental. Sua investigação e pesquisa seguiram critérios científicos, sem se deter em nenhum fator que não pudesse ser investigado diretamente dentro dos limites da ciência.

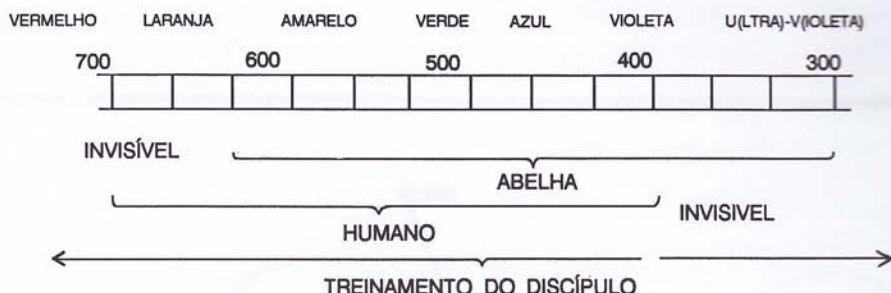


POSIÇÃO DAS ONDAS DE LUZ SOBRE A RETINA

Vários fatores tornaram-se patentes para ele durante o seu trabalho de pesquisa em centenas de pacientes.

- a) O halo ou aura variava de pessoa para pessoa.
- b) Variava em intensidade, na cor e no tamanho.
- c) A aura das mulheres era diferente da dos homens.
- d) A das crianças diferia da dos adultos.
- e) A das mulheres grávidas diferia das outras.
- f) Pessoas doentes tinham a aura diferente das saudáveis. Na doença, era possível distinguir uma descoloração e mancha na parte afetada.

Descobriu ele que ao se colocar as mãos uma frente à outra, com os dedos estendidos, as auras das mãos se uniam, mesmo que estivessem a uma distância de meio metro uma da outra. Segundo ele, a aura parecia depender da saúde e da capacidade mental do indivíduo, mais do que de sua retidão.



PERCEPÇÃO VISUAL DO ESPECTRO ELETROMAGNÉTICO

“A gama de cores percebidas varia de organismo para organismo. A visão humana penetra bem na parte vermelha do espectro (ver Figura acima) e menos na violeta. Com as abelhas, a posição se inverte. As abelhas possuem muitas qualidades de grande interesse para o ocultista e diz-se que se originaram no planeta Vênus.

“Vale observar que as serpentes têm uma visão quase totalmente de cone ... e são tradicionalmente vinculadas, no ocultismo, ao corpo etérico e seus tratos com aparência de serpente: Ida, Sushumna e Pingala. No treinamento iniciático, as faculdades perceptivas da audição e da visão aumentam bastante. Os sentidos começam a se sobrepor e o corpo todo torna-se virtualmente um olho, como dizem os budistas.”

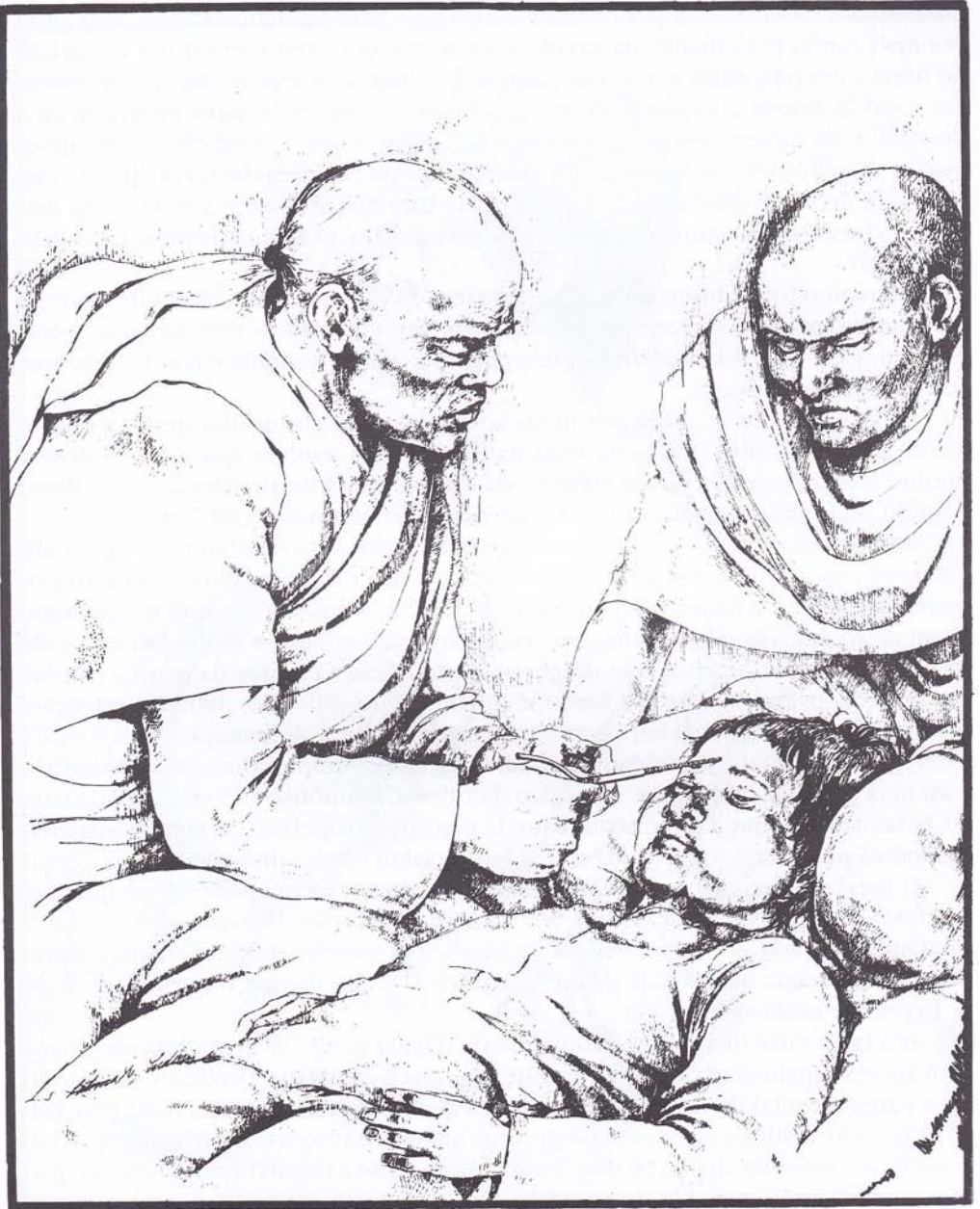
7

CIRURGIA E O TERCEIRO OLHO

A possibilidade de intervir cirurgicamente para induzir estados psíquicos sempre tem fascinado aqueles que buscam experiências de ampliação da consciência. Está comprovado que vislumbres temporários do Quinto Reino podem ser conseguidos pelo uso de determinadas drogas, como o ópio, etc. Samuel Coleridge escreveu *Kubla Khan* sob tais condições. É um fragmento de uma epopéia que descreve os estados paradisíacos que ele vivenciou durante um profundo devaneio, interrompido por alguém batendo à sua porta. Muitos concordam que uma operação pode “provocar” um desabrochar psíquico, mas parece que ninguém jamais tentou aventar uma suposição sobre o alvo de uma operação desse tipo. Na excelente biografia de Lobsang Rampa¹ existe uma descrição de uma operação assim. O autor confirma sem hesitar a validade desse trabalho em quase todos os detalhes, baseando-se em mais de vinte e cinco anos de profunda pesquisa em assuntos esotéricos. A operação foi executada num menino tibetano com menos de dez anos de idade. A pouca idade é um fator muito importante, como veremos. Teve início ao pôr-do-sol e isto pode ter tido implicações astrológicas e mesmo alguma relação com o efeito do ritmo circadiano sobre a glândula pineal, a hipófise e outras estruturas do diencefalo. Qualquer trabalho iniciado ao crepúsculo traz os planetas abaixo do horizonte do horóscopo a seu favor — sempre uma boa posição para aqueles que estão ocupados com o ocultismo.

O menino estava sentado com a cabeça firme entre os joelhos do assistente do cirurgião. Um pequeno instrumento de trepanação foi pressionado contra o centro de sua fronte. O local da aplicação é importante por causa das estruturas que se encontram atrás da fronte. Uma posição clássica para a operação é entre as sobrancelhas. No caso em questão parece que a penetração teria sido mais acima, cerca de três centímetros. Além da sensação de picada, o menino não sentiu dor alguma, registrando apenas uma sensação de pressão e um ligeiro incômodo quando o instrumento de trepanação perfurou o osso craniano. Uma vez realizada a penetração,

1. *The Third Eye*, Lobsang Rampa, Gorgi Books, Londres.



o instrumento utilizado, em forma de U, foi mantido firme na posição, enquanto uma fina lasca de madeira era introduzida pela abertura até uma certa profundidade. Essa lasca tinha sido cuidadosamente limpa, endurecida ao fogo e coberta com um remédio de ervas. Guiada por clarividência, a lasca foi sendo introduzida cada vez mais fundo para dentro da cavidade craniana. O menino sentiu um comichão no nariz e um repentino aumento da sensação olfativa. Sentia aromas perfumados. Em seguida, houve uma clarão cegante; o Lama que supervisionava interrompeu a inserção e ao mesmo tempo o menino experienciou uma variedade de sensações de cor, semelhantes aos fenômenos visuais típicos da experiência psicodélica. O instrumento de metal em forma de U, o trépano, foi retirado e a lasca de madeira deixada no local, profundamente introduzida no encéfalo. O ângulo de penetração não foi descrito.

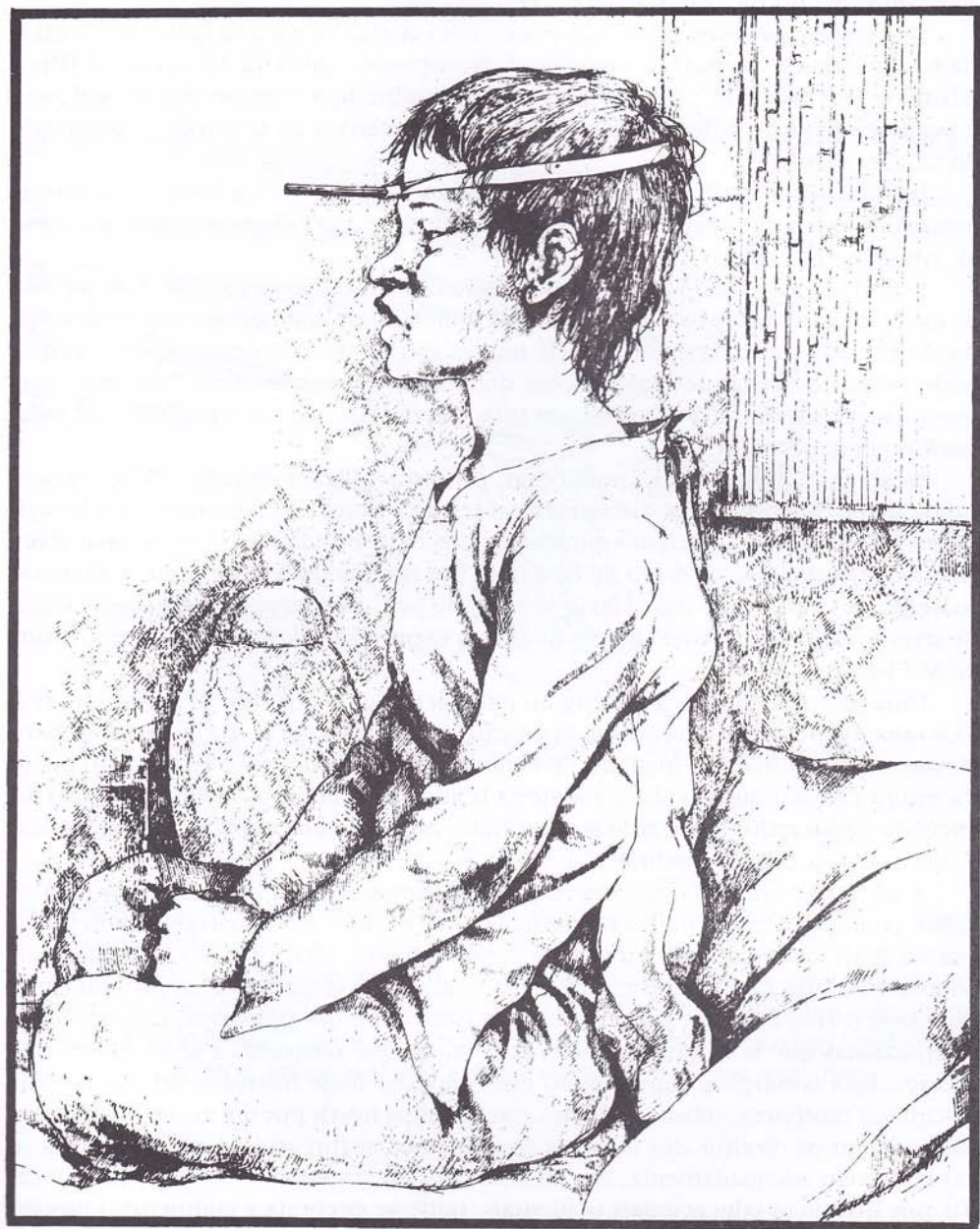
O menino foi mantido isolado num quarto escuro enquanto a lasca de madeira permanecia amarrada fortemente na sua posição durante mais de duas semanas. Neste período, ele começou imediatamente a perceber a aura dourada em volta dos seus conselheiros espirituais.

Surge a questão de quais estruturas anatômicas são alcançadas nesta operação e com que propósitos. Antes de mais nada, devemos lembrar que a clarividência implica alterações nos estados etéricos da matéria que interpenetra o corpo físico e que o mais grosseiro destes tecidos etéricos é o composto por íons.

Chakras são centros de força nos níveis etéricos. Eles vitalizam os órgãos alimentando-os de energia etérica, sendo que a energia do prana, pertencente ao primeiro subplano, é a mais sutil dentre elas. A eficiência dos chakras está normalmente em razão direta ao grau de desenvolvimento espiritual de um indivíduo e à saúde de seus veículos. Geralmente, o despertar dos chakras na região da cabeça conduz aos poderes psíquicos. Fatores bastante influentes no estímulo, inibição, retenção, ritmo ou arritmia dos chakras são as correntes nervosas, a alimentação, a respiração, a energia emocional e a atividade mental. Cada chakra importante está relacionado com uma glândula endócrina. Na região da cabeça, a hipófise está relacionada com o Chakra Frontal, que é um instrumento de percepção superior. Da mesma maneira, a glândula pineal está relacionada com o Lótus de Mil Pétalas ou o Chakra da Cabeça.

O local de inserção da lasca de madeira coincide exatamente com a superfície entre as sobrancelhas, onde o Chakra Frontal se exterioriza. Isto não aconteceu meramente por acaso. A colocação da lasca de alguma maneira deve ter aberto o caminho para que uma quantidade de energia etérica, maior do que o normal, pudesse se expressar nesta região.

Se a lasca fosse inserida horizontalmente (Figura p. 47 "A"), poderia ser guiada com sucesso (pelo clarividente) por entre os dois hemisférios cerebrais, chegando até a parede frontal do terceiro ventrículo, a lâmina terminal. Se esta fosse penetrada, a lasca de madeira se estenderia desde o lúmen do terceiro ventrículo até as sobrancelhas. Deixada ali por 18 dias, numa região onde a regeneração do tecido quase não existe (pois o tecido do encéfalo não se renova), ocorreria o processo normal de reação a um corpo estranho, que sem dúvida formaria uma passagem forrada de paredes fibrosas. Ao se retirar a lasca, esta passagem constituiria um canal direto de fluido cérebro-espinhal para a região frontal, possivelmente ligando-se à



circulação do fluido espinhal nesta região. Um caminho quase desobstruído conectaria então a região do terceiro ventrículo com a das sobranceiras. A propósito, devemos lembrar que o terceiro ventrículo é o “pólo Norte” da aura magnética, ancoradouro do fio da “consciência”, etc.

Se a lasca fosse introduzida um pouco mais abaixo (Figura ao lado “B”), entraria no hipotálamo, o encéfalo emocional, alcançando alguns núcleos (ver “O Hipotálamo e Seus Núcleos”, Figura p. 15), talvez inibindo a resposta emocional para o ambiente externo e deixando o sujeito mais suscetível ao controle concentrado do Chakra Frontal.

Introduzida a um ângulo mais baixo (Figura ao lado “C”), a lasca poderia trespassar o quiasma óptico e alcançar a área da hipófise, ou pelo menos seu pedúnculo, o tubérculo cinéreo.

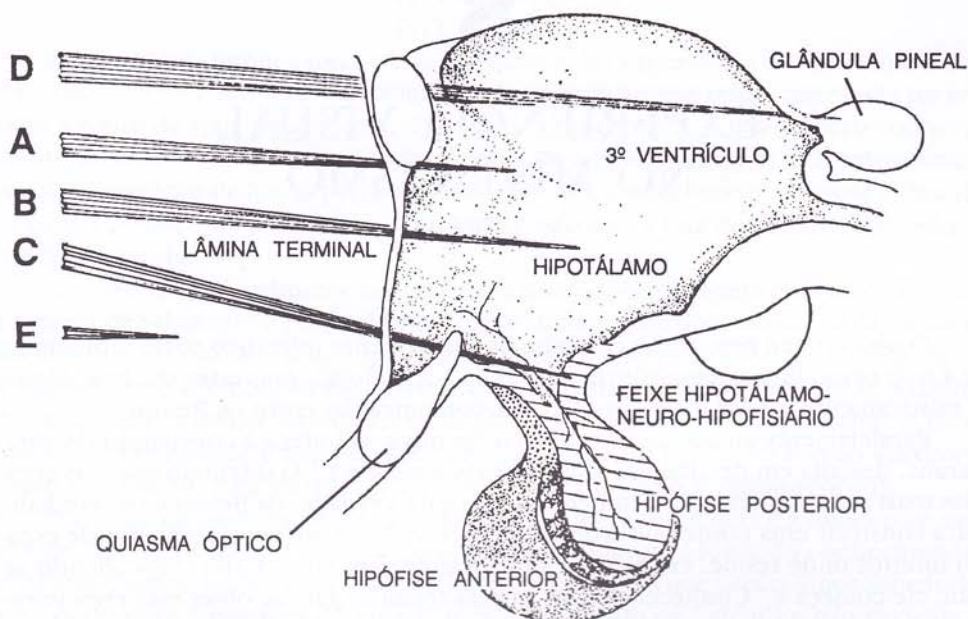
Esta glândula, como vimos, é a expressão física do Chakra Frontal. A existência de uma passagem entre os dois certamente conduziria a um desdobramento inusitado do chakra, como também afetaria muitas estruturas corporais, pois a hipófise pode induzir centenas de combinações de mudanças nas estruturas física e de personalidade, quando nela interfere um tumor, uma cirurgia ou hormônios de *feedback* e neuro-secreções.

Ocorrendo a penetração horizontal, profunda (Figura ao lado “D”), a ponta aguda da lasca atravessaria diretamente o terceiro ventrículo, entrando na invaginação da parede do ventrículo que chamamos de glândula pineal. H. P. Blavatsky chamou esta glândula de útero do encéfalo. Um falo de madeira poderia com sucesso despertar a atividade das células pineais, ou pelo menos retirá-las do seu estado de atrofia. A glândula pineal é, sem dúvida, a expressão física do Sahasrara, o Lótus de Mil Pétalas.

Uma penetração rasa, a um ângulo qualquer (Figura ao lado “E”), poderia realizar uma lobotomia em miniatura, operação freqüentemente usada (agora, felizmente, menos) nos distúrbios mentais. Seria uma pequena trepanação bilateral no plano da sutura coronal que dividiria a matéria branca (contendo os tratos nervosos) do encéfalo, separando de um lado o diencéfalo, especialmente a região hipotalâmica, e, do outro, o córtex cerebral.

A operação diminuíra bastante a agressividade dos pacientes maníacos. Entretanto, com muita freqüência transformava-os em “vegetais” sem intelecto nem iniciativa. Mais recentemente, a técnica foi aperfeiçoada, preservando a habilidade intelectual ao lado do efeito tranqüilizante. É grande a tentação de se presumir que este fosse o alvo da lasca, isto é, reduzir as características agressivas, competitivas, e separatistas que se originam nesta região antes que comecem a se manifestar na criança. Esta condição exigiria então que o neófito fosse instruído seriamente nas disciplinas esotéricas, substituindo as características hostis por um autocontrole para não infringir os direitos dos outros e permitir que as forças do Amor-Sabedoria se expressassem adequadamente, um atributo ausente na maioria das crianças educadas nos institutos educacionais ocidentais, onde se encoraja a competição nos esportes e no desempenho escolar.

A presença de sensações olfativas enquanto a lasca estava sendo inserida indica um ângulo de penetração muito mais baixo, provavelmente por entre as sobrance-



A OPERAÇÃO DO TERCEIRO OLHO.....Alvos Possíveis?

lhas. Parece improvável, porém, que o alvo fosse alguma estrutura bilateral, como os dois lobos olfativos, os núcleos amigdalóides, ou outros quaisquer.

É certo que a explicação **anatômica** está associada a uma ou mais de uma das características enumeradas acima. Dizer qual delas, por enquanto é um segredo de iniciação. Como foi dito no início, os efeitos reais da operação estariam sendo exercidos a nível etérico, sobre a matriz etérica do alvo, qualquer que fosse.

8

EXPERIÊNCIA VISUAL NO MISTICISMO

O neófito que percorre o caminho do treinamento iniciático passa rapidamente a usar como linguagem própria o símbolo e a analogia, pois estes são psicológica e misticamente a verdadeira base para a comunicação entre os Reinos.

Paralelamente ao uso de uma linguagem nova, acontece a construção do antakarana, descrita em detalhe nas minhas obras anteriores.¹ O discípulo usa suas energias mais sutis, aquelas que o impelem à busca da Verdade, da Beleza e da Bondade, para construir uma ponte que cruza as fronteiras da mente em direção àquele espaço interior onde reside, em meditação majestosa, seu Eu superior. Procedendo assim, ele começa a "Conhecer-se". As muitas técnicas para se obter este crescimento, este desabrochar para a perfeição, este crescimento "ascendente", constituem-se de processos como a meditação, a concentração num único ponto, o relaxamento, a respiração, o uso de analogia ou a combinação destes. Esta projeção para o espaço interior foi conseguida com sucesso por muitos que trilharam o Caminho antes de nós. Os registros de Seus esforços, ou daqueles que obtiveram sucesso, constituem os Ensinamentos dos Séculos, a Sabedoria Antiga, dos quais as ciências esotéricas são apenas um fragmento. A anatomia esotérica ajuda imensamente a compreender tais ensinamentos através da analogia.

Quando ocorre uma expansão considerável da consciência durante o treinamento iniciático, experienciam-se sinais do fenômeno, a mudança de estado, a alteração da percepção. Para a maioria, estes não significam mais que pulsações de energia sentidas na fronte, ou fenômenos elétricos na região espinhal, ou símbolos vivenciados durante a meditação.

Para os outros, geralmente aqueles que adquiriram nesta vida ou nas precedentes muita experiência no ocultismo, a experiência da superconsciência vem num clarão repentino, cegante, acompanhada de manifestações de luz externas e internas, como a descreveu o Dr. Bucke no seu livro *Cosmic Consciousness*. Aconteceu a Paulo, a caminho de Damasco, tão repentinamente e com tanta luminosidade que ele ficou cego por três dias.

1. *Meditation, The Theory and Practice*, Dr. Douglas Baker.

Platão, com sua lógica magnífica, descreve essa experiência por analogia na famosa cena da Caverna, na sua *República*.²

Aqueles que o experienciaram de várias formas distinguem nos eventos três fatores em comum, cada um ligado a uma sensação apropriada:

- (1) ONISCIÊNCIA
- (2) ONIPOTÊNCIA
- (3) UNIÃO

A onisciência implica todo o conhecimento. Na experiência da superconsciência, o neófito vivencia tamanho aumento de percepção que tem a certeza de ter tocado a fonte de toda a sabedoria, de toda a compreensão, e não o mero conhecimento dela. Ao mesmo tempo, este aspecto da superconsciência é acompanhado por uma sensação de luz. A partir de então, este esplendor interno sempre é descrito com assombro e reverência, como Luz, e não luz, a Luz de dez mil sóis, não a luz de uma vela.

A onipotência usualmente acompanha a onisciência. O conhecimento total traz a certeza de saber que o poder é seu, proporcional à sabedoria dada. Nada, nenhuma coisa lhe é negada. Tudo o que é latente está aí à disposição, para ser expresso. A sensação que acompanha esta divina megalomania é o êxtase. É como se o maior dos entusiasmos jamais sentido fosse ampliado centenas de vezes e o estivesse trespassando. O orgasmo é nada comparado com isto. É o êxtase levado ao máximo, como na palavra: "ex stasis"... "ex-static", fora do fixo e rígido (corpo).

O terceiro fator comum na experiência da superconsciência é a união com um grande Ser. Não é apenas sentir a capacidade de alcançar a fonte do conhecimento total mas também de fazer parte de um imenso organismo que gera o Amor-Sabedoria através de você e por fora de você ("fora" no sentido de "além" e não exclusivo de você). Você tem à disposição o poder e a energia Dele porque você É Ele.

Juntamente com esta revelação divina de que "Eu sou AQUILO" vem a sensação de eternidade. O tempo parece funcionar de forma bastante alterada. Há ocasiões em que o tempo desacelera, de maneira que em poucos momentos alguém pode ser iniciado numa gnose que, pelos padrões de instrução acadêmicos profanos, requeria um curso de três anos numa boa universidade. Em outras ocasiões, o tempo se acelera de tal maneira que um padrão inteiro de crescimento evolutivo de qualquer espécie é visto num instante, num único vislumbre da eternidade. J. B. Priestly, o famoso escritor inglês, passou por uma experiência assim.

Eis a descrição que J. B. Priestly faz da visão que teve em sonho depois de ter ajudado com o sino de pássaros no Farol de St. Catherine na ilha de Wight:

"Sonhei que estava de pé no topo de uma torre muito alta, sozinho, olhando para baixo e vendo miríades de pássaros que voavam todos na mesma direção; havia todo tipo de pássaros, todos os pássaros do mundo. Era uma visão nobre, este vasto rio aéreo de pássaros. Então, de algum modo misterioso, a marcha mudou e o tempo foi acelerado, de maneira que vi uma geração inteira de pássaros, vi-os quebrar suas cascas, esvoaçar para a vida, enfraquecer, cair e morrer. As asas mal cresciam e já se desmanchavam;

2. *Ibid.*

os corpos eram lisos e em seguida, num instante, sangravam e tremiam, e a morte atacava de todos os lados e a cada segundo. O que adiantava toda esta luta cega pela vida, este ansioso experimentar das asas, todo este esforço biológico sem sentido? Ao olhar para baixo, parecendo ver quase num relance a ignóbil pequena história de cada criatura, senti uma dor no coração. Teria sido melhor se nenhum deles, nenhum de nós tivesse nascido, se a luta cessasse para sempre. Permaneci na minha torre, ainda sozinho, desesperadamente infeliz, mas agora a marcha mudou novamente e o tempo passava mais depressa ainda, tão rapidamente que os pássaros não podiam externar nenhum movimento e eram como uma enorme planície coberta de penas. Mas agora, tremulando através dos próprios corpos, passava pela planície um tipo de chama branca, estremecendo, dançando, para depois continuar a sua corrida; e logo que a vi, soube que esta chama era a própria vida, a própria quintessência do ser; e então, numa explosão de êxtase, me dei conta de que nada importava, nada poderia jamais importar, porque nada era real a não ser esta tremulante, apressada volubilidade de ser. Pássaros, homens ou criaturas ainda não formadas e sem cor, nenhum contava, a não ser quando esta chama de vida os percorria. A chama nada deixava atrás de si para ser pranteado; o que eu considerava trágico era apenas o vazio de um espetáculo de sombras, porque agora todo o sentimento real fora capturado e purificado e dançava em êxtase junto com a chama branca de vida. Nunca havia sentido antes tão profunda felicidade como esta ao final do meu sonho da torre e dos pássaros..."

Marilyn Ferguson reuniu várias experiências no seu livro *The Brain Revolution*³ que lembram os três fatores, onisciência, onipotência e união, e as sensações interiores correspondentes:

"Todo o deleite e poder, todas as coisas viventes, todo o tempo fundido num breve segundo. Não ouvia nada; era como se eu estivesse rodeado de luz dourada..."

"As cores tornam-se impressionantes para ele, perdem seus limites e parecem fluir. Neste estado seu senso de comunhão e de comunidade é acentuado..."

"As cores parecem ter um significado imenso e fantástico ... tudo adquire significado e se ordena em padrões. Sinto ondas de calor. Meu sentido tátil é acentuado, assim como o visual, até se tornar muito poderoso."

"Estive durante quatro horas num estado de total luz homogênea, de beatitude, e então vejo-me começando a descer, e esta enorme onda vermelha entrar rolando pelo quarto."

"Tinha a impressão de que de alguma maneira eu estava expandindo-me no ambiente à minha volta e me tornando uno com ele..."

"O tempo e o espaço não existiam. Depois de atravessar a 'escuridão' mergulhei em radiante luz branca..."

"Havia uma consciência de energia eterna, por vezes na forma de uma intensa luz branca... Vê-se bem claramente que toda a existência é uma só energia, e que esta energia é o próprio ser ... você próprio é a eterna energia do universo."

3. *The Brain Revolution*, Marilyn Ferguson, Taplinger Publishing Co., Nova York, 1973.

A estas gostaria de acrescentar humildemente minha própria experiência (do meu diário, 3:30 da manhã, 31 de outubro, 1961):

“... isto era algo novo para mim ... fabuloso, incrível, uma capacidade desconhecida, latente, presente desde sempre, mostrando aquela qualidade particular, a ‘fé’, mas numa forma das mais incomuns. Repentinamente era como se eu tivesse contato direto com o poder central motivador da Vida; e usando meus poderes de visualização, pude dar ao que estava visualizado uma vida, um significado, uma função. E a certeza ou a fé com a qual criei — pois de repente eu era um criador, um filho de Deus ... estava com Ele e **era** Ele ... confiante, firme, certo, desprendido e ao mesmo tempo todo envolvido — pode nunca mais acontecer novamente e ainda assim podia, deveria, precisava, ACONTECERÁ novamente, pois é uma capacidade que exprime todas as tentativas escondidas, latentes, não manifestadas, abortadas, de visualização no estado de consciência plena.

“Muitos fatores deveriam ter estado presentes ou ausentes para que isto fosse possível ... isto surpreendeu até Você. Era como se eu estivesse num cilindro — o centro de uma coluna elevando-se sempre para o alto ... e o tempo todo eu fazia um pilar de luz que incorporava um bilhão de detalhes e tributos a tudo que aprendi durante todas as minhas vidas —, era uma torre de Giotto virada do avesso e com todos os seus detalhes multiplicados um milhão de vezes, sempre em mutação, com facetas das inúmeras manifestações de vida — e eu, sabendo que sou uma parte imortal, indestrutível do Criador, embora ainda uma miserável expressão Dele, era a vida dentro da torre, era a torre, o seu construtor, enquanto ela crescia mais e mais, destacava-se no seu plano, qualquer que fosse, como um farol, um tributo às energias que Tu e Outros investiram em mim ... e era a **minha** criação.”

9

A ANALOGIA DO OLHO

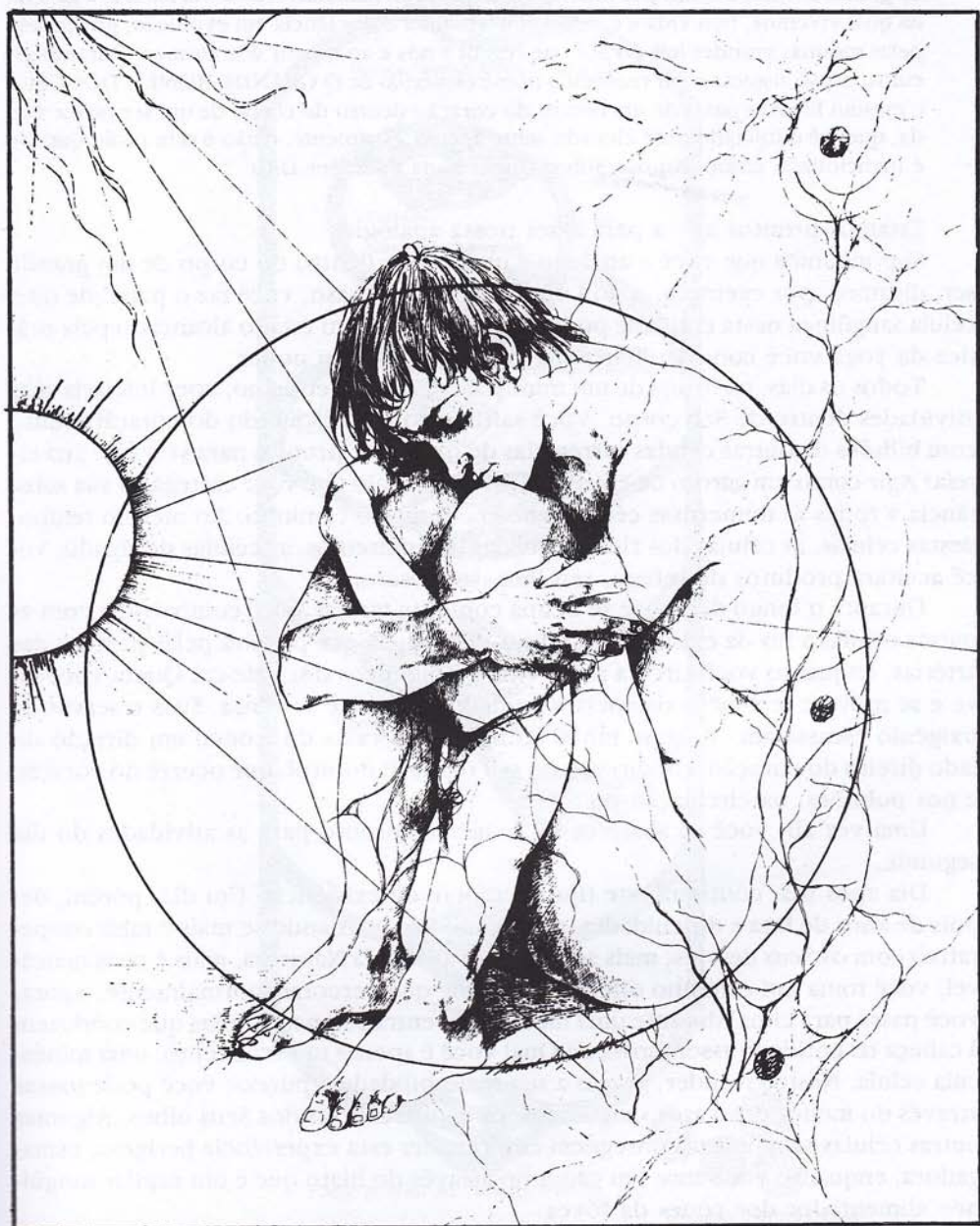
Pode-se estabelecer uma analogia entre os processos que ocorrem na retina e os que acompanham a iluminação e a experiência da superconsciência. Primeiro, porém, devemos lembrar a natureza do segundo grande postulado da Sabedoria Antiga, pois deste postulado depende uma compreensão verdadeira da consciência cósmica.

TODAS AS COISAS VIVEM DENTRO DO CORPO DE UM SER MAIOR.

“Hilozoísmo¹ não pára no átomo; nem pára no homem. Propõe que os átomos vivem dentro de formas maiores que eles. Alguns átomos vivem dentro do corpo da molécula, que, como vimos, muitos aceitam como possuidora de vida. Moléculas vivas, às vezes, fazem parte do corpo de um ser maior que é a célula do tecido ou um organismo unicelular. Muitas células se juntam para formar estruturas maiores como o próprio homem. Cada entidade, independentemente do seu tamanho, tem vida e vive dentro do corpo de um ser maior situado em algum ponto da escala da evolução.

“Que é que se encontra além dessa entidade viva que é o homem? Ele vive dentro do corpo de um ser maior? A Sabedoria dos Séculos propõe que o homem não é exceção: vive dentro dessa entidade sensível e imensa que chamamos de Raça-Raiz, em cujo centro está o Manu. E, continuando, as próprias Raças-Raiz não são apenas sensíveis entidades vivas, mas formam somente uma parte do corpo dessa grande entidade viva: a humanidade. Nossa Quinta Raça-Raiz (cuja forma externa é bem conhecida por nós que a compomos), internamente, é um centro vivo de força etérica, na humanidade ... um centro que corresponde ao nosso Chakra Laríngeo. E a Raça Atlante, a Quarta Raça-Raiz, corresponde ao centro do Plexo Solar deste distinto Ser. Do mesmo modo, os remanescentes da Lemúria correspondem ao Chakra Sacral, porque mesmo nEle, dentro de quem vivemos e nos movemos e temos nossa existência, ocorre a evolução da consciência e a sua está se afastando do seu Chakra Sacral e do Plexo Solar e mudando-se para o Laríngeo. Daí o aparecimento da Quinta Raça-Raiz.

1. Hilo deriva da palavra grega para matéria, e()-zoísmo significa vida. A teoria propõe que tudo tem vida — desde o minúsculo átomo até a maior das galáxias.



CIRCULAÇÃO DO SANGUE

“E conquanto a Ciência possa rir de tais afirmações aparentemente sem sentido, podemos esperar pacientemente até o dia em que as grandes massas intuirão que mesmo os planetas do nosso sistema solar e os de outros não passam de expressão exterior de grandes vidas, e assim por diante, até as próprias galáxias. Nossa Via Láctea, a galáxia na qual vivemos, tem vida e é sensível e tem uma consciência em evolução, governada pelas mesmas grandes leis do Ser que regem a nós e ao menor dos átomos. Durante séculos, nosso sistema solar recebeu o nome esotérico de O GRANDE HOMEM DOS CÉUS e mesmo Ele não passa de um centro do coração dentro do corpo de um ser maior ainda, que até o iniciado mais elevado sente apenas vagamente, e não é sem razão que Ele é mencionado como ‘Aquele Sobre Quem Nada Pode Ser Dito’.”²

Estamos prontos agora para fazer nossa analogia.

Suponhamos que você é análogo a uma célula dentro do corpo de um grande ser, digamos, por exemplo, o do Logos Solar. Neste caso, você faz o papel de uma célula sangüínea nesta entidade poderosa. Através de um estado alcançado pela prática da yoga você compartilharia sua consciência e seu poder.

Todos os dias, na forma de um minúsculo glóbulo vermelho, você iniciaria suas atividades dentro de Seu corpo. Você sairia pelo lado esquerdo do coração, junto com bilhões de outras células carregadas de oxigênio, prontas para servi-lo. Sua tarefa? Agir como um garoto de entregas, dar o oxigênio que você carrega na sua substância a todas as numerosas células que encontra no caminho. Ao mesmo tempo, destas células, as células dos rins, as células dos músculos, as células do fígado, você aceitará produtos de refugo, seu lixo, se quiser.

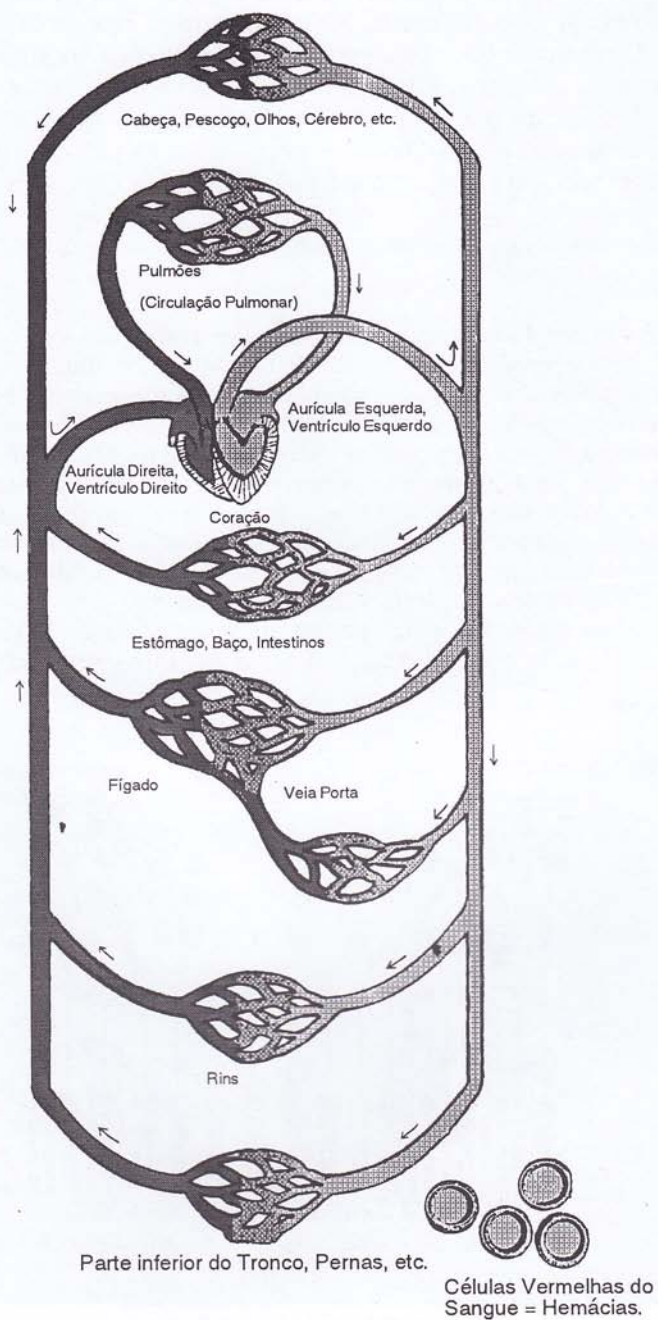
Durante o longo dia, você se ocupa com esta tarefa. Você compartilha com as outras células a luz da existência do dia-a-dia, aquela que penetra pelas paredes das artérias, enquanto você circula pelos vasos sangüíneos dAquele em Quem você vive e se move e tem sua existência. Gradualmente você se cansa. Suas reservas de oxigênio escasseiam. Você se move ao longo das veias do tronco em direção do lado direito do coração, em direção do seu repouso noturno que ocorre no coração e nos pulmões, na circulação pulmonar.

Uma vez ali, você se abastece de oxigênio, pronto para as atividades do dia seguinte.

Dia após dia, continua este tipo medíocre de existência. Um dia, porém, depois de anos de luta e dificuldades, purificando-se, tornando-se mais e mais cooperativo com os Seus desejos, mais aquiescente às leis da Natureza, mais e mais maleável, você toma um caminho diferente daquele que percorria normalmente. Agora, você passa para cima, durante uma meditação, entrando nas artérias que conduzem à cabeça da entidade assombrosa da Qual você é apenas um fragmento, uma minúscula célula. Neste ascender, graças a sua maleabilidade e pureza, você pode passar através do menor dos vasos sangüíneos, os capilares atrás dos Seus olhos. Algumas outras células sangüíneas conseguem empreender esta experiência perigosa, esmagadora, enquanto você abre seu caminho através do hiato que é um capilar sangüíneo alimentador dos cones da fóvea.

E então, de repente, AQUILO acontece.

2. *The Jewel in the Lotus*, pp. 25-26.



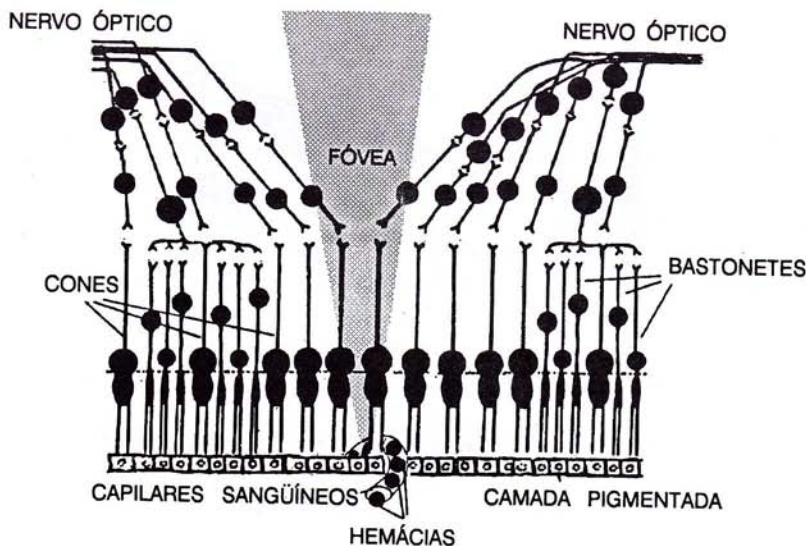
CIRCULAÇÃO DO SANGUE

Você mergulha numa incrível claridade. É como se a luz de dez mil, mil sóis o engolissem. Você fica momentaneamente cego. Ao se recuperar, você toma consciência do êxtase que acompanha um sentimento de onipotência. Neste estado exaltado você tem uma visão, uma visão da realidade que jaz fora do mundo normal da experiência cotidiana. Por alguns segundos cegantes, você está na fóvea e conhece a Vontade de Deus, e percebe o esplendor do Filho. Você é banhado, não só na luz do sistema do qual faz parte, mas na luz EXTRA-SISTÊMICA, uma luz que vem de fora, de além do corpo daquele em Quem você vive.

*E o fogo que se desprende de ti, então, um bilhão de vezes mais belo, mais perigoso, Ó meu cavaleiro!*³

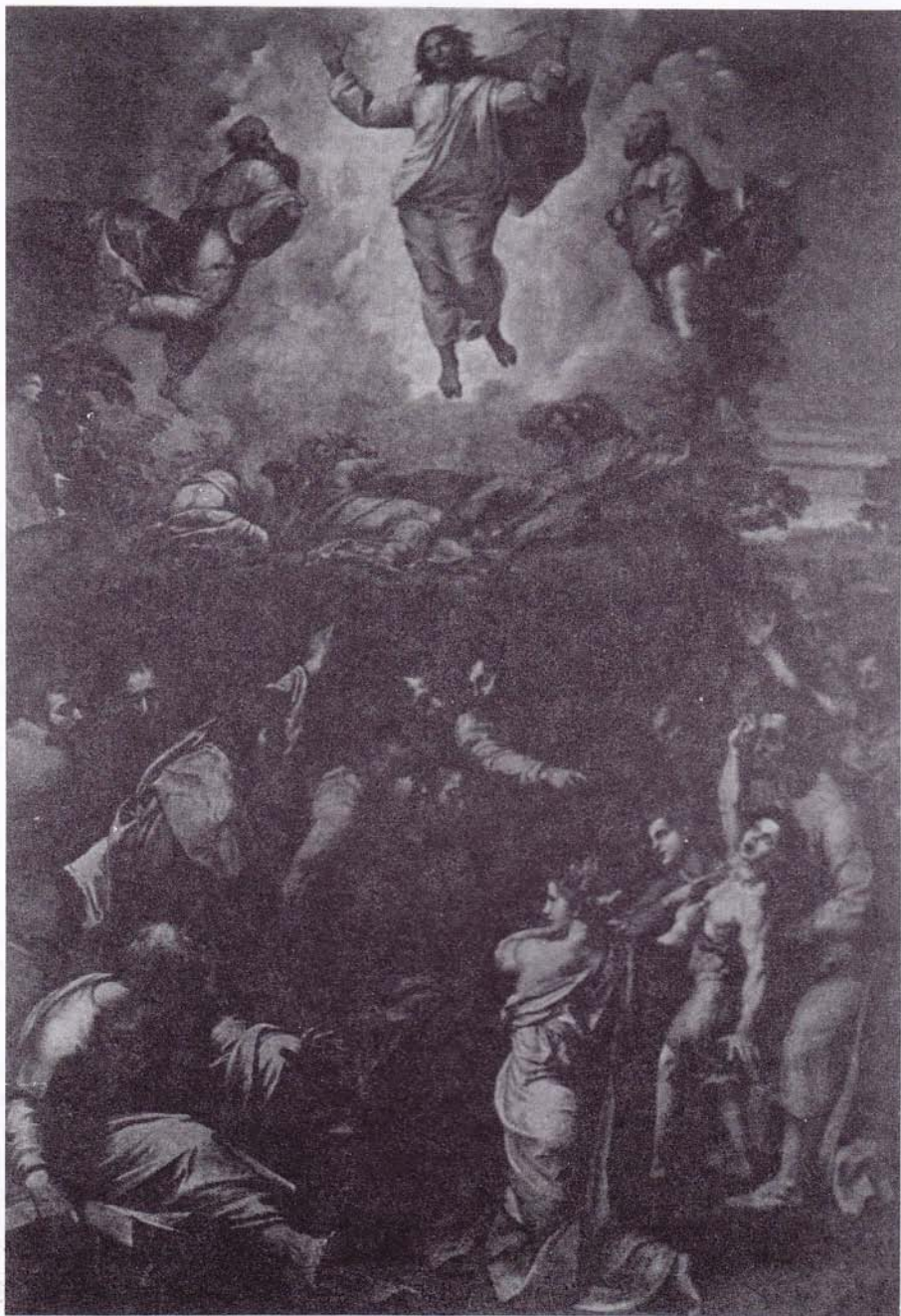
Você é capaz de olhar para o Cosmo, ver realmente a direção na qual este Ser se move, conhecer alguma coisa do Plano do sistema inteiro. Por sua presença e o oxigênio que você está dando, você de fato está fornecendo-lhe a experiência sensorial e vivenciando-a ao mesmo tempo. Você é Ele. Você está num estado de yoga. Você participa de um tempo extra-sistêmico. Isto é união, onisciência e onipotência, tudo junto. Você, momentaneamente, é o Logos, pois Ele está concentrando-se naquilo que vê, e está vendo do mesmo ponto no tempo e no espaço que você. A experiência nunca-a-ser-esquecida termina. Você abandona o chão em fogo e num instante retorna à "circulação", vivendo a mesma vida de antes.

Você, porém, está mudado. O mundo nunca mais será o mesmo para você. Você se aproxima dos outros e tenta contar-lhes sua experiência metafísica. Ninguém, contudo, quer saber nada sobre isto. Você é um louco, um excêntrico, um místico. Só você sabe que foi verdade.



A FÓVEA ANATÔMICA

3. Gerard Manley Hopkins em "The Windhover". Ver também. pp. 172-174, *The Jewel in the Lotus*.



A TRANSFIGURAÇÃO
Óleo sobre madeira - Rafael - 1517

10

MAIS ANALOGIAS E CORRELAÇÕES

Dentre todos os órgãos, o olho é o que mais se parece com um planeta. Tem a forma quase esférica e, do ponto de vista do ocultismo, tem, como a Terra, um pólo norte (a papila) e um pólo sul (a superfície da córnea do outro lado da pupila). O primeiro age como um vórtice e o último, como uma torrente.

Embora seja menos óbvio, todos os órgãos funcionam como sistemas planetários no corpo, que é “um sistema solar em miniatura”.¹ Principalmente as glândulas endócrinas, através de seus correspondentes etéricos, os chakras, comportam-se de maneira tão semelhante aos planetas do nosso sistema solar que as ciências esotéricas tradicionalmente têm estabelecido correspondências entre eles, como por exemplo, Saturno, a glândula tireóide, o Chakra Laríngeo, etc.²

As três camadas do olho (quando consideradas em analogia com o planeta Terra) relacionam-se com os três reinos inferiores:

Esclerótica — Reino Mineral

Coróide — Reino Vegetal

Retina — Reino Animal

Por sua vez, os bastonetes podem ser considerados os representantes dos animais superiores, enquanto os cones, estas células sensíveis à luz que reagem à cor/qualidade, correlacionam-se ao reino humano.

Segundo esta analogia, aqueles poucos cones reunidos na mácula representam o Homem seguindo pelo Caminho, tornando-se receptivo à luz extra-sistêmica (a energia da mônada). As células cones da fóvea representam os iniciados, respondendo todos à energia da mônada.

As células cones são divididas em três tipos. Cada uma é receptiva a uma específica cor/qualidade. As três cores são o vermelho, o azul e o verde. Da mistura destas três cores principais (fisiológicas), são obtidas as cores restantes e os tons. Por analogia, os três tipos de cones relacionam-se com os iniciados do terceiro grau para cima... pois apenas esses respondem à mônada:

1. Dos ensinamentos de Paracelso.

2. Ver *Esoteric Psychology of the Seven Rays*, vol. V de S.P.A.W., Dr. Douglas Baker.

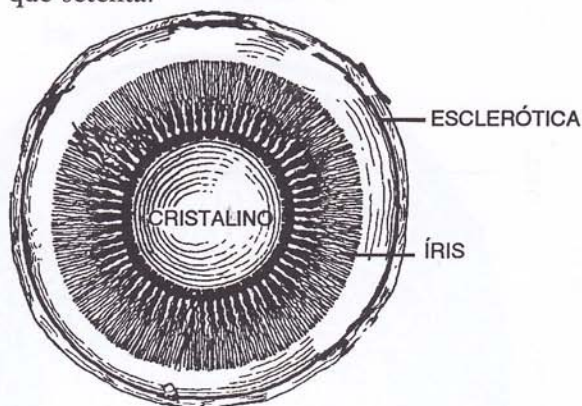
Mônadas

Vermelho	Raio I.....	Vontade e Poder
Azul índigo	Raio II.....	Amor-Sabedoria
Verde	Raio III.....	Inteligência Ativa

Atualmente, existem 63 bilhões de mônadas trabalhando através do Esquema do Mundo, na proporção de 1:10:10, respectivamente, isto é:

Mônadas do Raio I	3 bilhões
Mônadas do Raio II	30 bilhões
Mônadas do Raio III	30 bilhões

O número dos iniciados do terceiro grau que estão no mundo pode ser calculado em centenas; do quarto grau (arhats), em vintenas, e os iniciados do quinto grau (Mestres), em menos que setenta.

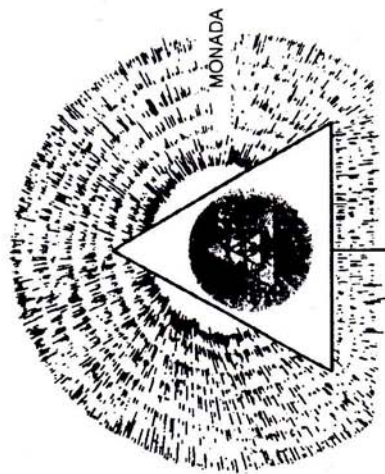


O CRISTALINO VISTO A PARTIR DA RETINA

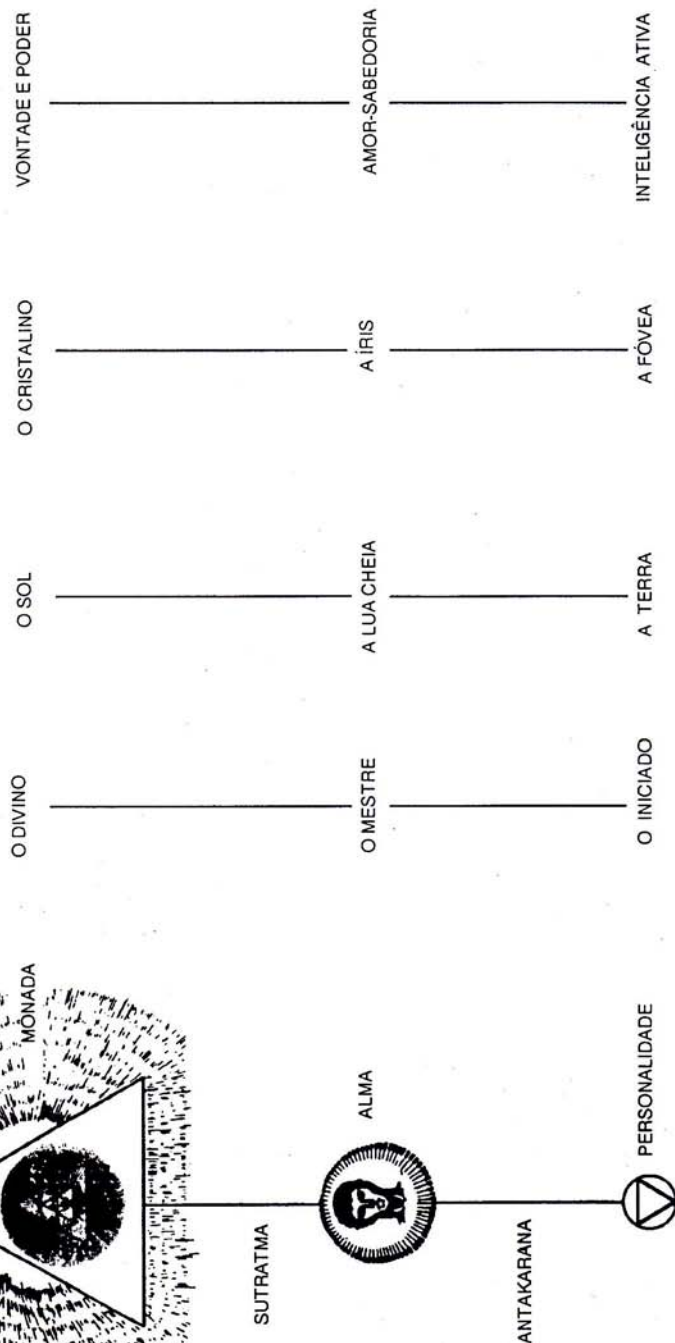
Enquanto a pupila do olho deixa entrar a Chama Divina Única, as emanções combinadas de 63 bilhões de mônadas, o cristalino age como Shamballa, o centro planetário que focaliza a Vontade de Deus, o Logos Solar, e o direciona para os afazeres dos quatro reinos.

Em torno do cristalino, e agindo juntamente com Shamballa, está a Hierarquia dos Mestres, a Fraternidade Branca. Por analogia, são a íris do olho. Seu trabalho é canalizar as forças extra-sistêmicas, lançando seus raios onde e quando forem necessários, ou agindo como um aparador, transmutando-os, posicionando-os. Eles adicionam constantemente uma qualidade, principalmente as qualidades da Verdade, Beleza e Bondade. Os olhos dos Mestres, mais que qualquer outra parte de sua fisionomia, testemunham esta correlação. A bela coloração dos músculos da íris, sua expressão aberta, sincera, fazem do ato de olhar para dentro deles uma experiência inesquecível para o iniciado.

Da fóvea, vê-se a divindade em repouso atrás do cristalino e da íris; para o discípulo seguindo pelo Caminho, a divindade encontra-se além de Shamballa e da Hierarquia. Para o iniciado, está escondida atrás do disco solar. Algumas correlações neste sentido estão colocadas no índice de correspondências, na página seguinte.



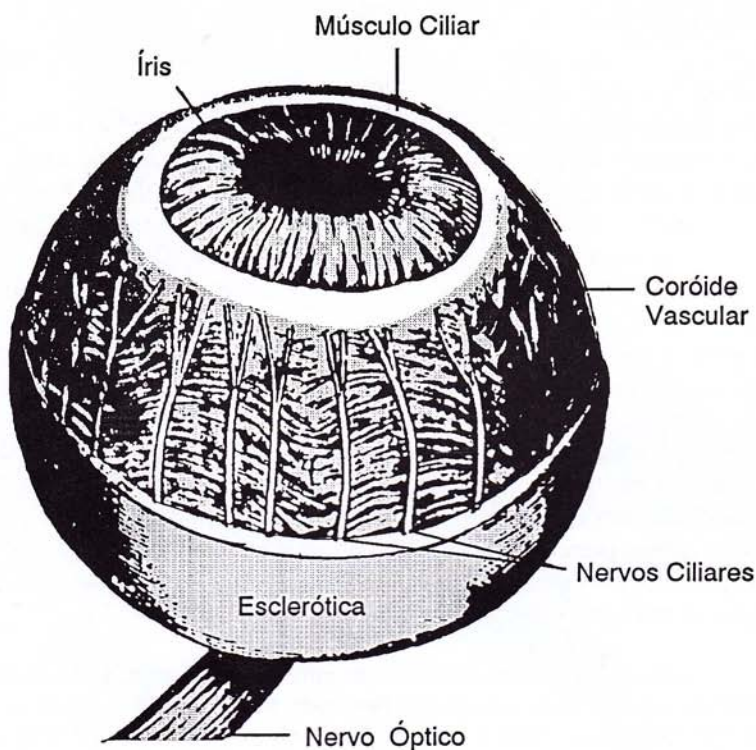
LUZ EXTRA-SISTÊMICA



ÍRIS, CRISTALINO E FÓVEA, algumas correlações

Os iniciados da Terra reagem à luz extra-sistêmica — às qualidades do Atma, Buddhi e Manas. Eles iniciam os projetos em nome da Hierarquia. Os Mestres “semeiam” constantemente as suas consciências com aspectos destes projetos ... Darwin, trabalhando em sua *Origem das Espécies*, Mendel, em seu jardim de ervilhas, Schliemann, procurando as ruínas de Tróia, Kekulé, desvendando a estrutura da molécula de benzina.

Sob a orientação destes iniciados, o Plano Inteiro para o planeta é acionado, ao mesmo tempo que os reinos são guiados para expressar cada vez mais a Verdade, a Beleza e a Bondade.



ESCLERÓTICA, CORÓIDE E ÍRIS

11

O OLHO COMO UM ÓRGÃO CRIATIVO

Há séculos já se sabe que o olho humano tem um potencial oculto. A Sabedoria Antiga ensinava que os olhos humanos emitem energia que pode intensificar as palavras ditas, o olhar que é dirigido, o ensinamento que é dado. Recentemente, na Rússia, demonstrou-se que na verdade a radiação da energia emitida pelos olhos é mensurável. Esta informação não foi comprovada no Ocidente, mas por muitos anos o Dr. Oscar Brunler viajou pelos Estados Unidos da América, demonstrando um instrumento que lhe possibilitava medir as energias emitidas pelos olhos humanos. Ele propôs que não só era muito real esta energia, como também que em qualquer ato criativo, como pintar um quadro ou esculpir uma estátua, as energias específicas do criador, isto é, do próprio artista, incorporavam-se à obra de arte que estava sendo produzida. O aparelho do Dr. Oscar Brunler era capaz de medir, no que ele chamou de "graus biométricos", a saída de energia de um artista determinado. Assim, ele foi capaz de demonstrar que as energias de Rubens passaram através dos seus olhos, penetrando na própria tela que ele pintou; e que os manuscritos de Shakespeare continham as emanações do seu autor. Ele foi capaz de analisar dessa maneira as energias criativas de muitas pessoas famosas:

"... Medindo em 'graus biométricos', Brunler fixou uma nota média de 350. Rembrandt obteve 638 graus biométricos; Joshua Reynolds, 586; Giotto, 654; Chopin, 550; Wagner, 538; Charles Dickens, 540; Napoleão, 598; Nelson, 510; Frederico o Grande, 657.

"Ele descobriu que Sir Francis Bacon (640) era consideravelmente superior ao ator Shakespeare, em cujo nome ele SUPOSTAMENTE (uma suposição falsa) escreveu. Michelangelo marcou 689, enquanto Leonardo da Vinci, 725".¹

Que os olhos humanos emitem energia não é de surpreender tanto, dado o fato de eles serem parte do encéfalo humano. Os olhos contêm os nervos ópticos que podem ser observados pelo oftalmoscópio, aparecendo como discos brancos no fundo do olho, ao nível da retina. Nós, é claro, medimos as radiações do cérebro com

1. Citação tirada de *Opening of the Third Eye*, Dr. Douglas Baker.



um eletroencefalograma ... por que, então, sendo parte do diencéfalo, os olhos não emitiriam energias que pudessem ser medidas também?

A importância desta informação para o ocultista reside no que concerne à abertura do Terceiro Olho. O funcionamento do Terceiro Olho requer uma entrada de energia através do espaço entre as sobrancelhas, focalizada na região da glândula pineal. O Terceiro Olho também emite energia, uma energia penetrante, transmitindo-a do Lótus de Mil Pétalas ao Chakra Frontal, e daí para o objeto de interesse. Assim como todos os olhos, o Terceiro Olho requer uma lente para poder focalizar as imagens de seu interesse. O cristalino do Terceiro Olho está localizado à frente da testa e é construído na periferia da aura magnética. Portanto, o neófito deve aprender a construir à frente do espaço entre as sobrancelhas um vórtice de energia, do qual precisa integrar ou sintetizar uma lente estrutural que permita o trânsito para dentro e para fora das energias do Terceiro Olho.

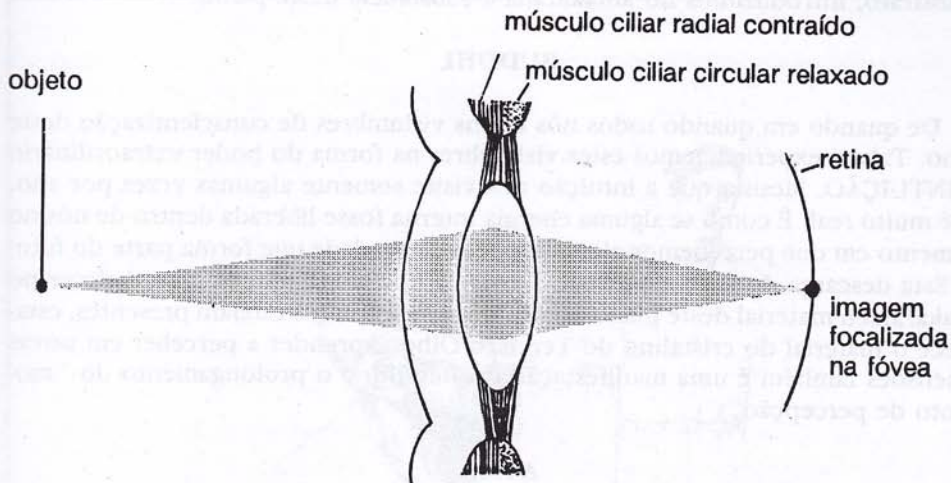
Um exame cuidadoso das figuras ao lado, mostrará a importância do cristalino no olho normal. A forma do cristalino pode ser alterada pelas contrações dos músculos ciliares, para manter sobre a retina, na região da fóvea, a imagem de qualquer objeto, distante ou próximo. Nas práticas esotéricas, a fóvea é substituída pelo nervo óptico e o objeto se transforma na imagem quando as energias do olho fluem para fora.

Focalizadas na frente, estas efusões acabam concretizando um cristalino, a partir do material etérico, através do qual a "luz astral" pode ser captada e dirigida sobre os órgãos do Terceiro Olho que promovem o desabrochar psíquico.

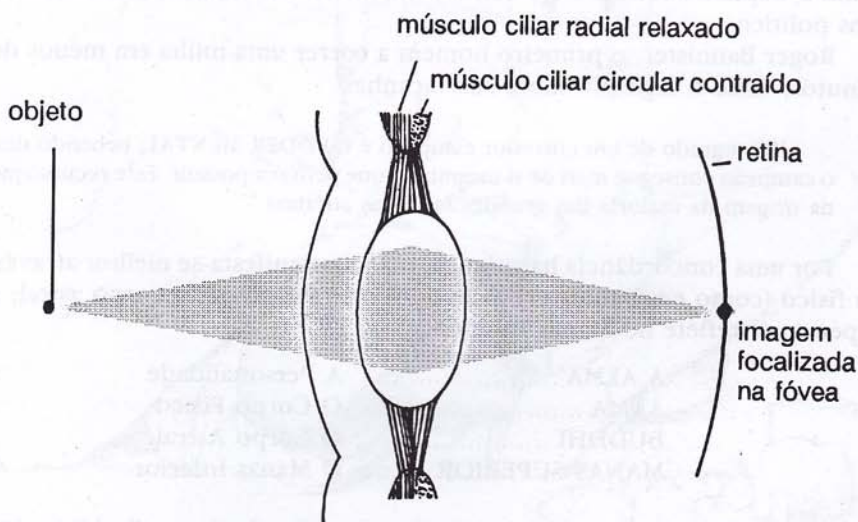
Então surge a pergunta: como deveríamos construir este cristalino e de que materiais? A resposta geralmente é dada no processo da iniciação, embora poucos consigam identificá-la nas doutrinas da Sabedoria Antiga. As energias são obtidas através do treinamento iniciático e de uma vida meditativa. As energias de Atma, Buddhi e Manas são atraídas para baixo através da aura etérica e dão forma ao cristalino. Que são as energias de Atma, Buddhi e Manas?

MANAS SUPERIOR

Antes da chegada dos Senhores da Chama neste planeta, cerca de dezenove milhões de anos atrás, esta energia não era conhecida. O homem-animal tinha alcançado um estágio na sua evolução em que ele iria regressar em breve para a companhia dos outros antropóides, se não fosse estimulado com a específica qualidade da evolução venusiana. Conseqüentemente, vieram para a Terra os Senhores da Chama, de Vênus, e aplicaram suas energias individualizadoras ao córtex cerebral do homem terrestre. A partir de então, a parte humana do homem-animal tornou-se dominante, tornando estes indivíduos primitivos receptivos ao Manas Superior, que se manifesta como a capacidade de pensar em termos abstratos ... uma qualidade essencialmente humana. Por meio do pensamento abstrato, o homem pode ponderar sobre assuntos que não têm relação alguma com suas necessidades básicas ou animais. O artista, o pesquisador, o filósofo, o santo, são testemunhos desta capacidade. Para o homem é mais fácil praticar esta forma de expressão do que Atma ou



A - Objeto Distante



B - Objeto Próximo

FUNÇÃO DO CRISTALINO

Buddhi. O Manas Superior está intimamente ligado a sua contraparte inferior ... o Manas Inferior, ou inteligência ativa. Pela prática do Manas Superior, ou pensamento abstrato, introduzimos no antakarana a substância deste plano.

BUDDHI

De quando em quando todos nós temos vislumbres de conscientização deste plano. Talvez experienciemos estes vislumbres na forma do poder extraordinário da INTUIÇÃO. Mesmo que a intuição nos visite somente algumas vezes por ano, ela é muito real. É como se alguma energia interna fosse liberada dentro de nós no momento em que percebemos algum aspecto da verdade que forma parte do futuro. Esta descarga do fogo espiritual, a energia do Buddhi, ajuda a estabelecer no antakarana o material deste plano e, caso outros elementos estejam presentes, estabelece o material do cristalino do Terceiro Olho. Aprender a perceber em novas dimensões também é uma manifestação do Buddhi: é o prolongamento do "momento de percepção".

ATMA

Considerada como uma manifestação da Vontade Divina e mais rara que as outras duas, Atma é a persistência de homens como um Moisés no Deserto do Sinai, como o Capitão Scott no Pólo Sul, ou Ghandi nos seus jejuns em defesa de princípios políticos.

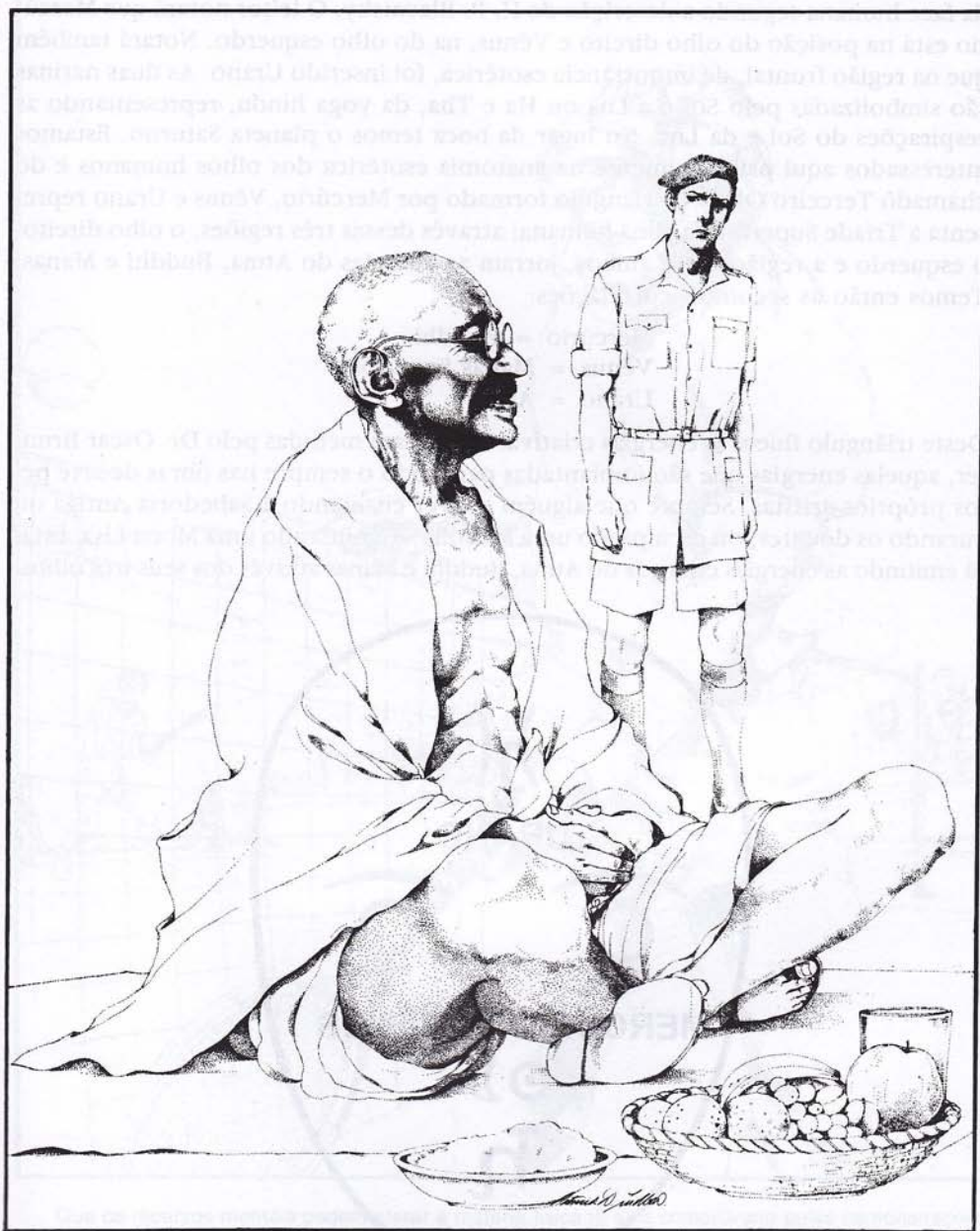
Roger Bannister, o primeiro homem a correr uma milha em menos de quatro minutos, disse o seguinte sobre sua façanha:

"O segredo de um corredor campeão é o PODER MENTAL; bebendo desta fonte, o campeão consegue mais de si mesmo do que pensava possuir. Este recurso mental está na origem da maioria das grandes façanhas atléticas."

Por uma concordância harmônica, o Atma manifesta-se melhor através do corpo físico (como em Bannister); o Buddhi opera através do corpo astral; o Manas Superior se reflete no Manas Inferior:

A ALMA	A Personalidade
ATMA	O Corpo Físico
BUDDHI	O Corpo Astral
MANAS SUPERIOR	O Manas Inferior

Segue a pergunta, então, de como as energias do Atma, Buddhi e Manas são levadas para a região frontal, onde se concentram. Estes processos se realizam através das partes divinas do corpo do homem. A face humana é divina. Na minha obra *Antropogeny*, mostrei como os primeiros homens materializados no planeta mantiveram a sua parte divina, junto com a parte herdada dos animais. As partes divinas herdadas do homem universal incluíam a caixa craniana, as clavículas (ou Chaves de Salomão) e a face humana. Os ossos de todas essas regiões, diferentemente dos de outras partes do corpo, são formados na membrana. É através da fisionomia di-

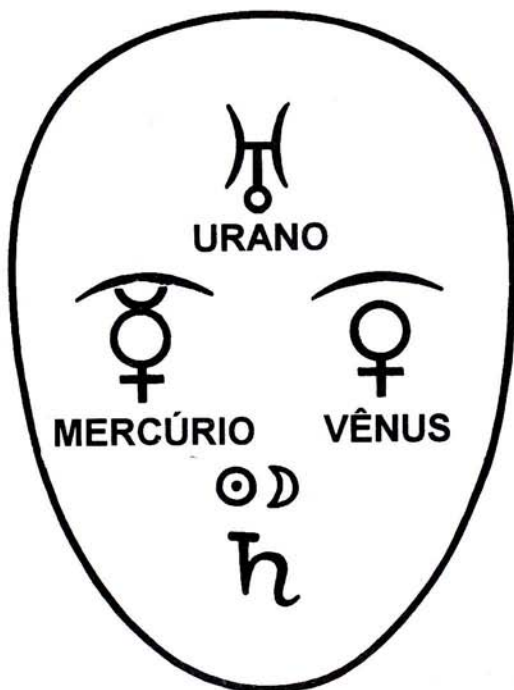


Gandhi jejuando sob o domínio britânico

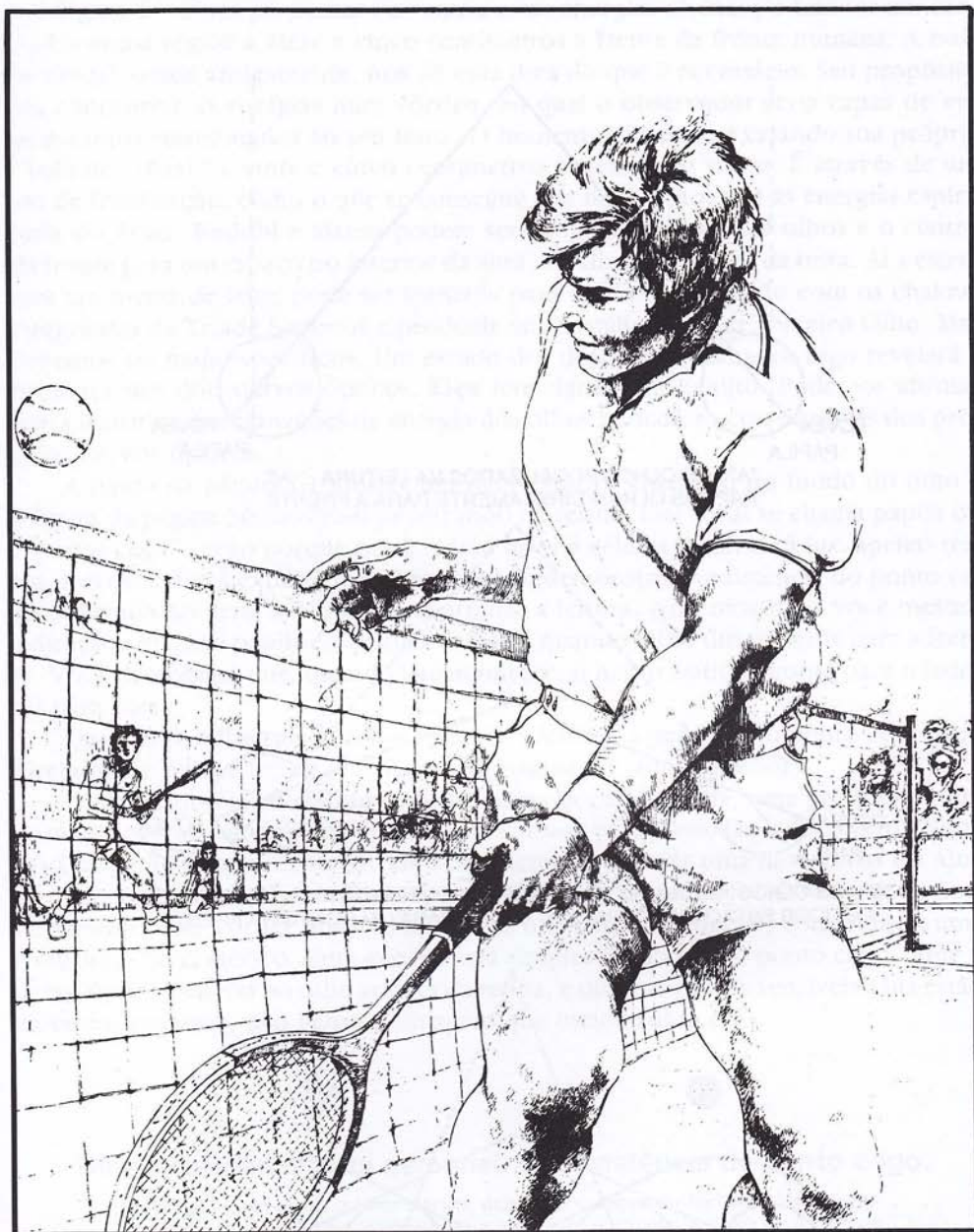
vina que Atma, Buddhi e Manas podem ser focalizados na região frontal. A chave para este mistério pode ser resumida na figura abaixo, que representa um esboço da face humana segundo a descrição de H. P. Blavatsky. O leitor notará que Mercúrio está na posição do olho direito e Vênus, na do olho esquerdo. Notará também que na região frontal, de importância esotérica, foi inserido Urano. As duas narinas são simbolizadas pelo Sol e a Lua ou Ha e Tha, da yoga hindu, representando as respirações do Sol e da Lua. No lugar da boca temos o planeta Saturno. Estamos interessados aqui principalmente na anatomia esotérica dos olhos humanos e do chamado Terceiro Olho. O triângulo formado por Mercúrio, Vênus e Urano representa a Tríade Superior da alma humana; através dessas três regiões, o olho direito, o esquerdo e a região entre ambos, jorram as energias do Atma, Buddhi e Manas. Temos então as seguintes correlações:

Mercúrio = Buddhi
 Vênus = Manas Superior
 Urano = Atma

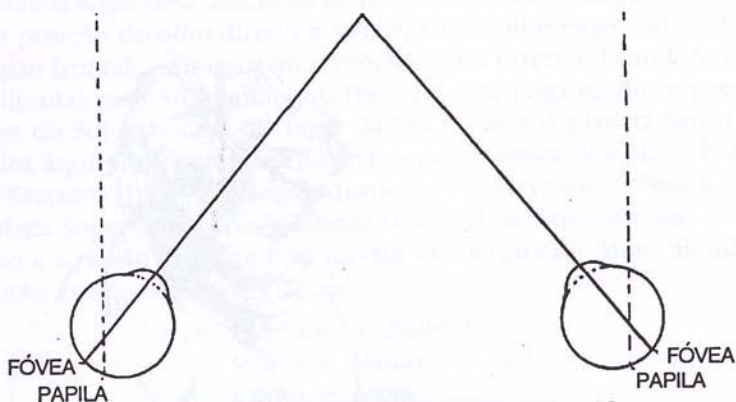
Deste triângulo fluem as energias criativas que foram medidas pelo Dr. Oscar Brunler, aquelas energias que são implantadas para todo o sempre nas obras de arte pelos próprios artistas. Sempre que alguém estiver ensinando a Sabedoria Antiga ou curando os doentes, ou esculpindo uma Madona, ou pintando uma Mona Lisa, estará emitindo as energias criativas do Atma, Buddhi e Manas através dos seus três olhos.



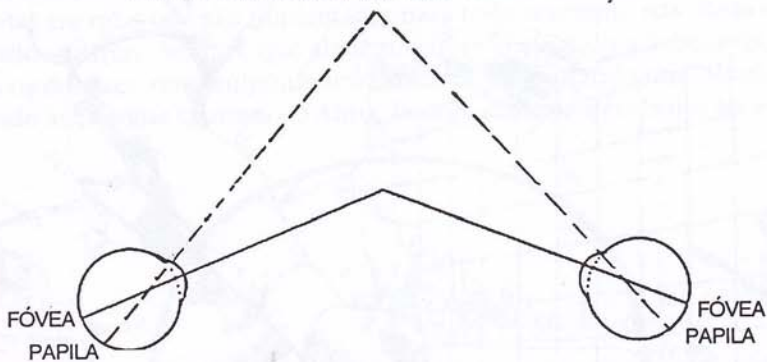
A FISIONOMIA DIVINA



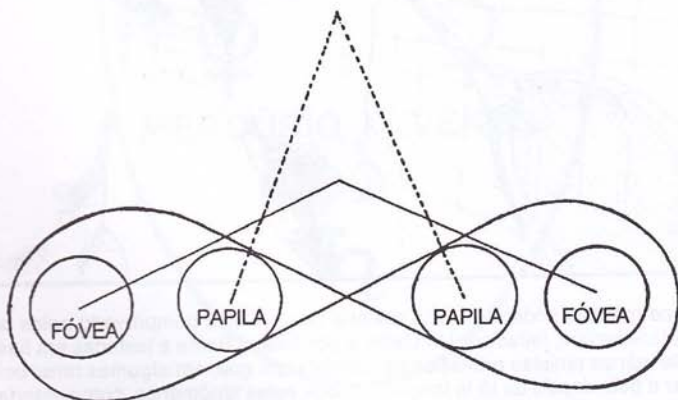
Que os recursos mentais podem afetar a matéria física já está comprovado pelas demonstrações públicas de muitos fenômenos, feitas por Uri Geller e por Swami Rama e testadas em bases científicas. Muito recentemente, vários tenistas profissionais constataram que, em algumas raras ocasiões, conseguiram redirecionar a bola depois de tê-la lançado. Todos estes fenômenos, como entortar chaves através da efusão do atma, curar doentes por atos de compaixão e buddhi, esculpir uma estátua por meio do pensamento abstrato, são aspectos das energias pertencentes a outras dimensões e a melhor maneira de direcioná-las é pelos olhos.



"A" - OS OLHOS FOCALIZADOS NA LEITURA ... AS PÁPILAS OLHAM DIRETAMENTE PARA A FRENTE



"B" - OS OLHOS AGORA FOCALIZADOS NA PONTA DO NARIZ ... OS NERVOS ÓPTICOS ESTÃO DIRECIONADOS AGORA PARA UM PONTO NA FRENTE



"C" - QUANDO OS OLHOS ESTÃO VOLTADOS PARA CIMA E PARA DENTRO, ENTÃO AS RADIAÇÕES DAS PÁPILAS PASSAM ATRAVÉS DO CENTRO AJNA, DE DUAS PÉTALAS

Agora devemos perguntar-nos como essas energias divinas podem ser concentradas numa região a vinte e cinco centímetros à frente da fronte humana. A bola de cristal, usada antigamente, nos dá uma dica do que é necessário. Seu propósito era concentrar as energias num vórtice, no qual o observador seria capaz de ver os assuntos relacionados ao seu tema. O homem deve acabar criando sua própria "bola de cristal" a vinte e cinco centímetros à frente dos olhos. É através de um ato de focalização, como o que se consegue por meditação, que as energias espirituais do Atma, Buddhi e Manas podem ser dirigidas através dos olhos e o centro da fronte para um espaço no interior da aura, localizado à frente da testa. Aí a estrutura em forma de lente pode ser formada para agir em conjunção com os chakras integrantes da Tríade Superior e produzir um cristalino para o Terceiro Olho. Mas devemos ser mais específicos. Um estudo dos dois olhos humanos logo revelará a presença dos dois nervos ópticos. **Eles** têm significado oculto. Podemos afirmar que a maioria das emanções de energia dos olhos humanos ocorre através dos próprios nervos ópticos.

A figura da página 61 mostra um nervo óptico entrando no fundo do olho e a figura da página 36 mostra-o penetrando na retina. Este local se chama papila ou "ponto cego", cego porque nesta região não há células sensíveis à luz, apenas tratos nervosos. Uma experiência simples pode demonstrar a existência do ponto cego e deveria ser feita antes de se continuar a leitura, para mostrar a você mesmo a direção em que a papila emite suas energias quando olhar diretamente para a frente. Você descobrirá que, quando isto acontece, o nervo óptico aponta para o lado, ou para fora.

Quando focalizamos os olhos durante a leitura, a papila ou o ponto cego mira diretamente para a frente (ver figura da página ao lado, superior).

Quando, porém, focalizamos os olhos na ponta do nariz, uma prática comum na meditação, a emanção das papilas concentra-se num ponto (ao lado, centro). Neste caso, as papilas literalmente jorram suas energias por cada uma das pétalas do Ajna de duas pétalas, ou o Chakra Frontal, acumulando-as no ponto focal do nervo óptico. Finalmente, esse vórtice absorve as ordens inferiores de energia, construindo uma lente até o nível etérico. Uma experiência simples demonstra o ponto cego, onde o nervo óptico penetra no olho através da retina, e onde as células sensíveis à luz estão ausentes; portanto, não vemos a imagem que incide sobre ela.



Uma experiência para demonstrar a existência do ponto cego.

Olhe para o + com o olho direito, deixando o esquerdo fechado. Vai aproximando o livro do olho, começando a 38 cm de distância. A cerca de 23 cm de distância do olho, o ● irá desaparecer, porque sua imagem está sendo projetada no ponto cego.

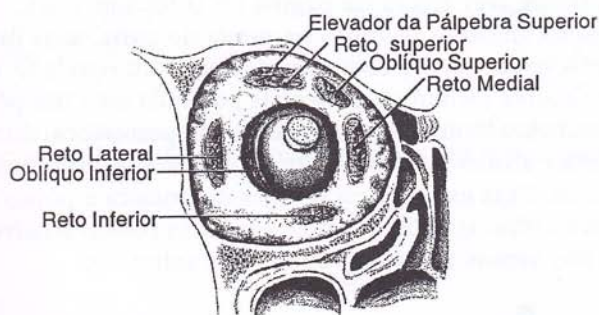
Quando os olhos são virados para dentro e para cima, como o fazem os yogues em profunda meditação ou mesmo Samadhi, as papilas emitem suas energias diretamente através das duas pétalas do Chakra Frontal, um exercício de profundo significado oculto.

12

O CONTROLE MUSCULAR DO OLHO

A cavidade óssea na qual se aloja o olho é chamada órbita, que contém uma gordura mole preenchendo inteiramente a cavidade.

Há sete músculos na cavidade. Seis deles movem o globo ocular e o sétimo eleva a pálpebra. Juntos, perfazem um septenário esotérico. Os seis fornecem não só um meio para tomar conhecimento do mundo exterior, mas também uma bengala para sustentar o peregrino cansado, semiparalisado, nos mundos superiores.

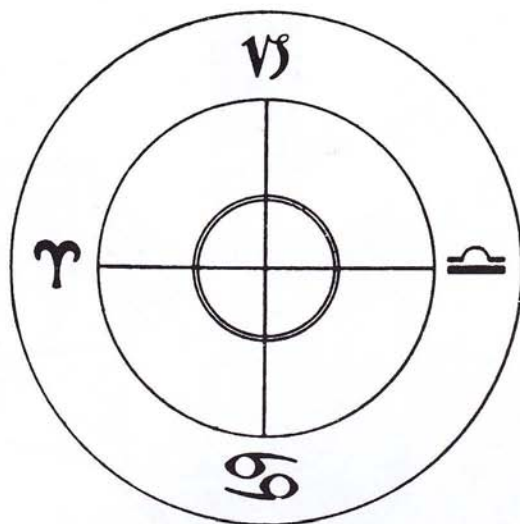


SEÇÃO VERTICAL TRANSVERSA DA ÓRBITA ESQUERDA ATRÁS DO GLOBO OCULAR MOSTRANDO A DISPOSIÇÃO DOS MÚSCULOS

Os músculos retos são quatro: superior, inferior, médio e lateral. Todos surgem de um anel membranoso que circunda o forâmen óptico, que pode ser dividido em duas partes: um **tendão comum superior**, originando os músculos retos superior e médio, e a ponta superior do músculo reto lateral; e o **tendão comum inferior**, originando os músculos retos médio e inferior e a ponta inferior do músculo reto lateral. As duas origens do músculo reto lateral estão separadas pelos nervos óculo-motor, nasal e aducente que passam para a órbita. Formando tiras achatadas que se localizam no tecido graxo da órbita em volta do nervo óptico e do globo ocular, os quatro músculos terminam em tendões que perfuram a fáscia bulbar da cápsula de Tenon e se **inserem** na esclerótica, cerca de oito milímetros (de três a quatro linhas) atrás da borda da córnea. Os **retos superior e inferior** inserem-se no plano vertical que coincidem aproximadamente com o eixo do globo ocular; os **retos lateral e médio**, no plano transversal ao globo ocular; e todos estão fixos à frente do equador do globo ocular. (Figura de nº 315 extraída do livro *The Text Book of Anatomy*, D. J. Cunningham, p. 400.)

Para se obter o controle absoluto dos olhos é necessária a coordenação dos três nervos cranianos. Este esforço é suficiente para manter os hemisférios cerebrais num estado de impotência retida, enquanto a consciência se reorienta para o interior.

Os quatro músculos retos simbolizam a Cruz da Iniciação.



A CRUZ CARDEAL

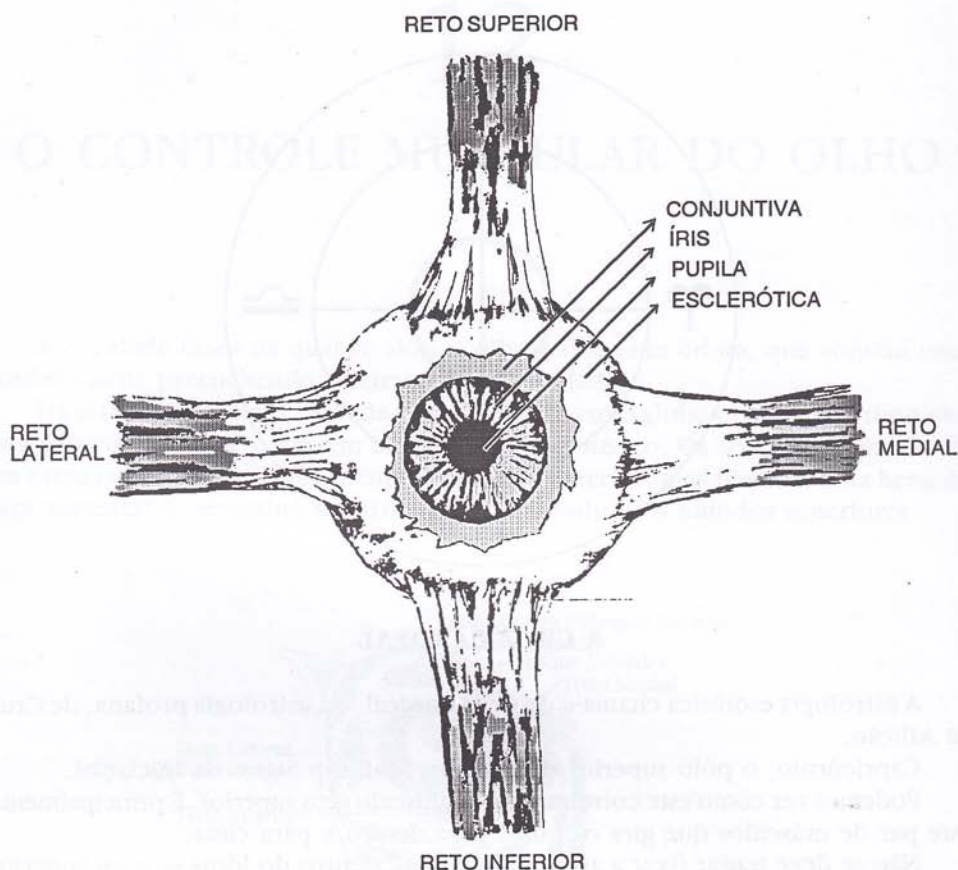
A astrologia esotérica chama-a de Cruz Cardeal, e a astrologia profana, de Cruz da Aflição.

Capricórnio, o pólo superior do eixo vertical, é o Signo da Iniciação.

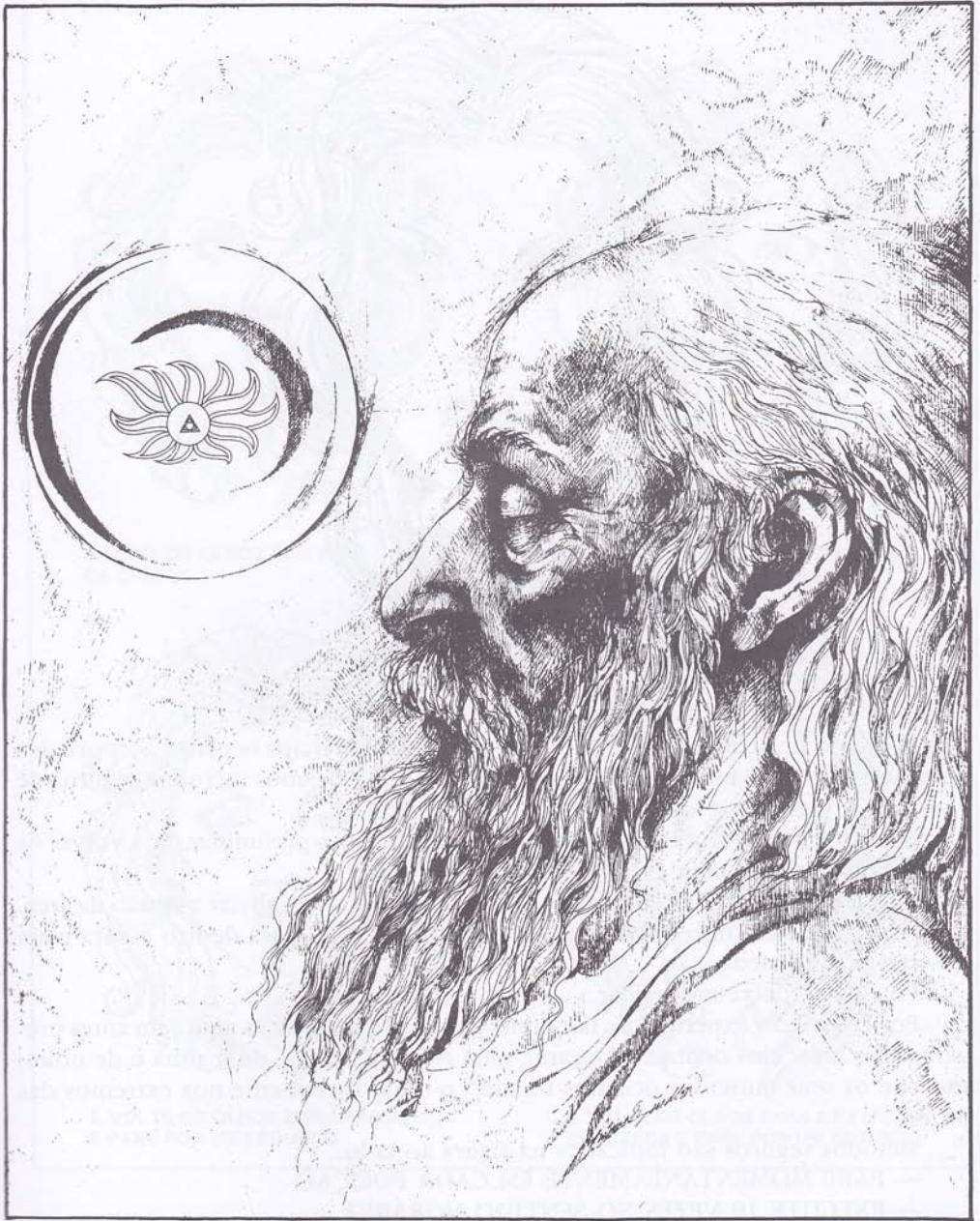
Podemos ver como este corresponde ao músculo reto superior. É principalmente este par de músculos que gira os olhos para dentro e para cima.

Não se deve tentar fixar a atenção na “jóia” dentro do lótus — o eu superior — sem antes exercitar os músculos retos. Um esforço repentino, sem um período de preparação controlada e deliberada, pode levar ao enrijecimento muscular e à má circulação dos fluidos nos olhos, causando na superfície do olho uma irritação dolorosa que dispersa a atenção e leva ao erro ... alguns podem acreditar tolamente que se trate de sinais do desabrochar do Sahasrara.

O músculo elevatório da pálpebra cobre o músculo reto superior e recebe o mesmo suprimento de nervos que o nervo motor ocular (3º par craniano). Em situações de tensão, tão freqüentes na iniciação, pode ocorrer a fibrilação deste músculo, com os conseqüentes espasmos, contrações involuntárias e um tremor da pálpebra superior. Significa um aviso suave da necessidade de um período de descanso e relaxamento, mesmo que coincida com uma incidência maior de experiências espirituais ou interiores.



OS LOCAIS DE INSERÇÃO DOS QUATRO MÚSCULOS RETOS





O uso do músculo reto deve ser precedido de exercícios oculares apropriados durante uma semana inteira, de manhã e de noite. Indicamos métodos seguros de exercício a seguir:

O exercício da Figura seguinte deve ser usado como preliminar para volver os olhos para dentro e para cima na meditação.

VOCÊ PODE ESPERAR: Exercitar os músculos oculares e aliviar a tensão da área. Estes exercícios são necessários antes de volver os olhos para dentro e para cima nos estágios da meditação.

Por favor, deixe-me repetir...

Por favor, não experimente nenhuma das técnicas descritas aqui sem antes preparar seus músculos oculares. Durante uma semana inteira, de manhã e de noite, exercite os seus músculos oculares fixando o olhar fortemente nos extremos das órbitas.

Métodos seguros são indicados na figura ao lado...

— PARE MOMENTANEAMENTE EM CADA POSIÇÃO

— EXECUTE 10 VEZES NO SENTIDO HORÁRIO

— 10 VEZES NO SENTIDO ANTI-HORÁRIO

COMENTÁRIOS: APENAS OS OLHOS DEVEM MOVER-SE...

NÃO MOVA A CABEÇA.



1. MOVA OS OLHOS BEM PARA O TOPO DA ÓRBITA



2. VOLTE OS OLHOS PARA A EXTREMA DIREITA E PARE POR UM SEGUNDO



3. VOLTE OS OLHOS BEM PARA BAIXO E PARE POR UM SEGUNDO



4. VOLTE OS OLHOS PARA A EXTREMA ESQUERDA E PARE POR UM SEGUNDO

EXERCÍCIOS PARA OS MÚSCULOS RETOS

13

O DESENVOLVIMENTO PASSADO E FUTURO DOS OLHOS

A Sabedoria dos Séculos dá uma versão da origem do Homem muito diferente da sugerida por Darwin. A idade do homem, sua materialização na Terra e a natureza divina do seu arquétipo são descritas detalhadamente em *Anthropogeny*, Volume VI dos Sete Pilares da Sabedoria Antiga.

A embriologia do olho humano fornece um exemplo muito bom do extraordinário desabrochar do padrão arquetípico humano. Apresenta uma prova substancial contra o Darwinismo e suas teorias da “sobrevivência do mais apto” e da “seleção natural”:

“O problema de como se desenvolveram os olhos constitui um grande desafio à teoria Darwiniana de evolução pela seleção natural. Podemos fazer muitos modelos experimentais inteiramente inúteis ao planejar um novo instrumento, mas para a seleção natural isto foi impossível, pois cada passo deveria conferir uma vantagem para que o seu dono fosse escolhido, que seria então transmitida através das gerações. De que valeria um cristalino feito pela metade? De que serve um cristalino dando uma imagem, se não há um sistema nervoso que interprete a informação? Como poderia surgir um sistema nervoso visual antes de existir um olho para lhe dar a informação?”¹

E mais:

“Se o encéfalo embrionário de um girino for transplantado para um outro lugar, a pele irá formar sobre o novo local uma depressão para constituir o cristalino de um olho...

“Se, por outro lado, a pele sobre o encéfalo embrionário original for retirada e outra colocada em cima, a nova também formará um cristalino.”²

Tal fenômeno só é possível porque existe uma matriz etérica associada às células embrionárias cerebrais e que delas irradia, mas sempre levando-se em conta que

1. *Eye and Brain: the Psychology of Seeing*, R. L. Gregory; McGraw-Hill, 1966.

2. *The Brain Revolution*, Marilyn Ferguson.

mesmo a matéria etérica é um reflexo da estrutura mais profunda, a matéria astromental, o veículo da mente.

Já observamos que o olho se desenvolve a partir do prosencéfalo, o que é um indício de manifestação comparativamente atrasada no desenvolvimento das Raças-Raiz. A figura da página 28 mostra os pedúnculos ópticos desenvolvendo-se das paredes laterais do diencéfalo. O pedúnculo, que compreende a retina, desenvolve-se na forma de uma taça, onde se depositam estruturas como o cristalino.

Nenhum estudo de anatomia comparativa consegue explicar como o olho evolui e por que chega a ser tão altamente desenvolvido e organizado, mesmo nos grupos dos vertebrados inferiores. A resposta é que a estrutura já estava presente no padrão arquetípico do homem, que, um bilhão de anos atrás, já irradiava e “semeava”, a partir dos níveis astral e etérico, as estruturas que a Natureza ia moldando.³

Em primeiro lugar, a parede do diencéfalo destaca uma região que se transformará no pedúnculo, formando um fosso. Mais tarde, assim como a glândula pineal, a parede invagina e forma uma vesícula óptica (Figura p. 81 superior). Em seguida, a vesícula torna-se abaulada na parte externa, formando a taça óptica (Figura p. 81 central). A taça tem duas camadas: uma, formada pela vesícula; a outra, criada pelo abaulamento. Esta taça óptica forma a retina com suas camadas de tecido cerebral. Nas Raças-Raiz primitivas, em cada taça desenvolvia-se um chakra etérico com duas funções. Primeiro, atraía para o seu vórtice os tecidos etéricos e mais tarde os físicos (ou a lente placóide do ectoderma), e estes se diferenciavam no cristalino e na córnea. Por uma efusão do pólo oposto do chakra, o nervo óptico foi moldado da mesma maneira e orientado para o eixo superior do Chakra Óptico, localizado no encéfalo.

Esta descrição é apenas um esboço geral do que ocorre na mais complexa das criações embriológicas. As chances de que este processo inteiro seja realizado por uma sucessão fortuita de mutações ou por seleção natural são ínfimas. A única alternativa é a ação de um padrão arquetípico, subjacente, orientador, funcionando como matriz em uma substância mais sutil.

Hoje em dia, muitos cientistas, antropólogos e estudiosos da evolução duvidam seriamente que as mutações surgidas por acaso e pela seleção natural possam explicar a evolução.

A proposição esotérica, bem mais sustentável, é que uma matriz mental subjacente sempre age através da matéria etérica e é responsável pelo principal impulso evolutivo; que a aquisição das características pela espécie é um fato e que a seleção natural é mais um resultado do que uma causa.

É certo que qualquer grande avanço na percepção humana ocorrerá paralelamente a uma mudança na percepção visual, ou será prenunciado por ela. Já observamos que foi assim com as Raças-Raiz primitivas, nas quais a atrofia da glândula pineal aconteceu paralelamente à evolução dos dois olhos externos. E enquanto o homem mais uma vez retoma seu caminho de volta à mônada, agora no arco ascendente, com a glândula pineal assumindo uma importância crescente na sua anatomia, os olhos verão menos coisas materiais e mais o mundo etérico. Que mudanças anatômicas aparecerão neste retorno à visão etérica?

3. *Anthropogeny*, vol. VI de S.P.A.W. (Os Sete Pilares da Sabedoria Antiga), seção I.

Uma coisa é certa. As mudanças anatômicas, por um lado, irão reverter o processo embriológico mostrado aqui. Por outro lado, caso haja novas qualidades a serem acrescentadas, as mudanças se ocuparão do desenvolvimento posterior de novas estruturas como o prosencéfalo. Portanto, é menos provável que o homem vá ver mais claramente o mundo EXTERNO.

Sem dúvida, o homem se irá ajustando a esta crescente limitação no decorrer de longos períodos, criando aparelhos que serão óculos aperfeiçoados. Entretanto, nas últimas Raças-Raiz deste ciclo ele estará mais do que satisfeito com o equipamento visual, que por esta época se terá desenvolvido para perceber os mundos INTERIORES.

Entendemos agora por que haverá no futuro um aumento gradual de distúrbios oculares e novas doenças do olho. Em parte serão o resultado destes fatores e em parte de uma concentração maior de energias na região da cabeça. Os discípulos bem avançados no Caminho são notórios por seus olhos defeituosos. O Mestre K. H., na sua última vida, como São Francisco de Assis, sofria continuamente de infecções oculares.

Especulou-se que modificações na retina sensível à luz dariam a visão etérica. Na verdade, as modificações acontecerão principalmente no córtex visual, a área superficial do encéfalo destinada a interpretar os impulsos elétricos vindos da retina através do nervo óptico. Quem será o primeiro a manifestar as mudanças no córtex que conduzem à visão etérica? Será a visão etérica produzida pela exposição prolongada aos raios solares ou pelo emprego de pranayama, ou ainda pelos dois fatores juntos? Que o olho humano é sensível à presença ou ausência de oxigênio todos nós sabemos. A redução do suprimento de oxigênio aos vasos sanguíneos esclerosados pelo envelhecimento é uma característica da velhice pela qual todos terão de passar. Mas também o excesso de oxigênio pode ser deletério para os olhos:

“Os bebês prematuros ou recém-nascidos que recebem terapia de oxigênio por causa de problemas respiratórios devem ser cuidadosamente acompanhados. Se receberam uma concentração de oxigênio muito alta existirá o perigo de se formar um tecido fibroso atrás do cristalino, levando, nos casos graves, à cegueira.”⁴

É de conhecimento geral que a retirada do cristalino aumenta a capacidade de ver as partes ultravioleta do espectro e de perceber “frequências mais elevadas” de luz, uma região onde a aura etérica do homem se expressa.

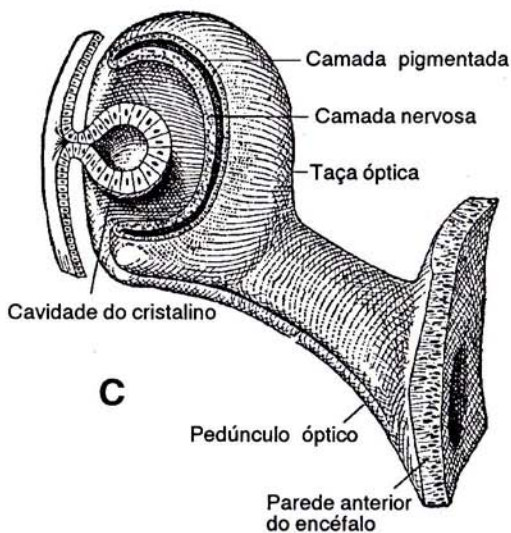
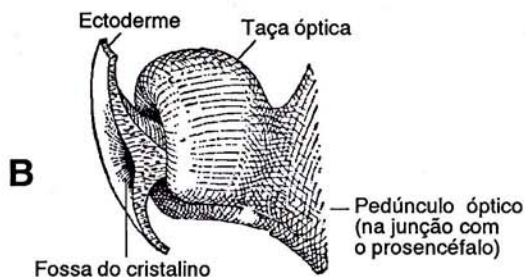
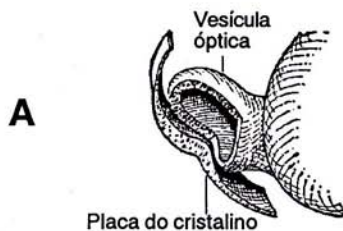
Qualquer um que conheça a importância da cor na percepção extra-sensorial sem dúvida admitirá que as células cones da região da mácula seriam as primeiras a se adaptar à visão etérica, antes de qualquer outra estrutura.

No entanto, as mudanças ocorrerão primeiro no córtex visual. Mais tarde, o maior acúmulo de experiências visuais obtidas no córtex, mais propriamente do que os estímulos do mundo externo, provocará as alterações nas outras partes anatômicas do olho.

As características da visão etérica já estão presentes na raça. Poucos, muito poucos já possuem esta capacidade. A maioria dos clarividentes naturais não tem consciência de seu dom.⁵

4. *Scientific American*, setembro, 1975, p.57.

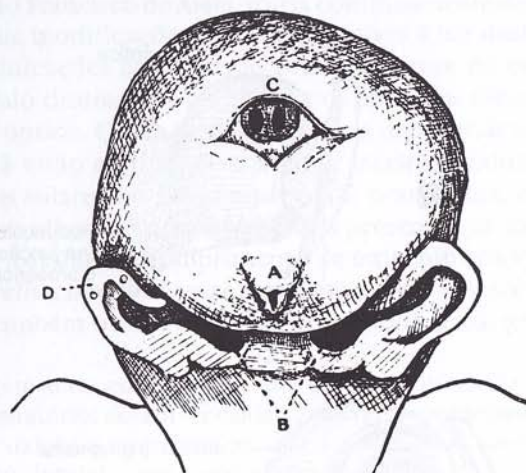
5. *Breakthrough to Creativity*, S. Karagula.



DESENVOLVIMENTO PRIMITIVO DO OLHO
vista lateral (segundo Mann)

Pela ação do Primeiro Raio, dirigido pelo ashram do Manu da nossa Raça, os portadores desta característica genética serão reunidos e isolados para assegurar o crescente domínio desta característica. Geração após geração, a raça inteira será abençoada com este atributo. A visão etérica, com a capacidade de ver a aura humana, de observar o trabalho dos espíritos da Natureza e de diagnosticar as causas das doenças, já será uma característica da humanidade quando a Sexta Raça-Raiz começar a usar plenamente o planeta.

Não se deve supor que as “anormalidades” no desenvolvimento do olho resultem apenas de defeitos no intrincado processo do desenvolvimento embrionário descrito acima. Muitas resultam de fatores genéticos. Em raras ocasiões, estruturas genéticas sobreviventes das mais primitivas raças lemurianas são combinadas e temos então uma tentativa de reproduzir no homem uma qualidade que era a característica principal das sub-raças primitivas.

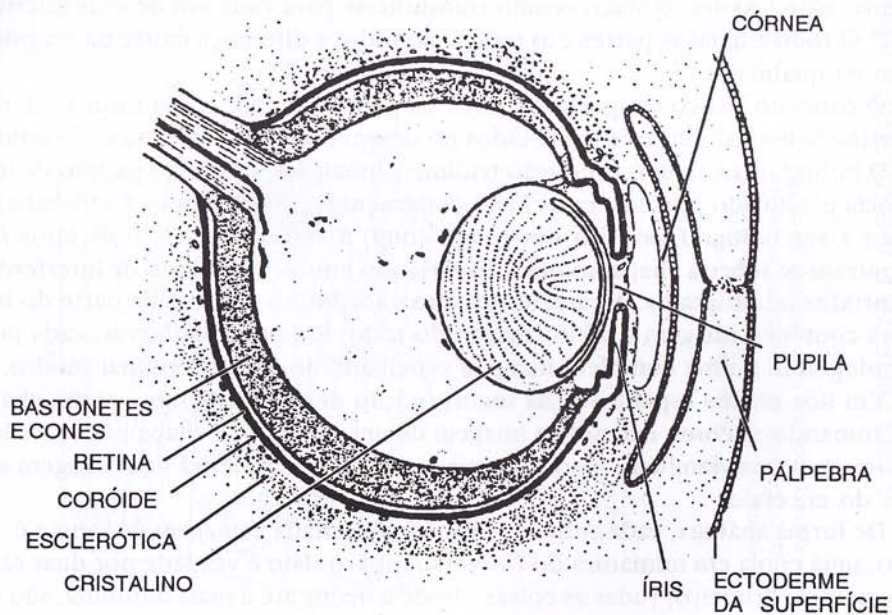
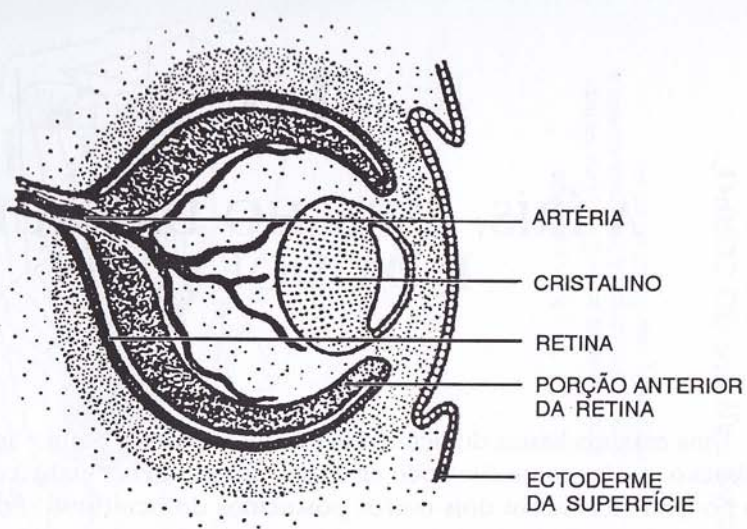


Cabeça de um feto mostrando ciclopia e agnathia combinados. A, boca proeminente reduzida; B, meatos auditivos externos; C, olho ciclopico com duas pupilas; D, ouvido direito com duas fistulas. (de “Keith”, Brit.med.J., 1909).

Um desses “retrocessos” é a ciclopia. Na ciclopia, um único olho no meio substitui o par de olhos normal. Frequentemente, o probóscide (não chega a ser um nariz) localiza-se acima do olho, na base da fronte. Uma falha na materialização do maxilar inferior (agnathus) frequentemente acompanha a ciclopia. *Agnathus* tem implicações esotéricas, pois o maxilar superior é de origem “divina” e é um osso formado na membrana, enquanto o maxilar inferior desenvolve-se na cartilagem e é um reminiscente animalesco da origem do homem-animal.

A ciclopia foi frequentemente associada aos gigantes que andavam por algumas partes da Lemúria em milênios passados.

O “um-olho” geralmente refere-se à última das sub-raças lemurianas que tinham o órgão da visão interior ainda funcionando, antes de a glândula pineal ter sido substituída pelos olhos externos. Havia, no entanto, gigantes possuidores de um único olho funcionando no meio da fronte, precursor da visão esteroscópica, mais complexa, que apareceu a seguir.



14

A ÍRIS, ESPELHO DA SAÚDE E DA DOENÇA

Uma máxima básica do ocultismo é **O que está em cima é igual ao que está embaixo**. Assim como é o Todo em cima, são as **Partes** embaixo. Este é o princípio no qual se baseiam dois outros postulados do ocultismo. Primeiro, que tudo é criado à imagem de Deus, isto é, “na imagem daquele em quem a criatura vive e se move e tem sua existência”. Em segundo lugar, que todas as coisas estão interligadas por um “continuum” (espaço-tempo contínuo), de modo que a menor das células não pulsa sem que os seus efeitos sejam sentidos no lugar mais remoto do sistema solar.¹ Assim, o Macrocosmo transmite-se para cada um de seus microcosmos. “O todo é igual às partes e as partes, ao todo; a diferença existe na magnitude e não na qualidade.”²

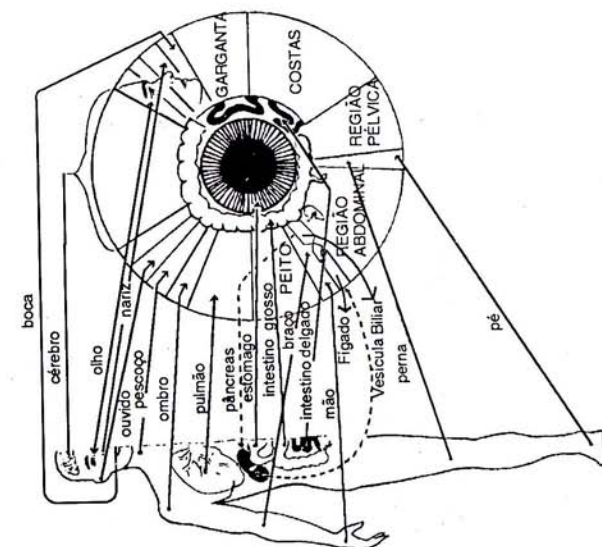
O conceito básico da igualdade entre as partes e o todo e sua íntima interligação estão belissimamente representados no desenvolvimento moderno do holograma. O holograma é uma reprodução tridimensional, resultante do padrão de interferência produzido por dois raios *laser* congruentes. Um dos raios é refletido pelo objeto a ser holografado, e o outro age como a referência. Os dois raios *laser* encontram-se sobre a chapa holográfica, criando juntos um padrão de interferência que produz o holograma. A característica extraordinária é que cada parte do holograma contém a imagem e a informação do todo. Em outras palavras, cada ponto do holograma é uma completa imagem espelhada do objeto original inteiro.

Um dos efeitos espantosos da incorporação de um holograma numa chapa é que, tomando-se como exemplo a imagem de um encéfalo, a chapa não só refletirá essa imagem, mas também, caso se partir, cada pedaço refletirá uma imagem completa do encéfalo.

De forma análoga, cada entidade individual é criada à imagem de Deus e é, portanto, uma cópia em miniatura do Universo inteiro. Isto é verdade por duas razões importantes. Primeiro, todas as coisas, desde a maior até a mais diminuta, são cria-

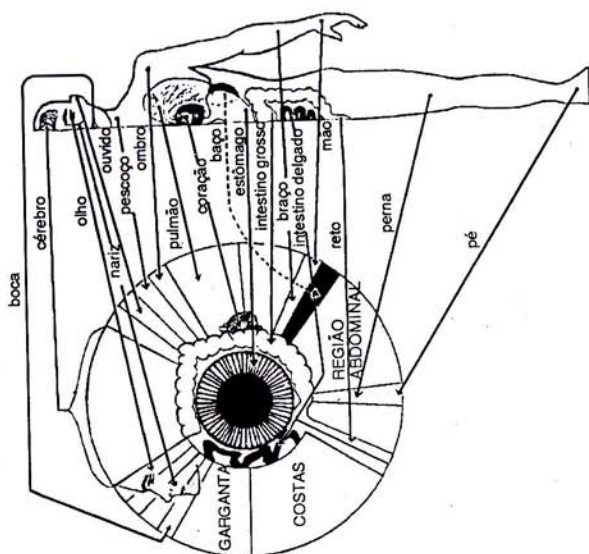
1. Ver Postulados Três e Quatro, seção I, de *The Jewel in the Lotus*, vol. I, S.P.A.W.

2. *Man, Grand Symbol of the Mysteries*, Manley P. Hall, Los Angeles.



"A" - A íris direita

Diagrama mostrando o esquema de como as áreas dos órgãos são localizadas no mapa, em correspondência com as áreas do corpo.



"B" - A íris esquerda

A íris esquerda contém a história do lado esquerdo do corpo. A íris direita contém a história do lado direito do corpo.

A ÍRIS DIREITA E A ESQUERDA RELACIONADA ÀS PARTES DO CORPO

Do livro: THE SCIENCE AND PRACTISE OF IRIDOLGY, Bernard Jensen D.C., N.D.

das à imagem da Realidade Absoluta Única. E, mais especificamente, cada entidade é criada à imagem “daquele em quem ela vive e se move e tem sua existência”. Assim, por exemplo, uma célula sangüínea é uma imagem espelhada do Universo inteiro. Mas ao mesmo tempo é uma imagem específica da entidade (humana) em quem ela existe. No ocultismo, todas as evoluções menores são imagens espelhadas do Homem. Portanto, o Um espelha a unidade absoluta dentro de todos os reinos da Natureza... “Tendo permeado o Universo com a Minha essência, eu permaneço”. E, ao mesmo tempo, cada microcosmo (a parte), tanto um planeta quanto um ser humano, age como um “macrocosmo menor” (o todo), espelhando seu arquétipo ou imagem mais específica nas miríades de vidas que existem abaixo dele.

Os processos de cura esotérica utilizam-se de um enfoque holístico para a saúde do homem. Cada uma de suas partes (se ao menos nós soubéssemos) reflete o estado do todo. Não podemos prová-lo sempre, mas em alguns casos chegamos bem perto de fazê-lo. Já se constatou, por exemplo, que as partes do corpo humano estão refletidas nas solas dos pés.³ Dentro dessa área, um sistema inteiramente novo de diagnóstico e tratamento, chamado de Terapia de Zona, está sendo praticado no Ocidente, e com grande eficiência.

De maneira semelhante, a ciência da Radiônica, fundada pelo Dr. Albert Abrams, M.D., de São Francisco, e retomada mais tarde por George de la Warr, na Inglaterra, demonstra que os atributos da saúde e da doença de uma pessoa refletem-se, por concordância simpática, em cada célula do seu sangue e, portanto, se um diagnosticador radiônico confiável analisar uma amostra de sangue que lhe tenha sido enviada pelo correio, poderá não somente fornecer um quadro radiônico da saúde do emitente, como também tratá-lo depois de detectados os pontos no sangue com um aparelho radiônico.

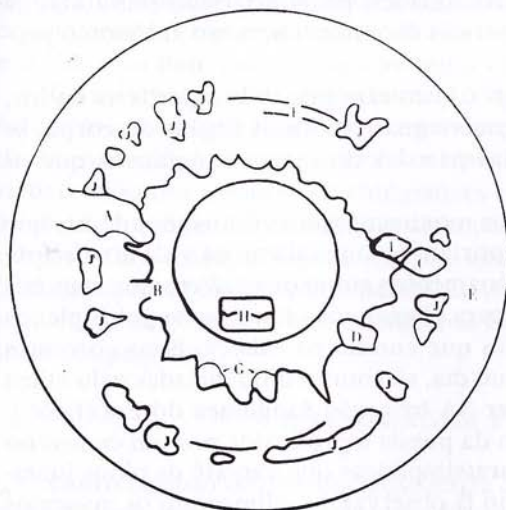
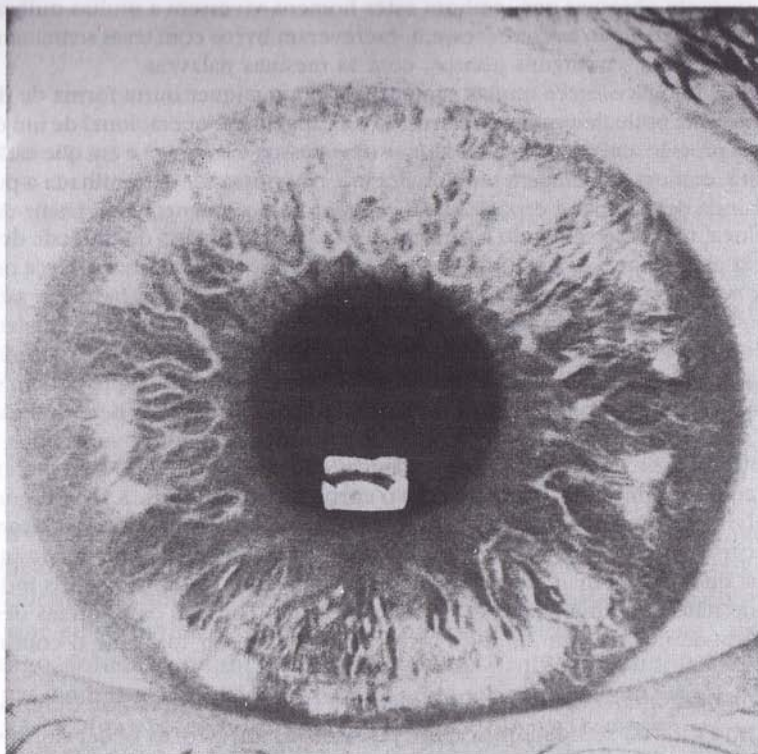
A acupuntura incorpora basicamente os mesmos princípios. As partes enfermas refletem-se em zonas que podem ser facilmente alcançadas pelas agulhas de acupuntura.

A íris reflete a saúde ou a doença de um indivíduo. Um diagnosticador especializado no campo, depois de um exame da íris, pode obter um quadro completo da condição física, mental e emocional de uma pessoa. Meu amigo e colega Dr. Bernard Jensen é uma autoridade mundial no assunto. Citarei um trecho da sua obra, um clássico no assunto:

“O Dr. Ignatz von Peczely, de Egervar, próximo a Budapeste, Hungria, descobriu no olho o registro da natureza, quase que acidentalmente, quando ainda era um garoto de dez anos. Brincando com uma coruja, aconteceu quebrar-lhe uma das pernas. Notou o surgimento de uma risca escura na região inferior da íris do pássaro e mais tarde descobriu que a área escurecida correspondia à perna quebrada. A risca preta foi-se reduzindo até um minúsculo ponto preto rodeado de linhas brancas e de um sombreado. Tal incidente marcou profundamente a mente do futuro médico, e mais tarde, quando trabalhava nas alas cirúrgicas do hospital universitário, teve boas oportunidades de observar os olhos dos pacientes acidentados antes e depois de operados. Desta maneira foi-lhe possível elaborar o primeiro mapa da íris.

“Havia também um homeopata sueco, Nils Liljequist, que descobriu e aperfeiçoou vários métodos de diagnóstico da íris e levou seu trabalho para os Estados Unidos.

3. *Esoteric Healing*, vol. III, S.P.A.W., p. 147.



Íris esquerda; azul normal. Densidade $3\frac{1}{2}$. Intensa congestão catarral:

Aumento glandular linfático (virilha e seio). Nervosismo.

Esta foto fornece uma boa ilustração do rosário linfático (zona 6).

- A. Lesão aberta, área da glândula tireóide
- B. Coroa do nervo autônomo.
- C. Lesão fechada, área dos brônquios.
- D. Bolsa na bexiga (a 3/4 do cólon descendente).
- E. Borda densamente descamada.
- F. Anéis de nervos.
- G. Sedimentação de enxofre.
- H. Reflexo de uma lâmpada.
- I. Enfraquecimento coronário.
- J. Rosário línfico.

de: *THE SCIENCE AND PRACTISE OF IRI-DOLOGY*, Bernard Jensen D.C., N.D.

É interessante observar que, embora estes homens vivessem a muitas milhas de distância um do outro e não se conhecessem, escreveram livros com teses semelhantes ao mesmo tempo e até, em alguns pontos, com as mesmas palavras.

“A iridologia oferece muitas vantagens sobre qualquer outra forma de diagnóstico: o iridologista pode determinar a estrutura e a capacidade operacional de um órgão, pode detectar pressão ambiental e distinguir se uma pessoa é anêmica e em que estágio de anemia está, embora a contagem sangüínea exata não possa ser determinada a partir da íris. Pode ainda determinar a capacidade regeneradora do sangue, não a partir da contagem sangüínea, mas determinando a capacidade de fazer circular a quantidade de sangue necessária para reparar os órgãos do corpo. Pode também determinar a força neural, o poder de reação curativa do tecido e a aptidão inerente de fazer circular o sangue. Isto é tão importante na restauração do tecido quanto a contagem sangüínea. Existem pacientes que, com uma boa contagem sangüínea, são muito doentes, enquanto outros, com uma contagem sangüínea baixa, se sentem bem. Sintomas de pressão, que podem ser de natureza mecânica, tais com prolapso ou ptose, também podem ser determinados.

“A íris do olho pode mostrar no corpo os estágios agudos, subagudos, crônicos e destrutivos, assim como alterações orgânicas e funcionais de todo tipo inerente, e a maneira como reagimos ao ambiente com o corpo que possuímos. A íris prognostica o desenvolvimento de enfermidades bem antes de se manifestarem os seus sintomas. Revela o mascaramento de uma doença por falha de tratamento, tal como a administração de drogas, que não é a maneira certa de corrigir qualquer disfunção. A íris indica quando o tecido não está sendo renovado e rejuvenescido. Quando os sintomas desaparecem, a maioria de nós diz que sarou, mas o corpo pode estar longe de o confirmar.”⁴

Há uma base anatomicamente válida para o sistema inteiro de diagnóstico através do exame da íris, se nos lembrarmos de nossas anteriores observações anatômicas de que a íris é basicamente um músculo com pigmentações. Sua enervação envolve o sistema nervoso autônomo, cuja parte parassimpática é responsável pelas fibras que contraem as pupilas e cujas extremidades, portanto, estão embutidas na íris. As ramificações exclusivamente simpáticas do sistema nervoso autônomo produzem a dilatação da pupila.

Longos tratos nervosos (ver Figura p. 61) entram por toda a periferia da íris, enquanto o sistema nervoso autônomo enerva quase todos os órgãos do corpo, se não diretamente, pelo menos através das paredes dos vasos sangüíneos que os oxigenam.

Um centro no hipotálamo controla os movimentos e as flutuações da íris que levam à dilatação. Já vimos o quanto é importante o hipotálamo na vida do discípulo e na maneira como conduz seus relacionamentos emocionais. Veremos mais tarde que a corrente do sistema simpático, para chegar aos olhos, passa pelos plexos nervosos conectados às principais artérias que entram na cabeça. Estas correntes simpáticas, como a ciência irá descobrir um dia, são muito influenciadas pelo clima psicoespiritual da corrente sangüínea (ver “A Irrigação Sangüínea do Encéfalo”).

De maneira semelhante, a constrição da pupila é produzida por um centro no hipotálamo, o qual age sobre as fibras parassimpáticas que vão até os olhos juntamente com os nervos oculares, que, como já observamos, alimentam os músculos que movimentam os olhos.

4. *The Science and Practice of Iridology*, Bernard Jensen, Escondido, Califórnia.

15

A VERDADE SOBRE O PARENTESCO ENTRE O HOMEM E O MACACO

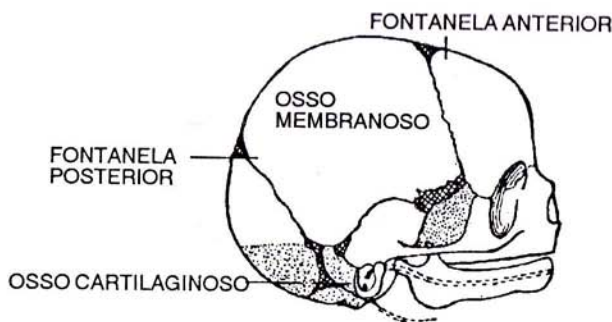
Com os métodos modernos de investigação tornando-se mais abrangentes e as atitudes menos compromissadas com o Darwinismo, acumulam-se evidências de que o comportamento dos antropóides superiores está muito mais distante do puramente animal do que se supunha. O chimpanzé consegue encaixar varas e, assim como o orangotango, solucionar conceitualmente alguns problemas simples. O chimpanzé retém uma lembrança por alguns dias ou semanas e usa ferramentas com eficiência, um critério antes reservado para separar os animais dos homens.

Os ensinamentos esotéricos sobre estes macacos superiores é bem claro. Os macacos derivam de um triste período na história primitiva do homem como entidade física. Nos tempos da Atlântida, um grupo de machos da Quarta Raça-Raiz cruzou com fêmeas de origem animal, ainda não individualizadas. Desta união entre o quarto e o Terceiro Reino resultaram os assim chamados macacos superiores.

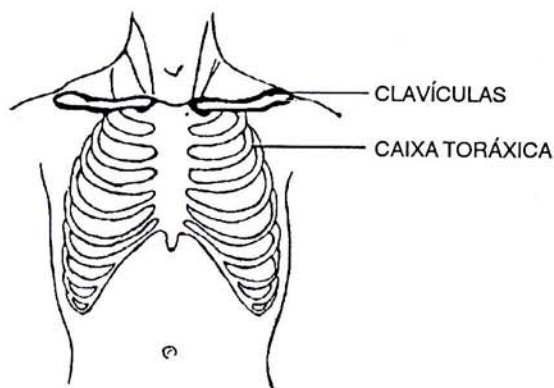
Como a porta para o reino humano, via materialização, fechou-se para eles, seu futuro foi e continua inevitável: degeneração, em alguns casos, e um beco sem saída na evolução, em outros. Embora insistamos com as nossas interessantes experiências visando a educar os chimpanzés e ensiná-los a falar, elas estão destinadas a falhar. O germe do pensamento abstrato, como o verdadeiro critério que separa o homem dos macacos superiores, prevalece. Na verdade, os chimpanzés e os orangotangos que sobrevivem às experiências do homem, seja em liberdade, seja em zoológicos, ou laboratórios, irão extinguir-se a despeito de nossos esforços em preservá-los e propagá-los.

A LINGUAGEM E OS MACACOS

Outro critério de diferenciação entre o homem e os animais é a capacidade da fala. O homem se considera distinto dos macacos antropóides principalmente pelo seu poder de fala articulada. Muitos alegam que os macacos antropóides utilizam-se de alguma espécie de linguagem. Ninguém jamais obteve sucesso ensinando um jovem chimpanzé a falar. O Dr. William H. Furness tentou diariamente, durante seis



CRÂNIO DE FETO HUMANO



OSSOS FORMADOS NA MEMBRANA

meses, e finalmente conseguiu ensinar um jovem orangotango a dizer “papai” e a reconhecê-lo como o nome do seu professor. O Dr. Furness conclui que a linguagem do orangotango, caso exista, está limitada a poucos sons que expressam emoções.

Outros acreditam que os macacos não têm a tendência de imitar sons, e supõem que eles possam ter idéias, mas nenhuma capacidade de expressá-las. A doutrina esotérica discorda disso. O macaco não pode ter idéias, com exceção daquelas relacionadas com alguns aspectos de suas necessidades. O pensamento abstrato só pode ser suscitado nos animais aplicando-se a força venusiana do Manas Superior ao córtex de seu encéfalo; não através de um grau qualquer de crescimento ou desenvolvimento do córtex, embora isto possa ser um pré-requisito.

Diz-se com propriedade que todos os macacos antropóides possuem o equipamento vocal e muscular para articular uma linguagem. Todavia, carecem de inteligência para usá-lo, a não ser para expressar a emoção. De onde derivaram estes órgãos para a fala articulada? Certamente não da adaptação ou seleção natural, pois somente um tolo presumiria que eles tenham falado um dia. Os órgãos da fala derivam de uma conexão humana primitiva, mesmo que apenas por miscigenação com animais. O homem já era capaz de falar quando ocorreu a miscigenação.

Os esforços em articular modificaram muito os crânios dos homens primitivos. Aqui, estamos escrevendo sobre um período que antecede em vários milhões de anos o advento dos antropóides superiores. O crânio humano, como o conhecemos hoje, teve uma origem dupla. Atualmente, ainda a abóbada craniana e as estruturas faciais, incluindo o maxilar superior, desenvolvem-se do osso formado na membrana, enquanto o maxilar inferior forma-se da cartilagem. A humanidade recebeu estas estruturas diretamente de sua evolução superior, materializando-as progressivamente de fora para dentro, do tecido astral para o etérico, do tecido etérico para as membranas e finalmente das membranas para o osso.

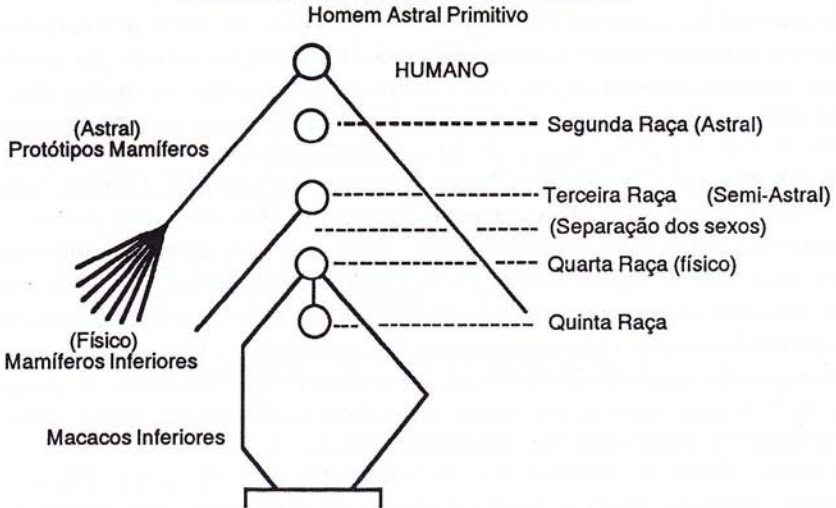
O tecido ósseo da mandíbula, o maxilar inferior do homem, diferentemente do maxilar superior, ainda se forma primeiro na cartilagem, não na membrana. É uma estrutura que mantivemos de preferência ao maxilar membranoso oferecido pelo homem no processo de materialização. Enquanto o crânio do último foi mantido e serviu ao útil propósito de permitir mudanças extensas nos conteúdos cranianos e na moldagem do encéfalo, o crânio do primeiro ofereceu suportes mais seguros para os músculos da fala articulada, incluindo a língua, e a oportunidade para o som se diversificar nos seus tubérculos, protuberâncias, placas, fossas, saliências, artigos e sínfises.

O homem escolheu o melhor dos dois mundos; o crânio e o maxilar superior, ligando-o às suas origens universais, estavam vinculados ao maxilar inferior, mais pragmático, que reflete suas conexões terrenas. Com a alteração do formato do encéfalo, de par com a capacidade oferecida pelo primeiro e os mecanismos do último, ele moldou suas magníficas capacidades da fala. As mudanças nestas estruturas, ocorridas durante o desenvolvimento da fala, deram-lhe sua característica fisionomia humana. O rebento bastardo, o macaco superior, dispunha também destas mudanças, mas não do crescimento do encéfalo, já que a individualização lhe era negada, tornando impossível o pensamento abstrato.

Com o advento da Sexta Raça-Raiz, a extinção do macaco superior será completa, mas a razão disso nada tem que ver com a sua falta de habilidade para sobreviver. Durante o estabelecimento da Sexta Raça-Raiz, daqui a um milhão de anos ou mais, a porta do reino animal para o reino humano será reaberta, e as mônadas que possuam experiência das almas que usam e compartilham as formas antropóides superiores terão uma oportunidade de encarnar em formas humanas primitivas. Por isso, deixarão de usar tipos antropóides, que se extinguirão, pois esta é a lei. A Figura 3, "A Linhagem dos Macacos", de *The Secret Doctrine*, volume II, página 727, ilustra-o graficamente.

Blavatsky citou as observações do grande antropólogo de Quatrefages, de que os macacos é que podem reivindicar descender do homem e não o contrário:

A LINHAGEM DOS MACACOS



“A caixa craniana humana e o encéfalo, assim como as cavidades, aumentam de tamanho com o desenvolvimento individual do homem. Com a idade, seu intelecto desenvolve-se e cresce, enquanto seus ossos faciais e os maxilares diminuem e se retificam, tornando-se mais e mais espiritualizados; com o macaco dá-se o contrário. O antropóide jovem é bem mais inteligente e de boa índole, e com o passar da idade vai-se tornando menos inteligente. Enquanto seu crânio retrocede e parece diminuir, seus ossos faciais e seu maxilar desenvolvem-se, o encéfalo finalmente é esmagado e projetado inteiramente para trás, a cada dia cedendo mais espaço para o tipo animal. O órgão do pensamento — o encéfalo — retrocede e diminui, inteiramente conquistado e substituído pelo do animal selvagem — o aparelho maxilar.”

16

A FACE HUMANA E A FISIOGNOMONIA

Uma explicação abrangente e detalhada da origem da fala e da linguagem e seus efeitos sobre o desenvolvimento das caixas de ressonância, como os seios nasais, sobre os músculos da face, sobre a laringe e mesmo sobre a própria glândula tireóide, deve aguardar publicação posterior em um ou outro volume da série Os Sete Pilares da Sabedoria Antiga.

Estamos interessados aqui em mostrar que, do mesmo modo que para o olho, a antropologia ortodoxa não dispõe de uma explicação adequada para a evolução de um número tão vasto e tão intimamente relacionado de músculos faciais que dão ao homem sua fisionomia única. Não precisamos estender-nos descrevendo a expressão vazia da face de um adulto inculto e o olhar inteligente de outro que dedicou anos a pacientes estudos. Existem diferenças de expressão que não podem ser explicadas sempre pelos fatores ambientais. A face de cada homem é uma forma existencial única, variando a expressão de um momento a outro, voluntariamente ou não, segundo inúmeras condições. Ninguém diria que estruturas tão delicadas como os músculos da expressão facial poderiam ter evoluído de uma face semelhante ao macaco ou ao gorila, no período de tempo implícito nos conceitos Darwinianos da origem das espécies.

A face do homem é divina e incorpora características que o vinculam às Raças-Raiz que nem mesmo chegaram a se materializar, à evolução *deva*, a homens que se individualizaram na Terra há 18 milhões de anos e aos Sete Raios, os Senhores da Qualidade que permeiam e fazem evoluir todas as formas.

“Lê na forma da sua bela face o prazer,
Escrito ali com a pena da beleza;
Examina um por um os vários contornos,
E o que de obscuro existe nesta bela forma,
Encontra escrito na orla dos seus olhos.”

SHAKESPEARE

Por mais que tentemos, não conseguiremos obter um sorriso de nossos animais de estimação ou mesmo de um chimpanzé, mas o conseguiremos facilmente de um bebê de poucos meses de idade. O sorriso é algo que se reflete dos planos do buddhi, uma qualidade que só pode chegar à manifestação física numa raça que tenha ligação com o plano búdico, ligação que nenhum animal tem.

A obra clássica sobre fisiognomonia é da autoria de um médico, Joseph Simms.¹ Ele faz uma lista de centenas de características humanas, estabelecendo uma ligação com os elementos de expressão facial, o formato e tamanho da face e a disposição de sua várias partes, por exemplo:

ambiciosidade	discriminatividade
associatividade	pureza
fisioelpidicidade	espementalidade
morivalorosidade	literatividade
elevatividade	intuitividade
olfatividade	sublimitosidade
auto-hegemonia	ordinimentalidade
fisiovalorosidade	pré-ciência
intermutatividade	imaginatividade
voluntatividade	fisio-harmonitividade
cromaticalidade	dedutividade
filonepionalidade	decisividade
lingüitividade	persistenacidade
curatividade	caracterioscopicidade
sagacitividade	originatividade
esteticidade	mensuratividade

Como o riso para nós é uma expressão exclusiva dos músculos faciais do homem, observemos o que o eminente Dr. Simms tinha a dizer sobre este aspecto da fisiognomonia:

"A EXPRESSÃO DO RISO

'Nada é mais significante sobre o caráter dos homens que o que eles acham risível.'

GOETHE

"O riso, como o choro, é um sinal de emoção exclusivo da espécie humana.

"Os antigos provérbios, 'Ri e conserta' e 'Entristece e morre' trazem um princípio psicológico verdadeiro, pois poucas coisas são mais danosas ao corpo do que a tristeza, ou mais saudáveis do que o riso.

"Um riso prolongado e aberto tende a fomentar as secreções e abrir os poros. Estimula todo o sistema glandular, promove a transpiração e aumenta os movimentos peristálticos dos intestinos. Assim, aqueles que se dão a freqüentes risadas são raramente perturbados por constipação ou indigestão.

"Há pessoas que por algum falso conceito de civilidade nunca se permitem rir. No entanto o Conde D'Orsay, sem dúvida uma autoridade em assuntos de bom gosto, afirmou: 'Rir **bem** é sinal de um cavalheiro culto'. Mesmo sem o seu testemunho ou de qual-

1. *Physiognomy Illustrated*, Joseph Simms, M. D., 1889.

ACUMULATIVIDADE - O DESEJO DE POSSE A TENDÊNCIA INTUITIVA OU DISPOSIÇÃO PARA OBTER

Sempre que a face for larga no centro e comprida, com um nariz proeminente, o indivíduo terá a capacidade de acumular, se bem usada.



Acumulatividade Grande
Commodore Vanderbilt.



Acumulatividade Pequena
um esbanjador.



Disposição Alegre Grande
Thos. C. Haliburton, "Sam Slick."
Escritor humorista de Nova Scotia.



Disposição Alegre Pequena
Carlos I, que nunca
riu depois de se tornar rei.

quer outro homem de alta classe social poderíamos ficar sossegados: o riso não pode ser intrinsecamente sinal de pouca educação, já que tem a marca de nascença da natureza e, além disso, tem a seu favor o fato de contribuir para a boa saúde. Se um cavalheiro nunca ri só porque um palhaço ri grosseiramente com algumas piadas vulgares, então ele nunca deveria mais comer, já que sempre há os vulgares que se dão à glotonice. Quem é que, tendo ouvido o riso alegre e sonoro da infância, ou o doce e transbordante contentamento que ondula na garganta de uma mulher educada, poderia desejar que este sinal de divertimento fosse relegado à cozinha ou ao jardim de infância?

“Se as pessoas riem de maneira rude e desagradável é porque são rudes e desagradáveis. Todavia, com o aperfeiçoamento de suas mentes e seus modos, seu senso de humor se tornará mais refinado e seu riso, assim como sua voz, expressão e gestos, assumirão uma doçura e nobreza antes desconhecidas.”

O diagnóstico de doença física pela observação da face ainda é usado pelos médicos sábios e experientes. Diversas doenças espirituais (especialmente aquela que toma a forma de tendência ao materialismo) podem ser diagnosticadas também pela observação das características faciais e o antídoto pode ser receitado em termos das qualidades opostas:

O RETRATO DE MOISÉS²

O mundo inteiro estava assombrado pelo milagre do Êxodo. O nome de Moisés estava na boca de todos. Notícias do grande feito alcançaram também o sábio rei de Arabistan. O rei convocou seu melhor pintor e ordenou-lhe que fosse ter com Moisés, pintasse seu retrato, e lho trouxesse. Quando o pintor retornou, o rei reuniu todos os seus sábios, versados na ciência da fisiognomonia, pedindo-lhes que definissem, pelo retrato, o caráter de Moisés, suas qualidades, tendências e hábitos, bem como a fonte de seu poder milagroso.

“Rei,” responderam os sábios, “este é o retrato de um homem cruel, arrogante, ambicioso da matéria, possuído por um desejo de poder e por todos os vícios que existem no mundo.”

O rei ficou indignado com estas palavras.

“Como é possível,” exclamou, “que um homem cujos feitos maravilhosos ressoam pelo mundo inteiro seja um tipo assim?”

O pintor e os sábios começaram a discutir. O pintor afirmava que tinha feito o retrato de Moisés com precisão, enquanto os sábios afirmavam que pelo exame do retrato haviam traçado o caráter de Moisés sem possibilidade de erro.

O sábio rei de Arabistan decidiu verificar qual das partes em discussão estava certa, e partiu ele mesmo para o acampamento de Israel.

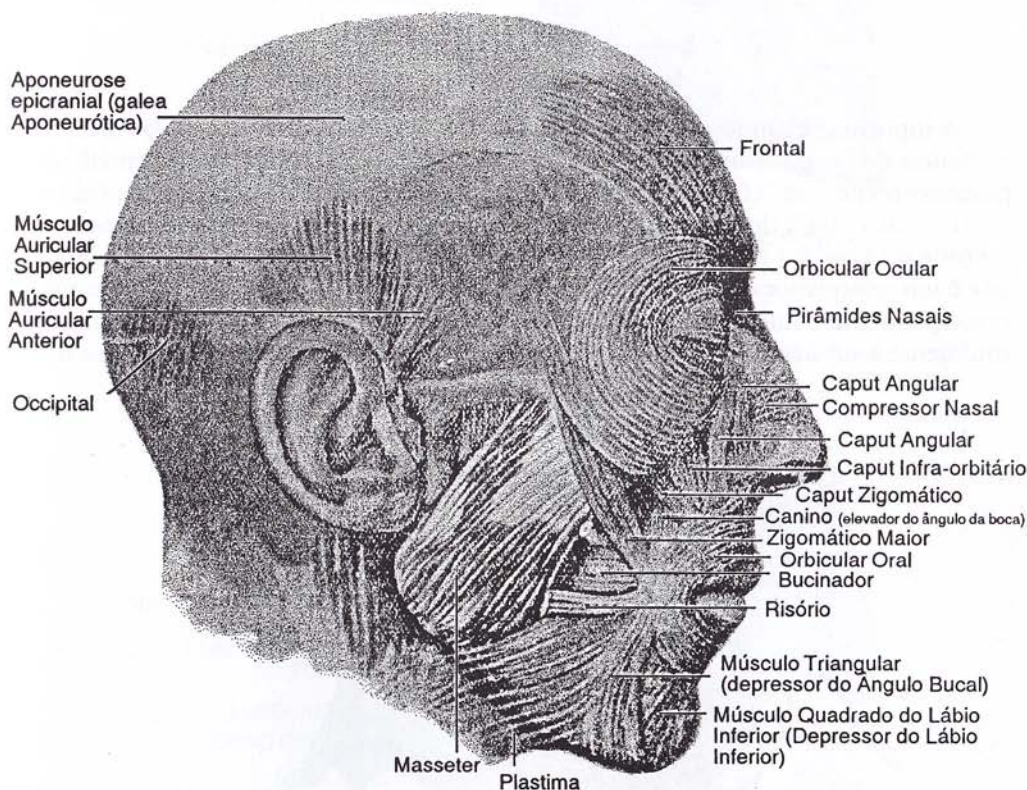
Ao primeiro olhar, o rei convenceu-se de que a face de Moisés tinha sido retratada fielmente pelo pintor. Entrando na tenda do homem de Deus, ajoelhou-se, curvou-se até o chão e relatou a Moisés a discussão havida entre o artista e os sábios.

“Antes de ver a tua face,” disse o rei, “pensei que o artista tinha pintado mal a tua imagem, pois meus sábios são homens muito experientes na ciência da fisiog-

2. AGADA, lendas, parábolas e ditos do Talmud e os midrash, em quatro partes. Compilado de fontes originais por I. H. Ravnitsky e H. N. Bialik. Publicado por S. D. Saltsman, Berlim.

nomonia. Agora estou convencido de que eles são homens inúteis e que a sua sabedoria é vã e inútil.”

“Não,” respondeu Moisés, “não é assim; tanto o pintor quanto os fisiognomistas são homens de grande capacidade e estão igualmente certos. Não esqueças que todos os vícios dos quais os sábios falaram foram de fato atribuídos a mim pela natureza e talvez num grau maior que o visto pelos sábios no meu retrato. Eu, porém, lutei intensamente com os meus vícios, usando de toda a força de vontade, e gradualmente os venci e eliminei de dentro de mim, até que **todas as qualidades opostas se tornassem a minha segunda natureza.**³ E nisto reside o meu maior orgulho.”



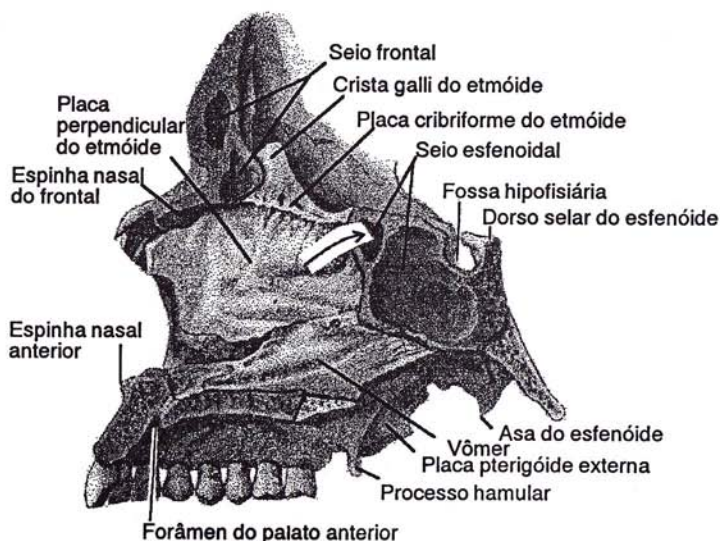
OS MÚSCULOS DA FACE E DA REGIÃO DO COURO CABELUDO (Os Músculos da Expressão)

3. Minha ênfase, para ilustrar o “cultivo dos opostos”. D. M. B.

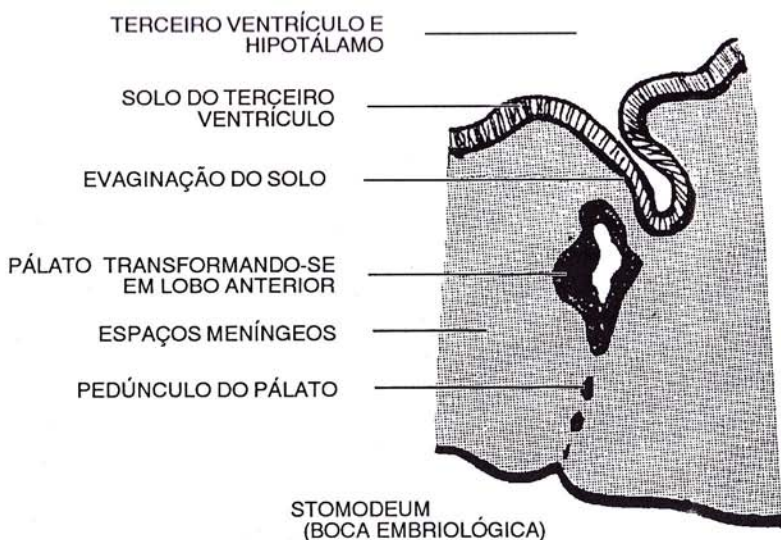
17

A GLÂNDULA HIPÓFISE

A hipófise, segundo o significado esotérico, é uma das sete glândulas mais importantes do corpo. É um órgão pequeno, muito vascularizado, cinza-avermelhado, pesando menos de 0,65 grama. Está bem protegida e fora de alcance, alojada na "sela túrcica" (sela de turco, literalmente) e quase totalmente cercada pelo osso esfenóide da base do crânio. Fica na fossa da hipófise, próximo ao seio esfenoidal, que é um ressonador oco inteiramente rodeado pelo osso, o qual vibra com o som, principalmente com sons específicos. O canto, a prece e a evocação fazem mover sutilmente a substância da hipófise, estimulando as secreções de seus humores e hor-

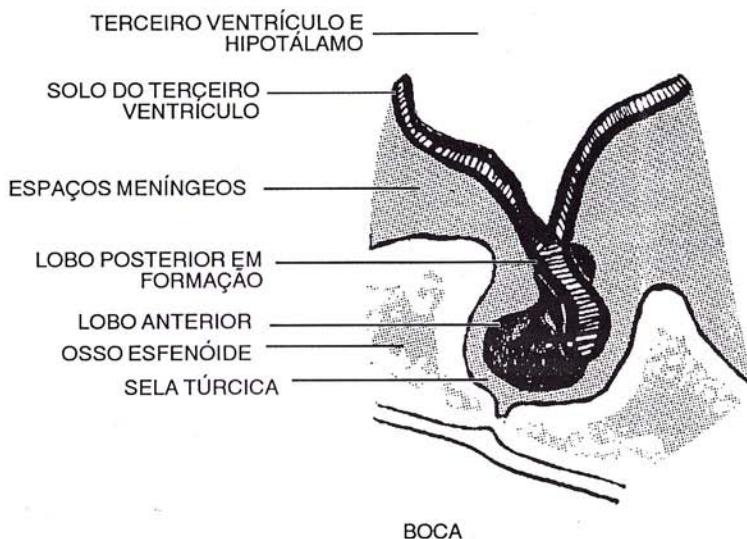


O palato do osso etimóide fica sob o septo nasal que alcança o palato cribriforme, através do qual passam fibras nervosas do olfato (1º nervo craniano), e a abertura da fossa esfenóide. Vê-se a fossa hipofisiária intimamente relacionada a este último.



DESENVOLVIMENTO DA HIPÓFISE

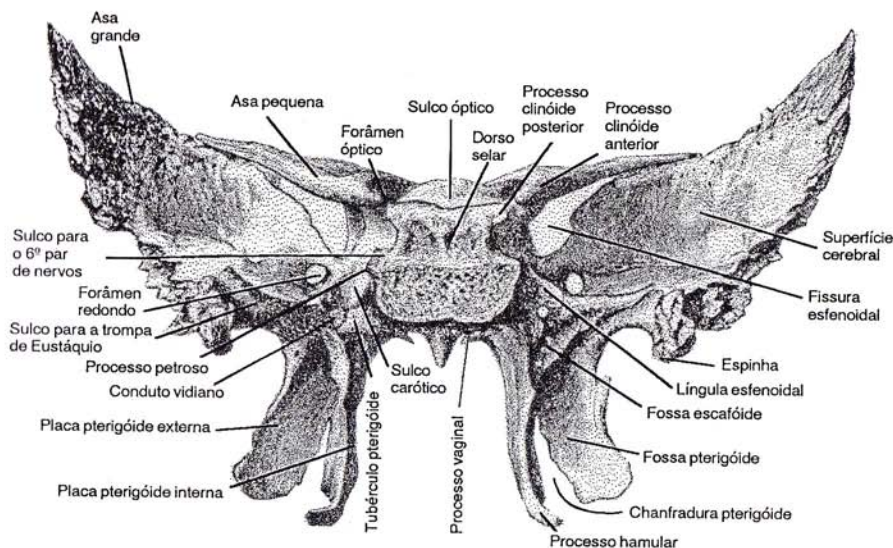
(embrião de 60 dias de vida)



DESENVOLVIMENTO DA HIPÓFISE

(embrião de 90 dias de vida)

mônios vitais. Existe uma abertura do seio esfenóide para o meato superior do nariz, que é absolutamente vital desobstruir antes da meditação. Isto pode ser feito com o uso do incenso, caso não haja rinite. Os diversos exercícios respiratórios da yoga, que dilatam as narinas por meio de inspirações curtas e rápidas, levam o ar para as partes superiores do nariz e para o seio esfenóide. Com a inspiração, a excitação elétrica da mucosa nasal chega ao seio esfenóide e à região da hipófise.



O OSSO ESFENÓIDE VISTO DE TRÁS

Antigamente, era freqüente o osso esfenóide destacar-se do crânio e sua semelhança com um pássaro de asas abertas, pronto para alçar voo, ajudou a estabelecer o símbolo para uma consciência superior na forma de um cavaleiro, geralmente muito jovem, sentado entre as asas abertas de um grande pássaro. A hipófise, como concreção de um Ajna ou Chakra Frontal, é o cavaleiro.

O DESENVOLVIMENTO EMBRIONÁRIO

Tudo neste órgão parece ser dual. No entanto, tal dualidade não se manifesta em uma simetria bilateral, como a dos braços e pernas. Sua estrutura é mediana. Tem uma origem dual, um suprimento dual de sangue e de nervos, e, como já observamos, está relacionado ao crescimento da consciência dual.

O lobo posterior da hipófise deriva do solo do diencéfalo. No septuagésimo dia acontece uma invaginação distinta da parede do encéfalo, que desce mais para se encontrar com uma protuberância do céu da boca, o lobo anterior da hipófise. Desde por volta do nonagésimo dia estes dois lobos justapõem-se, preenchendo a sela túrcica que está formando-se rapidamente.

A hipófise desempenhou muitos papéis estranhos na origem e no desenvolvimento da humanidade. E o pleomorfismo certamente não foi o menor deles.

18

O PLEOMORFISMO NO HOMEM

O estágio mais dramático do pleomorfismo¹ do homem foi certamente o do gigantismo, em face do que seria um relativo nanismo.

Os gigantes são associados a épocas históricas e sobre eles há registros na Bíblia, na mitologia da Grécia, e nas escrituras islâmicas e hindus.

São associados também à Quarta Raça-Raiz, a Raça Atlante, no seu ponto de maior concreção, que coincidiu com o maior ponto de concreção do esquema planetário inteiro, quando a Terra estava no seu Quarto Ciclo, na posição do Quarto Globo da Quarta Corrente.

Os verdadeiros gigantes da Atlântida eram belos e fortes, mas a miscigenação de alguns indivíduos atlantes com fêmeas animais gerou híbridos de uma forma descomunal, só comparável ao seu grau de monstruosidade.

Os gigantes, pois, têm sido classificados em bons e maus. Os altamente espiritualizados, que se tornaram líderes da humanidade, deram exemplos de virtude, figurando entre os heróis da antiguidade e alguns dos deuses mitológicos.

Certa vez houve de fato um confronto entre os gigantes neste sistema solar, quando os seus grandes adeptos, os iniciados que governavam o planeta, lutaram contra os atlantes degenerados, de estatura igualmente grande mas de reduzida percepção espiritual.

“Os titãs ou gigantes eram os mais fortes; seus adversários, os mais sábios. Isto aconteceu durante a Quarta Raça — a dos gigantes. Pois de fato ‘**existiram** gigantes’ em tempos remotos. As séries evolucionárias do mundo animal são uma garantia de que o mesmo aconteceu com as raças humanas. Mais abaixo na escala da criação encontramos vestígios na flora e na fauna de exemplares da mesma proporção de tamanho. As lindas samambaias que colecionamos e secamos entre as páginas dos nossos livros favoritos são as descendentes das samambaias gigantes que cresciam durante o período carbonífero. As Escrituras e fragmentos de obras filosóficas e científicas — em suma, quase todos os registros que chegaram até nós desde a antiguidade — contêm referências aos gigantes.”²

1. Capacidade de existir em várias formas; a existência de vários tipos dentro do mesmo grupo.

2. *The Secret Doctrine*, H. P. Blavatsky, vol. II, p. 797.

Diz-se que havia gigantes na Inglaterra até a época do rei Artur:

“... se nos voltamos para o Novo Mundo, nas encostas orientais dos Andes e no Equador, encontramos tradições sobre uma raça de gigantes de Tarija, que combatiam deuses e homens. Estas antigas crenças, que explicam o nome de ‘Los Campos de los Gigantes’ dado a certos lugares, coincidem sempre com a existência de mamíferos pliocênicos e a ocorrência de praias formadas durante o Plioceno. ‘Os gigantes não estão todos sob o monte Ossa’, e seria fraca a Antropologia que restringisse a tradição dos gigantes às mitologias grega e bíblica. Os países eslovenos, principalmente a Rússia, abundam em lendas sobre os bogatirs (poderosos gigantes) de antigamente; e o folclore esloveno, a maior parte do qual serviu de base para as histórias nacionais, as canções mais antigas e as tradições mais arcaicas, fala dos gigantes de antigamente. Portanto, podemos rejeitar com segurança a teoria moderna que quereria fazer dos titãs meros símbolos representativos de forças cósmicas. Eles eram homens vivos, reais, seja de seis metros de altura, seja de apenas três e meio. Mesmo os heróis de Homero, que, é claro, pertenciam a um período bem mais recente na história das raças, parecem ter forjado armas de tamanho e peso além da capacidade dos homens mais fortes dos tempos modernos.

‘Nem vinte homens podiam erguer o volume imenso,

Homens como os que vivem nestes dias degenerados.’

“Se as pegadas fósseis em Carson, Nevada, E.U.A., são humanas, indicam homens gigantes, e não resta dúvida sobre a sua autenticidade. É deplorável que a prova moderna e científica sobre homens gigantes deva repousar somente em pegadas. Várias vezes seguidas, os esqueletos de gigantes hipotéticos têm sido identificados com os de elefantes e mastodontes. Mas todos estes equívocos anteriores ao surgimento da Geologia, e mesmo os contos de viagem de Sir John Mandeville, que diz ter visto na Índia gigantes de dezessete metros de altura, apenas mostram que nunca, em ocasião alguma, a crença na existência de gigantes abandonou os pensamentos dos homens.

“O que se conhece e se aceita é que existiram várias raças de homens gigantes e que deixaram nítidos vestígios. O *Jornal do Instituto Antropológico* publicou um artigo demonstrando que uma raça deste tipo existiu em Palmira e possivelmente em Midian, exibindo formas cranianas bem diferentes das dos judeus. Não é improvável que uma outra raça existisse na Samaria, e que o povo misterioso que construiu os círculos de pedras na Galiléia lavrou as pedras neolíticas do vale do Jordão e preservou uma antiga língua semítica, bem diferente da letra quadrada hebraica, fosse de estatura muito grande. As traduções inglesas da Bíblia nunca são confiáveis, mesmo com suas revisões modernas. Elas nos falam dos nefilins, traduzindo a palavra por ‘gigantes’ e acrescentando que eram homens ‘peludos’, provavelmente os protótipos grandes e possantes dos sátiros, descritos tão eloquentemente pela imaginação patriota; alguns dos Patriarcas da Igreja garantiam aos seus admiradores e seguidores que eles mesmos haviam visto tais ‘sátiros’, alguns vivos, outros ‘em conserva’ e ‘preservados’. Como a palavra ‘gigante’ foi usada uma vez como sinônimo de nefilim, desde então os comentaristas os têm identificado com os filhos de Anak. Piratas que atacaram a Terra Prometida encontraram-na povoada por indivíduos muito mais altos que eles, e os chamaram de raça dos gigantes. Mas as raças de homens realmente gigantescos desapareceram séculos antes do nascimento de Moisés. Estes povos altos existiram em Canaã, e mesmo em Basã, e os nabateus, de Midian, podem ter sido seus representantes. Eram bem mais altos do que os pequenos judeus. Há quatro mil anos, a sua conformação craniana e sua altura elevada distinguiam-nos dos filhos de Heber. Quarenta mil anos atrás, seus ancestrais podem ter sido mais gigantescos ainda, e há quatrocentos mil anos eles devem ter sido,

em proporção aos homens de hoje, como os brobdingnaglanos para os liliputianos. Os atlantes do período médio eram chamados os 'grandes dragões', e o primeiro símbolo das suas divindades tribais, quando os 'deuses' e as dinastias divinas os abandonaram, era uma serpente gigante..."³

O interesse em gigantes esmaeceu com a sua ausência e com o advento dos pensadores "científicos"... "não os vemos em lugar nenhum"... "a evidência é boa-to"... "fisiologicamente eles não podem existir"... "eles não existem"... "eles nunca existiram"!

"... contam-nos que o homem mais alto conhecido na antiguidade era o imperador romano Máximo, de apenas 2,30 m. Contudo, nos dias de hoje, a cada ano vemos homens mais altos do que isso. O húngaro que se exibiu no Pavilhão de Londres tinha quase 2,70 m de altura. Um gigante nos Estados Unidos tinha 2,90 m de altura; o montenegrino Danilo tinha 2,60 m altura. Na Rússia e na Alemanha pode ver-se frequentemente homens das classes mais baixas com mais de 2,10 m de altura. Agora, como o Sr. Darwin diz aos teóricos dos macacos que as espécies de animais que resultam de cruzamentos entre espécies sempre traem 'uma tendência a reverter ao tipo original', eles deveriam aplicar a mesma lei aos homens. Não havendo no passado uma classe de gigantes, não haveria nenhum agora. Os gigantes de antigamente estão todos sepultados sob os oceanos, e centenas de milhares de anos de constante fricção pela água reduziriam a pó um bronze, quanto mais um esqueleto humano.

"Quanto à prova fornecida pelos escritores antigos, não nos devemos preocupar, mesmo com a de Tertuliano, que nos garante que na sua época encontraram em Cartago um certo número de gigantes. Pois antes de se aceitar o seu testemunho, teria de ser admitida sua própria identidade e até sua existência. (Críticos tendem a duvidar da existência de Tertuliano por não encontrar uma prova dela exceto nos escritos de Eusébio.) Todavia, podemos recorrer aos ensaios de 1858, que falam de um 'sarcófago de gigantes' encontrado naquele ano, naquela mesma cidade. Quanto aos antigos escritores pagãos, Filóstrato nos fala de um esqueleto gigante de vinte e dois côvados* de comprimento, e de outro de doze côvados, visto por ele no promontório de Sigaeum. Este esqueleto talvez não pertencesse ao gigante morto por Apolo durante a invasão de Tróia, como acredita Protésilas; contudo, era o esqueleto de um gigante, como também o era um outro, descoberto por Messecrates de Stira, em Lemnos, 'horrível de se ver', segundo Filóstrato (em *Heróica*, página 35). É possível que o preconceito levasse a ciência a classificar **todos** estes homens de tolos ou mentirosos? Plínio fala de um gigante que ele pensou ser Órion, ou Ótus, o irmão de Ephialtes (*Hist. Nat.*, VII, xvi). Plutarco declara que Sertório viu o túmulo de Anteu, o gigante; e Pausânias argumenta que realmente existem os túmulos de Astério e Gerion, ou Hila, filho de Hércules, todos gigantes, titãs e homens fortes. Finalmente, o abade Pegues afirma em sua curiosa obra *Les Volcans de la Grèce* o seguinte:

'Na vizinhança dos vulcões da ilha de Thera, foram encontrados gigantes de crânios enormes, colocados sob pedras colossais, pedras que para serem erguidas em todos esses lugares teriam exigido uma força titânica, motivo pelo qual em todos os países a tradição as associa com idéias sobre gigantes, vulcões e magia.'

3. *Ibid.*

* Côvado — antiga unidade de medida de comprimento = 0,66 m.

“... é um procedimento pelo menos incomum falar de uma raça de nove ‘yatis’, ou de 8,25 m de altura, numa obra que se considera mais científica do que, digamos, a história de ‘Jack, the Giant-Killer’ (Jack, o Matador de Gigantes). Onde estão as suas provas?... perguntarão ao escritor. Ele responderá: na história e na tradição. Tradições sobre uma raça de gigantes que existia nos tempos de antigamente são de âmbito universal. Existem na tradição oral e na escrita. A Índia teve os seus *danavas* e *daityas*; o Ceilão teve os seus *rakshasas*; a Grécia, os seus titãs; o Egito, os seus heróis colossais; a Caldéia, os seus *izdubars* (nimrod); e os judeus, os *emims* do país de Moab, com os famosos gigantes, os *anakis*.⁴ Moisés fala de Og, um rei cujo ‘leito’ tinha nove côvados de comprimento (4,70 m) e quatro de largura,⁵ enquanto Golias tinha ‘seis côvados e mais um tanto de altura’ (ou 3,23 m). A única diferença encontrada entre as ‘escrituras reveladas’ e a prova fornecida por Heródoto, Diodoro de Sicília, Homero, Plínio, Plutarco, Filóstrato, etc., é esta:

“Enquanto os pagãos mencionam apenas os **esqueletos dos gigantes**, mortos há incontáveis séculos, e as relíquias que alguns deles **viram pessoalmente**, os intérpretes da Bíblia exigem sem hesitar que a Geologia e a Arqueologia acredite que vários países foram habitados por gigantes deste porte nos tempos de Moisés; gigantes diante dos quais os judeus pareciam gafanhotos, e que ainda existiam nos tempos de Josué e de Davi. Infelizmente, sua própria cronologia é um obstáculo. Temos de descartar ou a cronologia ou os gigantes.”⁶

As Raças-Raiz, começando pela primeira, eram tão grandes quanto etéreas. Em *Anthropogeny, The Esoteric History of Man's Origin*,⁷ os diagramas mostram estes primitivos tipos amebóides do tamanho das montanhas próximas. Com a Segunda Raça-Raiz e as seguintes, o corpo do homem tornou-se menos etéreo, mais compacto e mais materializado. Contudo, mesmo na época lemuriana, o homem era imenso.

Madame Blavatsky diz que as famosas estátuas de Bamian podem fornecer-nos uma medida para concebermos o tamanho das primitivas Raças-Raiz:

“... mas, quem entalhou as estátuas de Bamian, ainda mais colossais, as mais altas dentre as mais gigantescas no mundo inteiro? Pois a Estátua da Liberdade de Bartholdi, agora em Nova York, é **um anão** comparada com a maior das cinco imagens. Burnes e vários jesuítas eruditos que visitaram o lugar falam de uma montanha ‘toda retalhada com células gigantes’, com dois imensos gigantes entalhados na mesma rocha. São chamados de Miaotse modernos, a última testemunha sobrevivente dos Miaotse que ‘perturbaram a terra’; os jesuítas estão certos, e os arqueólogos, que vêem budas nas estátuas maiores, estão errados.

“As tradições da Ásia Central dizem o mesmo sobre as estátuas de Bamian. Que são elas, e que significa o lugar onde elas permaneceram de pé durante incontáveis séculos, desafiando os cataclismos ao seu redor, e até a mão do homem, como no caso das horas de Timor e os guerreiros vândalos de Nadir Shah? Bamian é uma pequena cidade,

4. Números, XIII, 33.

5. Deuteronomio, III, 11.

6. *The Secret Doctrine*, H. P. Blavatsky, vol. II, p. 351.

7. *Anthropogeny, The Esoteric History of Man's Origin*, vol. VI de S.P.A.W., Dr. Douglas Baker.

miserável, meio destruída, na Ásia Central, a meio caminho entre Cabul e Balkh, ao pé do Koh-i-baba, uma enorme montanha do Paropamisian, ou Hindu-Kush, Chain, a cerca de 2.600 m acima do nível do mar. Antigamente, Bamian era uma parte da antiga cidade de Djooljool, arruinada e destruída até a última pedra por Gengis-Khan, no século XIII. O vale inteiro está rodeado de rochas colossais que estão cheias de cavernas e grutas, parte naturais, parte artificiais, antigas moradias dos monges budistas que estabeleceram aí suas Vihâras. Na Índia e nos Vales de Jellalabad, estas Vihâras são encontradas em profusão, até os dias de hoje, nos templos escavados na rocha. Diante de algumas destas cavernas descobriram-se, ou melhor, **redescobriram-se**, em nosso século, cinco estátuas enormes, tidas como de Buda. O famoso viajante chinês Hiouen Thsang diz ter visto estas estátuas quando visitou Bamian no século VII.

“A veracidade da afirmação de que não existem estátuas maiores do que essas no globo inteiro é facilmente provada por todos os viajantes que as examinaram e mediram. Assim, a maior delas mede 53 m de altura, ou **dezenove** metros a mais do que a ‘Estátua da Liberdade’ de Nova York, que tem apenas 34 metros. O famoso Colosso de Rodes, entre cujas pernas passavam com facilidade os maiores navios daquele tempo, media apenas entre 36 m e 40 m de altura. A segunda maior estátua, também entalhada na rocha como a primeira, tem apenas 36 m de altura, ou 2 m a mais que a ‘Estátua da Liberdade’. A terceira estátua tem apenas 18 m de altura, as outras duas são menores ainda, a última sendo apenas um pouco maior do que um homem de altura mediana da nossa raça atual. A maior delas representa a Primeira Raça da humanidade, com seu corpo etéreo comemorado na pedra dura, eterna, para instruir as gerações futuras, pois de outra maneira sua lembrança não teria sobrevivido ao Dilúvio Atlante. A segunda — de 36 m de altura — representa aquele que nasceu do suor; e a terceira — medindo 18 m — imortaliza a raça que caiu e que com isto inaugurou a primeira raça **física**, nascida de pai e mãe, cujos últimos descendentes estão representados nas estátuas encontradas na Ilha de Páscoa. Estas tinham apenas de 6 m a 7,60 m de altura na época em que a Lemúria submergiu, depois de ter sido quase destruída por fogos vulcânicos. A Quarta Raça-Raiz foi ainda menor, embora seja gigantesca em comparação com a nossa Quinta Raça atual, e a série culminou finalmente nesta última.”⁸

Começamos a entender que “não existe ninguém tão cego que não possa ver”; e quando os antropólogos e cientistas, acostumados a um modo de vida construído em volta de homens com uma altura média de menos de 1,80 m, procuram pelos restos fósseis ou os habitats de homens antigos, não desvelam eles nada além do que pode ser explicado em termos de homens com menos de 1,80 m de altura. As partes do esqueleto humano de 3,60 m de comprimento seriam descartadas, atribuídas a um animal; seus ossos, seus palácios de dimensões tremendas são descartados como uma mera moda do dia; as lendas, as histórias, as mitologias, os nomes de localidades e tradições referentes a gigantes... meros contos folclóricos. Os grandes templos do Egito (Carnac, as pirâmides de Guizé), os monólitos da Ilha de Páscoa... nada disso suscita um lampejo sequer de interesse nas mentes dos antropólogos contemporâneos.

“O mais antigo de todos os deuses é Hércules, tanto na Grécia como no Egito: o bom gigante que protege o homem contra todas as coisas más, maiores que o comum. Para conquistar os titãs, mesmo Júpiter precisou da ajuda de Hércules. Assim alcança-

8. *The Secret Doctrine*, vol. II, 353/5.

mos a aurora da nossa História, há cerca de seis ou sete mil anos. Os gigantes desapareceram e os contos sobre eles e sua época já viraram lendas: como Urano e Saturno comeram seus próprios filhos; como os hebreus da Palestina encontraram a cama de ferro de um rei que devia ter quatro metros e meio de altura; como as civilizações antigas desapareceram em meio a cataclismos inconcebíveis (o afundamento da Atlântida). O mundo foi salpicado de gigantescos e inexplicáveis monumentos: Ilha de Páscoa, Carnac, Stonehenge, menires nas ilhas do Pacífico”.

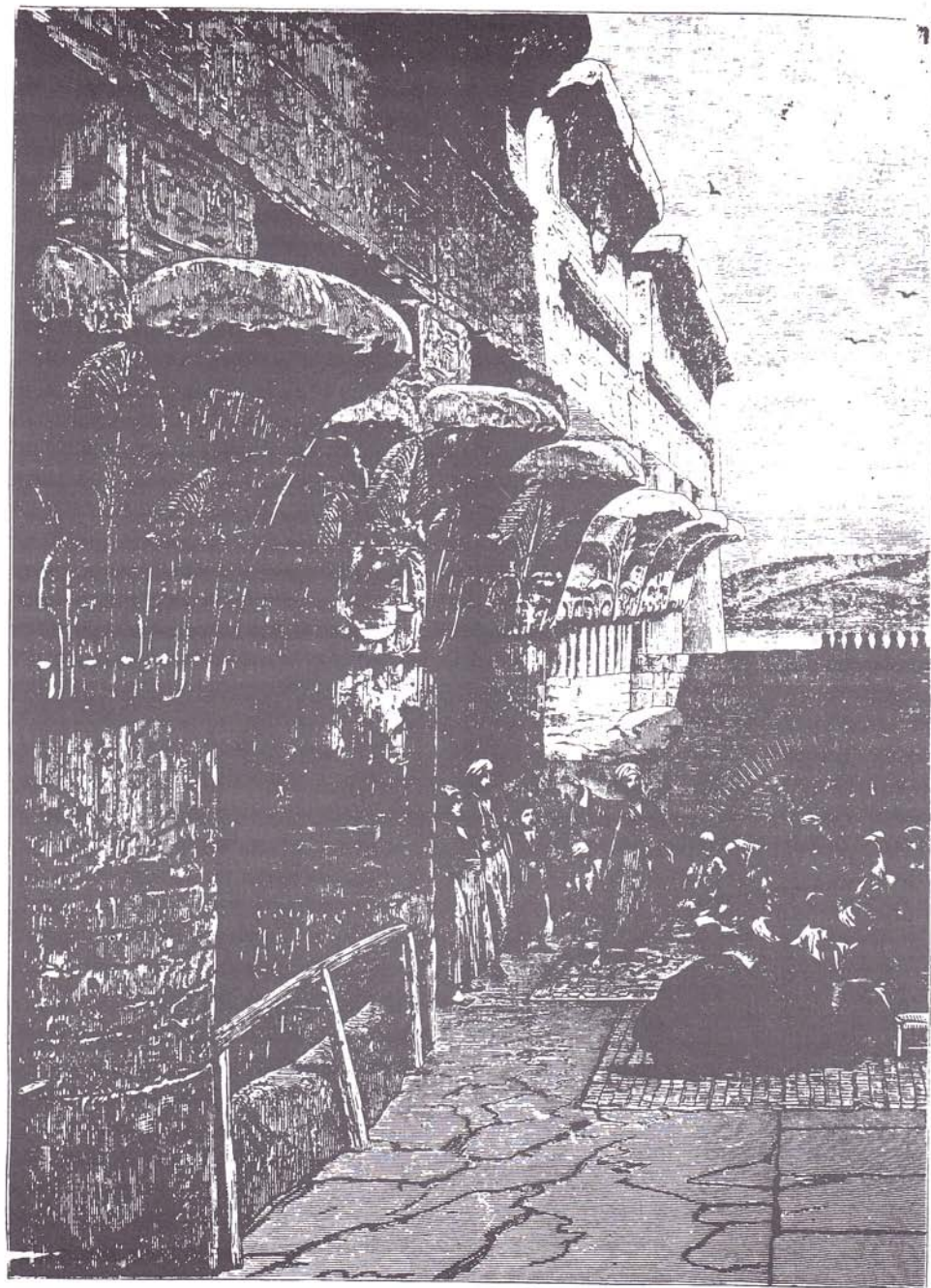
“A primeira civilização andina não se parece com nada conhecido pelos arqueólogos, e suas características postulam necessariamente uma data extremamente antiga. Por exemplo, temos uma pedra finamente lavrada pesando perto de nove toneladas, com curiosos nichos e reentrâncias geométricas, entalhados nas suas várias faces, para os quais nossos arquitetos não conseguem conceber nenhuma utilidade possível. Os expertos passaram semanas tentando encaixar espigas nos entalhes e encontrar o significado dos buracos. Em vão. Este monólito tem três metros de altura e foi projetado com um propósito esquecido por todos os construtores subseqüentes. São pórticos de 2,74 m de altura por 3,66 m de largura, 60 cm de espessura, recortados de um bloco de pedra, com portas e aberturas cinzeladas no bloco; tudo pesando mais de dez toneladas. Há blocos pesando cerca de cem toneladas, encravados no solo para sustentar paredes feitas de pedras pequenas. Há as próprias estátuas gigantes. Uma das figuras monolíticas foi levada para o museu ao ar livre de La Paz: 7,62 m de altura, 91 cm de espessura, cerca de vinte toneladas de peso. Há dúzias iguais a esta e ainda não se fez um recenseamento metódico delas.

“No Pacífico ocidental, existem selvagens degenerados que ainda erigem monólitos — e às vezes estátuas — em honra de ‘ancestrais’ divinos dos tempos antigos, seus mestres gigantes. Os urus, últimos sobreviventes das raças pré-históricas, vivendo ainda no lago Titicaca, afirmam que as grandes estátuas de Tiahuanaco foram feitas pelos ‘deuses’, isto é, pelos gigantes que precederam os ‘homens’, antes que estas raças fossem criadas. Portanto, o testemunho da Bíblia sobre os gigantes está confirmado.”⁹

“Por que alguém erguiria estátuas gigantescas se não existissem homens gigantes-cos? Até hoje, os selvagens de Malekula tentam evitar o extenuante trabalho de erguer estes pesados monólitos, substituindo-os pelas estátuas de madeira, mais fáceis de entalhar e de transportar. Mas em Tiahuanaco existe a harmonia de uma civilização perfeita — a calma benevolente e a dignidade de algumas das faces esculpidas implica uma comunidade evoluída, onde os mestres e os súditos trabalhavam juntos em harmonia e paz —, assim como nossas catedrais foram construídas por mãos condescendentes. Os gigantes faziam a parte gigantesca do trabalho. Podemos supor também que os egípcios erigiram estátuas colossais a seus deuses em lembrança dos tempos felizes em que o gigante Osíris ensinava-lhes a arte da escultura; e julgaram necessário dedicar-lhe uma estátua adequada a seu tamanho para que ele a habitasse ao voltar.

“Conserva-se em todas as mitologias humanas a memória de uma idade de ouro, uma era em que os grandes deuses conversavam com os homens e ensinavam-lhes a agricultura, a metalurgia, a ciência. A idade de ouro durou um tempo considerável e sob o governo desses seres divinos os homens eram profundamente felizes. Os gregos lembravam uma era de Saturno, que precedeu guerras ferozes entre os gigantes e os deuses, durante a qual os nomes de Hércules e Prometeu associavam-se apenas a atos beneficentes. Os egípcios e os mesopotâmicos também apreciavam as lendas sobre deuses que civilizaram os homens. Os selvagens do Pacífico falam de seus ancestrais, gigantes bondosos com os quais o mundo começou.

9. *Atlantis and the Giants*, Denis Saurat (edição esgotada).



A COLUNATA DE EZNEH

“Os egípcios cultivavam uma doutrina contrária à nossa. Eles diziam — e todos os antigos diziam — que os deuses e não os selvagens ensinaram aos homens as artes e as formas de trabalho. E esses egípcios, contemporâneos de Platão e de Heródoto, foram por sua vez civilizados durante pelo menos três ou quatro mil anos; e eram tão refinados, cínicos e decadentes como nós mesmos podemos ser hoje.¹⁰

“A segunda era (o Sol da Terra) viu o mundo povoado por gigantes, os *quinametzins*, que quase desapareceram durante os terremotos que assolaram a Terra.¹¹

“Em uma escavação feita por William Thompson e Robert Smith, a meia milha ao norte de West Hickory, foi exumado um enorme capacete de ferro, corroído pela ferrugem. Continuando a escavação, encontraram uma espada que media 2,74 m de comprimento, e, pouco depois, os ossos de dois pés muito grandes. Seguindo a trilha, em poucas horas desenterraram um esqueleto bem conservado de um enorme gigante, pertencente a uma espécie da família humana que provavelmente habitou esta parte do mundo no tempo do qual fala a Bíblia, quando diz: ‘e naquele tempo havia gigantes’. O capacete tem a mesma forma dos que foram encontrados entre as ruínas de Nínive. Os ossos são extraordinariamente brancos, os dentes estão todos nos seus devidos lugares, todos em número dobrado, de extraordinário tamanho. Estas relíquias foram levadas a Tionesta, onde são visitadas diariamente por um grande número de pessoas. O gigante devia ter 5,50 m de altura.”¹²

O gigante exibido em Rouen, em 1630, diz o professor, media quase cinco metros e meio. Corapius viu uma menina de três metros de altura. O gigante Galabra, trazido da Arábia para Roma sob Cláudio César, tinha três metros de altura. O gigante Ferregus, assassinado por Orlando, sobrinho de Carlos Magno, tinha 8 metros e meio de altura. Em 1814, encontraram perto de St. Germain o túmulo de Isorant, que tinha não menos que nove metros de altura. Em 1850, foi encontrado perto de Rouen um esqueleto de cinco metros e oitenta centímetros de altura, cujo crânio tinha a capacidade de um alqueire (36,37 litros) de cereal. O gigante Bacart tinha seis metros e setenta de altura; os ossos de sua coxa foram encontrados em 1704, perto do rio Moderi. Fannum, que vivia no tempo de Eugênio II, media três metros e meio. O cavaleiro Scrog, na sua viagem ao pico de Tenerife, encontrou numa das cavernas da montanha a cabeça do Gunich, que tinha sessenta dentes e media não menos de quatro metros e meio de altura. Em 1623, foi encontrado perto do castelo de Dauphine um túmulo de nove metros de comprimento, cinco de largura e dois e meio de altura, com as seguintes palavras gravadas nas pedras cinzas: “Keutolochus Rex”. O esqueleto estava inteiro: oito metros e meio de comprimento, com três metros de ombro a ombro, e um metro e meio do osso peitoral às costas. Perto de Palermo, na Sicília, foi encontrado em 1316 um esqueleto de

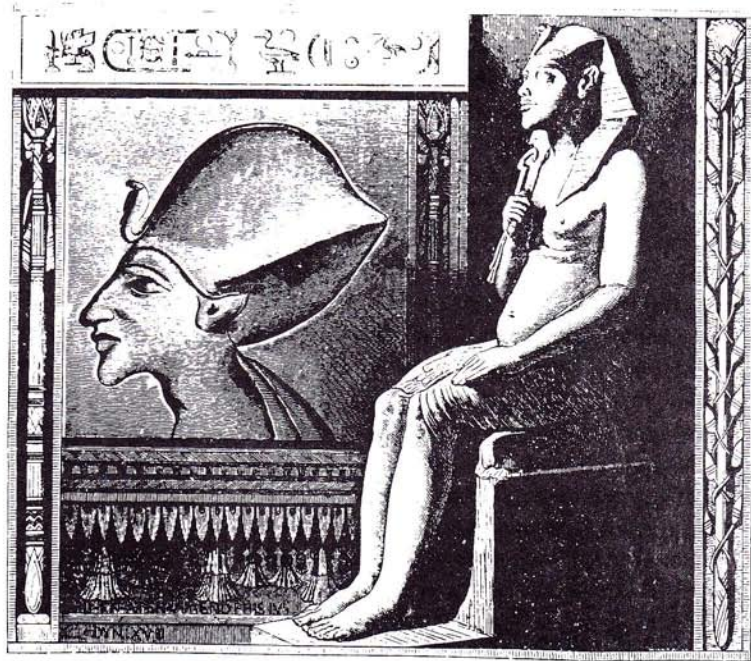
10. *Ibid.*

11. *The Aztecs of Mexico*, G. C. Vaillant, Pelican, Londres, 1950. As tradições de todos os países e nações mencionam este fato. Donnelly cita um trecho da *Historia Antigua de la Nueva España* de Padre Duran, escrita em 1885, que cita o relato de um nativo de Cholula, de mais de cem anos de idade, sobre a construção da grande pirâmide de Cholula: ‘No princípio, antes da criação da luz e do sol, este país (Cholula) estava imerso nas trevas... mas imediatamente depois que a luz do sol surgiu no Oriente, apareceram homens gigantes, que construíram a dita pirâmide e, em seguida, espalharam-se por toda a Terra. Uma grande parte da história da América Central ocupa-se com as peripécias desta antiga raça de gigantes, chamados *quinanes*, de acordo com o autor de *Atlântida*, p. 204.

12. *Oil City Times*, Pennsylvania, 31 de dezembro de 1869.

um gigante de nove metros de altura, e, em 1559, outro de treze e meio. Perto de Mazarino, na Sicília, foi encontrado em 1815 um esqueleto de um gigante de nove metros de altura. A cabeça era do tamanho da de um porco e cada um dos seus dentes pesava cento e cinquenta gramas.

As numerosas alusões, encontradas nos autores clássicos, ao fato de que, em eras passadas, seres humanos de tamanho gigantesco reinaram e lutaram pelo poder, também constituem alguma prova de que a raça atual diminuiu de tamanho. Parece que a tendência a se tornar menor é própria de toda a vida animal, senão a criatura é substituída por outra menos volumosa, mais inteligente e útil. Os poderosos sáurios, entre os répteis, e os mastodontes mamutes, entre os animais, há muito que foram suplantados pelo crocodilo e o lagarto, o cavalo, o cachorro, o touro e o carneiro, cada um destes mais útil, mais inteligente que aquelas criaturas enormes cuja história passada está escrita e revelada a nós neste infalível livro da Natureza — as rochas sólidas.¹³



**ESTÁTUA-RETRATO E RELEVO:
AMENÓFIS IV**

13. *Physiognomy Illustrated*, Joseph Simms, M. D.

No Apocalipse e no Livro de Enoch, aparecem relatos sobre gigantes que floresceram há cerca de um milhão de anos e acabaram há 850.000 anos, principalmente com o dilúvio que submergiu a Atlântida.

Fósseis?... talvez, porque se não procurarmos pelos fósseis dos gigantes não encontraremos nenhum. É compreensível a dificuldade de achá-los. A cremação era a ordem do dia para a humanidade até recentemente. Os fósseis de gigantes seriam provavelmente descartados por causa do tamanho, pois é difícil associar um fêmur de um metro e vinte de comprimento com um humano, mas os dentes encontrados na China, pertencentes a um macaco gigante ou a um homem (*gigantopithecus*), nunca se provou que pertencessem a nenhum dos dois.

Segundo as leis da retribuição do karma para os gigantes que cruzaram com fêmeas antropóides:

“... dizemos que o homem físico existiu antes do primeiro depósito das camadas das rochas cretáceas. Na primeira parte da era terciária, floresceu a mais brilhante dentre todas as civilizações que o mundo jamais conheceu, num período em que se imagina que o homem-macaco haeckeliano andava pelas florestas primitivas e o suposto ancestral do Sr. Grant Allen balançava-se de galho em galho com suas peludas companheiras, as Liliths degeneradas da Terceira Raça Adâmica. No entanto, ainda não existiam os macacos antropóides nos dias mais luminosos da civilização da Quarta Raça; mas o karma é uma lei misteriosa e não leva em conta as pessoas. Os monstros gerados no pecado e na vergonha pelos gigantes atlantes, ‘cópias imprecisas’ de seus bestiais senhores e, portanto, do homem moderno, de acordo com Huxley, agora se desencaminham e fazem submergir no erro o antropólogo especulativo da ciência européia.”¹⁴

REFERÊNCIAS BÍBLICAS AOS GIGANTES

O primeiro reinado dos seres gigantes foi benevolente. Em todos os registros antigos, o reinado dos “deuses” é tido como uma idade de ouro e algumas das faces das estátuas de Tiahuanaco revelam traços de inteligência e bondade sobre-humanas. Aquelas estátuas gigantescas retratam seres gigantes, provavelmente em tamanho natural ou apenas um pouco maior. Por que os homens se dariam ao trabalho de erguer coisas assim? É mais provável que os próprios gigantes fossem os artistas. A Bíblia o confirma. Mais tarde, depois que os gigantes desapareceram, no Egito e em muitos outros lugares, os homens concentraram seus poderes debilitados tentando ressuscitar os deuses e a idade de ouro. Encontramos recentemente nas ilhas em volta da Nova Guiné selvagens infelizes que ainda erguem estátuas gigantes, domos e menires, sem saber o porquê, exatamente como os nossos próprios ancestrais sem dúvida fizeram. Pois a idade de ouro dos gigantes havia terminado.

E a tribo de Manassés foi até a fronteira do país dos gigantes — remanescentes dos gigantes são citados novamente em 2 Samuel XXI, 16, e Crônicas XX, 4, 5, com os seus nomes e uma espada do tamanho de um cilindro de tear. Golias é bem famoso.

Estes homens primitivos tinham uma vida bem longa. A Bíblia não vincula de maneira alguma a longevidade ao gigantismo: um sintoma da antiguidade destas len-

14. *The Secret Doctrine*, H. P. Blavatsky, vol. II, p. 717.

das. Para os homens cujo tempo de vida foi reduzido a cento e vinte anos e mais tarde a setenta, novecentos anos e imortalidade eram a mesma coisa. Por isso, os “deuses” eram considerados “imortais”. Mas “deuses”, “imortais” por natureza — isto é, de vida muito longa —, ainda assim podiam ser mortos em batalha. E os deuses gregos — que evoluíram mais ainda para a imortalidade absoluta — podiam, todavia, ser feridos.

Rene Dussaud escreve: “... Nos textos de Ras-Shamra os *refaims* (cf. Jó) ‘são os companheiros do deus Baal’”. O nome *refaims* é dado na Bíblia a uma das raças dos gigantes destruídos. Baal, este gigante-deus, obviamente é um dos que foram mortos pelos invasores hebreus — um rei gigante com uma guarda pessoal gigante, soberano de uma tribo de homens.

Entre os hititas, além de eventos semelhantes, encontramos uma variante curiosa de uma lenda que termina de modo mais curioso ainda na história de Sansão e Dalila. É uma história, contada desde a mais remota antiguidade, sobre o papel desempenhado pelas mulheres na destruição dos gigantes. A Bíblia conta que os gigantes acharam as filhas dos homens muito bonitas e se arrependiram de sua descoberta quando os homens as usaram para destruí-los. Os homens combateram os gigantes não só as com flechas de Hércules ou a funda de Davi mas também com armas mais sutis.

Apocalipse XX, 10, sobre Gog e Magog, os gigantes da antiguidade:

“... eles ocuparam a superfície da Terra — e um fogo divino desceu do céu e os devorou.”

Genesis VI, 1-4:

“... Naquele tempo havia gigantes sobre a Terra; e também depois, quando os filhos de Deus se uniam às filhas dos homens e estas lhes geravam filhos, que ficaram fortes, famosos heróis dos tempos antigos.”

Números XIII, 33:

“... E lá vimos os gigantes, os filhos de Anak, descendentes dos gigantes. Tínhamos a impressão de sermos gafanhotos diante deles e assim também lhes parecíamos.”

Deuteronômio III, 3-11:

“... O Senhor nosso Deus entregou-nos Og, rei de Basan, e todo o seu povo, e nós o combatemos até que nenhum sobrevivente lhes restasse ... e apossamo-nos então de todas as suas cidades ... e as destruímos completamente ... pois somente Og, rei de Basan, sobrevivera, dos gigantes que haviam restado; seu leito é o leito de ferro que está em Rabá dos filhos de Amon: tem nove côvados de comprimento e quatro côvados de largura, em côvado comum.”

Josué XII, 4: XIII, 12; XV, 8 (os filhos de Josué queixam-se da parte de terra que lhes coube, e Josué lhes diz: XVII, 15):

“... Se tu és um povo numeroso, sobe à floresta e desmata à vontade a floresta da região dos fariseus e dos gigantes, visto que a montanha de Efraim é muito estreita para ti.”

As raças dos gigantes do final do período secundário continuaram a viver talvez ainda por quinze milhões de anos e civilizaram os homens pequenos. As mitologias antigas, do Egito à Grécia e à Escandinávia e da Polinésia ao México, afirmam todas elas que os homens foram civilizados pelos gigantes e “deuses”. Prometeu deu início à civilização “humana”. A Bíblia testemunha a existência de seres gigan-

tes que dominavam as tribos palestinas expulsas pelos hebreus. Ferramentas de pedra (bifaces) foram encontradas na Síria, na Morávia e no Marrocos (em 1953-54), pesando de dois a quatro quilogramas, o que significa que os usuários devem ter tido entre dois e meio e três e meio metros de altura.

Os fragmentos de ossos e as ferramentas confirmam que devem ter existido seres humanos desta altura; e a prova geológica diz que eles devem ter vivido há cerca de 300.000 anos.¹⁵

Fragmentos de ossos gigantescos, de forma humana ou pré-humana, foram encontrados em três diferentes lugares: Java, Sul da China, África do Sul.

OBRAS RECOMENDADAS PARA MAIORES INFORMAÇÕES

F. Weidenreich — “Giant Early Man from Java and South China”. (Anthropological Papers of the American Museum of Natural History, vol. 40, n° 1, 1945.)

F. Weidenreich — “Apes, Giants and Man”. (Chicago, 1946, Cambridge University Press.)

Von Koenigswald — em “Natural History Magazine”. (Publicações do Museu Americano de História Natural, 1947.)

D. Hooijer — “Notes on the Gigantopithecus”. (American Journal of Physical Anthropology, n° 1, 1949.)

Sir Arthur Keith — “A New Theory of Human Evolution”. (Watts, 1950, pp. 161-165.)

Para a África do Sul, ver: “Bulletin de la Société préhistorique de France”, junho, 1950.

15. *Atlantis and the Giants*, Denis Saurat.

19

O SIGNIFICADO OCULTO DA AÇÃO DA HIPÓFISE

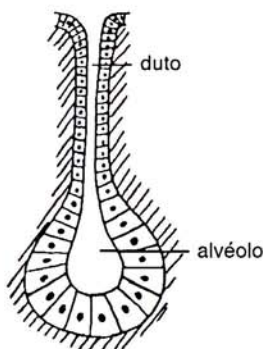
Nosso estudo do desenvolvimento da hipófise mostrou que o lobo anterior da hipófise derivou do céu da boca e teria provavelmente uma função muito diferente da do lobo posterior, que derivou diretamente do tecido nervoso do diencéfalo do encéfalo.

Existem pelo menos seis hormônios **conhecidos** que são produzidos pela hipófise anterior. As ciências esotéricas predizem a descoberta de um número muito maior deles e de elementos elaborados na hipófise anterior que produzem ações semelhantes aos hormônios. Um que ainda não foi descoberto é o que, frente a uma dieta baixa em proteína, estimula as células endoteliais a retirarem nitrogênio das paredes de certas artérias, especialmente as do tórax.



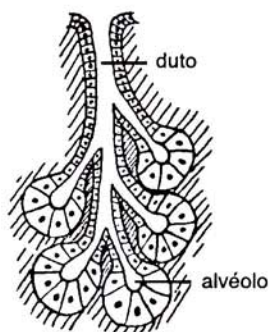
glândula tubular enrolada

(por exemplo, glândula sudorípara)



glândula alveolar simples

(por exemplo, glândula sebácea)



glândula alveolar composta

(por exemplo, glândula salivar)

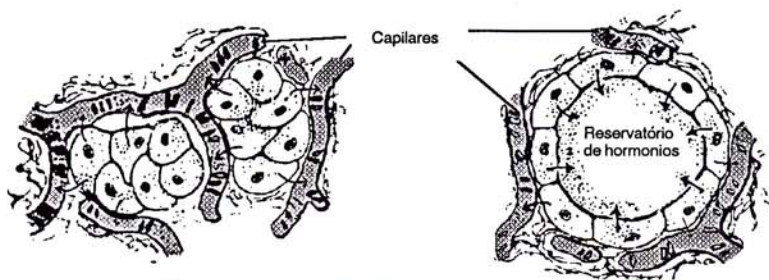
GLÂNDULAS SIMPLES (não endócrinas)*

* *Basic Anatomy and Physiology*, H. G. Q. Rowet, M.A., John Murray, Londres.

É aqui que deveríamos enfatizar que as glândulas endócrinas, como a hipófise, têm uma diferença fundamental, comparadas às outras glândulas. Enquanto as outras canalizam pelos dutos suas secreções para as cavidades do corpo, por exemplo:

vesícula biliar _____ duto biliar _____ duodeno

uma glândula endócrina segrega seus hormônios diretamente para o sangue, que, portanto, deve estar sempre em contato estreito com as células endócrinas, um fato de importância oculta.



SECREÇÃO E ARMAZENAGEM DE HORMÔNIOS

Um hormônio é uma secreção proveniente de uma glândula endócrina que age sobre um órgão distante, alterando o seu crescimento ou suas funções.

A maneira como as células endócrinas se agrupam e às vezes formam diferentes folículos permite-nos entender como elas são estimuladas por emissões de energia de minúsculos chakras que, por sua vez, são partes de um centro maior de força.

CONTROLE ENDÓCRINO

Fica difícil de entender a estimulação de glândulas endócrinas se observada de um ponto de vista ortodoxo. A Figura da pág. 116 mostra que o Hormônio Folículo-Estimulante (FSH), produzido pela hipófise, estimula os testículos a segregarem para o sangue mais testosterona, o hormônio masculino, e os ovários, o estrogênio, o hormônio feminino. No caso da tireóide, o hormônio hipofisiário que a estimula para produzir seu próprio hormônio, a tiroxina, é o TSH (Hormônio Tíreo-Estimulante). Um nível alto de tiroxina no sangue inibe a secreção de TSH pela hipófise. Isto se chama de “*feedback* inibitório” e funciona na maioria das glândulas endócrinas.

A contribuição das ciências esotéricas nesse assunto é a seguinte: embora a presença das fibras nervosas nas glândulas endócrinas raramente tenha sido demonstrada, afirma-se que o sistema parassimpático alcança as glândulas endócrinas principalmente através do Nervo Vago. Afirma-se também que os chakras desempenham um importante papel na estimulação e inibição das glândulas endócrinas a elas relacionadas. A Sabedoria Antiga ensina que, principalmente nos indivíduos espirituais, o ambiente interno desempenha um papel predominante na regulação das glândulas endócrinas por causa dos chakras etéricos correspondentes, que são por sua vez suscetíveis às experiências interiores, especialmente aquelas induzidas por atos da Vontade (o Chakra Frontal, ver Figura da pág. 118, “6”) e através de práticas como a medita-

ção (os Centros da Cabeça, Figura p. 118, “7”, e o Centro do Coração, Figura p. 118, “4”) e servir para o bem da humanidade (Centros da Garganta e Alta Maior, Figura p. 118, “5”).

O crescimento da espiritualidade evoca uma energia planetária que antes estava escondida no Chakra Muladhara (ver Figura p. 118, “1”). Em seguida, uma quantidade maior desta energia, chamada kundalini, sobe pela coluna e vai abrindo os chakras acima do diafragma, trazendo consigo a ampliação da consciência.

O advento dos gigantes sobre a Terra não era apenas um fenômeno novo. Já observamos que a humanidade das Raças-Raiz primitivas era enorme e bem mais tarde, nos tempos bíblicos, os gigantes ainda existiam. Poderíamos dizer, portanto, que o gigantismo tem pouco a ver com mutações aleatórias. Estas têm freqüentemente causa familiar e genética. Um animal novo pára de crescer depois de lhe ser retirada a hipófise, e permanece anão, a menos que receba as substâncias do lobo anterior.

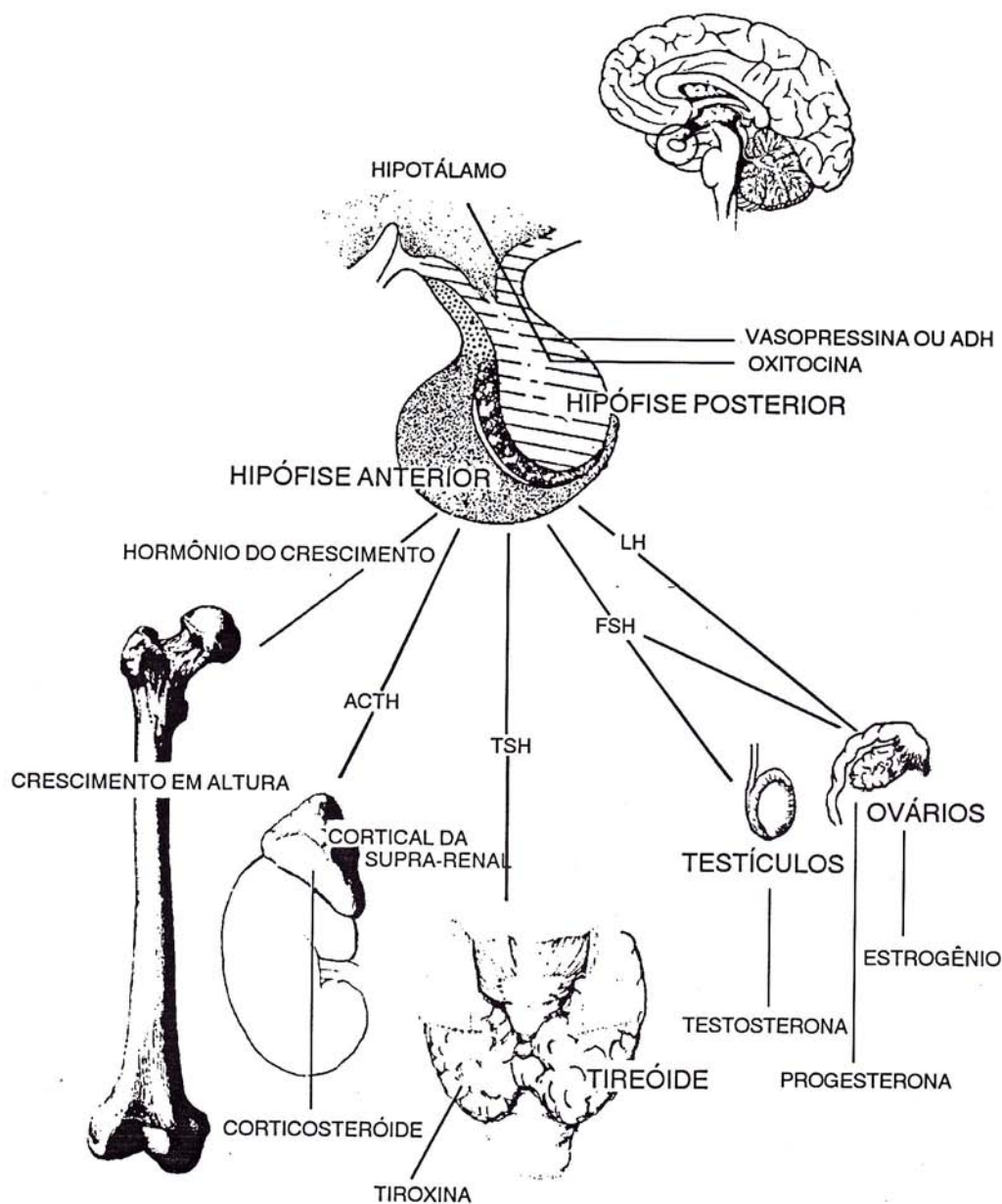
O crescimento num ser humano normal ocorre nos discos epifisais dos ossos compridos. A cartilagem é convertida em cálcio enquanto o hormônio estiver presente. Depois de uma certa idade, a secreção do hormônio diminui e/ou outros fatores de maturação ativos na ocasião inibem suas atividades e o indivíduo pára de crescer.

Às vezes, um tumor no lobo anterior da hipófise prolonga a secreção de hormônios do crescimento além da idade normal. Isto leva ao gigantismo.

Após estas observações, que resumem o resultado de experiências científicas em milhões de animais hipofisectomizados, vemos que o gigantismo se deve mais à **remoção do impedimento** do que à instituição de novos processos. O homem (como os animais) possui a capacidade de tornar-se grande, a não ser que esta seja cerceada por fatores inibidores como a capacidade de sintetizar proteínas, a maturação sexual, etc.

A castração de um menino, por exemplo, produz um eunuco com um excessivo crescimento dos ossos compridos e outras características eunucóides. Nos tempos primitivos deste planeta, enquanto o corpo físico ainda se encontrava em processo de materialização, a hipófise estava relativamente livre para crescer mais, tomando uma boa parte do espaço ocupado atualmente pelos seios esfenóides (ver Fig. p. 98). O crânio perdeu depois a flexibilidade que havia permitido à glândula parapineal manifestar-se como um terceiro olho, como também a seu corpo pineal funcionar com maior liberdade como um órgão, levando, no início, o homem hermafrodita a separar-se em dois sexos distintos. Outros fatores acrescentados pela glândula tireóide provocaram rapidamente uma metamorfose das estruturas humanas em determinadas ramificações da Terceira e da Quarta Raça, de maneira que havia gigantes sobre a Terra coexistindo com homens cada vez mais baixos. As mônadas que conquistaram altos graus de expressão como Senhores da Lua, ou outros sistemas planetários, escolheram para o seu uso as formas mais graciosas disponíveis. Estes foram os titãs, que, divinamente inspirados, lutaram em sucessivas épocas para estabelecer as características mais belas e majestosas da Atlântida e da Lemúria, até que as forças naturais contrárias, de concreção e de cataclismos geográficos, reduziram seu número. A acentuada proximidade da Lua havia ajudado a manter o gigantismo em todos os reinos; o seu crescente afastamento da Terra, porém, restringiu o crescimento das formas em geral.

Não obstante, nos padrões familiares e genéticos ainda perduram determinadas características de gigantismo até os dias de hoje.



HORMÔNIOS HIPOFISIÁRIOS

O desabrochar conjunto da hipófise, do corpo pineal e da tireóide (de acordo com o ponto de vista da Sabedoria Antiga sobre a evolução) levou ao pleomorfismo do homem, ou seja, à coexistência de uma grande variedade de formas. Até nos dias de hoje testemunhamos este pleomorfismo na variação da cor da pele de uma raça para outra. O gigantismo, o número excedente de membros, as estruturas animais-cas, o terceiro olho, a ciclopia, os diferentes padrões de cabelo, etc., faziam parte do processo que levou o homem ao ponto da concretização mais densa. Estas características continuam importantes pois em parte irão repetir-se, com frequência cada vez maior, enquanto o homem caminha pelo arco ascendente dos padrões raciais em direção à Sexta e à Sétima Raça-Raiz.

ACROMEGALIA (DO GREGO AKRON = EXTREMIDADE E MEGAS = GRANDE)

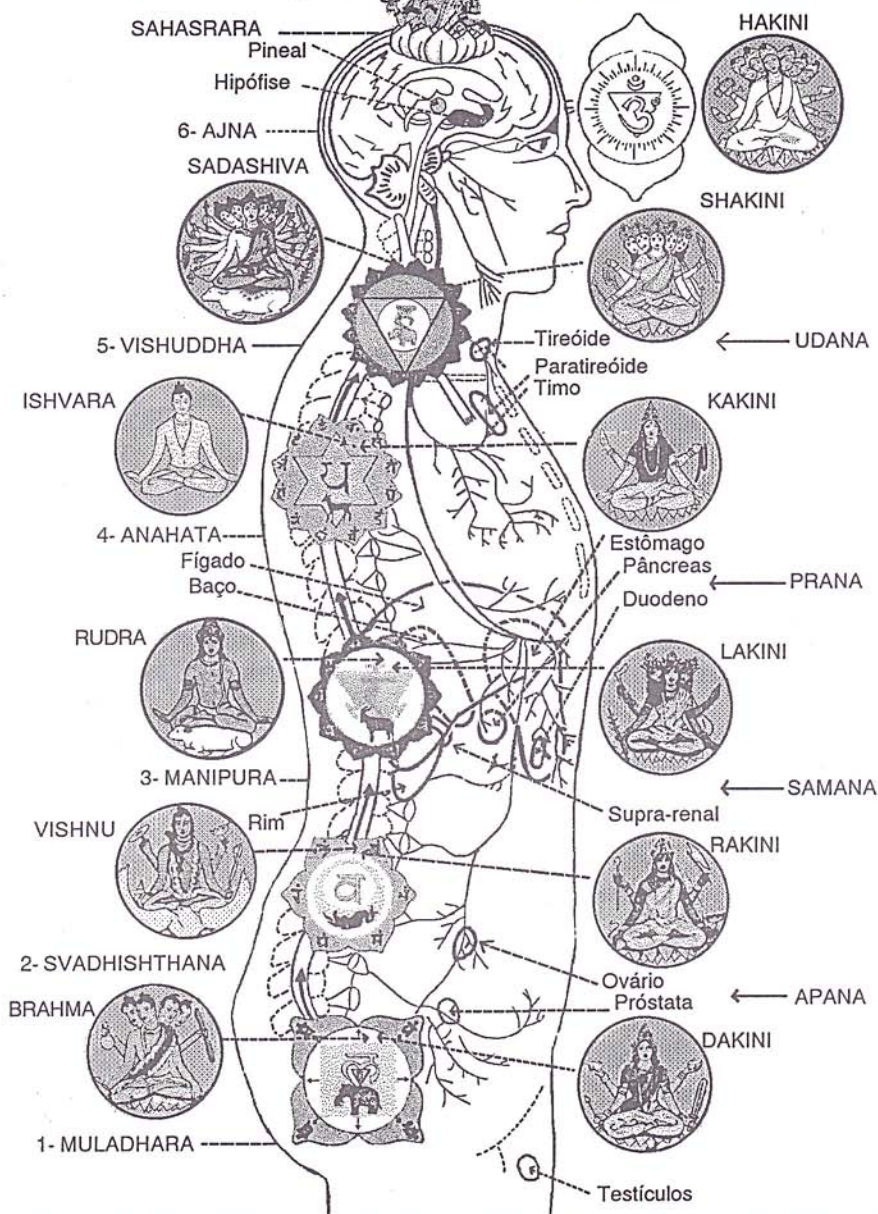
Quando um tumor que afeta as células da hipófise, produtoras do hormônio do crescimento, desenvolve-se depois que o crescimento normal chegou ao seu termo, não há mais aumento de estatura. Os ossos das mãos e pés e o maxilar inferior, porém, tendem a engrossar. Acontece um supercrescimento do maxilar e uma diminuição no crescimento dos demais ossos da face. O maxilar inferior, símbolo do animalismo (de acordo com H. P. Blavatsky), projeta-se para a frente, o hemisfério formado pelos dentes prolonga-se também para a frente, formando uma elipse. Os traços faciais tornam-se mais grosseiros e os lábios e o nariz, proeminentemente grandes. A pele do corpo inteiro torna-se mais espessa e cheia de rugas. As glândulas da pele aumentam de tamanho, principalmente as sebáceas e as sudoríparas.

Há aqui importantes implicações esotéricas que influenciam a antropogênese. O cruzamento entre os degenerados atlantes e os animais antropóides resultou no aparecimento dos macacos superiores. Assim como as formas de seus ancestrais primitivos, estas estão destinadas a um futuro que não permite nenhum avanço evolucionário. A ação da hipófise e outras glândulas endócrinas tornou mais grosseiros os traços faciais e corporais, num tipo de processo acromegálico. A porta para o reino humano se havia fechado. Agora, sem a possibilidade de individualização, os diversos primatas superiores estão no limite da sua expressão animal. Nenhum tipo de educação ou ambiente humanizante irá torná-los menos rudes ou aliviá-los das suas limitações animais.

Visto em termos de evolução, o processo acromegálico expandido, abarcando a antropogenia, é a miniatura de um instante de um arquétipo divino (humano) que caíra na teia da concretização e, sem a ajuda da orientação de um arquétipo superior, tropeçou num caminho que pode apenas conduzir a um aniquilamento final da espécie, com todas as qualidades animais resultantes. Isto está bem ilustrado no alongamento dos maxilares para a frente (ver Figura p. 120).

Antes de aceitarmos a idéia de que antigamente o gigantismo existia não só nas samambaias e nos animais, mas também nos homens, nunca seremos capazes de explicar as numerosas estruturas antigas, misteriosas e maciças, que ainda grassam por algumas partes de nosso planeta. Na Ilha de Páscoa, por exemplo, estátuas enormes, pesando 30 toneladas ou mais, devem ter sido transportadas por homens caminhando pela rocha vulcânica áspera até a sua posição atual. Como é que os povos primitivos realizaram esta tarefa hercúlea? A resposta está no gigantismo.

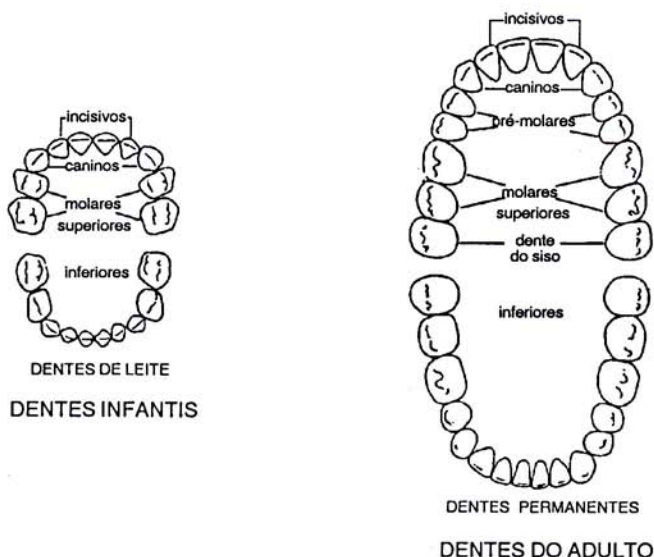
Mapa do Misterioso Kundalini e Localização das Glândulas



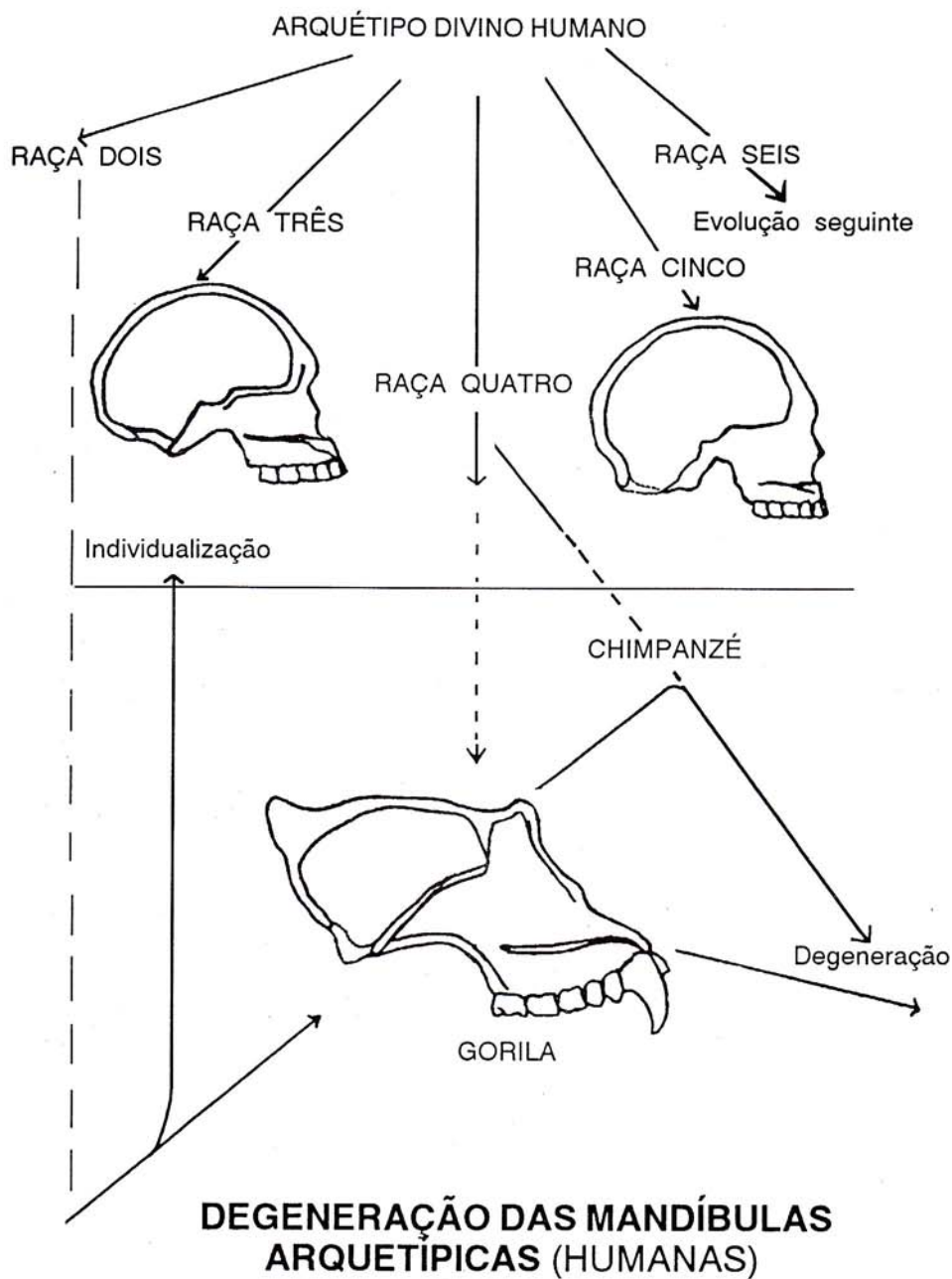
Existem tantas correlações entre as glândulas endócrinas e os chakras quantas escolas de yoga. O autor, após 25 anos de experiência nesse campo, recomenda o seguinte:

Muladhara	— Córtex Supra-renal	Vishuddha	— Tireóide
Svadhishthana	— Gônadas	Ajna	— Hipófise
Manipura	— Pâncreas	Sahasrara	— Pineal
Anahata	— Timo		

As estátuas, de tamanho natural, eram facilmente transportadas até os seus locais de cerimônia pelos habitantes gigantes da Ilha de Páscoa, formada pelo topo de uma montanha que restou da Antiga Lemúria.



O padrão arquetípico dos maxilares humanos é um hemisfério perfeito. Os dentes de um bebê humano formam este padrão de maneira quase exata. As conchas macias dos primeiros dentes das Raças-Raiz primitivas, segundo as proposições de Haeckel, correspondem ao estágio infantil. O arquétipo não imprimiu quase nada nos vertebrados primitivos que estavam evoluindo cegamente sobre a superfície da Terra. Durante eras, as influências planetárias mantiveram um padrão alongado de maxilares, desde os mamíferos primitivos (lemúrios) até o estágio do gorila. Alguns dos últimos foram mais suscetíveis à influência arquetípica que se fazia cada vez mais materializada, o que modificou bastante os maxilares destes tipos. Aqueles que se individualizaram acabaram por fundir-se com o homem divino no seu processo de concretização, fato que se refletiu nos maxilares da Terceira Raça, a raça lemuriã. A entidade semelhante ao gorila, que foi incapaz de se individualizar antes que a porta para o reino humano se fechasse, permaneceu sem o Manas (o poder do pensamento abstrato). Estes foram os ancestrais do gorila moderno, uma linhagem evolutiva condenada, isolada quase completamente da influência arquetípica. Algumas das fêmeas desta linhagem cruzaram-se com machos da Quarta Raça (Atlante) das sub-raças primitivas, gerando os primatas que chamamos de chimpanzés, etc. (ver Capítulo 15). Estes sobreviverão um pouco mais do que os gorilas, mas, com exceção de poucos, estão condenados à extinção, antes que a porta para o reino humano se abra de novo, bem mais tarde, em nosso presente ciclo. A Quinta Raça, concretizada como já está, encontra-se num estágio mais próximo ao padrão arquetípico divino dos dentes.



Pouco se descobriu ainda do potencial da hipófise, e nem ao menos podemos falar em investigação nesse campo. O que importa não é tanto o que este órgão produz por conta própria, mas o que pode fazer em parceria com outras glândulas, principalmente a pineal e a tireóide, e, mais do que qualquer outra consideração, o que a hipófise pode conseguir, interagindo com a parte ETÉRICA da natureza humana.

O controle de resposta da hipófise é monitorado principalmente pelo hipotálamo e nós já discutimos a importância singular deste órgão na expansão da consciência. A instabilidade das emoções é a causa de muitas doenças psicossomáticas. Um corpo astral perturbado focaliza a sua atenção através do hipotálamo e suas energias através do Plexo Solar.

OS HORMÔNIOS TRÓFICOS

A glândula tireóide, as glândulas supra-renais e os órgãos sexuais tornam-se o alvo dos hormônios tróficos (literalmente, aqueles que nutrem) produzidos pela hipófise anterior. Os três juntos alcançam e afetam profundamente quase todos os tecidos do corpo. Essa é uma das razões por que o caminho que leva ao desabrochar do Chakra Ajna, com a subsequente influência sobre a hipófise, pode ser perigoso, a menos que as disciplinas esotéricas sejam seguidas com rigor, como por exemplo a redução do consumo de proteínas (carne) e a abstinência do sal durante os períodos de meditação, etc.

Deixaremos para outras obras sobre o treinamento iniciático a indagação de como a hipófise pode ser voluntariamente colocada sob o controle da Vontade. Estudando cuidadosamente a fisiologia da hipófise anterior e seus efeitos tróficos sobre outros órgãos, principalmente as gônadas, podemos ver sob uma luz nova e mais esclarecedora muitas técnicas dos diversos tipos de yoga, desde a tântrica até a raja yoga.

A hipófise controla o consumo de carboidratos e a secreção de glicose pelo fígado. Pode causar a conversão do carboidrato em gordura e mudar de lugar os depósitos de gordura. Muitas pessoas que começam a trilhar o Caminho experienciam de início um problema de peso, geralmente NÃO porque se tenham tornado vegetarianos e consumam mais carboidratos, mas porque suas disciplinas e práticas esotéricas estimulam a hipófise.

Na fase do crescimento, a hipófise aumenta a formação de proteína, mas se a pessoa tem diabetes acentuada, aumenta a decomposição de proteína. A hipófise anterior segrega um fator, desconhecido pela ciência, que, trabalhando junto com o hormônio do crescimento, faz com que as paredes das artérias retirem o nitrogênio do sangue, isto é, o nitrogênio atmosférico em solução no sangue.

Um exemplo disso é o hormônio melano-estimulante (MSH), produzido pela hipófise. Este hormônio afeta as células responsáveis pela pigmentação da pele, os melanócitos. Trabalhando juntamente com outros hormônios hipofisiários, com a glândula pineal e sua produção de melatonina, este hormônio, muito ativo no passado distante do homem, tem uma atividade muito menor atualmente. No pleomorfismo, era responsável pelas surpreendentes variações na cor da pele humana. Operando sob os efeitos poderosos das forças dos Sete Raios, sujeita às provações im-

postas ao homem pela constante materialização da sua forma etérica numa casca física rude, pelos efeitos do aumento da luz e, mais do que tudo, pela pressão oriunda das concentrações cada vez maiores de oxigênio sobre a superfície da Terra, a hipófise não só engrossou a pele humana mas também estimulou a capacidade de crescimento latente dos diversos órgãos localizados no derma da pele.

Foi durante as manifestações primitivas da forma física do homem que ocorreu maior variedade na coloração da pele. Na Doutrina Secreta, fala-se que a primeira forma do homem verdadeiramente física era “amarelo-dourada”. Mais tarde, ouvimos sobre as raças de pele azul e vermelha. O MSH desempenhou seu papel em todas estas raças e tem mais o que fazer no futuro, enquanto o homem caminha pelo arco ascendente em direção à Sexta Raça-Raiz. A pele, ao tornar-se mais grossa sob os efeitos da hipófise (semelhantes aos que produzem a acromegalia), bloqueou os magníficos poderes de clarividência que o homem tinha experimentado durante e depois da raça conhecida por “nascida do suor”.¹

O desenvolvimento da pele destruiu a clarividência:

“... os homens, com suas ‘vestimentas de pele’ cada vez mais espessas, caindo cada vez mais no pecado físico, tiveram interrompida a comunicação entre o homem físico e o homem etérico **divino**. O véu da matéria entre os dois planos tornou-se tão denso que até o homem interior não conseguia penetrá-lo. Os Mistérios do Céu e da Terra, revelados pelos Mestres Celestiais para a Terceira Raça ainda em estado de pureza, tornaram-se um grande foco de luz, cujos raios enfraqueceram ao se difundirem e se espalharem sobre um solo inadequado, demasiado material.”

Como a pele do homem vai-se tornando mais fina, nas raças futuras haverá cada vez mais fenômenos de materialização, que não ficarão restritos às salas de reuniões, na condição de fenômenos raros, como hoje acontece. Milhões de indivíduos de natureza emocional forte e de acentuada sensibilidade (ainda chamamos esta condição de “pele-fina”) produzirão formas materiais na escuridão silenciosa dos seus quartos. Até lá, no entanto, o trabalho de pessoas como Uri Geller tornará necessária a investigação científica da materialização e o seu controle nos indivíduos sensíveis fará parte da psicoterapia da estabilidade emocional.

1. *Anthropogeny, The Esoteric Origin of Man*, Dr. Douglas Baker.

20

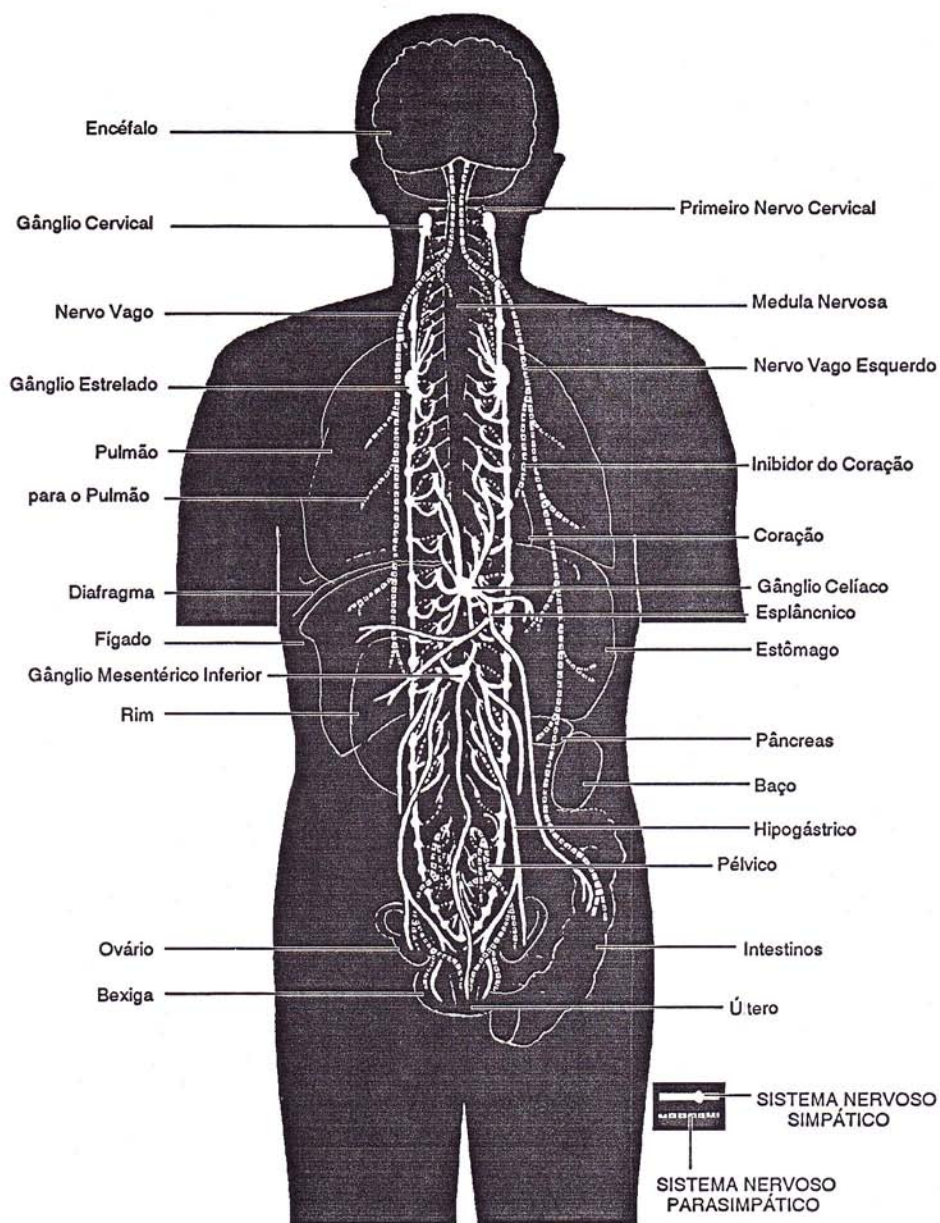
O NERVO VAGO

O décimo nervo craniano é chamado Nervo Vago. O nome se deve à natureza difusa de suas várias partes. Os anatomistas não conseguiram seguir o curso dos seus numerosos tratos para ver onde estão as suas conexões finais. Até os dias de hoje não se localizaram todas as ramificações do Vago.

Existem não mais de dez estruturas na substância física que têm um grande significado esotérico. Destas estruturas, o Nervo Vago deve ser uma das mais importantes. Segundo se acredita, é onde se encontra a chave fisiológica para a experiência superconsciente. O Nervo Vago é a contraparte física dos Sete Planetas Sagrados. O que estes planetas são para o Logos Solar, o Nervo Vago o é para a entidade que habita um corpo humano, ou seja, a alma. Assim como o Logos Solar expressa suas qualidades mais sutis através dos Sete Espíritos perante o trono, ou os Sete Logos Planetários, assim o homem pode expressar as qualidades da alma através do seu tecido físico, com mais eficiência que através de qualquer outro, com exceção talvez de seus olhos. Lembremos que os olhos irradiam uma energia de qualidade superior, vinda dos nervos ópticos, que são a única parte do encéfalo visível ao mundo externo.

As células que compõem o Vago, como as outras células do corpo, têm vida com função secundária. Diferentemente das outras células, entretanto, estas vidas secundárias que se expressam através do tecido Vago não estão involuindo. Elas estão **evoluindo**. Os seres elementais do tecido do corpo estão relacionados aos espíritos lunares. Para eles, a imersão gradual na matéria de estrutura mais densa e rude constitui desenvolvimento espiritual. Qualquer expressão de raiva, ou perda do controle nervoso, ou instabilidade emocional dos humanos, representa, para os elementais, experiências de uma qualidade espiritual. Isto deveria fazer-nos parar para pensar, nessas ocasiões de efusão emocional, quem é que está controlando o corpo.

Poderíamos colocar a mesma pergunta quanto a outras situações como, por exemplo, durante a meditação profunda. Felizmente, a resposta no segundo exemplo é: quem controla é o Eu Superior.



SISTEMA NERVOSO AUTÔNOMO

O tecido Vago é diferente. Os habitantes destas células nervosas são os devas solares. As células nervosas reagem ao Fogo Solar, ao passo que as outras células reagem à energia do fogo resultante de fricção, enquanto esta sobe do Chakra Muladara.

O Nervo Vago é um posto avançado do Fogo Solar. Quando o Fogo Solar é projetado para a aura humana, estas células, mais que quaisquer outras, têm a capacidade de transmiti-lo para os tecidos físicos, transmutando, através desta faísca do ouro alquímico divino, tudo o que entra em contato com ele. Diz-se com propriedade que todo discípulo deve reconstruir seu templo físico para que o ofuscante Senhor, a alma humana ou o Eu Superior, possa habitá-lo cada vez mais. Muitas são as disciplinas praticadas pelos aspirantes que têm este objetivo: vegetarianismo, abstinência, celibato. Poucos, muito poucos dão importância às disciplinas que excitam ou estimulam o Nervo Vago. Mas excitar o Nervo Vago não teria valor algum sem focalizar a atenção na região frontal.

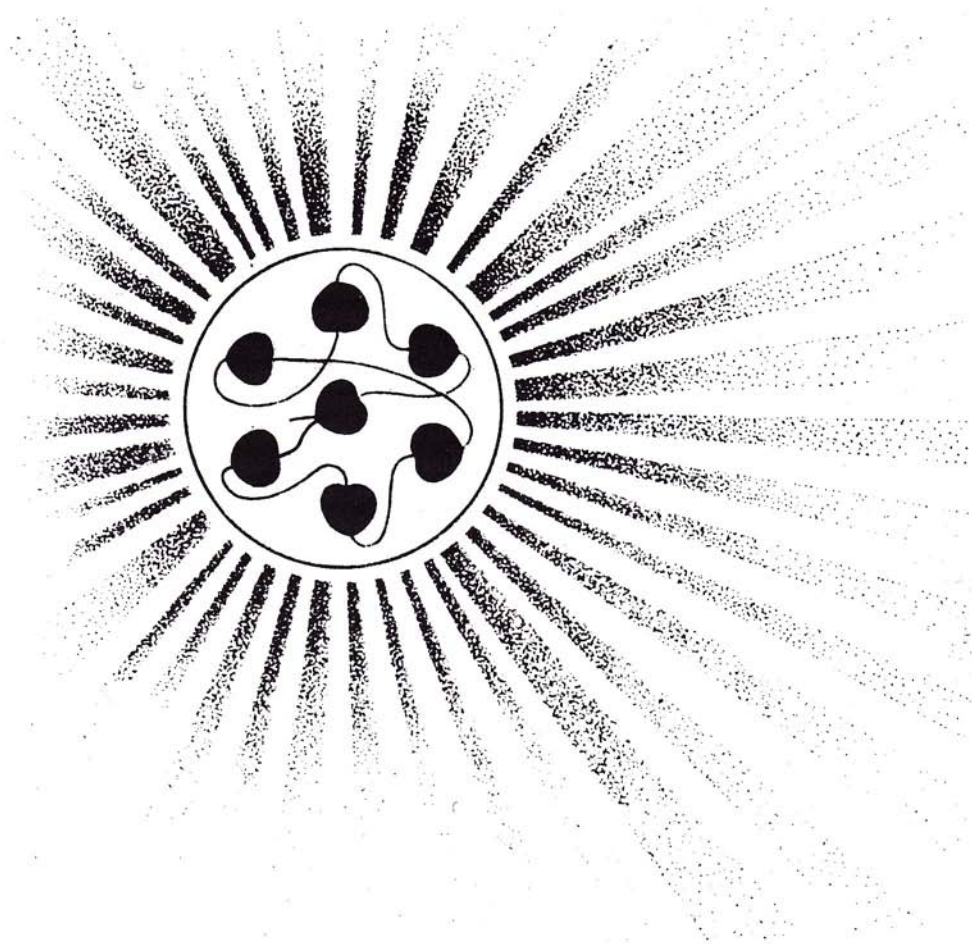
“Se o teu olho se tornar único, teu corpo inteiro será preenchido pela luz.”

Aquilo que preenche, que transmite bem fundo dentro dos tecidos do corpo a luz conquistada ao fazer com que o olho se torne um só (e isto só pode ser feito na região frontal), é o Nervo Vago.

A disciplina que leva ao despertar e ao controle progressivo do Nervo Vago é em si um mecanismo de tensão. Todos conhecem a operação depredadora da vagotomia que destrói o contato do Nervo Vago com a mucosa gástrica. Uma operação deste tipo salva o corpo físico de inconveniências, mas não chega a salvar a vida e portanto raramente se justifica numa pessoa esotérica. A alma, sob as leis da retribuição kármica, pode condescender em ensinar ao discípulo a qualidade do posicionamento diante do conflito. Ela pode considerar que vale a pena perder o corpo físico em troca desta qualidade. A vagotomia, vista da perspectiva da alma, muito raramente é indicada.

Sempre associamos o Nervo Vago com o sistema nervoso autônomo, do qual faz parte. O sistema nervoso simpático, a contraparte do sistema nervoso parassimpático, é o agente do corpo emocional que irá explorá-lo sem piedade no caso de alguma instabilidade emocional ou astral. O processo inteiro de yoga e do desabrochar esotérico, nos seus primeiros estágios, está orientado para o controle da natureza emocional e, através deste, para o controle do sistema nervoso simpático. Este último também é um mecanismo através do qual é possível despertar a psique mais profunda do homem, movimentar o seu subconsciente. Seus instintos animais vêm à tona, junto com os elementos mais indesejáveis do subconsciente. Um homem que vive constantemente em confronto com seu subconsciente não está pronto para o Caminho da Iniciação. O mestre tibetano afirmou muitas vezes que o subconsciente nunca deveria ser evocado. Deveria ser deixado a diminuir, a retrair-se progressivamente, para que os elementos de uma consciência superior tomassem o seu lugar. Naturalmente, existem raras exceções a esta máxima esotérica.

O Nervo Vago opõe-se ao sistema nervoso simpático e ao seu “agente provocador”, a instabilidade astral. Só por esta razão já vale conhecer a anatomia e o signi-



O GLÓBULO DA VITALIDADE

O Nervo Vago é o "abre-te sésamo" para as trilhas de energia que conduzem o glóbulo da vitalidade ao corpo etérico. Provenientes da superfície dos pulmões, ou dos poros da pele, ou da superfície da pele sobre as aberturas do centro Alta Maior no pescoço, ou da região da pele sobre o baço, todas estas trilhas de entrada se alargam com a estimulação do Nervo Vago. A inspiração profunda é o momento de menor inibição para permitir o ingresso do glóbulo da vitalidade, o que resulta na estimulação do Nervo Vago. Os mesmos resultados são obtidos ao se pressionar os globos oculares, o que faz diminuir o ritmo do coração, estimula o sistema nervoso parassimpático e inicia vários outros processos, alguns dos quais constituem segredo de iniciação.

As disciplinas esotéricas do pranayama que incorporam uma absorção mais eficiente do glóbulo da vitalidade, sua decomposição e o transporte de suas energias nos tratos do nadis e do Ida, Pingala e Sushumna, formam uma base sólida para que a estrutura física enfrente o longo caminho que conduz ao topo da montanha da iniciação.

Não se deve esquecer nunca de que a glândula tireóide, monitorada pela hipófise, afeta a absorção de oxigênio e que o glóbulo da vitalidade está intimamente relacionado com a molécula de oxigênio.

ficado esotérico do décimo nervo craniano. Ele forma a maior parte do sistema nervoso parassimpático e torna-se excessivamente ativo quando da prática da meditação ou durante o sono. Todos os homens são capazes de alguma percepção extra-sensorial enquanto dormem. Poucos, porém, conseguem manter a consciência nesse estado, para poder utilizar-se dessa capacidade. Mantendo-se uma consciência contínua, vinte e quatro horas por dia, aumentam-se o controle e o uso do Nervo Vago, juntamente com os seus efeitos colaterais psíquicos.

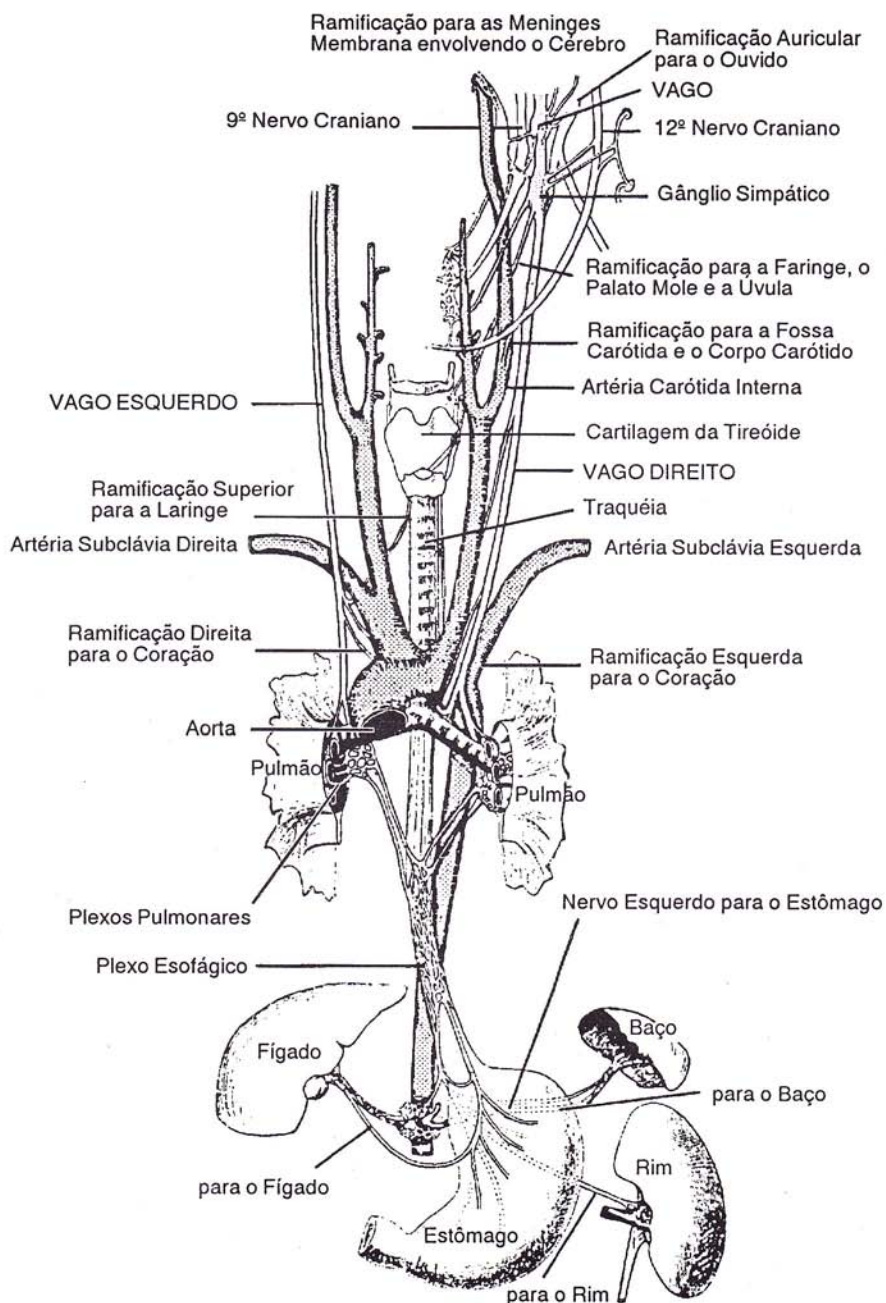
Começamos a entender agora por que o nervo é chamado de “antena psíquica”. Sendo permeado pelo Fogo Solar, age como uma antena, permitindo a entrada de energias vindas dos reinos do Atma-Buddhi-Manas.

‘ O NERVO VAGO

“Diversamente de qualquer outro tecido do corpo, o Nervo Vago está intimamente ligado ao encéfalo e ao equipamento mental, aos pulmões e à respiração, ao coração e à circulação sanguínea. Vimos que existem três qualidades primárias subjacentes ao Lótus Egóico, e, sem dúvida, na última parte da evolução do homem, Atma, Buddhi e Manas emergem com força de dentro do Lótus. Estas qualidades são despertadas pela expressão do Terceiro jorro da onda Vital do Logos Solar, através de suas mônadas, que juntas vão formando um chakra no seu corpo sutil, recebendo agora a Sua atenção. As energias destas mônadas ativam o material dos três planos do Atma, Buddhi e Manas, cujos átomos apropriados reagem às qualidades do raio Monádico e são impelidas para os pontos focais dentro dos seus átomos permanentes. As tríplexes energias do Atma, Buddhi e Manas, por sua vez, buscam expressar-se nos três corpos inferiores. Portanto, Atma se expressa com maior eficiência e harmonia através do corpo físico; Buddhi, através do corpo astral, e Manas através do corpo mental. No homem adiantado — o discípulo aspirante e o discípulo aceito —, as energias do Fogo Solar são trazidas progressivamente para dentro destes três corpos, enquanto a alma apropria-se mais e mais do seu veículo, a personalidade.

“Quando a personalidade já está bem plenificada e o Centro do Coração, o Centro da Garganta e o da Cabeça já estão inteiramente despertos e coordenados, irradiando em uníssono, então, se o indivíduo decide alinhar-se com a sua alma, orientar-se para temas espirituais, o Fogo Solar pode ser trazido para baixo, por um Prometeu, do Topo da Montanha para o Templo do Senhor cuidadosamente preparado — o corpo do Homem. Quando um homem assim, de maneira verdadeiramente heróica, rompe as correntes de muitas vidas que o prendem às imagens primordiais do inconsciente coletivo da raça, quando ele se liberta do dogma e, acima de tudo, da rede do maya que enfeitiça os seus cinco sentidos, então ele está pronto para o Fogo dos Deuses. Ele afirma: “Que seja feita a **Tua** vontade, não a minha”, e chama o fogo-espiritual desta vontade de seu Pai no Céu, seu Eu Superior, a energia Divina da sua essência Monádica. Então, torna-se elegível para a terceira iniciação. Assim como Abraão, ele tinha levado seu filho, sua propriedade mais preciosa (sua personalidade), para o topo da montanha (da iniciação) e lá ofereceu-o em sacrifício (colocou sua personalidade à disposição da hierarquia planetária dos Mestres). A oferenda é aceita (a iniciação é bem-sucedida) mas o filho não é sacrificado. A personalidade inteira, a partir de então, torna-se o instrumento do governo interno do mundo. Recebe a oportunidade de compartilhar o Seu Plano para o planeta.

“E então começa a operar dentro do iniciado um novo equipamento. O discípulo é um embrião espiritual e deve fazer crescer rapidamente novos órgãos para perceber

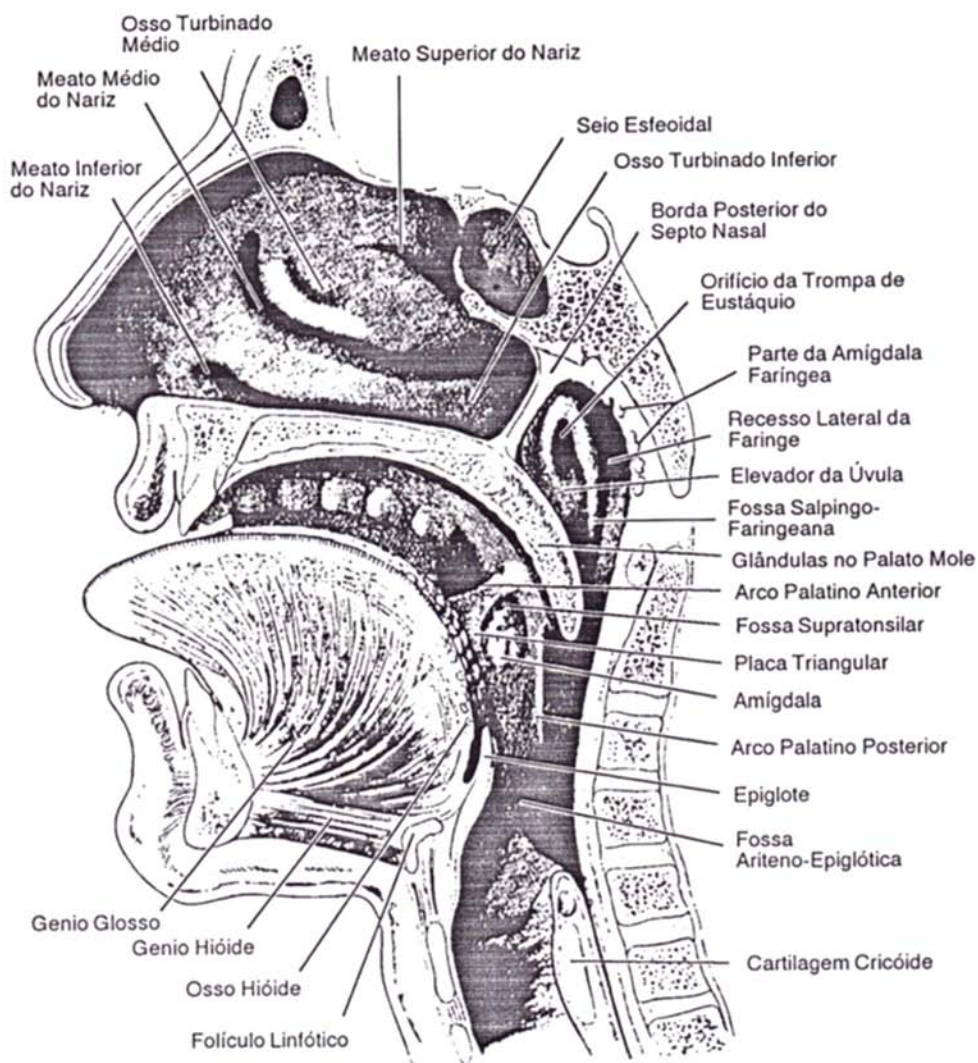


DISTRIBUIÇÃO DO NERVO VAGO

os mundos internos e lidar com energias superiores. O influxo constante de Fohat, do Fogo Solar e do Elétrico, deve expressar-se, senão o discípulo será queimado... 'O meu Deus é um fogo que tudo queima.' Ele deve expressar este fogo e transcendê-lo criativamente em todos os níveis, espiritual, mental, emocional e físico. Neste aspecto, o discípulo deve desenvolver em si as qualidades deva, na verdade precisa emular as capacidades do Fogo Deva. Isto é uma necessidade premente, muito mais premente que as enormes tarefas que ele executa agora por compartilhar um fragmento do Plano. Nisto, a personalidade plenificada é testada até o extremo mas alivia a pressão sobre os Mestres. Ele incentiva os outros para o esforço espiritual; ele cura; ele ensina; ele orienta; ele consola. Ele é apenas um canal para as forças superiores. O tempo todo o embrião cresce. Qual é o órgão físico que sustenta o principal ímpeto destas incursões fogosas e ajuda, mais que qualquer outro, a usá-las de maneira criativa? Deve ser um órgão que irá expressar algo do Atma, Buddhi e Manas enquanto estes fluem para os centros de sua cabeça, coração e garganta, abertos e protegidos pela experiência iniciática na ocasião em que a vara da iniciação foi aplicada no Topo da Montanha. Um único tecido do corpo humano preenche esta função adequadamente, e este é o Nervo Vago.

"Por originar-se na medula, o Nervo Vago faz parte do encéfalo, é um nervo craniano, e está, portanto, intimamente relacionado com o Chakra Craniano, o corpo mental e o Manas Superior. Através de suas ramificações, o Nervo Vago relaciona-se com os pulmões, a respiração, o prana, os nervos periféricos, o corpo etérico-físico, o Centro da Garganta e o Atma. Através dos terminais nervosos no coração, o Nervo Vago relaciona-se com este órgão, o Chakra do Coração, a circulação sanguínea, os elementos sanguíneos (principalmente os leucócitos), o corpo astral e daí, através do átomo astral permanente, com o Buddhi. O aumento do influxo espiritual produz mudanças contínuas em todos os corpos da tríade inferior. Os terminais nervosos ramificam-se no encéfalo e em todas as regiões intimamente ligadas aos centros superiores ou por eles energizadas. As suturas do crânio continuam abertas, mesmo na velhice, permitindo que o encéfalo se reforme. As glândulas pineal e hipófise tornam-se altamente ativadas com novos tecidos, antes atrofiados, que entram em funcionamento total, o que inibe determinados órgãos e mecanismos etéricos acima do diafragma. As observações que John White faz em seu livro *The Highest State of Consciousness* são relevantes: 'Em termos do encéfalo, a iluminação parece envolver uma repadronização da rede neural. Enquanto antes existiam áreas do sistema nervoso sem conexão, ou 'compartimentalizadas', na iluminação acontece uma ruptura que resulta na integração dos tratos nervosos que usamos para pensar e sentir. Nossos 'cérebros' múltiplos se tornam um só. O neocórtex (a parte 'intelecto-pensante'), o sistema límbico e o tálamo (a parte 'emoção-sentir') e o bulbo (a parte 'inconsciente-intuição') adquirem um método de comunicação intercelular, antes inexistente, mas sempre possível. Ultrapassa-se um umbral, explicável provavelmente em termos de mudança eletroquímica celular e de crescimento de novos terminais nervosos. Embora se dê em termos neurofisiológicos, o resultado é um novo estado de consciência. Isto, por sua vez, cria um novo modo de percepção e de sentir que conduz à descoberta de formas de lógica não-rationais (mas não irracionais), que são: multiníveis/integradas/simultâneas, e não: lineares/sequenciais/alternativas".

"No homem superevoluído, o Nervo Vago assume funções adicionais, de uma natureza esotérica. Através da ação iniciadora do átomo físico permanente, ele atrai o material de categoria mais elevada possível (mas dentro dos limites do karma do indivíduo) para dentro de suas estruturas, que são numerosas e se ramificam em muitas partes do corpo. Nos iniciados, estes átomos atraídos podem até possuir espirais altamente ativadas de quinta e de sexta classe, que têm qualidades idênticas aos planos do Atma, Buddhi



CORTE SAGITAL ATRAVÉS DA BOCA, LÍNGUA, LARINGE, FARINGE E CAVIDADE NASAL

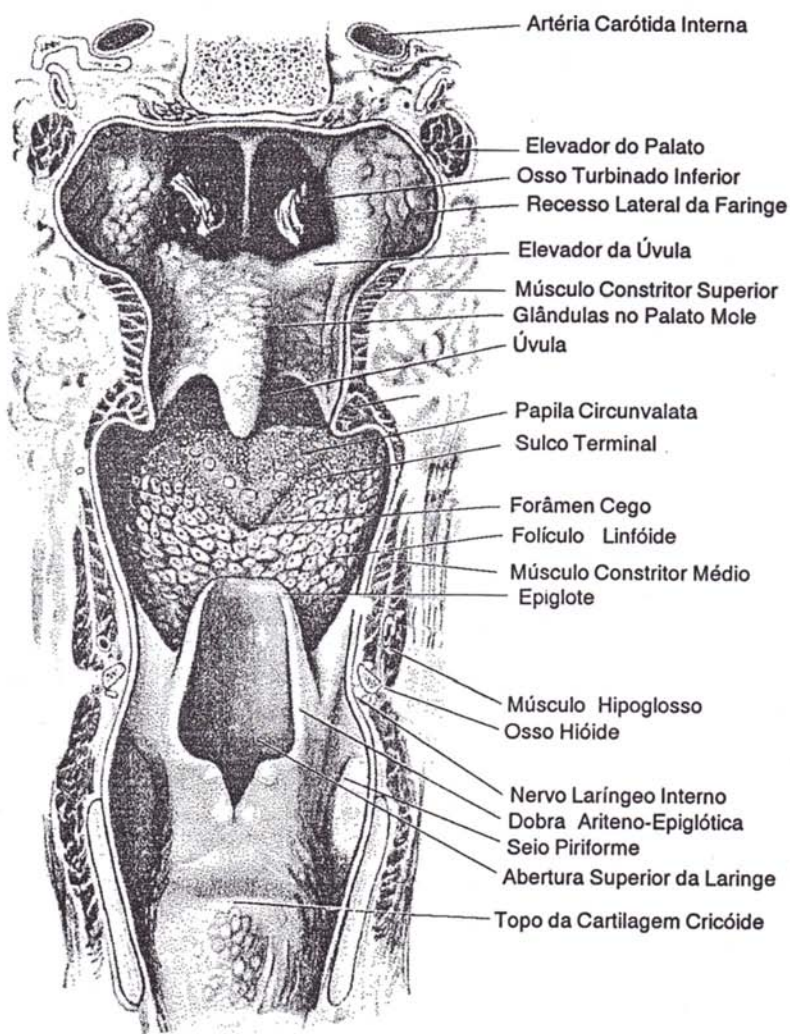
e Manas, com os quais estariam em ressonância. Daí a descrição do Nervo Vago como 'o aéreo psíquico ou antena'. Dentre todas as partes do veículo físico, este tecido nervoso, mais do que qualquer outro, deveria ser composto de mais destes átomos transformados. Além disso, a região do Vago seria o local principal, no tecido nervoso, onde ocorreriam as transformações de átomos de classe baixa, sob o estímulo do Fohat, em átomos de vibração alta, isto é, átomos com as categorias superiores de espirais em funcionamento.

"A reorientação, em termos de chakras, significa transferir as energias dos três últimos locais mencionados, focalizando-as num novo triângulo: do Chakra da Garganta para o Chakra Alta Maior/Chakra do Coração para o Chakra Frontal/e o Chakra da Cabeça (que se abre mais). Estes três centros de energia devem se abrir cada vez mais, simultaneamente. Eles se tornam 'radioativos' e se justapõem. No local da justaposição cria-se um vórtice de energia que se resolve no terceiro olho (ver *The Opening of the Third Eye*, do Dr. Douglas Baker), ou o Chifre do Unicórnio, o órgão da percepção espiritual. Estes três chakras são simbolizados por três cúspides no Lótus Egóico, descrito na Seção Três do *The Jewel in the Lotus*, do mesmo autor, obra de onde foi tirada a informação dada aqui sobre o Nervo Vago. O mecanismo de abertura dos três chakras está relacionado com a dedicação, persistência, coragem e desprendimento que o discípulo pode passar em revista ao executar as três ações essenciais: Alta Maior ... servir à humanidade; Centro Frontal ... focalizar a mente; Centro da Cabeça ... meditação."

PRANA E O GLÓBULO DA VITALIDADE

"O glóbulo da vitalidade compreende sete átomos físicos fundamentais, que se ligam entre si pela energia do prana e formam um vórtice irradiante, emissor de luz, doador de vida. C. W. Leadbeater, nas suas brilhantes obras clássicas *The Hidden Side of Things* e *Occult Chemistry*, descreve detalhadamente como o prana das dimensões superiores, emitido pelo Sol, entra nas miríades do anu, na nossa atmosfera. Este autor acrescenta algumas observações. Prana é a energia do segundo aspecto do 'Coração do Sol' e, portanto, evolucionária no sentido de espiritualmente motivadora, assim como doadora de vitalidade para todas as formas que se utilizam dela. Quando um anu é preenchido completamente, começa a brilhar. Cada anu tende a manifestar, na sua qualidade geral, a predominância de um dos Sete Raios. Quando emerge um anu do Segundo Raio, do Amor-Sabedoria (a energia radial do Logos Solar), atrai, por meio de suas qualidades inerentes e magnetizadas, seis outros anu, formando o glóbulo da vitalidade. Neste estado, o glóbulo da vitalidade pode aderir a uma molécula de oxigênio e ser introduzido no corpo pelo ato da respiração, ou pode ser introduzido no corpo diretamente, sem estar aderido, através do Chakra Esplênico, que, como os outros chakras, encontra-se na superfície do corpo etérico-físico.

O prana liga os sete átomos fundamentais entre si, formando o glóbulo da vitalidade. Este glóbulo vitaliza as estruturas etéricas do corpo físico. O mecanismo do metabolismo, entretanto, sustenta as partes puramente físicas destes mesmos órgãos. Muito resumidamente, o processo biológico é o seguinte: a digestão decompõe o alimento em suas moléculas constituintes. Estas moléculas são absorvidas pelo sangue através das paredes do intestino. Elas circulam pelo corpo e pelas células de diversos órgãos, como os rins, o fígado, os músculos, etc., retiram as moléculas do sangue e, por uma forma de combustão, convertem as moléculas do alimento em várias formas de energia que elas mesmas usam para fazer funcionar os seus diversos processos celulares. Para que a energia seja liberada, é necessária a presença do oxigênio. Isto se conhece por respi-



A FARINGE E OS SEUS ORIFÍCIOS VISTOS DE TRÁS

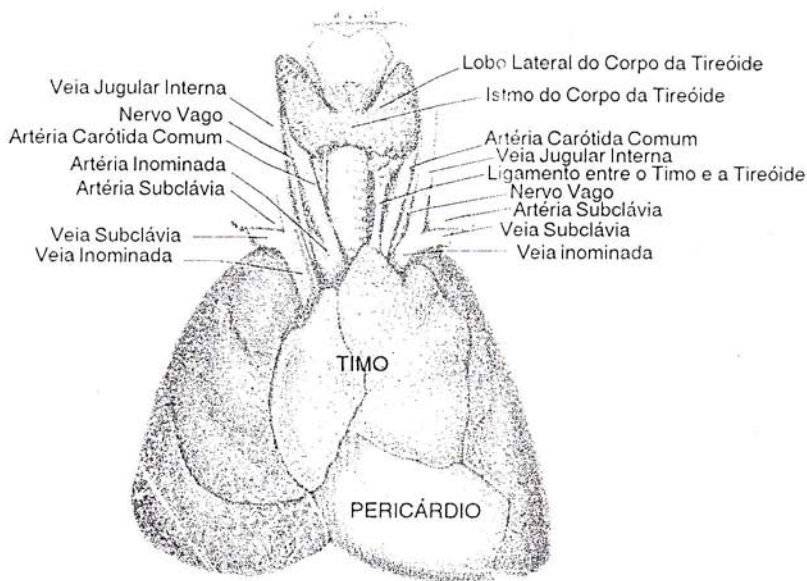
Observe a abertura das passagens nasais e os ossos turbinados que permitem a passagem das respirações solar e lunar pelas cornucópias da plenitude (ver também figura do Capítulo 12). Observe as glândulas do palato mole, acima da úvula, que são muito sensíveis à invasão de bactérias no sistema respiratório superior. Abaixo da úvula está o forâmen cego.

ração interna. Como vemos, é um mecanismo liberador de energia no qual a glicose é 'queimada' na presença do oxigênio. A liberação de energia sustenta os tecidos físicos. O prana, liberado do glóbulo da vitalidade, sustenta os órgãos etéricos e esta é realmente a contraparte esotérica do que ocorre exotericamente na respiração interna. O armazenamento de energia na molécula de glicose é a contraparte exotérica da armazenagem de energia no glóbulo da vitalidade. Portanto, vemos que seis átomos de carbono, doze átomos de hidrogênio e seis átomos de oxigênio se juntam para fazer a molécula de glicose. Este processo ocorre nas folhas verdes das plantas, sob o nome de fotossíntese, isto é, a união (síntese) das moléculas de glicose, combinando-as com os laços energizados pela luz (fotos).

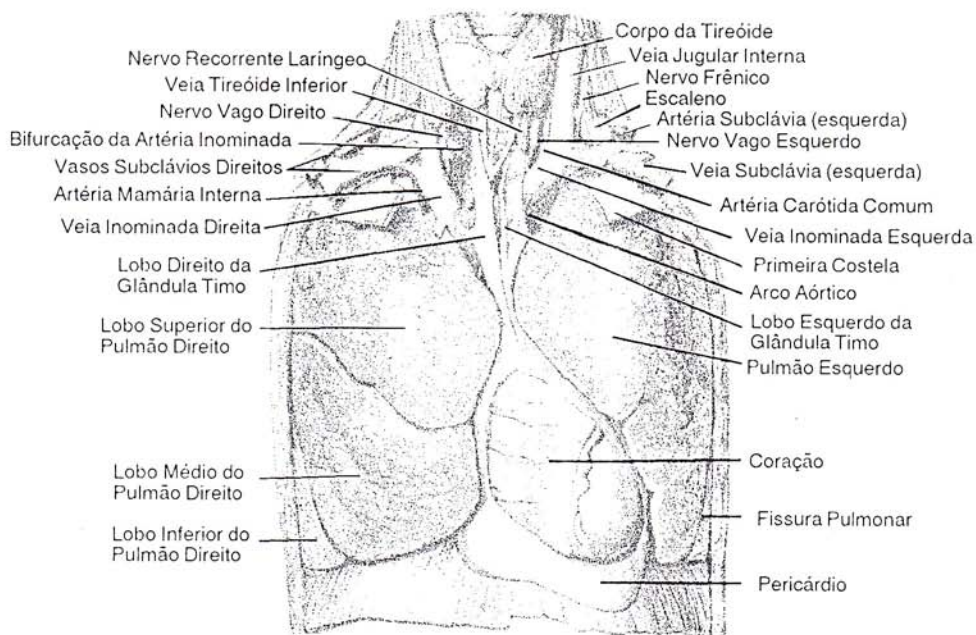
"Vemos, portanto, que o Sol desempenha um importante papel no suprimento de energia dentro do processo esotérico da formação do glóbulo da vitalidade e do processo exotérico da formação da molécula de glicose. O glóbulo da vitalidade, assim como o processo da fotossíntese, exige a presença da luz do Sol. É o fator comum. Começamos a entender, agora, a expressão bíblica 'nem só de pão vive o homem'! Enquanto os órgãos digestivos e as artérias do sangue transportam a glicose aos tecidos do corpo, existem tratos especiais e nadis que levam os elementos dos glóbulos da vitalidade para os diferentes chakras. Os chakras, por sua vez, extraem vitalidade dos componentes do glóbulo da vitalidade e a transferem para as partes etéricas dos órgãos vizinhos. Qualquer falha existente nos caminhos destas forças circulantes e vitalizantes, ou qualquer inibição do funcionamento correto dos chakras, levará à desvitalização de um órgão com o conseqüente ataque por bactérias. Sabendo disso, o ocultista faz com que estas forças escondidas fluam livremente, e muitas das disciplinas que se ocupam com o trilhar do Caminho estão aí para assegurar este fluir livre. A meditação traz energias imensas dos níveis superiores para o corpo etérico, e, o que é mais importante, garante uma assimilação mais eficiente do prana pelas várias estruturas, em todos os níveis, isto é, mental, astral, e o etérico-físico. Meditar sobre estes princípios doadores de vida traz uma saúde sensível e reagente, capaz de ser tão altamente criativa quanto receptiva. O homem que está no Caminho não busca a saúde robusta, nem espera isto, apesar de tudo o que os instrutores de yoga lhe possam dizer.

"Os glóbulos da vitalidade também entram nas folhas verdes em grande quantidade. Passam através das aberturas ou estomas na face interna da folha para o mesófilo esponjoso. Uma vez ali, nos grandes espaços ao ar livre, eles se encontram em aposição íntima com as células esponjosas que armazenam a glicose produzida pela fotossíntese. Quando a planta retira a glicose (armazenada na forma de amido), o prana é liberado dos glóbulos da vitalidade e acompanha a glicose (seiva) na sua passagem para as partes em crescimento da planta. A importância disto para o homem que está no Caminho é que os alimentos vivos contêm nas folhas verdes grandes quantidades de prana armazenado na forma de glóbulos da vitalidade. O cozimento dispersa grande parte desta vitalidade, mas não toda. O fogo, na forma de calor como o conhecemos, não tem muito efeito sobre o anu e o seu prana que existe num subplano muito mais sutil (Trecho extraído de *Meditation, The Theory and Practice*, vol. II de S.P.A.W., deste autor.)"

As raízes do Nervo Vago surgem da medula, a antiga parte do encéfalo que contém muitos centros de atividade nervosa responsáveis pela manutenção dos processos corporais que se encontram abaixo do nível da consciência normal. A manutenção da respiração é uma delas. O Nervo Vago tem um vínculo muito estreito com



GLÂNDULA TIMO DO FETO



GLÂNDULA TIMO NO ADULTO NORMAL

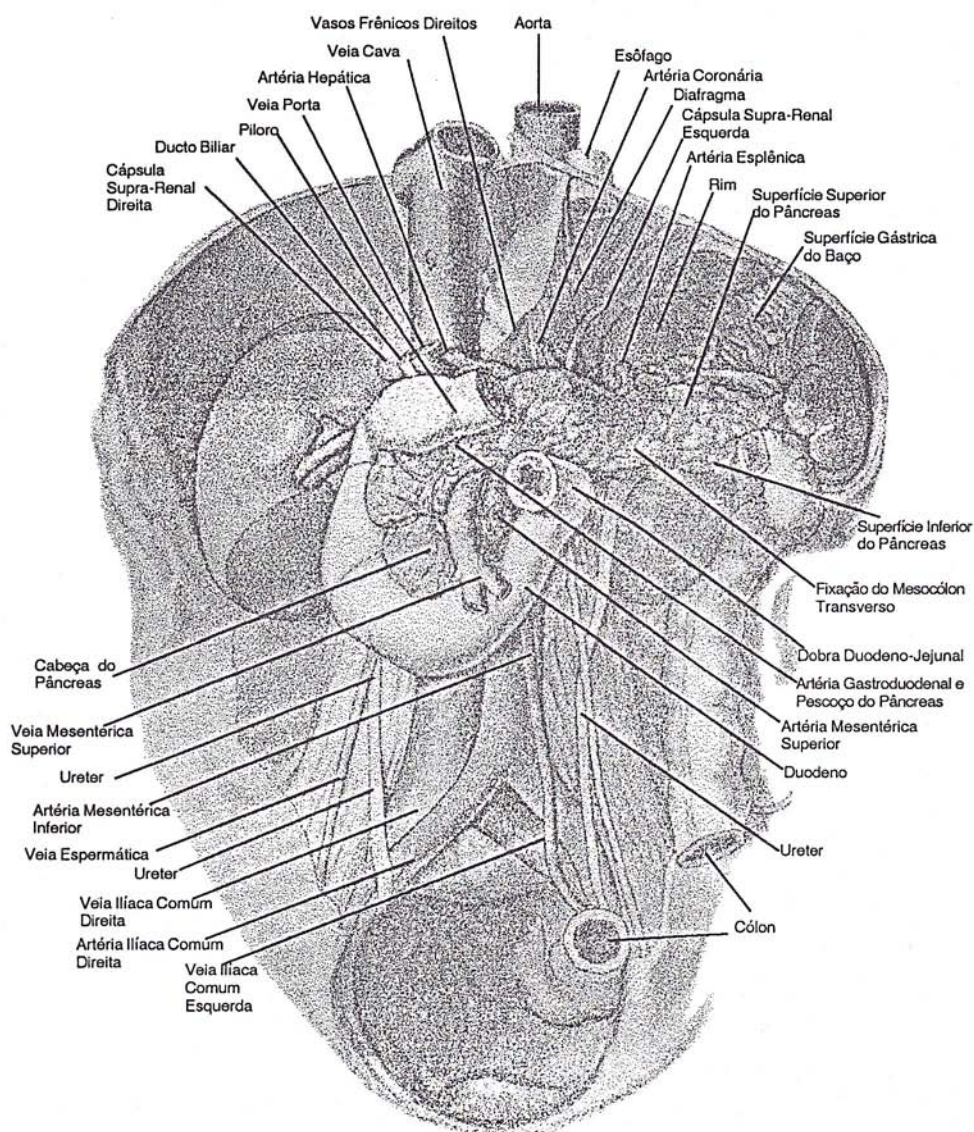
a respiração desde a mais tenra idade. Foi demonstrado que o Nervo Vago até pode assumir o centro respiratório das crianças prematuras.¹

Num dos passos da evolução do homem, o Nervo Vago não apenas controlava a respiração, como, numa época em que o homem estava materializando um corpo físico e ainda dependia inteiramente do prana e do oxigênio para se alimentar, controlava a absorção de energia da “placenta tribal”, através de suas ramificações no abdome. Nos capítulos 32 e 33, discutimos mais sobre o assunto.

As origens do Nervo Vago encontram-se atrás do osso esfenoide estreito e do meato inferior do nariz. Este último se encontra abaixo do osso turbinado inferior. Os turbinados são dobras nas paredes laterais do nariz. Elas se curvam de tal maneira que o ar inalado toma um caminho espiralado ao passar ao longo dos turbinados. Portanto, um cone de ar golpeia a parede posterior da faringe ao passar através de cada uma das narinas. O ar move-se muito rapidamente e suas partículas elétricas têm a carga aumentada pelos efeitos espiralantes. Isto produz a estimulação das extremidades nervosas do 1º nervo craniano, o do olfato. Quando, porém, se usam os padrões de respiração associados com a ciência do pranayama, o fluxo de excitação elétrica afeta os núcleos vagais da medula (ver Figura p. 130).

1. PROBLEMAS RESPIRATÓRIOS NOS PREMATUROS, RELACIONADOS AO NERVO VAGO — Um jornal de Montreal publicou uma reportagem sobre o Dr. A. C. Bryan afirmando que muitos bebês prematuros possuem um mecanismo respiratório primitivo, que inexplicavelmente pára de funcionar, o que talvez cause cerca de 2.000 mortes de recém-nascidos por ano no Canadá. Esta reportagem foi feita por um médico de Toronto, do Colégio Real de Médicos e Cirurgiões: “O Dr. Bryan, coordenador da pesquisa sobre a respiração do Hospital para Crianças Doentes, descobriu que os bebês prematuros dependem de um mecanismo respiratório primitivo, controlado pelo Nervo Vago, no peito, e pelo encéfalo. Estes reflexos primitivos às vezes falham no controle da respiração, causando a morte da criança, a menos que ela seja sacudida ou provocada para que recomece o processo de respiração, segundo as palavras do Dr. Bryan. Ele e sua mulher, Dra. Heather Bryan, têm estudado este fenômeno durante quase três anos, e viram em alguns bebês esta respiração primitiva persistir por quase quatro meses, antes que o método humano de controle voluntário da respiração, mais sofisticado, se desenvolvesse neles. A situação pode ser especialmente perigosa quando um bebê de 2 a 3 meses de idade passa à técnica de respiração adulta. É possível que o período de transição deixe a criança suscetível à falha respiratória. A diferença entre a respiração vagal e o controle humano da respiração não é óbvia num bebê, o que constitui um perigo, especialmente para os bebês prematuros que vão do hospital para casa, disse o Dr. Bryan. Os bebês prematuros são continuamente vigiados nos hospitais e alguns precisam ser sacudidos e virados em intervalos de poucos minutos porque sua respiração se interrompe. O Dr. Bryan disse que não se sabia antes que os bebês paravam de respirar por causa de uma falha do Nervo Vago, ou mesmo que o método de respiração deles era baseado em outro sistema. Dos cerca de 100 bebês prematuros estudados no Hospital para Crianças Doentes, mais da metade dependia do Nervo Vago para o controle da respiração. Alguns tinham de ser ligados aos pulmões artificiais. Em comparação, parece que os bebês de gestação normal dependem do Nervo Vago para controlar a respiração durante apenas 24 horas, fazendo em seguida a transição para a respiração normal. Trabalhando com patologistas, a equipe comandada pelo Dr. Bryan descobriu o controle do Nervo Vago e do encéfalo enquanto estudava o desenvolvimento das funções do pulmão e da respiração nos bebês. Ele disse que a pesquisa mostrou ser possível identificar os bebês de alto risco, para que possam receber cuidados especiais em casa.”

Outro especialista em respiração, Dr. E. J. M. Campbell, de Hamilton, disse que testes recentes mostraram que algumas pessoas, normalmente do tipo introvertido, são respiradores preguiçosos, ao passo que pessoas mais extrovertidas tendem a respirar mais ativamente. A respiração preguiçosa cria problemas para as pessoas que tomam sedativos ou as que estão com infecções respiratórias, que “não lutam o suficiente por sua respiração”, disse o Dr. Campbell, presidente do departamento de medicina da Universidade de McMaster. Por outro lado, os respiradores mais ativos são suscetíveis a experienciar o desesperto, desproporcionalmente à situação externa.



AS VÍSCERAS E OS VASOS NA PAREDE ABDOMINAL POSTERIOR

Desta maneira, pode-se vivificar o Nervo Vago fazendo-o funcionar com enorme eficiência. Nos momentos de meditação elevada, a inspiração rápida pelas narinas, que na yoga recebe o nome de “respiração de fole” (bhastrika), transforma o Nervo Vago num farol de grande luz interior, que traz o Fogo Solar para dentro da própria substância dos tecidos.

Em termos etéricos, os cones são as cornucópias da plenitude. Cada um é uma cornucópia que transporta suprimentos de prana dos reservatórios universais. O Nervo Vago monitora o processo.

Os terminais do Nervo Vago encontram-se na região do palato mole. A própria úvula, chamada por alguns de “a pequena língua”, situada no fundo da garganta, tem um suprimento nervoso do Nervo Vago. O médico, quando pede ao paciente que diga “Aaaah”, está observando a úvula. Se esta se ergue durante a vocalização, o médico sabe que o Nervo Vago não está danificado. Se, entretanto, inclina-se para o lado, isso quer dizer que um dos dois Nervos Vagos está danificado, o direito ou o esquerdo. O significado oculto disto é que o som emitido constitui a primeira vogal da palavra sagrada, o AUM ou OM. Este estimula diretamente o Nervo Vago e é freqüentemente usado no início da meditação ou na preparação de algum elevado ato de focalização mental. Da mesma maneira, a vocalização da segunda vogal da Palavra produz efeitos sobre a área da hipófise enquanto o seio esfenóide ressoa com este som.

A laringe, ou caixa de ressonância, é outro órgão suprido pelo Nervo Vago. É aqui que se cria a mágica do som. Os efeitos do som alcançam os seres deva que são os construtores da forma.

Através do mecanismo dos mantras pode-se estabelecer uma linguagem de comunicação com os devas que reagem com os seus poderes sanadores, construtivos, criativos ou destrutivos. Aquilo que vemos, os devas ouvem. Aquilo que ouvimos, os devas vêem. Os sons representam formas para os devas. Não existe uma aproximação visual mais poderosa do reino elemental do que emitindo-se corretamente certas palavras de força ou mantras, transmitidas pelas conexões do Nervo Vago na laringe. A vocalização de qualquer palavra exige a contração de músculos intrínsecos da laringe que são enervados pelo Vago. A palavra sagrada nem precisa ser realmente vocalizada. Já é suficiente iniciar o som movendo os músculos sem deixar passar o ar pela laringe. Nem mesmo é necessário mover os músculos mas apenas fazer o som mentalmente. Tudo isto estimulará o Nervo Vago da mesma maneira. O Vago é a antena psíquica do corpo.

O nervo pode funcionar como um equipamento de alarme para o discípulo sensitivo. O palato mole muitas vezes advertiu este autor da predisposição a infecções da parte respiratória superior. Ele fica irritado, até apresenta “coceira” pelo menos 36 horas antes de qualquer outro sinal, dando assim aviso suficiente para a adoção de medidas paliativas antes que a infecção se desenvolva.

Na enervação do décimo nervo craniano da língua pode residir a causa de um fenômeno incomum que representa um sinal no Caminho do Treinamento Iniciático. Em momentos de perigo, ou de tensão interna, acontece ocasionalmente uma descarga elétrica sentida embaixo da língua. Parece originar-se do acúmulo de saliva. Isto apenas indica que um nível avançado de sensibilidade foi alcançado no de-

sabrochar das faculdades psíquicas e espirituais. É interessante notar que o forâmen cego encontra-se logo abaixo da úvula, na superfície da língua. No embrião, é desta região que a glândula tireóide desce para o pescoço. Vimos que a tireóide, juntamente com as glândulas hipófise e pineal, forma um triângulo de grande significado no ocultismo.

Enquanto as fibras nervosas do Vago são motoras e sensórias, ao nível etérico os nadis de ambas as fibras reagem ao ser estimulados e produzem muitos dos fenômenos de percepção extra-sensorial. A "Voz do Silêncio", ou a voz do Mestre, ouve-se internamente através dos efeitos etéricos das fibras do Vago que se originam na pele, atrás do pavilhão auricular e da parede posterior do meato auditivo externo.

As organelas estiradas nas raízes dos pulmões produzem estimulação vagal e assim, através de processos respiratórios, pode-se colocar em movimento a antena psíquica inteira, diminuir o ritmo cardíaco, ganhar sensações de luz interior e trazer para baixo o Fogo Solar.

Não existe ainda evidência de que a glândula tireóide é suprida pelos nervos do Vago, mas o tempo o mostrará. Certamente, o décimo nervo supre a glândula do timo e é em grande medida o responsável pelo seu crescimento até a idade de dois anos, quando ela se atrofia. Vimos que o Nervo Vago desempenha um papel na respiração de bebês prematuros e que no futuro se descobrirá a grande importância de seu papel no crescimento e involução da glândula do timo.

A glândula do timo, uma estrutura endócrina, está relacionada ao Chakra do Coração.

Os nervos motores que suprem o baço, trazem o Nervo Vago em contato íntimo com o Chakra Esplênico, que é o pólo oposto ao encéfalo e aos centros da consciência. O baço entra em contato com a ponta do pâncreas, como mostrados na pág. 136.

O Vago supre de nervos o pâncreas, a glândula endócrina associada ao Plexo Solar e o seu chakra correspondente. O pâncreas é também o pólo magnético inferior do eixo formado entre ele e o hipotálamo. Uma grande sensibilidade do Vago pode produzir hiperinsulinismo e hipoglicemia. Associadas a estes distúrbios, podem surgir formas voluntárias de mediunidade, enquanto com os efeitos opostos, isto é, hiperglicemia (diabetes), associa-se a mediunidade inconsciente.

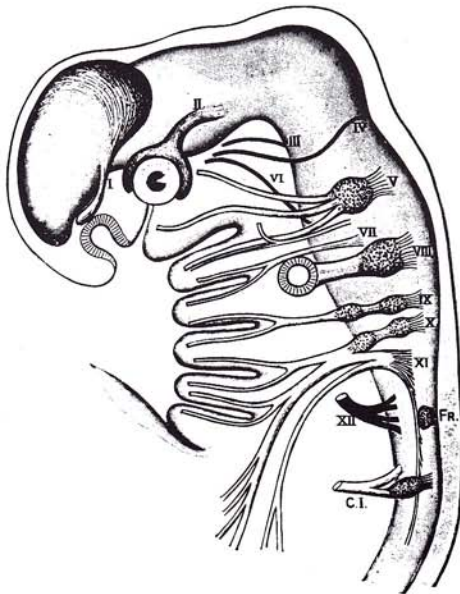
O Nervo Vago supre a mucosa do estômago de nervos que produzem as secreções do ácido hidrocloreídrico. A injeção de açúcar no estômago pode estimular o Nervo Vago e causar o hiperinsulinismo. Estes diversos fatores envolvem o tórax e o abdome, que são assuntos dos Capítulos 32 e 33.

Não se deve esquecer que o Vago é parte integrante do sistema nervoso parasimpático e que, através deste, seus efeitos e estimulação podem ser correlacionados ao centro sacral, que é o alvo da atenção da yoga tântrica.

21

O QUINTO NERVO CRANIANO

Os doze nervos cranianos desempenharam um papel muito importante na adaptação dos veículos da consciência humana ao ambiente em contínua mudança, de um planeta que se estava tornando mais denso e concreto a cada milênio. Já observamos que nas estruturas primitivas da brânquia no homem formavam-se numerosos e diferentes órgãos. Nestes componentes da brânquia cresceram o quinto nervo craniano e todos os outros, até o décimo segundo.

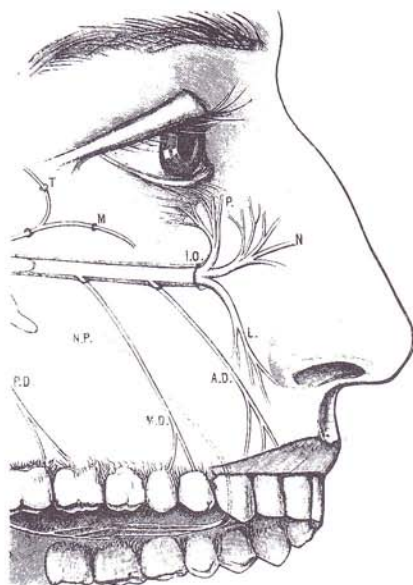


A DISPOSIÇÃO NO EMBRIÃO DOS NERVOS CRANIANOS
E SUA RELAÇÃO COM AS ESTRUTURAS DAS GUELRAS.

A Figura da página ao lado mostra o arranjo embriológico dos nervos cranianos em relação com os das fissuras da brânquia. Note-se que o quinto nervo craniano, o trigêmeo, envia seus terminais nervosos àquela região que será a face. Portanto, a sensação de toque, dor, etc., ocorrida na superfície da face, é transmitida pelo quinto nervo craniano. Os nervos cranianos restantes associam-se aos miótomos persistentes da cabeça. São os nervos motor-ocular, o troclear, o abduzir e hipoglosso, ou os III, IV, VI e XII nervos cranianos.

Com a ciência a caminho para o mundo etérico, irão aparecer muitas características interessantes concernentes aos nervos cranianos, especialmente no seu relacionamento com os problemas mentais e doenças psicossomáticas.

Um exemplo interessante disso poderia ser citado quanto ao nervo infra-orbital, um ramo do quinto nervo craniano.



A RAMIFICAÇÃO DO NERVO MAXILAR E O RAMO INFRA-ORBITAL NA FACE

Na mais remota antiguidade, na China, as crianças mentalmente retardadas, com grande dificuldade para concentrar sua atenção por qualquer espaço de tempo, eram submetidas a uma medida terapêutica que, em nossa época, seria considerada ridícula. Mas isso porque nossa psiquiatria ocidental remonta somente a Paracelso, que a fundou no século V.

Quando se dava a uma criança uma tarefa que exigisse concentração, como a leitura, era ela colocada sentada debaixo de um jorro constante de grãos de arroz que caíam sobre suas bochechas, de cada lado das pupilas, na região onde emerge o nervo infra-orbital do seu forâmen, no osso facial. O efeito era promover a concentração e, por caminhos apenas conhecidos pela iniciação, propiciar a estimulação de determinados centros na cabeça.

22

O SANGUE E A IRRIGAÇÃO SANGÜÍNEA DO ENCÉFALO

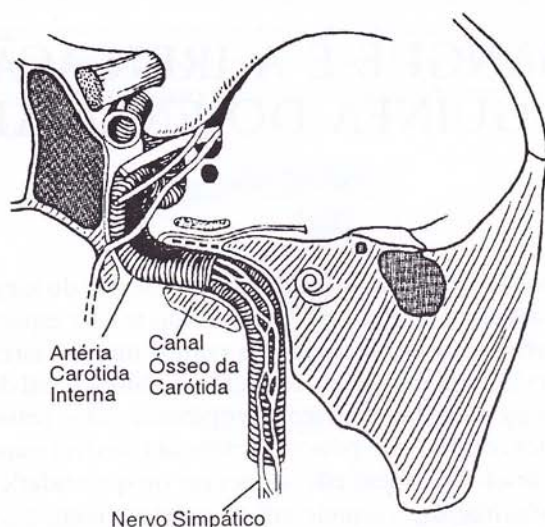
A constante preocupação dos oculistas com o assunto do sangue implica o que Paracelso escreveu uma vez: “O sangue é um fluido muito especial”. Os glóbulos brancos do sangue têm associações especiais com o mundo astral. Estes vínculos são enfatizados nos relacionamentos entre a natureza emocional da pessoa e os seus glóbulos brancos. Os glóbulos brancos têm invólucros astrais, principalmente os polimorfonucleares. Estes refletem um pouco da estrutura flexível e amebóide das coisas astrais. Os glóbulos brancos podem não aumentar de quantidade ou tamanho por causa dos intensos sentimentos daquele em quem eles vivem e se movem e têm a sua existência, mas sem dúvida refletem estes sentimentos neles mesmos. Tornam-se o reservatório das qualidades emocionais específicas que são elaboradas ao nível astral. Mais do que isso, são suscetíveis aos sentimentos dos OUTROS, às imperfeições dos outros, principalmente quando existe entre as pessoas uma correspondência especial ou relação de sangue. Isto é verdade especialmente quando se trata de gêmeos e de pais e seus filhos.

Referimo-nos à concordância mantida entre um paciente e o seu sangue, que lhe foi retirado para diagnóstico e tratamento por Radionia. Esta concordância está baseada na continuidade que existe entre a célula e o homem, no fragmento como a imagem do todo. Existe nas células do sangue uma imagem não só das qualidades vitais do paciente mas também de seus estados emocionais e mesmo mentais. Estas expressões são possíveis apenas por causa dos invólucros astrais que permeiam as células, principalmente os polimorfos do sangue.

Os órgãos através dos quais o sangue passa afetam-no bastante. Efeitos muito específicos decorrem da passagem do sangue através das quatro câmaras do coração. Isto será explicado mais tarde, quando tratarmos do assunto do tórax. Por enquanto, será suficiente dizer que nesta passagem pelo coração são notadas as qualidades kármicas do sangue.

O papel desempenhado pelos glóbulos vermelhos é bem diferente e não tão claramente entendido. Não há dúvida de que os glóbulos vermelhos expressam a vitalidade inerente ao prana que carregam, ligado às moléculas de oxigênio. Existe,

porém, uma outra função relacionada aos eritrócitos. Eles fornecem um mecanismo pelo qual cada plano de elaboração de uma idéia pode ser conservado, projetado ou retirado. A inspiração favorece o fortalecimento de qualquer idéia ou conceito mantido (na essência astral e mental) dentro dos reservatórios sangüíneos do encéfalo e materializado em fórmulas elétricas pelos neurônios cerebrais. A inspiração retida irá manter o pensamento em estado de equilíbrio dinâmico.



A ARTÉRIA CARÓTIDA INTERNA ENTRANDO NO CRÂNIO

A IRRIGAÇÃO SANGÜÍNEA DO ENCÉFALO

A irrigação sangüínea do encéfalo tem várias características que a tornam muito diferente da vascularização de outros órgãos. As duas artérias carótidas internas constituem o principal suprimento de sangue ao encéfalo, principalmente o prosencéfalo, onde se encontra a sede da consciência. Em primeiro lugar, a artéria carótida comum, lá onde se bifurca em ramos internos e externos ao nível da borda superior da cartilagem tireóide (pomo de Adão), logo abaixo do ângulo de cada osso maxilar, tem o corpo da carótida bem junto dela. Este órgão é sensível a mudanças de pressão do sangue na artéria carótida e é também um quimo-receptor ao nível da quantidade de oxigênio no sangue. O seu significado esotérico decorre da sua relação e correspondência imediata com o Chakra Alta Maior que, uma vez desperto, roda em sentido sagital sobre um eixo imaginário formado entre os dois corpos carótidos, a meio caminho entre os ângulos da mandíbula ou o maxilar inferior.¹

1. Ver *Meditation, The Theory and Practice*, vol. II, S.P.A.W., p. 39.

A artéria carótida interna penetra no crânio através do canal ósseo no osso pétreo. Emanuel Swedenborg, um grande místico e visionário, era também um anatomista na primeira parte da sua longa vida. Ao dissecar a artéria carótida, observou o seu caminho tortuoso pelo canal ósseo antes de entrar no crânio e na substância do prosencéfalo. Chegou à conclusão de que a artéria se contorcia assim para reduzir o impacto dos efeitos pulsantes das ondas de pressão advindas dos batimentos cardíacos. Ele pensou que estas interfeririam nos processos de pensamentos do encéfalo. Esta observação, feita no início do século XVIII, é aceita pelos anatomistas atuais. É de considerável importância aos estudantes de anatomia esotérica que sabem que até a atividade do coração deve ser reduzida para que a meditação seja possível. A atividade do encéfalo deve ser apaziguada, porque um órgão pulsando com o sangue não serve de instrumento para a mente superior.

A Anatomia de Gray diz o seguinte sobre o caminho tomado pela artéria carótida interna através do osso temporal:

“É surpreendente o número de curvaturas que apresenta nas diferentes partes do percurso. Ocasionalmente tem uma ou duas curvas próximo à base do crânio, entretanto, ao passar pelo canal carótido e ao longo do corpo do osso esfenóide, descreve uma curvatura dupla, parecida com a letra s em itálico, colocada na horizontal. É bem provável que estas curvaturas diminuam a velocidade da corrente sanguínea, aumentando a extensão da superfície sobre a qual ela se move e o obstáculo produzido pela fricção.”

Há também um plexo de nervos simpáticos, entrelaçado firmemente em torno da artéria carótida interna, quando esta entra no crânio. Estes nervos provêm do gânglio cervical superior, que se encontra no topo do trato do sistema nervoso simpático, na altura da segunda e da terceira vértebra cervical. Partindo deste gânglio, os nervos simpáticos alcançam importantes estruturas na cabeça, de significado esotérico, tais como a hipófise e as glândulas pineais, sendo estas, aliás, exteriorizações dos Chakras Ajna e Sahasrara.

Quando a artéria carótida interna entra no crânio, junta-se a uma anastomose complexa de artérias na base do encéfalo, conhecida por Polígono de Willis. É aí que as duas artérias vertebrais encontram as duas artérias carótidas, formando um padrão de anastomose, cuja forma lembra ao ocultista a cruz ansata, o símbolo sagrado da consciência, originário dos templos de iniciação do Egito antigo.²

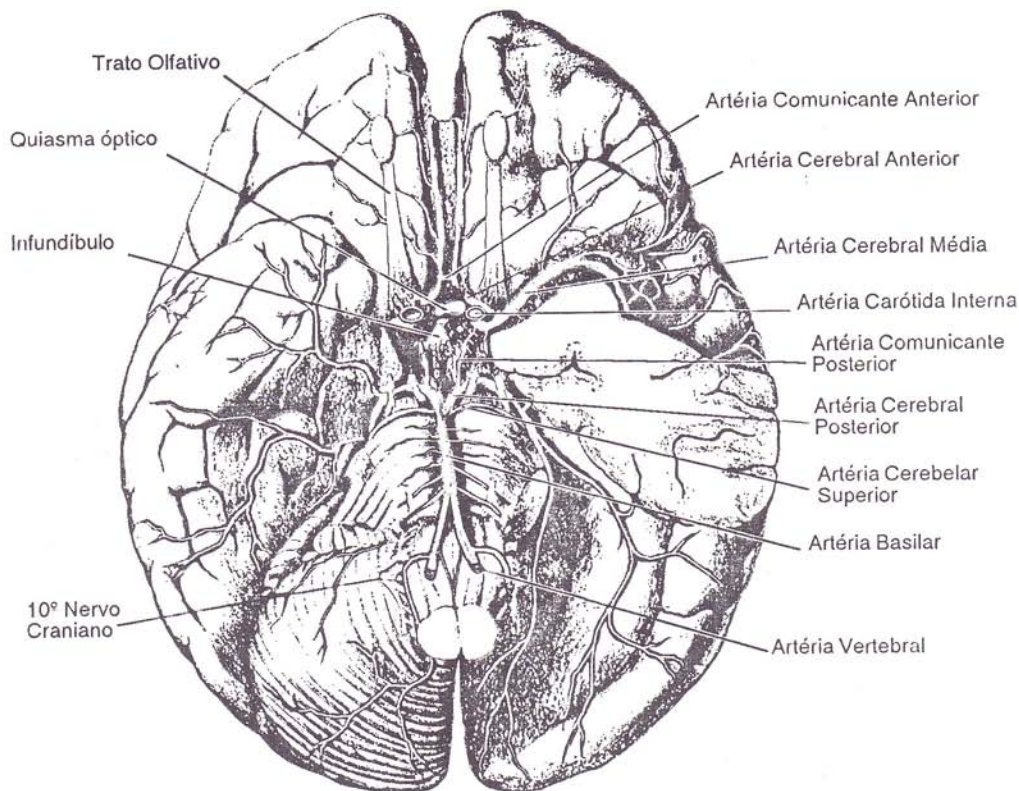
POLÍGONO DE WILLIS (VER FIGURA PÁG. SEGUINTE)

Esta é a estrutura que dá o suporte para a consciência, trazendo o prana (Força Vital) para o suprimento sanguíneo, em quantidade relativamente maior do que para qualquer outro órgão do corpo, com exceção dos rins. Este sangue é também o mais oxigenado porque a artéria carótida comum é uma das primeiras ramificações que partem da “ponte da vida”, o arco da aorta.

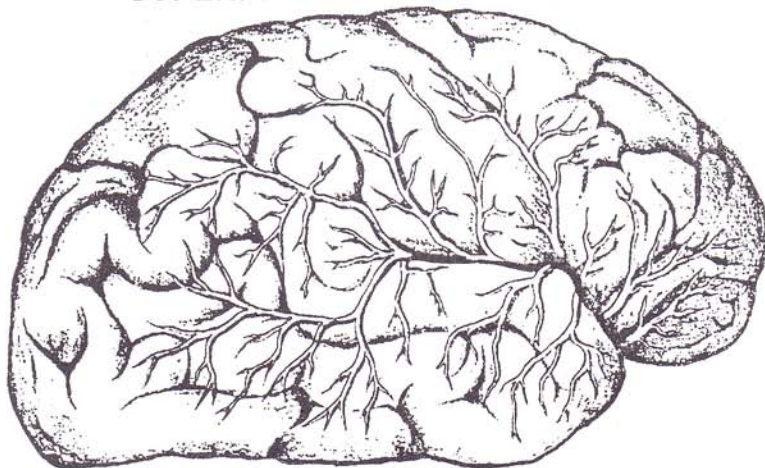
Neste andaime sagrado, o Polígono de Willis, repousa o encéfalo, o derradeiro espelho físico de toda a experiência mística. Esta é a mesa sagrada sobre a qual são colocados frutos preciosos, o sustento e o manjar divino dos deuses:

2. Ver também *Esoteric Astrology*, Dr. Douglas Baker, p. 293.

AS ARTÉRIAS DA BASE DO CÉREBRO, O POLÍGONO DE WILLIS



DISTRIBUIÇÃO DAS ARTÉRIAS CEREBRAIS MÉDIAS SOBRE A SUPERFÍCIE EXTERNA DO CÉREBRO



“Diante de mim tu preparas uma mesa, à frente dos meus inimigos (os cinco sentidos):
Unge minha cabeça com óleo (Fohat);
Minha taça transborda ... (estado de Graça).”³

· É a mesa sobre a qual repousa o escaravelho sagrado... o símbolo do encéfalo, a sede da consciência, usado pelos iniciados egípcios.

Provenientes do Polígono de Willis (a cruz ansata), três artérias suprem de sangue a superfície do cérebro. São as artérias cerebrais anterior, média e posterior. A artéria cerebral média alimenta os giros cerebrais pré-central e pós-central. Aqui se encontra o córtex motor, a parte do encéfalo que ativa os movimentos do corpo. É onde ocorrem as apoplexias, causando deformações e limitações, especialmente na velhice. É nesta área da cabeça que se colocam as mãos no ato da bênção. A energia espiritual, emitida pelas palmas das mãos do indivíduo espiritualizado, alcança a artéria cerebral média, e através dela, o córtex motor.

Este ato de bênção seria também um ato de cura.

O símbolo do sangue tem sido usado por muitas religiões para indicar sacrifício e devoção. O coração, fonte de todo o sangue, significa amor supremo... as diversas disciplinas esotéricas são efetuadas por intermédio do amor supremo da divindade.

A aorta tem sido denominada de ponte da vida porque carrega para a circulação sistêmica todo o sangue bombeado pelo coração. A aorta emerge do ventrículo esquerdo, sobe, depois arqueia de volta e desce, através da caixa torácica e do abdome, ramificando-se nas suas artérias doadoras de vida. Juntando o ventrículo esquerdo a esta estrutura, temos um perfeito bastão episcopal, um símbolo da graça divina.

C. W. Leadbeater, o grande teósofo e clarividente, mostrou em suas obras que estes instrumentos sacramentais eram impregnados de poder quando usados corretamente. Assim, é fácil identificar a aorta com o Bastão do Poder, que cada homem carrega dentro de si, uma parte do todo, um símbolo da poderosa força extra-sistêmica que gera a evolução ao encontro da Verdade, da Beleza e da Bondade.

A aorta ramifica-se em quatro artérias, as pernas da mesa divina (círculo de iluminação) sobre a qual se colocam os manjares sagrados da consciência (o encéfalo):

Direita e Esquerda

Direita e Esquerda

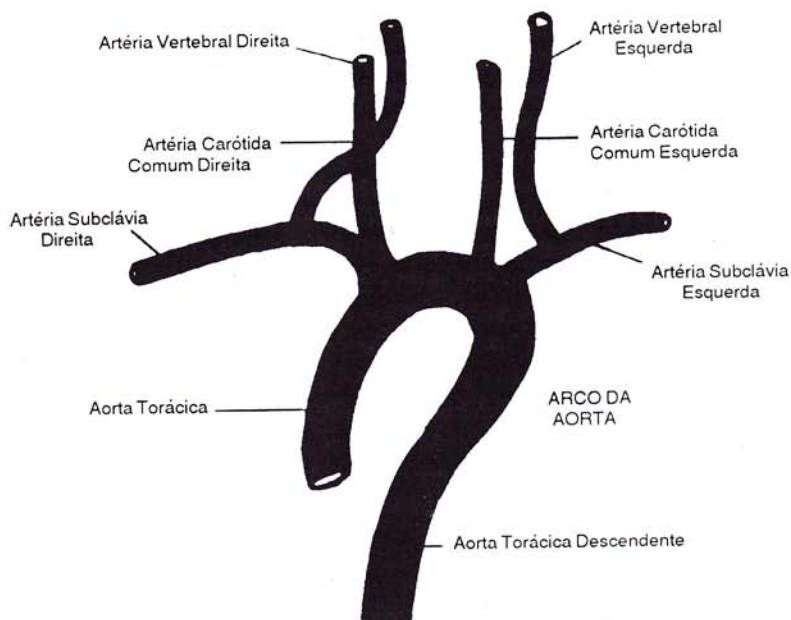
Artérias Carótidas Internas

Artérias Vertebrais

A CROÇA

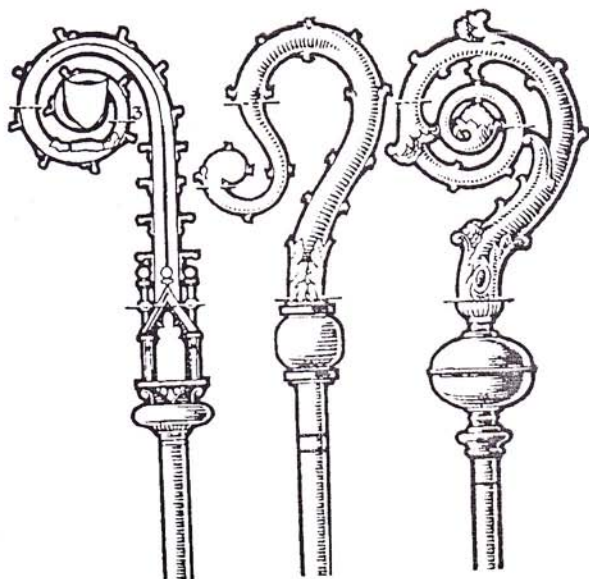
“Este é o bastão pastoral de bispo, um bastão que tem sua cabeça recurva de maneira bem parecida com um cajado de pastor, que supostamente deu origem ao bastão episcopal. Outra teoria afirma que a croça descende do **lituus** ou gancho, um dos emblemas carregados pelo áugure romano nos tempos pré-cristãos. Sem dúvida que o bastão pastoral, pintado em alguns dos monumentos cristãos primitivos, é praticamente idêntico ao bastão do áugure, pois a vara da croça primitiva parece ter sido muito mais curta

3. Salmo 23.



A CROÇA DIVINA

(O bastão pastoral ou croça que um bispo carrega)



A CROÇA. Mostram-se três tipos de cabeça de croça. As minúsculas jóias consagradas são colocadas no interior da saliência arredondada assinala com um K. Os pontos sobre a cabeça da croça onde deviam ser colocadas divisões de pedra, ou de éter magnetizado, são indicados por algarismos. A primeira divisão, 1, interrompe o fluir da matéria etérica; a segunda, 2, da matéria astral; e a terceira, 3, da matéria mental inferior.

do que o seu equivalente moderno. Na verdade, o bastão foi alongado provavelmente quando começou a ser feito de materiais tão pesados que se tornava recomendável apoiá-lo no chão. É inquestionável que é um dos primeiros símbolos externos prescritos pela Igreja a seus oficiais, pois as croças figuram nas ilustrações das catacumbas e um bastão atribuído a São Pedro conserva-se na catedral de Trier, na Alemanha.

Tanto o material como a forma do bastão têm variado bastante. No início era de madeira, geralmente cedro, cipreste ou ébano, muitas vezes trabalhado ou encapado com placas de prata. Logo começou-se a fazer a cabeça de metal ou de marfim entalhado, e mais tarde o bastão inteiro passou a ser de marfim ou metal esmaltado. As croças irlandesas eram muitas vezes de bronze ou de prata trabalhada, e às vezes ornadas de pedras preciosas, embora isto seja desnecessário.”⁴

Quando chegamos a examinar a parte do encéfalo responsável pela consciência, responsável por reter aquilo que é visualizado, encontramos os vasos sangüíneos em arranjo especial. Enquanto nos outros lugares as artérias terminam nos capilares e os capilares passam para as veias, o destino das artérias que alcançam o córtex cerebral, a sede da consciência, é diferente. Essas terminam nas “artérias finais”. Seu sangue é derramado em espaços muito definidos que se justapõem levemente. Isto tem a vantagem de confinar a destruição do tecido nervoso a uma área muito pequena, no caso de uma artéria ser obstruída de alguma maneira. Por outro lado, e isto é importante para o ocultista, o sangue difuso forma uma malha fina de prana e de oxigênio constantemente regenerados, ideal para sustentar as impressões recebidas dos reinos astral, mental e mesmo espiritual. A qualidade percebida é projetada sobre a tela etérico-astral, produzida por este “filme” de sangue.

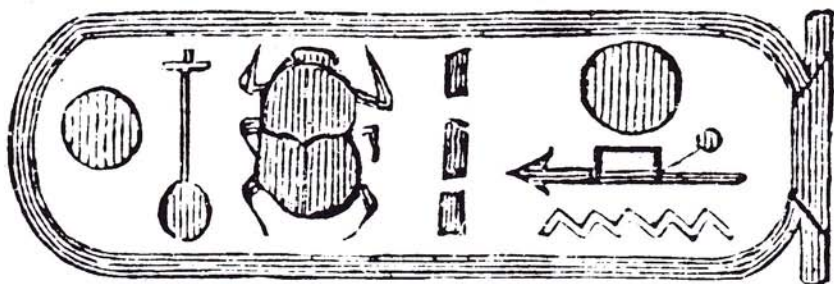
Estas proposições podem ser de difícil aceitação para os anatomistas e fisiólogos atuais, mas o tempo dirá. O sangue tem qualidades holísticas. A fragmentação dele significa apenas que o que está sendo experienciado pelo TODO será partilhado pelo fragmento. Vista à luz das proposições anteriores e dos sete postulados da Sabedoria Antiga, a tela sangüínea do encéfalo não parecerá tão fantástica ou “fora do comum”. Os elementos mais sutis do sangue, já descritos, são a zona neutra entre o visível e o invisível, onde uma experiência interna se traduz num símbolo aceitável pelo encéfalo e seus efeitos computadorizadores. É o lugar onde o objeto da meditação pode ser visualizado e mantido até que o Eu Superior esteja pronto para aceitá-lo.

4. *The Science of the Sacraments*, C. W. Leadbeater.

23

O ESCARAVELHO, SÍMBOLO DA CONSCIÊNCIA SUPERIOR

Não existia no Egito antigo um símbolo mais sagrado do que o escaravelho. Qualquer soldado americano ou britânico em campanha na África do Norte logo perceberia este pequeno besouro paciente e obstinado, cuja imagem foi adotada como uma cinsura (centro de atração ou atenção) para os olhos do iniciado.



“O escaravelho egípcio é uma das figuras simbólicas mais admiráveis já concebidas pela mente humana. A erudição da arte do sacerdócio fê-lo evoluir de um simples inseto, que, por causa de seus hábitos peculiares e de sua aparência, acabou por simbolizar com propriedade a força do corpo, a ressurreição da alma, e o eterno e incompreensível Criador no Seu aspecto de Senhor do Sol.

Havia ainda uma outra imagem em que o céu era uma vasta planície sobre a qual rastejava um besouro, empurrando o disco do Sol à sua frente. Este besouro era o deus celeste; e os egípcios antigos, baseando-se no exemplo do besouro (*Scarabaeus sacer*), que rolava com as suas patas traseiras uma bola que se acreditava conter seus ovos, pensavam que a bola do deus celeste continha o seu ovo, e que o Sol era o seu rebento. Entretanto, graças às investigações do eminente entomólogo Monsieur J. H. Fabre, sa-

bemos agora que a bola que o *Scarabaeus sacer* rola não contém seus ovos, mas esterco que serve de alimento para os seus ovos, por ele depositados num lugar cuidadosamente preparado.”¹

“Os iniciados dos mistérios egípcios às vezes eram chamados de escaravelhos, ou de leões e panteras. O escaravelho era o emissário do Sol, simbolizando a luz, a verdade e a regeneração. Escaravelhos de pedra, chamados de escaravelhos do coração, com cerca de 7 cm de comprimento, eram colocados na cavidade do coração dos mortos quando esse órgão era removido para ser embalsamado separadamente, como parte do processo de mumificação. Alguns afirmam que os escaravelhos de pedra eram simplesmente embrulhados em faixas de pano na ocasião da preparação do corpo para a conservação eterna.

“No Livro Egípcio da Iniciação, O Livro dos Mortos, diz-se o seguinte: ... e vê, tu deverás fazer um escaravelho de pedra verde, que será colocado no peito do homem e que realizará para ele a abertura da boca.

“Ra, o deus do sol, tinha três aspectos importantes. Na função de criador do Universo, ele era simbolizado pela cabeça de um escaravelho, chamada de Khepera, que significava a ressurreição da alma e de uma nova vida no final do período mortal. Os sarcófagos dos mortos egípcios eram quase sempre ornamentados com escaravelhos. Habitualmente, um destes besouros com asas estendidas era pintado no sarcófago diretamente sobre o peito do morto. Por causa da sua relação com o Sol, o escaravelho simbolizava a parte divina da natureza humana. O fato de esconder suas belas asas sob a casca brilhante lembrava a alma humana alada escondida dentro do invólucro terreno. Os soldados egípcios recebiam um escaravelho como seu símbolo especial porque os antigos acreditavam que estas criaturas eram todas do sexo masculino e, conseqüentemente, apropriados emblemas da virilidade, da força e da coragem.

“Plutarco observou que o escaravelho rolava para trás a sua estranha bola de esterco, enquanto o próprio inseto olhava na direção contrária. Isto fez dele um símbolo especialmente adequado para significar o Sol, porque o seu orbe (de acordo com a astronomia egípcia) rolava do oeste para o leste, embora aparentasse mover-se em direção contrária. Uma alegoria egípcia afirma que o nascer-do-sol é causado pelo escaravelho quando abre as suas asas, que se estendem em cores gloriosas de cada lado do seu corpo — o orbe solar —, e que quando ele recolhe as asas sob a casca escura, ao pôr-do-sol, vem a noite. Khepera, o aspecto cabeça-de-escaravelho de Ra, freqüentemente é simbolizado navegando pelo mar do céu num maravilhoso navio chamado de Barca do Sol.”²

“A impressionante semelhança entre o topo do crânio marcado pelas linhas de suturas e o contorno do ESCARAVELHO egípcio pode ser a responsável pela adoção deste inseto como símbolo da alma humana. Se o crânio é o Gólgota, ou o local de sepultamento, então as pinturas egípcias, que representam a alma na forma de um falcão com cabeça humana subindo do túmulo onde está a múmia, através de uma abertura na forma de chaminé, não necessitam de mais explicação.”³

Na obra *Meditation, Theory and Practice* foi mostrado que o símbolo do Chakra Alta Maior era a Roda Alada. Madame Blavatsky relaciona o escaravelho ao Globo Alado ou Roda e, portanto, as qualidades do Chakra Alta Maior correspondem às propriedades divinas do escaravelho.

1. *The Scarab, The King of the Insect Kingdom*, E. A. Wallis Budge.

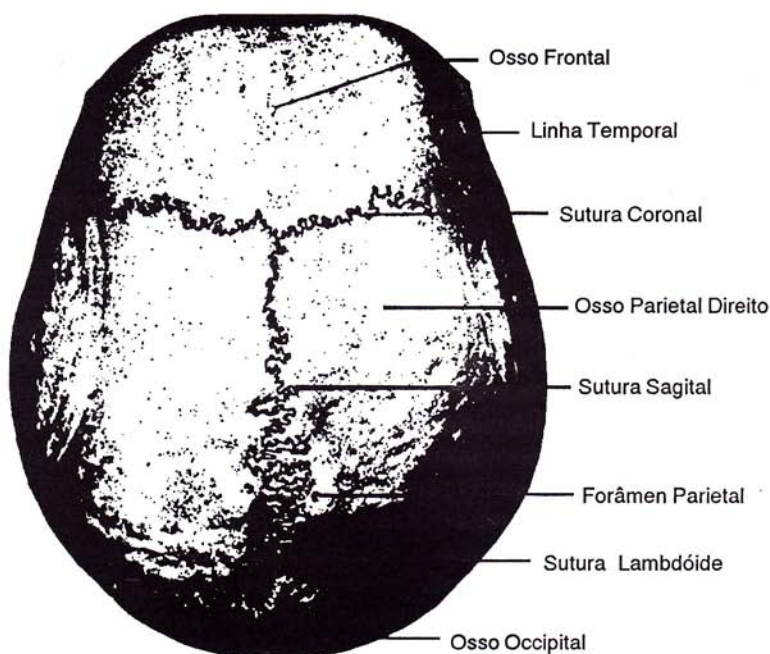
2. *Secret Teachings of All Ages*, Manley P. Hall, pp. 136-137.

3. *Man, Grand Symbol of the Mysteries*, Manley P. Hall, pp. 190-192.



A gravura de um papiro no Édipo Egípcio de Kircher mostra um ovo flutuando acima da múmia. Este é o símbolo da esperança e da promessa de um segundo nascimento para o morto osirificado; a sua alma, após a devida purificação no Amenti, será gerada neste ovo da imortalidade para renascer daí para uma nova vida sobre a Terra. Pois esse ovo, segundo a Doutrina Esotérica, é Devachan, o local da Graça; o escaravelho alado é também símbolo disso. O globo alado é uma outra forma do ovo, e tem o mesmo significado do escaravelho, o *Khopiroo* — da raiz *khoproo*, vir a ser, renascer —, que se relaciona ao renascimento do homem e à sua regeneração espiritual.⁴

A Doutrina Secreta ensina-nos que tudo no Universo, assim como o próprio Universo, é formado (criado) durante as suas manifestações periódicas, por MOVIMENTO acelerado, impulsionado pela RESPIRAÇÃO do Poder Eternamente Desconhecido — desconhecido para a humanidade atual, de qualquer maneira — dentro do mundo dos fenômenos. O espírito da vida e da imortalidade foi simbolizado em toda parte por um círculo; daí a serpente mordendo o próprio rabo representar o círculo da sabedoria no infinito; assim como a cruz astronômica — a cruz dentro



CRÂNIO, VISTO DE CIMA, MOSTRANDO
AS SUTURAS

4. *The Secret Doctrine*, vol. 2, pp. 80-81.

do círculo — e o globo com as duas asas, o qual então tornou-se o escaravelho sagrado dos egípcios, sendo de notar que o próprio nome sugere a idéia sagrada a ele vinculada. Pois o escaravelho é chamado nos papiros egípcios de *Khopirron* e *Khopri*, do verbo *khopron*, vir a ser, e assim foi transformado no símbolo e no emblema da vida humana e das sucessivas vidas do homem, através de diversas peregrinações e metempsicoses, ou reencarnações da alma liberada. Este símbolo místico mostra bem claramente que os egípcios acreditavam na reencarnação e nas vidas e existências sucessivas da entidade imortal. Entretanto, por ser uma doutrina esotérica, isto era mantido em segredo e revelado apenas durante os Mistérios aos candidatos, pelos hierofantes sacerdotais e reis iniciados.⁵

“... a definição do escaravelho é a convencionalizada representação de pedra do grande besouro negro, considerado símbolo da ressurreição e da imortalidade ... símbolo do deus-sol, homem; o unigerado, pai, gerador.”⁶

Os egípcios eram fascinados pelos insetos. Viviam num país onde os insetos virtualmente faziam o que lhes agradava. A abelha, com a sua metamorfose da boneca para imago, exercia especial atração sobre eles, pois os seus estados mutantes lembravam-nos da transformação que o homem deve sofrer na passagem de um reino para outro por ocasião de sua morte.

O escaravelho representava a Vontade divina persistente ou Atma. A determinação com a qual este inseto extraordinário executava seu trabalho prendeu a imaginação dos egípcios. Ele também representava um símbolo daquilo que age contra o charme. Não existe muito charme, realmente, numa criatura que rola uma bola de esterco humano na direção do seu ninho, mas existe o exercício de um grau enorme de persistência e uma vontade nada pequena.

Em muitas peças de joalheria e obras de arte, o escaravelho é associado com esta pílula ou esfera. Assim como o Logos podia mover o Sol, o Senhor e Doador de Vida que cruza os céus, podia o homem mover o seu próprio mundo divino à sua frente. A existência de um mundo divino dentro da bola ou esfera da cabeça era um segredo ensinado na iniciação. Os ombros humanos sustentam este mundo. No macrocosmo, o mundo conhecido da Grécia antiga ou o mundo celeste dos místicos era sustentado nos ombros do deus gigante Atlas. A forma do mundo conhecido parecia bem com a imagem do córtex cerebral, a fissura de rolando coincidindo com o mar Mediterrâneo e os giros pré-central e pós-central ocupando as posições da Grécia e de Roma, a primeira relacionada com a sensibilidade e a última, com a ação.

Destas diversas tradições é fácil ver como a semelhança do escaravelho com a superfície do encéfalo podia ligar suas atividades com o trabalho duro que se deve executar para obter a expansão/movimento da consciência. É subir pela espinha com a bola da consciência sempre à frente ou acima do encéfalo.

5. *Ibid.*, vol. 4, pp. 121-122.

6. *Ibid.*, vol. 6, glossário, p. 476.

24

A GLÂNDULA PINEAL

A glândula pineal desenvolveu-se e funcionou como um órgão acessório dos **sentidos** apenas nos corpos da linha evolutiva dos antropóides “usados” pelos elementos “soberanos” da Terceira Raça Humana. Naquele estágio, há cerca de 25 milhões de anos, alguns antropóides possuíam cérebros altamente suscetíveis à adaptação. Eles se adaptavam facilmente tanto às forças externas quanto às mudanças internas.

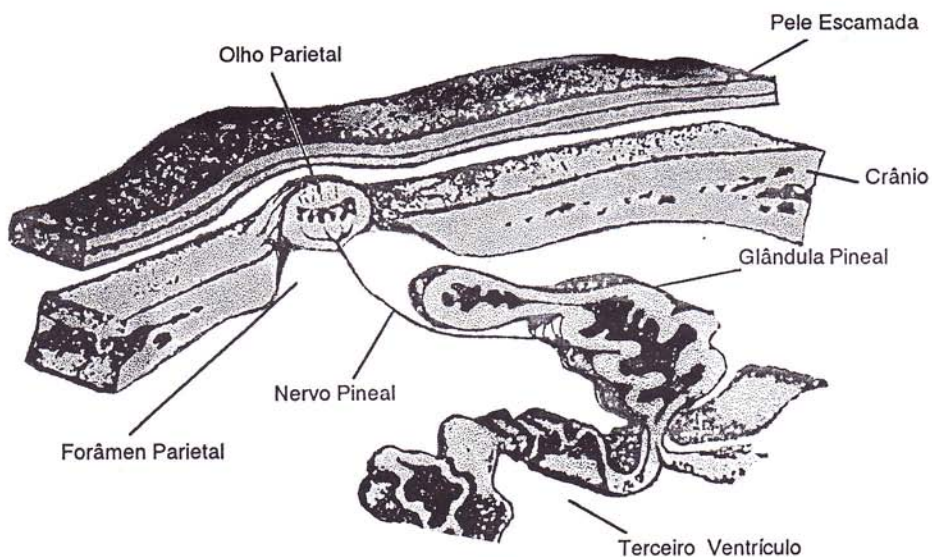
Uma irradiação vinda de fora para dentro estimulou a capacidade inata da glândula pineal em formar um olho parietal, bem diferente da substância principal da própria glândula. O vórtice ativo de energia, visto como uma “crista” em alguns devas, estava presente no interior das primitivas raças humanas, em constante emissão. Tinha por função manter cartilaginosas as membranas do topo do crânio, impedindo assim sua ossificação. Mais tarde, com a aproximação da corrente evolucionária interna, o forâmen parietal foi-se abrindo, onde então se instalou um olho parietal, parte da glândula pineal antropóide.

Este olho parietal, sensível à luz das regiões etéricas ou hiperbóreas, possibilitou aos primeiros homens verdadeiros, produto das duas correntes de evolução, conservar uma identificação temporária com o mundo etérico — donde derivou a parte humana da consciência — ao mesmo tempo que buscavam conexões objetivas no ambiente estonteante do plano físico, “vestidos” que estavam da forma de macaco.

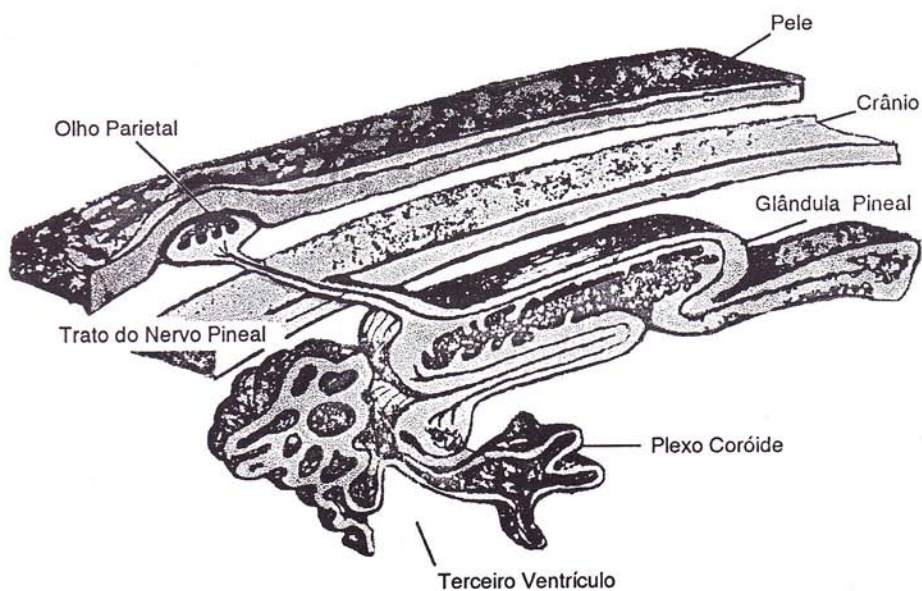
A duração deste frágil instrumento evolucionário, o olho parietal, variou bastante. Alguns espécimes perderam-no rapidamente, conforme o grau de sua “queda do Éden” ou, em termos menos mitológicos, conforme sua adaptação ao mundo racional e material que todos tão bem conhecemos. Outros, muito mais ligados aos mundos subjetivos, aos reinos paradisíacos de onde vieram, inclusive aqueles que tinham personalidade mais sutil e introvertida, conservaram seu *insight*, juntamente com sua base física ou o olho parietal, até a época mitológica, se não histórica.

O olho parietal era uma característica muito comum entre as espécies animais que mantiveram fortes laços com as forças deva, especialmente os répteis. As Figuras seguintes mostram os forâmens parietais do lagarto e da rã com o olho parietal em

A ANATOMIA COMPARATIVA DA GLÂNDULA PINEAL



LAGARTO



RÃ

diversos graus de abertura. As palavras de Shakespeare ou John Richardson, talvez o verdadeiro autor das peças “Shakespearianas”, descrevem o sapo da seguinte maneira, em “Assim é se lhes parece”:

“Doces são os usos do infortúnio que,
como o sapo, embora feio e venenoso,
usa uma jóia na cabeça.”

... referindo-se a uma antiga superstição a respeito dos sapos, que teriam pedras preciosas enterradas entre as protuberâncias calosas de seu crânio. Essa superstição, por sua vez, baseava-se numa meia verdade e referia-se ao olho parietal, a jóia que tanto o sapo quanto os homens verdadeiros possuíam antigamente.

O Chakra do Topo da Cabeça não está manifestado em todos os corpos etéricos dos animais. Nos homens, porém, sempre esteve presente, mesmo nos homens mais primitivos. Este chakra marca o local de ancoragem da alma humana, um ponto de luz radiante, uma jóia enterrada bem fundo, dentro das camadas da aura e “envolta” pela carne grosseira. A combinação do olho parietal com o Chakra da Cabeça, quase inerte, forneceu ao homem primitivo sua visão etérica (e não a clarividência). Agora que o homem tem de volta seu olho parietal, o Centro da Cabeça permanece focalizado na região da glândula pineal. Este centro, uma vez desperto com o crescimento espiritual, proporciona a visão etérica e a clarividência.

A Terceira Raça-Raiz possuía somente a visão etérica. A Sexta Raça-Raiz possuirá tanto a visão etérica quanto a clarividência, porque então a estrutura física da glândula pineal irá aparecer novamente e será sustentada pelos Chakras da Cabeça, despertos.

Foi da própria substância da glândula pineal que evoluiu a atual glândula endócrina, auxiliada, apenas no homem, pelo Chakra da Cabeça. A glândula pineal segrega muitos hormônios ainda desconhecidos da ciência. Estes, com seu vasto campo de ação, têm modificado periodicamente a forma humana, a pele, o encéfalo e o crânio, e os órgãos sexuais, de acordo com os **Raios** que governam a específica Raça-Raiz e suas sub-raças.

“Ver no escuro” era uma capacidade que o homem possuía outrora e voltará a possuir, gradativamente, ao caminhar pelo arco ascendente. Originou-se do mecanismo descrito acima, e perdeu-se apenas com a atrofia completa do olho parietal. Atualmente, não há nenhum indício dele, embora muitas vezes o forâm parietal (observável em alguns recém-nascidos) permaneça parcialmente aberto nos adultos, coberto adequadamente por camadas do couro cabeludo. O ritmo circadiano e outras características impostas a nós pelo aspecto diurno de nossa vida planetária ainda continuam vinculados à glândula pineal.

A meditação afeta profundamente a glândula pineal por despertar o Chakra da Cabeça que lhe é correspondente. Este mecanismo possibilita a constante reforma do crânio e seus conteúdos através das secreções da glândula pineal, naqueles que durante anos se dedicam ao crescimento espiritual. As secreções da pineal mantêm as suturas cranianas abertas, não permitindo que se fechem completamente.



Por este mecanismo, a forma do crânio do *homem-animal* foi-se alterando rapidamente, permitindo a enorme expansão da massa encefálica que proporcionou a sua individualização. A concomitante aplicação do Fogo Venusiano não poderia ter sido efetivada em nenhuma forma de macaco, mas ocorreu nas formas “usadas” por uma evolução superior. O Fogo agia por intermédio das matrizes internas dos componentes mentais/astrais e etéricos do ser “soberano”.

Considerando-se que toda a vida na Terra foi irradiada desde o princípio pela evolução humana (de origem muito mais antiga), que estava se aproximando em processo de materialização, as formas atuais da anatomia da rã e do lagarto ilustram claramente alguns aspectos das mudanças anteriores do próprio homem. A pele escamada acima do olho parietal destes animais tornou-se translúcida, mas no homem primitivo a pele era empurrada para fora, formando uma camada transparente por cima do olho parietal emergente. O nervo pineal fazia a ligação do olho parietal com a substância encefálica, com a própria glândula pineal e com os gânglios nervosos simpáticos que estão na parte superior do pescoço.

O crescimento e desenvolvimento do sistema pineal no homem primitivo, transmitindo seus efeitos diretamente através do nervo pineal, provocaram um paradesenvolvimento do sistema nervoso simpático e, por meio deste, a elaboração do par de olhos, os quais, portanto, surgiram depois do olho parietal. Uma vez estabelecidos os dois olhos, o olho parietal regrediu e desapareceu.

Conforme a evolução do homem se expressa em sucessivos tipos raciais, a forma de seu corpo físico vai sendo monitorada gradativamente pelas glândulas endócrinas no tórax, pescoço e cabeça, adaptando e envolvendo, aumentando ou atrofiando muitas partes. As glândulas endócrinas abaixo do diafragma serão menos ativas, com exceção das relacionadas com o chakra da base da coluna (i.e., as supra-renais). A maior parte da atividade destas glândulas endócrinas se dará através do sistema nervoso do homem.

Com o desabrochar espiritual, quase todas as partes do corpo humano tornar-se-ão neurotróficas. O corpo se transformará num olho, mais sensível a todos os tipos de forças físicas e não físicas. Os sentidos irão se justapor. A consciência normal irá incluir a esolepsia, que é a capacidade de voltar-se para o interior, examinando o mundo subjetivo, o inconsciente pessoal e coletivo de Jung, e os planos interiores descritos pela Teosofia.

<i>Glândula Endócrina</i>	<i>Chakra Correspondente</i>
Pineal	Cabeça/Coronário
Hipófise	Frontal
Corpo Carotídeo	Alta Maior
Tireóide	Laríngeo
Timo	Cardíaco

O despertar destes chakras trará de volta o potencial oculto das glândulas endócrinas correspondentes. Quando estes chakras estiverem expandidos, justapostos e inter-relacionados, as células (não apenas as endócrinas) de todos os tecidos produzirão secreções especiais dentro de suas órbitas, que irão propiciar a expan-



O ANEL LIMITE DO INICIADO

são de alguns nervos e a regressão de outros. Com a sede da consciência focalizada cada vez mais na região da cabeça, o tronco inferior irá alterar-se bastante, tornando-se menos importante e menos grosseiro.

O campo gravitacional do nosso planeta já está diminuindo rapidamente, pois também a Terra caminha em ciclos pelo arco ascendente. E todas as formas “que vivem na Terra”, desde o mineral até o homem e além dele, vão tornando-se mais sutis, menos densas, mais etéreas. Os estudos sobre os efeitos de visitarmos planetas menos densos que o nosso (por exemplo, a Lua) nos previnem das profundas modificações morfológicas que resultam da exposição a campos gravitacionais menores.

Vivemos numa época na qual voar para planetas próximos tornou-se uma realidade. A época seguinte irá se confrontar com os problemas da exploração espacial, que não só afetarão o corpo físico do homem, mas também sua natureza emocional e seus mecanismos de pensamento. Apesar das experiências de indivíduos corajosos que se aventuraram em tanques de água simulando a ausência da gravidade¹ e astronautas intrépidos que exploraram um planeta onde a gravidade é cinco vezes menor que a nossa, temos pouca evidência dos efeitos sobre o homem em condições de prolongada ausência de gravidade. Com a construção de enormes plataformas espaciais e laboratórios de pesquisa, é apenas uma questão de tempo até que a Medicina descubra as possíveis implicações no tratamento da artrite, por exemplo, nas condições de ausência de gravidade, onde o movimento das juntas esclerosadas pode deixar de ser um problema.

Haverá muitos problemas a serem resolvidos. Segundo os ensinamentos da ciência esotérica, podemos esperar numerosos distúrbios nos homens que penetrarem no sistema solar. Alguns destes distúrbios resultarão da ausência de gravidade, outros, do rompimento desta fronteira extraordinária que nós, os estudantes da ciência esotérica, chamamos de Anel Limite.

Um Anel Limite é uma esfera de campos de força interpenetrantes que engloba a consciência de todos os homens, composta de várias esferas: etérica, astral e mental, esta última, a maior de todas. O tamanho da esfera é determinado pelo grau de evolução espiritual do indivíduo. O Anel Limite não deve ser confundido com o Ovo Áurico. Um selvagem com alma jovem terá um Anel Limite pequeno, composto principalmente de energias etéricas e astrais, podendo estender-se por apenas alguns quilômetros. Um homem mais evoluído teria um Anel Limite do tamanho do planeta Terra, e, por telepatia, poderia incluir em sua consciência mental qualquer um que estivesse na Terra. No entanto, a esfera emocional de seu Anel Limite poderia não se estender além das fronteiras de seu país. Os iniciados do Terceiro Grau normalmente compreendem em seu Anel Limite uma região esférica que inclui a Lua. Por ocasião dos recentes vôos à Lua, surgiu a questão se o fato de um astronauta ultrapassar fisicamente as fronteiras de seu Anel Limite criaria problemas ou traria experiências benéficas.

Na verdade, o Anel Limite de um indivíduo nunca deve ser ampliado até o máximo. Ele pode viver com os seus três campos de força interpenetrantes reprimidos e não expressos, confinados estreitamente à sua volta por diversos fatores do seu

1. *The Center of the Cyclone*, Dr. John Lilly, M.D.

ambiente ou da sua personalidade. O treinamento esotérico expande o Anel Limite até o extremo. As explorações espaciais, em tese, fariam o mesmo, embora não tenhamos certeza de que maneiras e até que ponto. Daí a necessidade do aconselhamento de um Mestre da Sabedoria.

Agora, em vez de ter que distorcer o contorno, a forma ou a aparência do homem para adequá-lo às diferentes condições destes planetas, a Natureza tem um outro plano. A Sabedoria dos Séculos ensina que o homem é tão antigo quanto o próprio Universo. Na verdade, ele é um princípio do Universo tanto quanto o é a luz. A humanidade também se manifesta em diversos níveis de densidade e qualidade, assim como a luz do plano físico, que se manifesta em cores e outras qualidades inatas, a luz que se vê no mundo dos sonhos do plano astral, e outra ainda, a gloriosa luz do plano búdico.

Os homens que habitassem um planeta de massa muito maior que a da Terra não necessitariam de músculos colossais para se movimentarem, nem de ossos que remontassem aos homens pré-históricos da Terra. Ao invés disso, estes homens seriam muito mais sutis, menos densos, mais etéricos. Embora sua forma fosse igual à nossa, eles seriam mais leves em relação ao volume de carne, pois teriam menos massa para sustentar. Seus ossos conseqüentemente seriam menos calcificados. Eles possuiriam, no máximo, cartilagem no lugar de osso. Nesse planeta, um homem de um metro e oitenta de altura poderia pesar, segundo os nossos padrões, apenas cerca de vinte e dois quilos e mesmo assim ser perfeitamente equilibrado. Na realidade, a vida da forma humana em Júpiter cria mais compensações ainda. Os homens em Júpiter são o que são por serem um produto de Júpiter, modelados de acordo com o arquétipo de homem, o princípio humano. Júpiter tem propriedades peculiares: seu diâmetro é de 143.201 quilômetros, ou mais de onze vezes o da Terra. No entanto, este planeta enorme gira (no Equador) a 45.052 quilômetros por hora, enquanto nosso planeta gira a 1.609 km/h. Não é de admirar que sua vida humana seja diferente. É diferente, mas se mantém dentro da matriz do Divino Arquétipo Humano, a quem alguns de nós chamam de Deus. **Todos** os homens são criados à imagem de Deus, mas possuem enormes poderes de adaptação. E assim, os homens de Júpiter são mais velhos que nós em idade e na origem. Eles são maiores e mais adiantados. Relativamente, não são tão pesados. **MAS SUA FORMA É ESSENCIALMENTE HUMANA.**

A RAZÃO FÍSICA DA ADAPTABILIDADE

Além das estrelas e dos planetas visíveis do nosso Universo, existem, é claro, milhões de planetas etéricos que, embora não sejam visíveis, transmitem ondas de rádio. Somente no nosso sistema solar existem cerca de sessenta planetas de substância muito sutil, habitados por um tipo de vida próprio. Nestes planetas, cujas emanções são registradas pelo grande rádio-telescópio em Jodrell Bank, existe uma vida sutil, corpos etéreos de forma semelhante às partes etéreas de nossos próprios corpos, que já foram fotografadas pelas máquinas fotográficas radiônicas nos laboratórios de la Warr em Oxford e vistas através das telas de Kilner. A estrutura de seus habitantes será ditada pela estrutura do planeta, como também suas qualidades

e seu grau de desenvolvimento na escala da evolução espiritual. Todas as suas formas humanas, porém, são essencialmente imagens humanas e tão simétricas quanto a nossa.

Em 1963, escrevi um ensaio sobre a ausência de gravidade e suas implicações, ao qual acrescento agora as observações do Mestre Inglês.

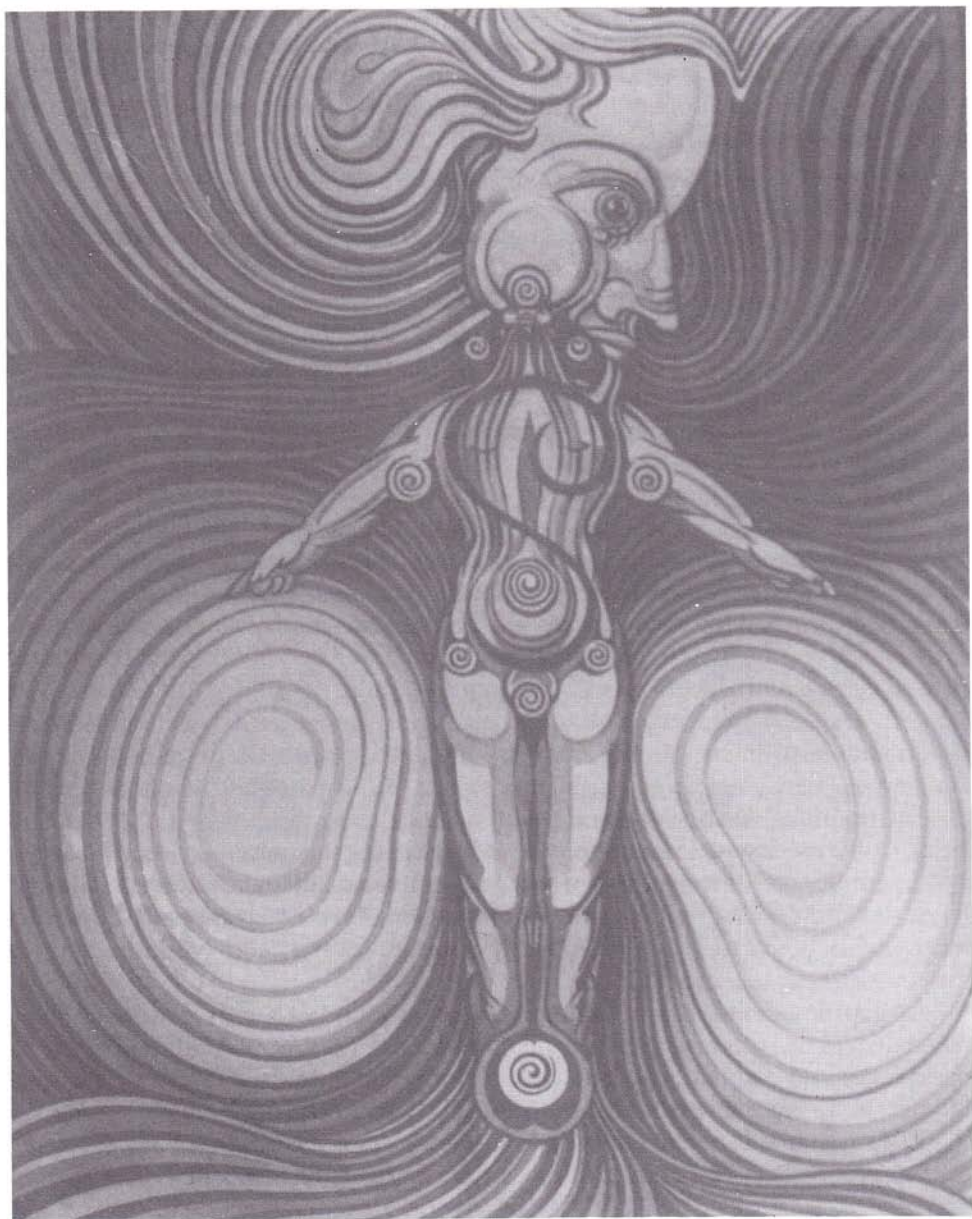
Minha tarefa consiste em observar os problemas da ausência de gravidade sob a luz das ciências antigas. Talvez vocês tenham visto antigos manuais de ciência que descreviam os efeitos de um planeta maior sobre os seus habitantes. Viram animais e homens desses planetas imaginados com enormes músculos e estruturas ósseas que suportassem uma gravidade maior. Ou talvez viram imagens de astronautas pulando nos planetas onde a gravidade é bem menor que a nossa. E assim desenvolveu-se a idéia, aceita pela maioria, de que a vida humana em outros planetas do nosso sistema é praticamente impossível por causa dos extremos de gravidade, calor e frio, da falta de oxigênio, etc. Um dos planetas freqüentemente citados neste contexto é Júpiter. Nenhum cientista exotérico atual demonstra muita esperança de que haja vida em Júpiter.

Antes de considerar a ausência de gravidade, façamos uma interrupção para considerar como alguns dos sábios muito antigos viam o Universo. Um dos conceitos era que o espaço e o tempo fossem ilimitados. Eles não falavam muito da idade da Terra (H. P. B. calculou-a em cerca de 4,3 bilhões de anos) e sim de seus ciclos de manifestação ou manvantaras, que duravam milhares de anos. Nossa Terra nunca foi considerada um planeta especialmente importante no grande esquema da Vida. Na verdade, diziam que a vida no nosso planeta é inferior ao desenvolvimento médio de vida no Universo como um todo. E o grande preconceito de nossa época, é que nós, os seres terrestres, acreditamos ser a forma mais elevada de vida no Universo. Isto indica que irá surgir um novo sistema, incontestável como o foi o sistema de Copérnico, onde a nossa Terra e seu sistema solar serão um centro relativamente sem importância num vasto, próspero Universo cheio de **Vida**. Será uma mudança de enfoque tão importante quanto a que ocorreu de Ptolomeu a Copérnico. Será como se houvéssemos estado obcecados durante anos com o dedo e agora devêssemos procurar a cabeça.

De acordo com os mesmos ensinamentos tradicionais, existem milhões de planetas capazes de sustentar vida mas nenhum é igual a outro. Eles diferem em idade, massa e grau de condensação, seu desenvolvimento externo e interno e sua qualidade geral, assim como um ser humano difere do outro.

Esses assuntos parecem complexos se não usarmos técnicas ocultas para estudá-los. Se olharmos para o sistema solar como uma grandiosa Entidade Cósmica, como uma estrutura onde as partes correspondem ao Centro da Cabeça e outros chakras, muitos problemas conceituais serão eliminados. Aquilo que existe no macrocosmo do Logos Solar existe no microcosmo que é o homem. E as regiões que constituem o Centro da Cabeça macrocósmico correspondem ao Centro da Cabeça do homem e, através dele, à sua glândula pineal.

Há muitos anos, durante uma viagem de conferências, falando sobre o assunto de técnicas de projeção astral, expressei minha preocupação quanto aos problemas dos astronautas lançados no espaço além da fronteira da consciência que é chama-



O MACROCOSMO DO LOGOS SOLAR REFLETE-SE NO MICROCOSMO DO HOMEM

Como o Fogo Central (nas minhas obras sempre simbolizado por um S) faz a ligação entre todas as coisas, o desenho de Fay Pomerance consegue transmitir um pouco da grandiosidade e complexidade destes relacionamentos.

da de "Anel Limite". Todas as entidades humanas, planetárias e solares possuem um Anel Limite que demarca o limite seguro para a projeção da consciência, além do qual não é seguro viajar sem ameaçar a integridade e a coordenação de seus corpos mais sutis. Naquela ocasião, o homem ainda não tinha chegado à Lua. Certamente, parecia que alguns astronautas iriam exceder este limite, embora todos os homens sejam constituídos de maneira diferente, conforme o grau de seu desenvolvimento espiritual, que depende principalmente do grau de abertura dos Centros da Cabeça.

Previ que esta projeção além do Anel Limite poderia provocar distúrbios de personalidade. Portanto, não me surpreendi com os relatos de que a maioria dos astronautas envolvidos nas viagens lunares dos Estados Unidos desenvolveu sérios distúrbios de personalidade após o seu retorno, incluindo alcoolismo, desavenças familiares, manias religiosas, etc.

O homem normal tem um Anel Limite que se estende a todas as partes do planeta e até uma região não demarcada a seu redor, que normalmente alcança até cerca de 80.000 quilômetros. Um iniciado do Terceiro Grau é capaz de incluir dentro do seu Anel Limite toda a área da Lua e projetar-se ali com certo conforto, tanto com o corpo físico quanto com o astral. Um Arhat, um iniciado do Quarto Grau, é capaz de estendê-lo até o Sol, que inclui o planeta velado atrás da superfície do Sol onde se diz que residem os devas solares, que outrora foram Mestres em diferentes planetas. Um iniciado do Quinto Grau, isto é, um Mestre, é capaz de projetar-se a todas as partes do sistema solar e além dele.

O processo de desmaterialização do planeta e de suas formas é muito, muito vagaroso, mas já é mensurável. Será através de órgãos como a glândula pineal e outras aqui mencionadas que o homem irá se adaptar às condições variáveis, como já o fez em ciclos anteriores deste planeta e de outros. Afinal, o homem é um dos seres mais adaptáveis, capaz de viver dentro de alguma forma em qualquer planeta mental, astral, etérico ou físico, contanto que tenha tempo suficiente para esta adaptação. Se alguma vez os homens do nosso planeta chegarem a habitar alguma lua longínqua por qualquer espaço de tempo, é mais provável que se adaptarão usando hormônios do que apenas transportando reserva de oxigênio e instrumentos que compensem os efeitos da ausência de gravidade.

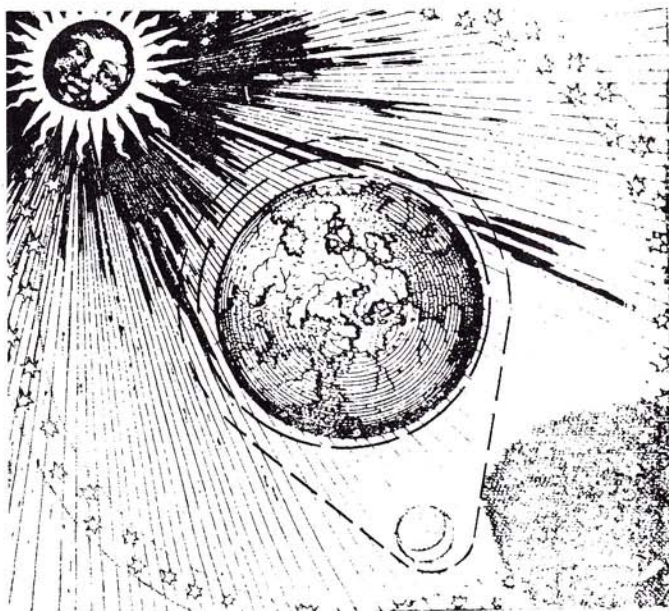
As modificações que ocorrerão na forma humana serão efetuadas primeiro nos filhos mais adiantados da humanidade. As estruturas que se encontram no tronco cerebral e nos mecanismos nervosos na substância do músculo cardíaco estarão entre as primeiras a serem afetadas, junto com a expansão dos elementos nervosos e do tecido endócrino. Estes efeitos serão tratados mais tarde nesta obra.

As duas Raças-Raiz humanas mais antigas são consideradas por alguns como "sem-cabeça" e por outros como "sem-mente". Suas estruturas certamente eram compostas de matérias mais sutis, como matéria etérica, astral e mental. Sua função, entretanto, era importante. Estas raças elaboraram uma primeira forma altamente plástica e maleável e pronta para se fundir com as estruturas mais organizadas e integradas que estavam sendo transferidas da corrente lunar (às vezes em grandes "levas"), onde eram organizadas pelo manu-semente.² Estas estruturas primiti-

2. Uma descrição detalhada e um tanto quanto insincera do desenvolvimento das Primeiras Raças-Raiz, feita por C. W. Leadbeater, encontra-se em *Man, Whence, How and Whither*, cap. VI.

vas receberam o característico nome de “cestos”, em referência ao trançado de fios que conectam os elementos da tríade superior (seus átomos permanentes em Atma-Buddhi-Manas) com a tríade inferior. Estes “cestos” tinham duas funções importantes que tornaram possível o desenvolvimento do reino humano para chegar ao que ele é atualmente. Eles eram **divinos**, no sentido de que continham dentro do trançado a parte imortal, a tríade superior, e estavam sempre suscetíveis ao estímulo mental dos seres superiores como os Manasaputras, os Senhores da Chama, que introduziram as centelhas de sua divindade num crescimento mental cujo futuro não conhece limite. E os “cestos” eram suficientemente maleáveis para fundir-se com os produtos mais elevados da evolução paralela da própria Terra, que, por si só, conseguiria no máximo desenvolver um sistema nervoso simpático eficiente e um pequeno entumescimento cerebral nos três locais principais da extremidade encefálica da medula.

Os “cestos” forneceram o potencial para que o desenvolvimento antropóide saísse do ponto de estrangulamento. Como sua mente era dada à estimulação, ao fundirem-se com formas terrenas apropriadas abriram a possibilidade de se desenvolver um cérebro e um sistema nervoso central como um adequado meio de expressão, no plano físico, de suas faculdades mentais em rápida evolução. O sistema nervoso simpático antropóide já estava adequado para operar no plano físico, mas



SOL, LUA E TERRA PRÓXIMOS DO ALINHAMENTO... UMA OCASIÃO CRÍTICA PARA A ALQUIMIA

Este belo diagrama antigo indica a sizígia, ou o alinhamento do Sol, da Lua e da Terra. Mostra também as três faixas do anel limite das entidades humanas espiritualmente qualificadas até o estágio do iniciado. A faixa decorada por estrelas delinea o anel limite de um Arhat (ver texto). Podem surgir graves complicações, afetando especialmente o Centro da Cabeça, como também outros centros, se uma pessoa ultrapassa o seu Anel Limite.

não para penetrar no mundo subjetivo, que incluía o continente hiperbóreo ou etérico, onde os “cestos” sentiam-se mais à vontade.

A junção das duas correntes de evolução estimulou consideravelmente o crescimento das extremidades encefálicas de ambos os sistemas nervosos na criatura que, neste estágio, deveria ser chamada de homem-animal. Os gânglios superiores dos tratos simpáticos cresciam em importância, e o sistema pineal, um mecanismo atrofiado, oriundo de períodos muito mais antigos da evolução mamífera e réptil, foi reativado. As secreções da área da pineal (estimuladas pelo soberano “cesto”) agiam neurotróficamente sobre os neurônios do gânglio cervical superior. Muitos deles cresceram na direção da glândula pineal, ampliando-a e ao mesmo tempo diferenciando o olho parietal que realizava determinadas funções grosseiras no nível físico³, enquanto possibilitava ao “soberano” conservar seus vínculos com os planos internos, o que lhe dava certo conforto por poder “ver” a luz subjetiva do mundo interior, como ainda acontece atualmente para alguns. Este assunto é mencionado novamente na seção que trata da corrente do nervo simpático no tórax.

Mais tarde ainda (estamos falando aqui de milhões de anos), quando os Senhores da Chama aplicaram o fogo extra-sistêmico à cabeça da parte soberana da entidade, promovendo com isto a individualização do homem-animal, ocorreu o rápido crescimento do prosencéfalo. Quando a forma humanizada passou a focalizar seus complementos sensoriais através deste prosencéfalo, sua atenção transferiu-se do mundo subjetivo para o externo. Os olhos, ao funcionar cada vez mais na luz do mundo objetivo, inibiam a glândula pineal que acabou desaparecendo, assim como o olho parietal, restando hoje apenas uma imagem do sistema pineal.

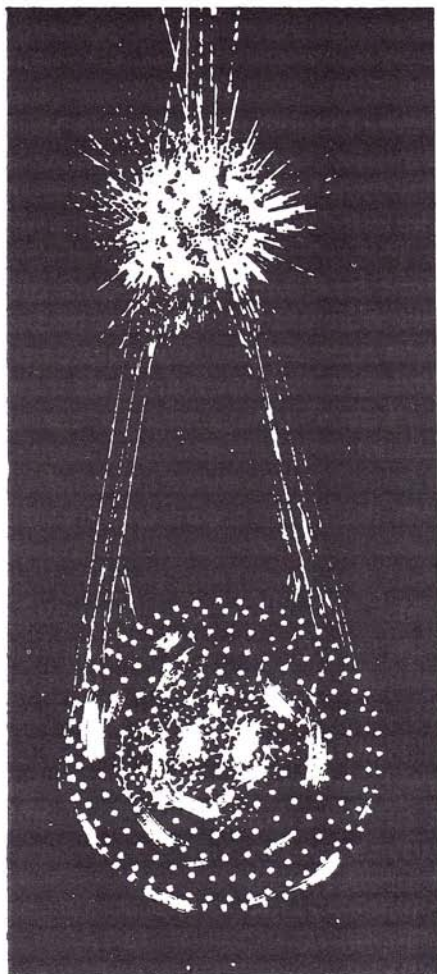
Nos primórdios da humanidade, entretanto, a glândula pineal, através das secreções hormonais (oriundas da estimulação do olho parietal pela luz subjetiva ou visão etérica), era a principal responsável pelas mudanças nos métodos de reprodução. Assim o homem passou da androginia e hermafroditismo para o seu atual estágio heterossexual, onde apenas um dos sexos é enfatizado, intensificando as capacidades da influência cromossômica X-Y.

As recentes descobertas dos efeitos da glândula pineal, que a ciência considerava adormecidos há muito tempo, apesar de H. P. Blavatsky e Descartes já terem chamado a atenção para sua poderosa importância, mostram que a atividade intensa da glândula (especialmente quando existe um tumor ou pinealose) eleva os níveis de adrenalina, serotonina, melatonina, histamina, acetilcolina, ácidos acéticos 5-metoxindole e 5-hidroxindole, iodo 131, peptidase aminoácida e atividades de delidrogenase succínicas. Bastaria conferir esta lista em qualquer livro de fisiologia moderna para descobrir a sua profunda importância na manutenção das funções corporais.

A glândula pineal recebe um suprimento de sangue extraordinário, especialmente por ser uma glândula considerada irrelevante pela maioria dos estudiosos da Medicina. O fluxo de sangue que passa pela glândula é enorme. Comparando-se os pesos, somente os rins recebem um fluxo maior. Deveríamos lembrar que estamos fa-

3. C. W. Leadbeater escreveu que o olho parietal detectava a presença do calor, numa época em que os vulcões eram um verdadeiro perigo para as formas terrenas.

**A mônada
e
a tríade superior**



**Átomo
manásico
permanente**

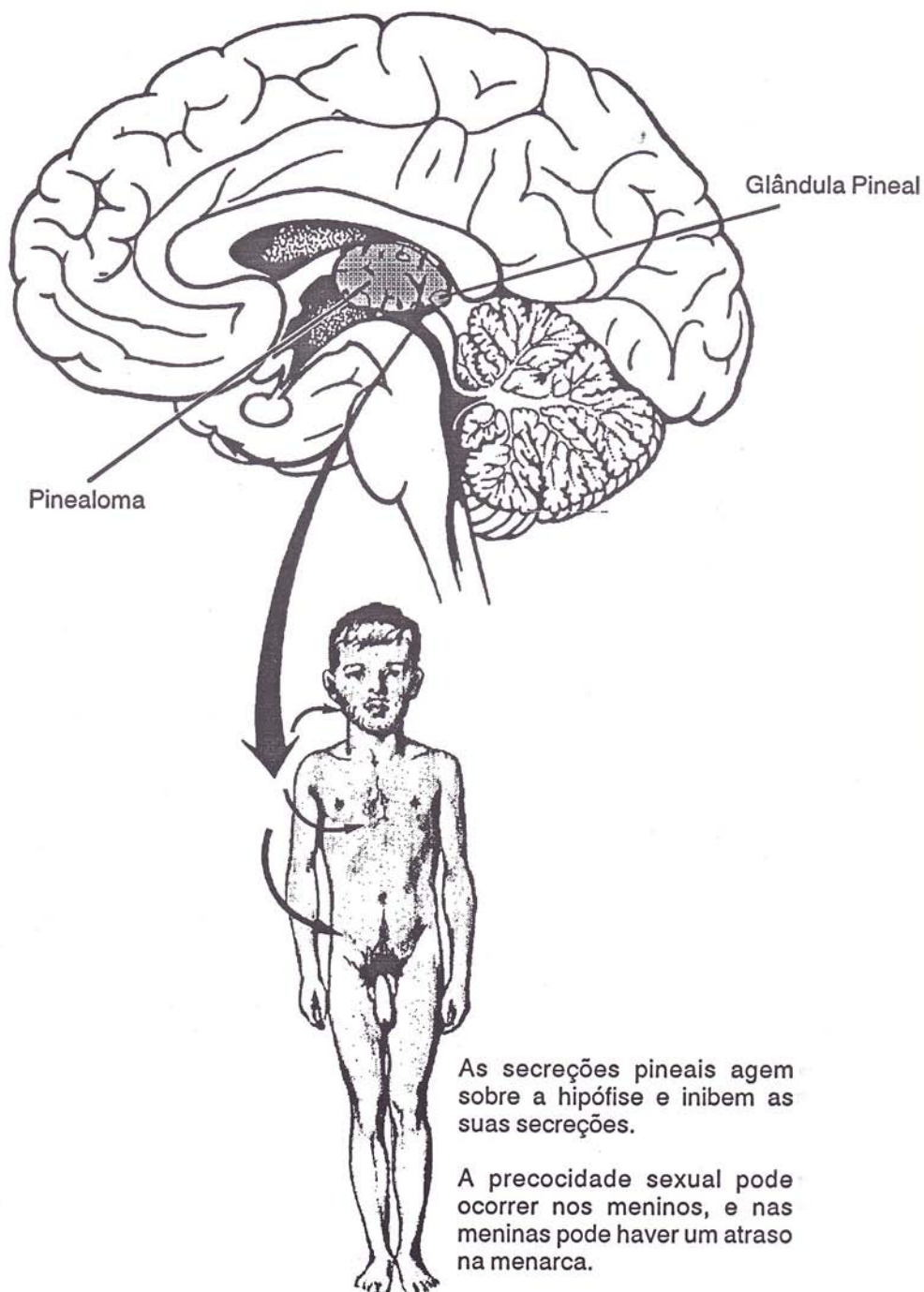
**Embrião
do
corpo causal**

**Átomos permanentes
e associados
da tríade inferior**

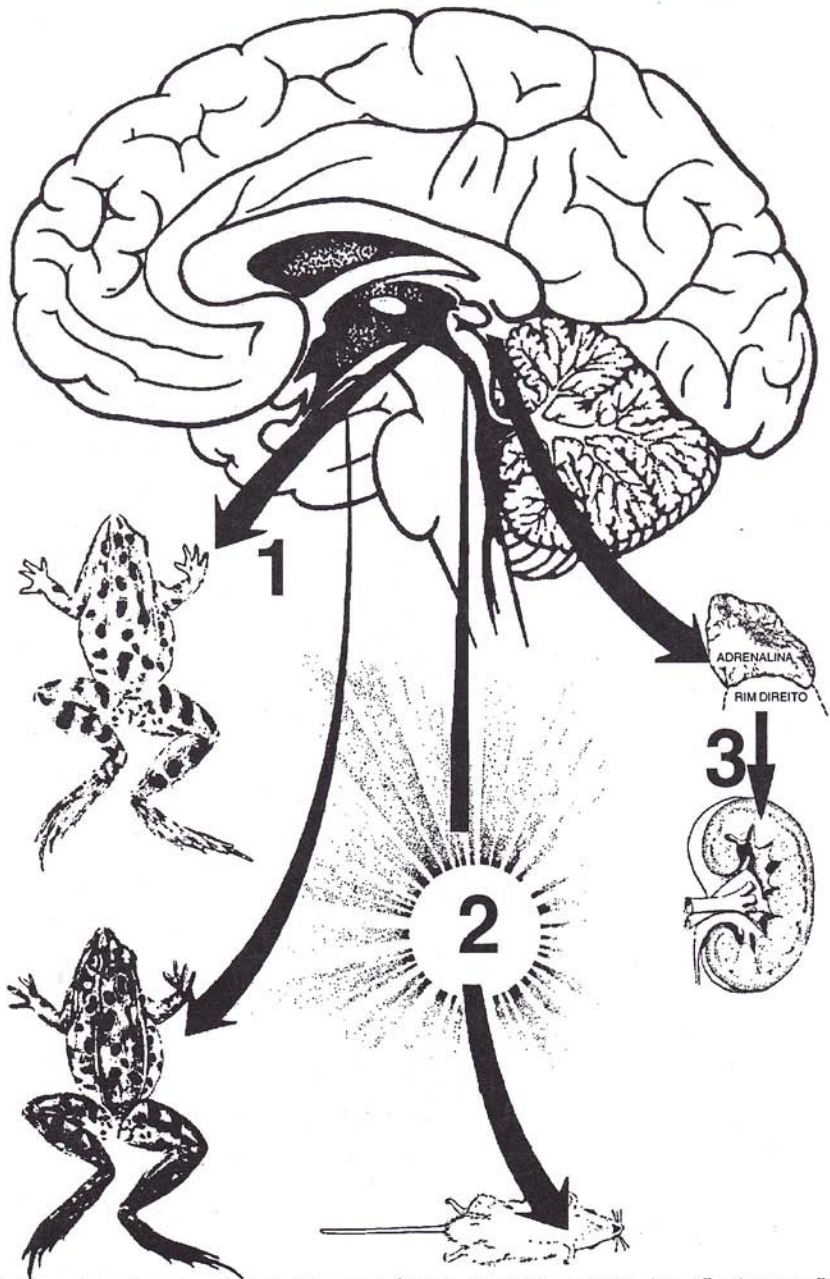
UMA CESTA

Este é o veículo no qual as qualidades de um espécime imaturo são transferidas com outras "cestas" em "levas", de uma cadeia para a seguinte.

EFEITO DE UM PINEALOMA



EFEITOS DA GLÂNDULA PINEAL



(1) A melatonina da pineal dos mamíferos desbota a pele das rãs (mas não dos humanos); (2) A luz diminui o peso da pineal, R. N. A. e proteína, e afeta o estro nos ratos; (3) Estimula a liberação de aldosterona pelo córtex supra-renal, resultando em retenção de sal e de água.

lando de uma glândula endócrina que segrega seus hormônios (como todas as glândulas endócrinas) diretamente para o sangue e que esta glândula é o principal alvo das forças emergentes no Chakra da Cabeça, o supremo foco de atenção nas disciplinas que compõem o treinamento do discípulo.

Na meditação, o clímax e a síntese destas disciplinas se dão naturalmente quando o Centro da Cabeça desperta e a glândula pineal é estimulada. A tradição ensina que quando uma pessoa pratica um longo retiro espiritual deve abster-se do sal em sua alimentação. A glândula pineal, ou a sua região adjacente, produz glomenulotrofina que estimula a liberação de aldosterona pela cortical supra-renal. A aldosterona retém o sal e a água no corpo; daí a necessidade de eliminar-se o sal durante a meditação para evitar acúmulo de água no organismo, o que se vê freqüentemente em rechonchudos yogues devotos (mas não iluminados)!

O vínculo físico entre a glândula pineal e as supra-renais enfatiza o ensinamento esotérico de que o Chakra da Base da Espinha está correlacionado às glândulas supra-renais e intimamente ligado ao Chakra da Cabeça, que é seu *alter ego*. Energias etéricas e mais sutis, produzidas por meios naturais ou supranaturais, são conduzidas da base da espinha para a região da glândula pineal.

Centro Sacral	→	Centro da Garganta
Centro do Plexo Solar	→	Centro do Coração
Base da Espinha	→	Centro da Cabeça

Na meditação, a prática da visualização, que desenrola diante do olho interior o drama do inconsciente, estimula a glândula pineal. Este estímulo interno da glândula pineal inibe, através do hipotálamo, muitas das tendências emocionais que mantêm o homem escravizado pelo seu meio ambiente, apegado a lugares, pessoas, tempo e coisas.

Se não tivessem ocorrido interferências, a fase antropóide na evolução da forma física permaneceria confinada aos reinos animal e vegetal. Os ossos do crânio não passariam por alteração alguma, nem a consciência se estenderia além do que chamaríamos de um orangotango altamente inteligente, a despeito de irradiação constante das duas correntes de evolução paralelas e superiores. Sob os ininterruptos efeitos do arco descendente do Quarto Ciclo, todos os antropóides, exceto os altamente sensíveis e os mais inteligentes, ficaram encarcerados em formas inadaptáveis que rapidamente se extinguíram ou se degeneraram em algumas das formas de gorila que vemos hoje em dia, com crânios pesados, cristados, etc.

Há cerca de 50 milhões de anos, porém, a segunda linha de evolução, média ou paralela, começou a se materializar em torno dos seus invólucros astromentais uma vaga imagem de uma forma etérica. Orientados por uma autoridade Manu, estes seres puderam então aproximar-se dos antropóides de forma física mais avançada, — pré-selecionados, com maiores conteúdos cranianos e, até um certo ponto, “humanizados” pela irradiação vinda das correntes paralelas — e gradualmente absorver estas formas rudes, “sem mente”. Muitos se recusaram a efetuar esta união e ficaram retidos até uma época posterior, apenas para serem forçados a usar formas humanóides ainda mais grosseiras, fornecidas pelo arco descendente.

Assim, aconteceu a fusão de alguns componentes das duas correntes evolutivas inferiores: a mente com a “ausência da mente”, o sentimento nobre com o afeto rude, e até o buddhi com o bruto. O sacrifício das correntes superiores foi imenso, e durante muitas eras, estes seres encarcerados buscaram consolo e o caminho de volta para a sutil região hiperbórea da qual tinham se materializado. No entanto, com as sucessivas gerações, foram diminuindo a rudeza do corpo e as atitudes puramente instintivas da atividade mental das formas ocupadas. As formas hospedeiras tornaram-se mais refinadas sob a influência direta de seus soberanos, ou “hóspedes”, oriundos da corrente superior.

O processo de aprendizagem para tornar-se “objetivo” constituiu a “queda do homem”. Foi uma lição que ele chegaria a aprender muito bem... bem demais. A partir de então, a memória de suas origens mais elevadas tornou-se embaçada, fascinado que estava com sua existência objetiva na estrutura física de sentidos altamente aguçados. Sua preocupação dominante passou a ser a vida no corpo físico hospedeiro, embora este fosse apenas uma luva para o hóspede “interior”. Maia era vista como a realidade e as qualidades trazidas pelo soberano sem dúvida tinham quebrado o domínio férreo do instinto que as camadas inferiores do inconsciente tinham exercido sobre as formas físicas grosseiras no Globo D. E foi assim que grande número de homens, sem deixar de ser homens, começou a usar o produto mais elevado da corrente evolutiva puramente terrena.

O homem nunca foi macaco, da mesma maneira que um homem de hoje nunca é a capa de chuva ou a roupa que usa. O “elo perdido” nunca será encontrado porque não existe. O que falta é compreender os estados mais sutis e as dimensões de tempo e espaço onde abundam muitas hierarquias de vida, diferentes das descritas acima, que, de tempos em tempos, fundem-se com a corrente evolucionária inferior. Assim, estas hierarquias se expressam numa subcorrente de evolução que vai desde a grama, o trigo e os cereais, até alguns artrópodes como os crustáceos, lagostas e camarões, etc.

Para o homem, que pela fusão, portanto, ficou ancorado a uma existência objetiva numa forma grosseira, sobre o Globo D da Corrente Terrestre, o “fim do início” ocorreu há cerca de 15 milhões de anos. Nesta ocasião, através de uma “conjunção” fortuita ou sizígia de determinados globos interiores, um reservatório do Fogo extra-sistêmico (um fogo de qualidade venusiana e originário de Sirius) ficou disponível aos Senhores da Chama, que introduziram-no somente nas formas resultantes da fusão das duas evoluções inferiores. Este ato de individualização completou a “tomada de posse”, e durante um longo período, a partir de então, o homem teve que se arranjar sozinho, construindo primeiro uma consciência totalmente personalizada, com o objetivo de satisfazer o equipamento sensório que tinha acabado de receber e de dominar o planeta usando o seu monitor, o encéfalo humanóide.

Na medida em que suas atitudes se tornavam personalizadas e sua conduta, objetiva, o homem ficava menos dependente das antigas emissões instintivas da região inconsciente inferior e menos dirigido pelo inconsciente superior, que continuou sendo seu lar espiritual, embora perdesse logo o contato consciente. Era um “saúdável” sinal de evolução imergir totalmente no mundo objetivo e conhecer a natureza e a sedução do desejo.

Sua primeira tarefa era manter o veículo físico que possuía e descobrir sua infinita diversidade e potencialidade. As primeiras Raças humanas do Quarto Ciclo eram etéreas e enfatizavam a segunda corrente de evolução. Na Terceira Sub-Raça da Terceira Raça-Raiz, porém, esta fusão direta com as formas da corrente evolucionária inferior proporcionou-lhe um corpo físico que poderia de outro modo ter levado bilhões de anos para se materializar.

Por esta ocasião, nos níveis mais sutis, o homem era hermafrodita, depois de ter sido andrógino. No princípio, foram ocupadas apenas as formas femininas dos antropóides terrenos, pois as formas masculinas eram completamente repulsivas aos elementos da evolução mais subjetiva e espiritual. Os filhos homens gerados destas primeiras formas fundidas eram mais receptivos e hospitaleiros para com os seus soberanos e, assim, uma evolução hermafrodita, subjetiva e mais espiritual, conheceu as características da bissexualidade e, por fim, da heterossexualidade. Entretanto, por causa destas “complicações”, muitas raças primitivas humanas extinguíram-se rapidamente e somente depois de alguns milhões de anos é que se estabeleceu uma forma verdadeiramente humana, estável e durável, heterossexual e dotada de um enorme potencial cerebral.

Muitas das características físicas antropóides foram descartadas, e manifestou-se uma nova forma simétrica e bela, que refletia mais a corrente evolucionária interior. Há cerca de oito milhões de anos, manifestaram-se as primeiras formas humanas possuidoras de um corpo astral integrado. Foram necessárias a civilização atlante inteira e as suas colônias mais importantes para fornecer as condições para este monumental desenvolvimento do mecanismo emocional no homem.

Tendo investigado as origens dos verdadeiros homens, podemos dar mais um passo no estudo da relação entre a glândula pineal e a pinha, já mencionada. Assim como um fogo florestal ajuda a separar as sementes da pinha, contribuindo com o reflorestamento do local arrasado, o Fogo Espiritual, agindo sobre a glândula pineal e o tecido circundante (por exemplo, o Plexo Coróide), produziu uma semeadura em outros locais do corpo, fazendo crescer uma nova floresta, o matagal em torno dos chakras do novo homem.

A Teosofia sempre alegou que os macacos têm uma relação especial com o homem. Nos primórdios de sua história, mas bem depois dos acontecimentos que levaram ao desenvolvimento espiritual do homem a partir dos hominídeos primitivos, várias tribos da Terceira Raça-Raiz, e mesmo algumas da Quarta Raça-Raiz, cruzaram-se com os antropóides parecidos com gorilas, que eram puramente animais por nunca terem sido individualizados. Deste cruzamento resultaram os atuais macacos de elevada inteligência e quase humanos, que às vezes acabam em jardins zoológicos e mesmo em laboratórios de pesquisa.

Existem muitas características que identificam estes macacos altamente desenvolvidos com sua origem “humana”. Enquanto os gatos, os cordeiros e a maioria dos outros animais (com exceção do macaco), ao serem confrontados com um espelho, considerarão a imagem uma entidade separada, os macacos e os humanos identificarão imediatamente consigo mesmos a imagem espelhada (exceto os humanos com menos de vinte meses de idade). Quando um macaco é colocado na frente de um espelho e vê uma protuberância verrugosa em seu rosto, irá apalpar diretamente esta protuberância em sua própria carne e não examiná-la ao espelho.

No novo livro de Adrien Desmond, *The Ape's Reflexion*⁴, o historiador da ciência observa que nós sabemos há apenas trinta anos que somente os macacos e o homem têm esta imagem de si mesmos claramente estabelecida. Criaturas mais primitivas simplesmente não se reconhecem num espelho: elas não conseguem compreender os princípios da reflexão. Se um símio vê alimento no espelho, estenderá a mão para pegá-lo. Um macaco irá procurá-lo atrás de si, guiado pelo espelho. Não há dúvida de que não é uma limitação visual dos símios, mas uma limitação **mental**. "Em termos evolutivos, os macacos parecem ter mais coisas em comum com o homem do que com os símios." Esta é exatamente a afirmação das ciências esotéricas, pelas razões expostas acima.

Os macacos aprendem com seus pais adotivos a "pescar", enquanto os babuínos, mesmo que os observem nesta tarefa durante anos, nunca apreendem-na o suficiente para usufruir dela. Quando em cativeiro, eles se mostraram capazes de selecionar, separando, em pacotes diferentes, uma coleção de porcas, arruelas, pregos, parafusos e chaves.

A família Gardner adotou um chimpanzé chamado Viki desde a tenra infância, mas falhou na tentativa de fazê-lo falar, principalmente porque um macaco não possui cordas vocais. Eles podem produzir apenas algumas consoantes, mas nenhuma vogal. Os Gardner mostraram que os macacos podem falar por intermédio de uma linguagem de sinais e que podem ser ensinados a distinguir entre o certo e o errado.

Uma fêmea de gorila chamada Koko, com sete anos de idade, aos cuidados da Universidade Penny Patterson de Standford, Califórnia, aprendeu 375 palavras. Ela adora andar de carro, sabe usar uma máquina fotográfica e discar um número de telefone, divertindo-se muito ao ouvir uma voz humana do outro lado da linha. Outros gorilas adotados de maneira semelhante demonstram gostar de televisão, chegando até a escolher seus programas favoritos. Eles demonstram preferência por diferentes tipos de comida, mas são capazes de desistir destas preferências em favor de assuntos mais elevados que se esperam deles.

Outro fator que vincula o homem ao macaco é a extraordinária semelhança nos gens. Na Califórnia, engenheiros biólogos compararam uma faixa do DNA humano com a sua contraparte do chimpanzé. Descobriram que a estrutura da proteína humana e seu material genético são praticamente idênticos ao do chimpanzé, diferindo apenas em 1,1%.

"Os chimpanzés conseguem usar ferramentas, carregando-as com um objetivo em vista a uma distância de até oitocentos metros, o que significa que eles devem planejar de antemão. Por exemplo, varinhas são ferramentas ideais para introduzir num cupinzeiro. É só retirá-la, que ela sai coberta de cupins, mastigados pelos chimpanzés como uma guloseima deliciosa."⁵

4. Blond and Briggs.

5. *Ibid.*

25

O TERCEIRO OLHO

O assunto do terceiro olho tornou-se internacionalmente conhecido provavelmente por causa de uma obra literária publicada no final dos anos 50. Certamente, todos nós nos lembramos do famoso livro de Lobsang Rampa, chamado *The Third Eye*. Na época, ele provocou muitos comentários. O conteúdo do livro entusiasmou as pessoas interessadas em assuntos esotéricos, como também os leitores comuns. E a maioria acreditou que a obra era de fato genuína, escrita por um lama tibetano.

Tratava-se da história de um pequeno menino no Tibet, um menino nascido de família muito nobre, que ingressou no monastério dos lamas, onde passou por uma série de testes e provas, preliminares à abertura do terceiro olho. Após muitas dificuldades, a experiência culminou na introdução de uma lasca de madeira (um pedaço de madeira afiado e seco por velas até se tornar negro) no seu cérebro. Quando a lasca foi retirada, alguns dias depois, o menino tornou-se clarividente: ele conseguia ver auras, predizer acontecimentos futuros, e desenvolveu um grande poder de compreensão da natureza humana.

Enquanto tudo isto transformava o livro num dos mais vendidos da época, um detetive na Inglaterra investigava o autor, provocando uma tempestade quando revelou aos jornais londrinos que Lobsang Rampa na verdade era um encanador inglês chamado Cyril Hoskins. O furor continuou, mas Hoskins insistia que o conteúdo de sua história era verdadeiro. Entretanto, importunado demais pela imprensa, fugiu para o Canadá com a esposa, uma enfermeira registrada, e, segundo o que me lembro, estabeleceu-se na área de Calgary. Lá escreveu uma série de obras em continuação de *The Third Eye*, nenhuma das quais, na minha opinião, nem de longe igualada ao primeiro livro.

O que nos perguntamos aqui é “O que é o terceiro olho?” Não é fácil responder a esta pergunta. É mais uma questão de nomenclatura do que ignorância dos fatos. Aqui no Ocidente dispomos de muito poucas palavras que descrevam adequadamente a natureza do terceiro olho: se é realmente uma estrutura física, se é um símbolo espiritual, e assim por diante. Certamente, as mitologias dos povos es-

tão cheias de referências ao terceiro olho. Os egípcios chamavam-no de “Olho de Taurus”. Nos mistérios romanos e gregos, o terceiro olho era uma intumescência no bastão do caduceu, que Mercúrio, ou Hermes, levava consigo. E Mercúrio era o mensageiro dos deuses. Nas bacanais romanas, o bebê Baco brinca com uma pinha e um espelho — o espelho representando o plano astral e a pinha representando a glândula pineal, cuja forma parece com a pinha.

No Novo Testamento, é ao órgão da visão interior que Jesus se refere com as seguintes palavras: “Se teu olho tornar-se um só, teu corpo inteiro será preenchido pela luz”. No misticismo inglês, é o chifre do unicórnio: o instrumento afiado ou a lâmina do mitológico cavalo branco que foi capaz de abater o leão. O unicórnio é um símbolo da alma, e o leão com o qual ele luta representa a personalidade. Ainda no misticismo inglês, e acredito que na Bíblia também, o terceiro olho é uma tigela brilhante. Novamente no misticismo inglês, é o Santo Graal das lendas arturianas e os cavaleiros em armaduras resplandescentes, o símbolo externo da purificação. Os cavaleiros em armaduras resplandescentes andam em busca do Santo Graal, procuram o olho da percepção espiritual que lhes torna visíveis todas as coisas.

Sem dúvida, temos nossos próprios pontos de vista esotéricos sobre o assunto e, nos ensinamentos ocultos, o terceiro olho é sempre o objetivo final das disciplinas esotéricas. As disciplinas esotéricas conduzem o discípulo — o aspirante a iniciado ou noviço — ao reconhecimento ou a localização do terceiro olho, e preparam-no para abri-lo e fazê-lo funcionar, transformando o indivíduo, conforme se acredita, num super-ser, num membro do Quinto Reino da natureza — o Reino dos Santos, o Reino da Alma. E todas as disciplinas esotéricas como a temperança, a abstinência, a meditação e o desprendimento são meios para conduzir o indivíduo ao encontro deste grande objetivo.

Agora surge a questão: “O terceiro olho é um órgão físico?” Ao examinarmos os animais e seus papéis na evolução, encontramos em alguns a evidência do terceiro olho, um órgão real, físico. Acredita-se que este terceiro olho seja um corpo pigmentado que chamamos de corpo pineal, uma evaginação do encéfalo. Na anatomia primitiva dos animais e do homem, é um tubo com uma extremidade fechada. O tubo intumesce produzindo o prosencéfalo, enquanto a parte de trás do tubo intumesce produzindo o tronco cerebral. Entre o prosencéfalo do animal primitivo (e certamente no homem) e o tronco cerebral, uma evaginação do tubo representa a parte que chamamos de glândula pineal ou corpo pineal.

Este corpo pineal, que é uma intumescência do tubo encefálico, está presente em alguns animais, como o peixe-porco e o lagarto tortalla da Nova Zelândia, na forma de um olho primitivo, significando que possui células pigmentares capazes de reagir à luz. Raspando-se a superfície calosa do crânio e do couro cabeludo do lagarto tortalla, vemos uma glândula pigmentada. Nos sapos, esta glândula ou corpo pineal segrega um hormônio que age sobre a coloração da pele. A glândula pineal, reagindo à luz, pode fazer a pele passar de uma cor clara para uma escura.

Assim, afirmamos que há na anatomia primitiva a evidência de um corpo pineal funcionando como um olho primitivo, e mais tarde veremos qual é a proposição esotérica sobre esta glândula.

É verdade que a mitologia nos conta sobre os “olhos medianos” que os seres humanos antigos possuíam, e fala de gigantes com um olho mediano no centro da testa. Menciona também tipos humanos primitivos que possuíam um olho a mais, além dos dois olhos normais, alojado na testa ou na parte de trás do crânio.

Quando chegamos a examinar a anatomia do encéfalo humano, encontramos consideráveis mudanças a partir do tubo primitivo descrito acima. A intumescência na frente do tubo transformou-se num extenso tecido maciço, constituindo os hemisférios. Dois lobos dos hemisférios cerebrais ocupam atualmente a maior parte da caixa craniana ou o conteúdo do crânio. O tronco cerebral também cresceu, mas não tanto. Enquanto o prosencéfalo é a sede da consciência humana e das funções superiores, inclusive da memória e do caráter, o tronco cerebral é apenas inconsciente e coordena o movimento, e entre outras coisas, é responsável pelo equilíbrio. Ainda assim, entre este enorme prosencéfalo humano e o tronco cerebral, menor, encontra-se a glândula pineal.

O centro oco do tubo ainda existe no homem, ao que chamamos de ventrículos do cérebro. Estes ventrículos descem pela medula nervosa e contêm o fluido cérebro-espinhal, que é um tipo de circulação interna do cérebro. A glândula pineal é uma evaginação dos ventrículos, como um apêndice, um rebento ou um tipo de saco. Entre o solo do terceiro ventrículo e o céu da boca cresce a hipófise, outra glândula muito importante. Assim, descrevemos anatomicamente a localização ou os resquícios da glândula pineal no ser humano.

A ciência esotérica afirmou durante muitos e muitos anos, inclusive a Madame Blavatsky, o budismo esotérico e outros, que a glândula pineal era definitivamente uma glândula endócrina. Pesquisas feitas pela Universidade de Minnesota provaram que a glândula pineal segrega hormônios, o que confirma sua natureza endócrina. Os hormônios são mensageiros químicos que agem à distância sobre os tecidos, provocando mudanças estruturais e às vezes funcionais também. As mudanças produzidas pela glândula pineal, de acordo com a ciência, já que não as conhecemos todas, estão na área da maturação das funções e órgãos sexuais do ser humano.

Se a glândula pineal for invadida por um câncer (um pinealoma), podem ocorrer graves distorções, como precocidade sexual. Um menino de sete ou oito anos de idade, acometido por um pinealoma, terá um desenvolvimento prematuro das glândulas sexuais, possuindo órgãos, pêlo e precocidade de adulto.

Além disso, a glândula pineal é capaz de alterar o relógio do organismo que dita o ritmo do corpo. Um dos ritmos que podem ser afetados profundamente nas mulheres é o ciclo menstrual, durante o qual a temperatura do corpo se eleva, e o endométrio, a forração do útero, se prepara para receber o ovo fertilizado.

É de grande interesse para nós, esotéricos, o fato de os ritmos constituírem uma parte necessária no desenrolar das disciplinas esotéricas. A preparação para o treinamento do discípulo exige a observância de ritmos. Externamente, de um ponto de vista ortodoxo ou exotérico, estamos interessados por ora no assunto dos ritmos circadianos, que vinculam as funções dos órgãos do corpo ao dia e à noite. À noite, alguns dos nossos órgãos mergulham numa meia atividade, enquanto outros, como o sistema nervoso parassimpático, tornam-se estimulados e hiperativos. A glândula pineal afeta o nosso ritmo circadiano, o nosso ajuste ao dia e à noite.

Estes ajustes podem ser perturbados facilmente se ampliarmos o nosso dia ou alterarmos a posição da nossa noite. Isto ocorre principalmente nas viagens de longas distâncias em aviões. Cruzar o Oceano Atlântico altera o nosso ritmo circadiano, que leva alguns dias para se ajustar. Portanto, precisamos nos ajustar às circunstâncias diferentes do dia e da noite.

A glândula pineal pode afetar também os rins, fazendo com que retenham sal, que normalmente é quase todo eliminado.

Estes são alguns dos efeitos conhecidos da glândula pineal sobre o corpo humano, porém, segundo a ciência esotérica, existem vários outros muito pouco conhecidos pela ciência acadêmica. Um destes efeitos, assim chamados ocultos, é que, estimulada por meio da meditação, a glândula pineal mantém a abertura das suturas da caixa craniana. Os ossos humanos tendem a se ossificar por volta da idade de vinte e um ou vinte e dois anos, com exceção dos ossos do crânio, que mantêm-se não ossificados, ou não completamente fechados, até por volta da idade de sessenta anos ou mais. A proposição esotérica é manter estes ossos do crânio não suturados, impedindo a ossificação e o conseqüente endurecimento, para que o discípulo (espiritualmente evoluído) possa mudar a forma do cérebro. As ciências esotéricas afirmam que, com a prática da meditação, o tecido cerebral cresce e o conteúdo do cérebro é modificado, acrescentado de novas áreas altamente receptivas aos impactos espirituais ou subjetivos. Esta é uma das funções esotéricas da glândula pineal a ser descoberta nos próximos séculos.

Alguns acreditam que a hipófise seja o terceiro olho, tendo um vínculo importante com o órgão da percepção interior. Isto é verdade em parte, mas é a glândula pineal, dentre os órgãos físicos que desempenham **algum** papel na abertura do terceiro olho, que é mais relevante do que a hipófise. Agora é importante considerar a idade do homem.

A concepção esotérica é que o homem não terminou de crescer fisicamente, nem a níveis mais sutis. Está em estado embrionário, é um embrião espiritual, não formado ainda. Analisando o homem a começar pelo corpo físico até o seu interior, aos veículos mais sutis da consciência, vemos que a cada passo ele é mais embrionário, menos formado, mais feio espiritualmente. Embora bem simétrico no nível físico, do ponto de vista espiritual o homem está formado apenas pela metade.

A idade do homem é imensa, mesmo se apenas considerarmos sua vida nos sistemas planetários, ou até no nosso sistema solar. Num nível não físico, angélico (se precisamos usar esta palavra) ou mais sutil, o homem tem possuído instrumentos de expressão que remontam a quatro ou cinco bilhões de anos. O próprio corpo físico do homem, segundo o que acreditamos, tem a idade de vinte e cinco milhões de anos, e é produto de duas evoluções que se fundem. Uma delas, à qual acabamos de nos referir, tem cerca de quatro trilhões de anos, e enfatizou um processo de materialização do corpo mental, em seguida, do astral, do etérico e, finalmente, do físico. A outra corrente evolucionária, gêmea da que acabamos de descrever, evoluiu sobre a Terra dentro dos conceitos Darwinianos geralmente aceitos, como a origem das espécies, ou a sobrevivência do mais apto, e assim por diante.

Com isto queremos dizer que, muito devagar e ao mesmo tempo comparativamente em períodos mais curtos (que envolvem os conceitos ocultos de ciclos e cor-

rentes), o homem foi moldado por um processo no qual primeiro desabrochou o reino mineral, em seguida um reino vegetal sobre a superfície do mineral, depois, por concentração, um reino animal, e então, do reino animal, uma corrente de homínídeos (formas de aspecto humano) que alcançaram um estágio antropóide e desenvolveram uma grande área encefálica. Assim, tínhamos as formações dos homínídeos sobre a Terra, ainda não humanos, embora tivessem aspecto humano.

Em seguida, há cerca de vinte e cinco milhões de anos, alguns destes homínídeos, extremamente desenvolvidos do ponto de vista do prosencéfalo, foram ocupados pelos estados etéricos da corrente de evolução mais antiga, a evolução materializante, enquanto outros foram habitados ou interpenetrados pela evolução mais sutil. As estruturas destes homínídeos, como a glândula pineal, a hipófise, a caixa craniana, os ossos faciais e as clavículas, foram profundamente alteradas por esta evolução que os habitava.

Assim, a evolução etérea instalada na grosseira estrutura física homínídea, produzida num período mais curto sobre a Terra, fundiu-se com a evolução mais sutil, e, sob sua influência, as estruturas pineais (às quais nos referimos como a base física do terceiro olho) mudaram enormemente.

O impacto do encontro destas duas correntes evolucionárias foi explosivo em termos da humanização das formas de macaco. John E. Pfeiffer¹ diz que o fator foi dietético. A ciência esotérica aponta o fator “soberano”:

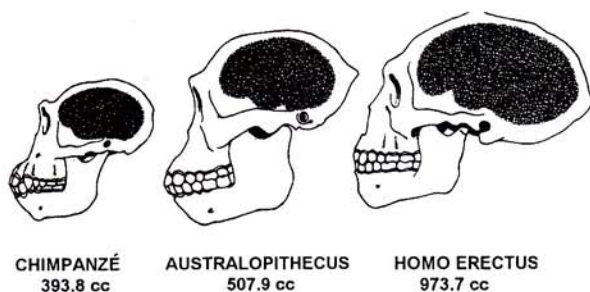
“Há uma evidência dramática do que o evolucionista George Gaylord Simpson, de Harvard, chama de ‘evolução quantum’, um explosivo salto evolucionário que aconteceu entre os ancestrais do homem, ‘explosivo’ num sentido relativo. Simpson adverte que ‘é preciso usar de considerável imaginação para conceber uma explosão que não faça barulho e perdure por vários milhões de anos’. Um processo tão longo é rápido apenas numa escala de tempo que envolva centenas de milhões ou bilhões de anos. (Os astrônomos também falam nestes termos ao descrever, por exemplo, a colisão de galáxias.)

“Um exemplo de evolução quantum ocorreu entre os cavalos há cerca de vinte e cinco milhões de anos. Os cavalos viviam principalmente de folhas suculentas que são fáceis de mastigar, mas a sua sobrevivência foi ameaçada quando as florestas começaram a escassear e eles tiveram que sobreviver com uma dieta de gramíneas duras e quebradiças. Embora muitas espécies não conseguissem se adaptar a estas novas condições, pois seus dentes curtos gastavam-se numa idade precoce, os grupos que incluíam indivíduos possuidores de dentes compridos foram mais bem-sucedidos. Esta substituição de folhas por capim, que provocou mudanças na forma dos dentes, tornando-os mais compridos, com um esmalte mais duro adequado para a trituração, foi extremamente rápida em termos evolucionários, levando cerca de oito a dez milhões de anos.

“Entre os homens-macaco e seus descendentes aconteceram mudanças muito mais abrangentes. Num processo muito mais rápido da evolução quantum, eles sofreram um aumento sem precedentes no tamanho do cérebro. A capacidade craniana do *Australopithecus* variava de cerca de 435 a 600 centímetros cúbicos, com uma média de 500. A capacidade craniana do *Homo erectus*, que inclui o homem de Java e de Pequim, assim como os espécimes descobertos mais recentemente, variava de cerca de 775 a 1.300 centímetros cúbicos, com uma média aproximada de 975. A parte superior desta varia-

1. *The Emergence of Man*, John E. Pfeiffer (Nelson).

ção coincide com a variação do homem moderno. Isto significa que alguns membros do *Homo erectus* tinham cérebros maiores do que muitas pessoas de hoje. O cérebro quase dobrou de tamanho no espaço de dois milhões de anos.”²



A forma primitiva do homem teve o formato de sua cabeça enormemente mudado quando seus habitantes passaram a comandar os hominídeos especializados. Como a caixa craniana ainda estava aberta, as suturas ainda não estavam ossificadas, o crânio alongou-se, tornando-se cada vez menos acrocefálico, ou seja, afilado num ponto, como o é ainda em algumas raças primitivas atuais como os bantos ou as raças negras da África do Sul. Isto também acontece com bebês que passaram por um canal de nascimento muito estreito, que moldou os ossos nesta forma acrocefálica.

Os homens primitivos, portanto, tinham este formato de crânio e possuíam um olho parietal, que surgiu porque os ossos cranianos não se fecharam completamente, formando o que chamamos de um forâmen parietal, ou seja, o forâmen posterior. Este às vezes pode ser detectado num recém-nascido, apalpando-se-lhe o crânio, e em algumas crianças permanece aberto parcialmente por algum tempo, fechando-se mais tarde, ao contrário do forâmen anterior, que é facilmente visível nas crianças até uma certa idade. Foi através deste forâmen posterior que o olho parietal surgiu e funcionou nos homens mais primitivos, pertencentes à Terceira e Quarta Sub-Raças da Raça-Raiz Lemuriana, primeira raça verdadeiramente humana sobre a face do planeta, cuja existência começou há cerca de dezoito milhões de anos.

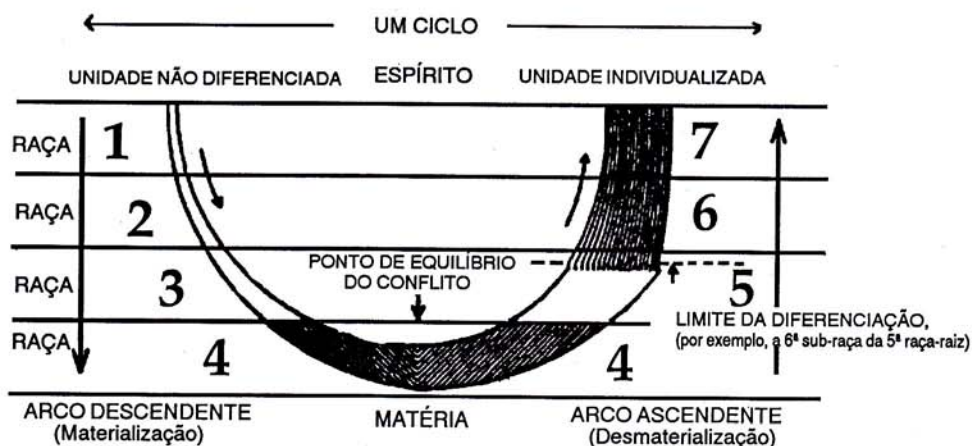
Em alguns dos animais primitivos já mencionados, a glândula pineal se apresenta como um órgão duplo, formado por uma parte pineal que se transforma no olho parietal e pela própria glândula, constituindo o complexo parietal. Em alguns animais primitivos, o olho parietal, preso na extremidade do nervo parietal, encontra-se logo abaixo da região mais fina do crânio, clara e translúcida, no topo da cabeça. A glândula pineal aloja-se mais no fundo, na posição já descrita.

O olho parietal era um órgão que detectava o calor e não um órgão da visão. Naquele tempo, existiam sobre a superfície da Terra numerosos vulcões, e, portanto, era importante para os homens primitivos, os hominídeos que foram “protegi-

2. *Ibid.*, pp. 104-105.

dos'', ser avisados dos locais de calor. De acordo com C. W. Leadbeater, o teósofo clarividente, e Annie Besant, o olho parietal funcionava como órgão detector do calor dos vulcões, protegendo assim os homens primitivos da aproximação de áreas perigosas no planeta.

O olho funcionava também como órgão visual. Entretanto, devemos nos lembrar que nestes períodos toda a superfície da Terra ficava coberta de nuvens e vapores quentes, as chamadas brumas de fogo, de maneira que a luz como a conhecemos hoje era um raro fenômeno para os homens mais primitivos.



OS SETE ESTÁGIOS DE ENVOLVIMENTO COM A MATÉRIA

Assim, o complexo pineal consistia de duas partes, ou seja, o olho parietal e a epífise. O olho parietal alojava-se no forâmen posterior do crânio, conectado pelo nervo parietal ao mesencéfalo que abrangia o ventrículo, e a glândula pineal localizava-se no fundo do crânio entre o prosencéfalo e o tronco cerebral. Esta parte pineal do complexo transformou-se numa glândula endócrina, e a parte que ainda hoje contém células pigmentadas, sensíveis, representa o resto do olho parietal.

Portanto, este é o ensinamento da Sabedoria Antiga sobre a natureza da glândula pineal.

Devemos nos lembrar que a morfologia, o formato e a função dos homens primitivos deste planeta passaram por enormes mudanças. Assim como a evolução espiritual que segue pelo arco ascendente, o próprio homem tem que passar mais uma vez por grandes mudanças nos próximos anos do seu desenvolvimento espiritual. Parte dos ossos ou do esqueleto dos homens primitivos era formada na membrana (como o é ainda), o que é muito diferente da formação de osso na cartilagem (como os ossos longos dos membros).

Os ossos membranosos do corpo são as duas clavículas, também chamadas de Chaves de Salomão. São ossos sagrados. Têm a forma de dois braços de uma suástica e, quando cruzados, formam um antigo símbolo, usado pelos ocultistas milhares de anos antes que os nazistas o adotassem como seu emblema, na forma revertida. Os dois braços da suástica representam o formato das antigas chaves romanas usadas para abrir uma fechadura. Eles representam também o formato dos ossos claviculares do homem.

A mandíbula do homem é formada na cartilagem, sendo basicamente de origem animal. Faz parte da corrente Darwiniana, se quiserem. A face humana, porém, é divina. A face do homem deve sua origem a uma evolução muito além da história primitiva do nosso sistema solar. E os ossos da face do homem são formados na membrana, assim como a caixa craniana. E é na parte membranosa dos ossos humanos que acontecerão as principais mudanças no futuro desenvolvimento de seu corpo físico.

O corpo físico do homem ainda não está completo, ainda não realizou suas alterações finais. A psicologia dirá que este processo foi interrompido há vinte mil anos. Nós, ao contrário, dizemos que o corpo humano ainda irá mudar muitas vezes seguidas. Por exemplo, muito dos seus membros inferiores irão eterealizar-se vagarosamente. O corpo humano se tornará mais e mais concentrado na região da cabeça, mas isto é uma outra história.

O que começamos a entender agora é que os homens primitivos possuíam um enorme potencial para mudança, que se manifestava continuamente desde a Terceira Sub-Raça da Terceira Raça-Raiz em diante. Os olhos que ele herdou dos homínídeos não eram suficientes para o homem que crescia abrigando sua evolução interior. Estes olhos deviam passar por grande maturação e, entre outras coisas, deviam mudar de posição no crânio, desenvolver outras estruturas, como a visão estereoscópica levada ao seu máximo, desenvolver mais a visão da cor e projetar-se para frente.

Enquanto o par de olhos projetava-se para frente, dando a visão binocular, e tornava-se cada vez mais eficiente, proeminente e ativo, a glândula pineal com o seu olho parietal regredia, acabando por atrofiar-se. O olho parietal retirou-se do forâmen posterior, que se fechou, voltou para o fundo do crânio, fundindo-se com a glândula pineal e deixou de funcionar. Assim, mesmo ao nível físico, houve grandes mudanças no desenvolvimento do assim chamado terceiro olho, ou glândula pineal.

O terceiro olho, ou glândula pineal, agia sobre outros órgãos endócrinos, especialmente a hipófise, junto com a qual produziu as mudanças na estrutura anatômica do homem que descrevemos como pleomorfismo, detalhado no meu livro *Anthropogeny*. Por exemplo, naquela época remota a pele humana sofreu mudanças variadas, não só na cor como também na espessura. Cada raça produziu uma cor diferente de pele: havia homens azuis, vermelhos, amarelos. Nos trópicos, a superfície da Terra estava coberta por enxames de insetos, e a pele do homem era muito, muito fina. Isto precisava ser mudado. Uma das maiores pragas para os homens primitivos era os enxames de insetos, até que mais tarde sua pele tornou-se mais grossa, desenvolvendo a derme ou a subcamada de pele contendo os órgãos que conhecemos hoje.

A despeito de tudo isto, entretanto, devemos dizer que a glândula pineal com o seu acessório parietal não é o terceiro olho da metafísica. O que então é o terceiro olho da metafísica?

Devemos entender que o corpo físico do homem é apenas a expressão externa de um espectro de seus veículos. Seu corpo físico, por exemplo, é interpenetrado por um veículo etérico. Este veículo é um corpo de vitalização. O homem não pode agir com um corpo de gás, líquido e sólido apenas. Interpenetra-o também um corpo de ação, muito sutil, que chamamos de corpo etérico. Sua forma física é interpenetrada por uma contraparte etérica ou matriz.

Devemos imaginar diferentes estados de matéria para entender que assim como a areia é interpenetrada pela água e a água é interpenetrada por gases, de maneira que num punhado de lodo temos os três estados da matéria (gasoso, líquido e sólido) interpenetrando-se mutuamente, também o homem possui corpos mais sutis ou matrizes que se interpenetram mutuamente. E o seu corpo físico gasoso, líquido e sólido é interpenetrado por um corpo etérico que o energiza com o que os yogues chamam de prana.

De maneira semelhante, o homem tem um corpo feito de substância emocional, com o qual ele sente, chamado corpo astral. Este corpo astral, no estado de consciência desperta, interpenetra o físico-etérico. Durante o sono ou durante determinadas condições de meditação e yoga, o corpo astral se desprende do físico. Descrevi o fenômeno no qual se deposita a consciência num corpo astral desprendido, na minha obra intitulada *The Techniques of Astral Projection*, mas isto é outro assunto.

O homem possui um terceiro corpo com o qual ele pensa e que está incompleto, formado por uma parte inferior, que é a contraparte do sólido, líquido e gasoso, que chamamos de corpo mental inferior. É a parte do estado mental no qual o homem pensa. Este também interpenetra os outros corpos, como o gás interpenetra o líquido, e o líquido interpenetra a areia ou o sólido.

Os veículos que descrevi perfazem o que chamamos de corpo da personalidade do homem, isto é, o corpo no qual a sua alma se expressa como uma personalidade. Existem veículos superiores, constituindo o domínio da alma uma unidade energética.

A alma existe nos três planos de expressão que chamamos de Atma, Buddhi e Manas, mas a maioria dos homens não tem consciência da sua alma, da sua unidade espiritual. Os homens estão ligados a sua alma por uma "corda" fina ou fio, conhecida por antahkarana. A evolução espiritual é um processo no qual esta corda fina ou ponte do arco-íris, como é chamada simbolicamente, é fortalecida, ampliada e aumentada até se transformar num verdadeiro cordão umbilical que canaliza as energias espirituais para dentro da personalidade do homem.

Voltando ao corpo sutil mais imediato do homem, o corpo etérico, vemos que está dividido em regiões, numa conformação que poderíamos chamar de anatomia etérica. Esta anatomia etérica inclui canais chamados nadis. Existem três enormes canais que coincidem com a medula e o encéfalo do homem, ou seja, Ida, Shushumna e Pingala, segundo a terminologia hindu. São simbolizados também pelo caduceu de Mercúrio. Terminam na intumescência do caduceu, que coincide com o cérebro do homem, em cujo centro encontra-se a glândula pineal ou a contraparte física do terceiro olho.

Agora, começamos a compreender que o homem possui um veículo energizador conhecido por corpo etérico, de cuja anatomia fazem parte os centros etéricos ou vórtices, ou seja, os chakras. Estes chakras são cinco, num homem atual de desenvolvimento médio, e três na maioria dos homens primitivos, sendo que o mais baixo deles, em termos de posicionamento anatômico, coincidia com o osso sacro, que é a fusão de cinco vértebras na base da coluna humana. Nos tempos de antigamente, estas cinco vértebras estavam ligadas a uma cauda ou o que chamamos atualmente de cóccix. Uma das mudanças estruturais dos hominídeos consistiu na perda da sua cauda, manifesta na parte primitiva da evolução dual do homem.

Na região do osso sacro, encontra-se o chakra básico do corpo etérico, chamado o Centro da Raiz. É um lótus de quatro pétalas, e demarca o local por onde grande quantidade de prana se infiltra nos veículos humanos. Este, porém, é somente o chakra básico. Com o crescimento e a evolução espiritual, com o desabrochar de uma sub-raça após outra, de uma raça-raiz após outra, de um ciclo após outro, a energia de fogo que se encontra neste chakra básico é despertada. Começa por subir, abrindo no seu caminho uma sequência de chakras ou centros de força.

Assim, durante a raça da Lemúria descrita acima, este chakra desperto pela interação do homem com o seu meio ambiente, quando o homem introduziu o invólucro mental e o invólucro emocional de sua evolução superior, estimulou a separação dos sexos. Primeiramente, o homem destas primitivas raças-raiz era assexuado. Em seguida, ele desenvolveu a bissexualidade, ou seja, dois conjuntos de órgãos paralelos. Mais tarde, os órgãos se separaram em dois, dando as orientações feminina e masculina. Isto aconteceu com o desenvolvimento de um segundo chakra, conhecido como o Centro Sacral, de seis pétalas, duas a mais que o Chakra da Raiz. Foram o ambiente e as qualidades da Raça-Raiz lemuriana que proporcionaram o desabrochar do Centro Sacral.

Mais tarde, há cerca de cinco a sete milhões de anos, outro chakra manifestou-se mais acima, ao nível do umbigo do homem. Este é chamado de Chakra do Plexo Solar. Este fato coincidiu com a junção do envoltório astral da evolução subsidiária do homem com o corpo etérico. Uma vez estruturado e especializado o envoltório astral, o Chakra do Plexo Solar tornou-se radiante. De um ponto de vista externo, foi a civilização de Atlântida que o tornou possível, fornecendo um estímulo emocional para que o homem se tornasse um ser emocional. Antes disso ele era quase um autômato.

Com o crescimento emocional do homem, apressaram-se os ímpetus espirituais, fazendo os fogos subir da base da coluna, através do Centro Sacral. Durante a civilização atlante (que ainda se manifesta muito poderosamente no planeta na Raça-Raiz Sino-Japonesa), o Chakra do Plexo Solar subiu até a sua radiação final.

No homem atual, os fogos subiram mais, começando a ultrapassar o nível do diafragma, um músculo achatado que demarca uma divisão esotericamente importante também no corpo etérico. O homem começa a abrir o seu Chakra Cardíaco, situado no centro da região do coração. O homem começou a abrir também, com a civilização que conhecemos hoje por ariana³ ou Quinta Raça-Raiz, o Chakra da Garganta, que tem dezesseis pétalas.

3. A raça ariana era um nome usado cinquenta anos antes que os nazistas dele se apropriassem para designar uma raça nórdica, conceituada segundo suas próprias convicções nórdicas.

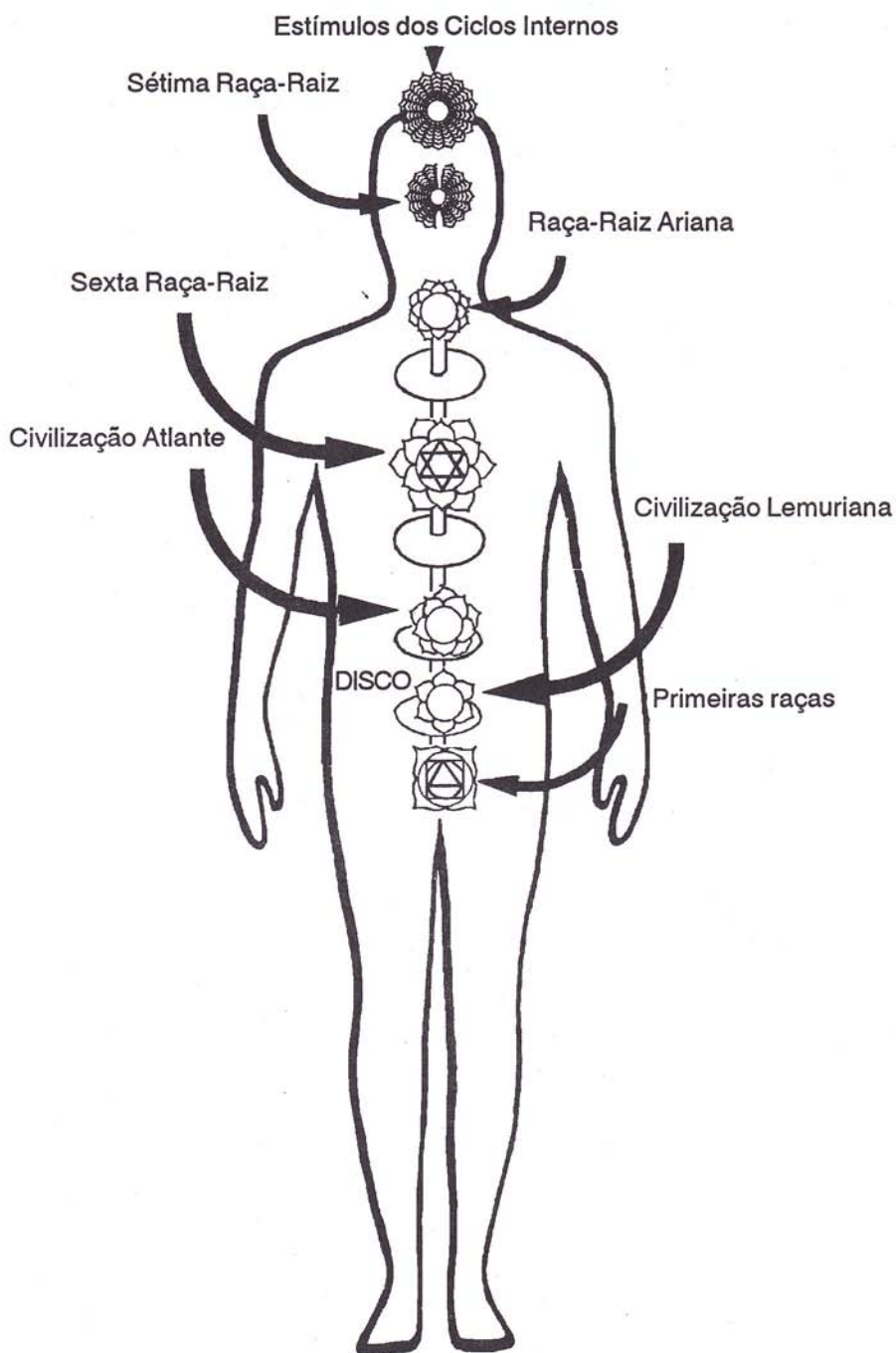
Existe na maioria dos indivíduos um outro chakra, que reside no sagrado centímetro quadrado entre as sobrancelhas. Geralmente, em alguns homens adiantados, até este chakra está desenvolvido. Este centro se chama Chakra Frontal ou, segundo os hindus, Centro Ajna. E, finalmente, o homem possui em estado de desenvolvimento o chakra que será o Centro da Cabeça. Este Centro da Cabeça pode tornar-se muito radiante nos indivíduos espiritualmente evoluídos, a ponto de produzir uma aura em volta da cabeça. Buda, que na realidade pertencia ao Sexto Ciclo e não a este (o Quarto), tinha uma aura, assim como o Mestre Jesus e os santos.

Começamos a entender então que o desabrochar espiritual, do ponto de vista esotérico, é um assunto nebuloso. É um processo que consiste em levar, por vontade própria e focalizando a atenção, as energias dos chakras abaixo do diafragma para as regiões acima dele. Esta grandiosa ciência conhecida por yoga, menosprezada principalmente nos recentes anos, ensina pelo entendimento e pela orientação científica a levar as energias dos centros específicos abaixo do diafragma para os seus *alter egos*. Portanto, é possível apressar a evolução espiritual.

Nestes termos, evoluir espiritualmente significa transferir a energia do Chakra da Base da Espinha para o Centro da Cabeça, do Centro Sacral para o Centro da Garganta, e do Chakra do Plexo Solar para o Centro do Coração. Finalmente, neste processo de rápido desabrochar espiritual, cujo início recebe o nome de treinamento do discípulo e o final de iniciação, quando o refugo da personalidade é transmutado por alquimia no reluzente ouro do iniciado ou do Mestre, as energias principais dos diferentes chakras centralizam-se na região da cabeça. A centralização destas energias na região da cabeça produz em pouco tempo a abertura do terceiro olho.

O diagrama na página seguinte mostra os chakras etéricos, cujas raízes localizadas na coluna intercalam-se com discos etéricos rotatórios. Observe como o número de pétalas num centro energético aumenta progressivamente conforme vai subindo de posição na coluna. A contraparte etérica da coluna é um trato de três vias chamado Ida, Sushumna e Pingala. Embora existam inevitavelmente inúmeras experiências na senda do desabrochar (destes chakras), na realidade é nestes três tratos que se pode observar ou rastrear o progresso, por clarividência.

Nenhum discípulo deve esperar um contato direto com um Mestre da Sabedoria, acontecimento altamente valorizado nas escolas de ciência esotérica, a menos que, totalmente por si só, ele tenha levado as energias do Lótus de Quatro Pétalas, localizado na base da coluna, até o Lótus de Dez Pétalas no Plexo Solar, logo abaixo do diafragma. Após isso, empenhando cada vez mais do seu tempo e de suas energias, ele pode começar a trilhar o verdadeiro caminho do treinamento do discípulo, que exige que suas energias sejam conduzidas do Lótus de Dez Pétalas para o de Doze, localizado na região do coração. Quando este processo estiver em estágio bem avançado, então, e somente então, ele poderá reivindicar uma posição de neófito, elegível para um contato com o Mestre. Mesmo então, este contato pode não ser registrado por sua consciência até que as energias comecem a fluir para o sagrado centímetro cúbico, o Chakra Frontal. Terminado o período de noviciado, ele é aceito como chela, e então o Mestre irá solicitar sua cooperação em alguma tarefa planetária em benefício da humanidade.



CORRELAÇÃO ENTRE OS CHAKRAS
E AS RAÇAS RAIZ

Portanto, o terceiro olho, embora possa ter uma contraparte física, basicamente é uma estrutura que existe nos corpos sutis do homem. Para que o assunto fique mais claro, precisamos discorrer sobre as glândulas endócrinas.

O homem médio possui cinco chakras funcionando normalmente nos níveis inferiores. O homem espiritual possui cinco chakras funcionando em níveis superiores e, no Mestre, funcionam sete, incluindo todos os pertencentes a regiões superiores e os chakras acessórios que se abrem nos estágios posteriores da evolução. As glândulas endócrinas sempre representam o aspecto material dos chakras etéricos. Elas são a condensação ou, se quiserem, a concreção ou contraparte física de vórtices energéticos mais sutis, ou seja, os chakras.

As relações entre os chakras e as glândulas endócrinas são as seguintes:

As glândulas supra-renais, localizadas acima dos rins, correspondem ao Chakra da Base da Coluna.

As gônadas humanas, que são os ovários na mulher e os testículos no homem, correspondem ao Centro Sacral.

O pâncreas corresponde ao Chakra do Plexo Solar.

O timo corresponde ao Chakra Cardíaco.

A tireóide corresponde ao Centro da Garganta, e é agora que entramos no território do terceiro olho.

A hipófise, responsável nas raças primitivas pela geração dos gigantes, corresponde ao Centro Ajna, ou Centro Frontal.

E a glândula pineal corresponde ao Centro da Cabeça ou o Lótus de Mil Pétalas.

Conforme descrito, as qualidades do Chakra do Plexo Solar, que são muito emotivas, correspondem ao pâncreas. Como acontece com todas as glândulas endócrinas, o pâncreas segrega seu hormônio chamado insulina diretamente para o sangue, o que possibilita ao corpo mobilizar e usar o açúcar. Não é mera coincidência que as energias emocionais do corpo astral correspondam ao açúcar no sangue — os dois estão intimamente relacionados. E as pessoas que são muito emotivas, no sentido de expressar emoções, freqüentemente são indivíduos que conseguem mobilizar facilmente o açúcar. Mais do que isto, são indivíduos que tendem a exagerar. Portanto, os distúrbios das funções endócrinas, como por exemplo a diabetes, resultam de fatores psicológicos.

Quanto ao timo, este produz, entre outras coisas, um tecido linfático que por sua vez produz via glóbulos brancos, ou linfócitos, os anticorpos responsáveis por combater a invasão de corpos estranhos, como as bactérias, vírus e mesmo órgãos transplantados. De maneira semelhante, o Centro do Coração, um chakra que será aberto pela Sexta Raça-Raiz (daqui a um milhão de anos), ocupa-se principalmente em distinguir entre o eu e o não-eu, e a nível físico, através do timo, ele o faz nas reações imunológicas.

Entendemos, portanto, que para acontecer o crescimento espiritual completo, devem ser abertos os chakras posicionados na parte superior do corpo, isto é, o Centro da Cabeça, o Centro Frontal e o Centro da Garganta. Então, o que vem a ser o terceiro olho? O terceiro olho surge quando estes três centros tornam-se primeiro radiantes e depois se justapõem (embora o processo deva ser simultâneo, isto



**CHAKRAS DA CABEÇA
INTEGRADOS**

**O CENTRO FÍSICO DESTA MATÉRIA LOCALIZA-SE NA
GLÂNDULA PINEAL**

é, todos eles devem surgir e tornar-se radiantes). O terceiro olho, uma estrutura de substância sutil, é moldado pelo intenso vórtice energético criado pela interação entre os três centros, que se fundem, formando um triângulo de importância esotérica e espiritual.

O terceiro olho é, portanto, um órgão de visão interior, que funciona nos veículos etérico, astral, mental e espiritual. Como emerge da interação dos três Centros da Cabeça, coordená-los e fazê-los interagir constituem o objeto da atenção, conforme descrito anteriormente, do treinamento do discípulo e das disciplinas esotéricas.

É importante também entender que estes três Centros da Cabeça são os postos avançados da alma, que no seu centro há uma centelha, um tição ardente, denominado no Oriente de “jóia no lótus”. Cada um deles possui um tição ardente, o qual transforma-se com o desabrochar espiritual num fogo radiante, e cada um dos fogos radiantes justapõe-se um ao outro produzindo um vórtice energético, que é o elemento do terceiro olho.

E assim, a alma começa a se ancorar dentro da entidade humana através dos pontos centrais destes três chakras. É então que o antahkarana, a cabeça da ponte do arco-íris, torna-se patente rapidamente. Ao invés de transferir a energia da alma em até 5% de sua capacidade, o antahkarana aumenta tremendamente a capacidade para que as energias da alma possam virtualmente inundar a personalidade.

Devemos nos lembrar que existe um conjunto etérico, um conjunto astral e um conjunto mental de chakras. A influência combinada de todos estes conjuntos de chakras, sua interação e a transmutação de energias dos chakras mentais para os astrais, dos chakras astrais para os etéricos com os seus tratos etéricos e o nadis, produzem a chamada aura, que é um fenômeno magnético.

O Fogo Central da Mônada, que é uma centelha divina, passando por diversos veículos já descritos, em seu movimento (espiralado, cíclico e mesmo rotatório) produz forças magnéticas não só num nível físico, mas também a nível mental e emocional, por exemplo, o magnetismo espiritual, o magnetismo mental, o magnetismo emocional. Eles desempenham um papel imenso no ensino e na cura. O ensino é sedução a nível mental e emocional, um artifício magnético. A cura é um magnetismo que acontece na profundidade dos veículos sutis através do movimento espiralado do Fogo.

Todos os indivíduos espirituais devem ter a capacidade de ensinar e de curar, especialmente se possuírem almas do Segundo Raio. Estas almas, ou tríades superiores, ou corpos de Atma, Buddhi e Manas, ressoam ao raio do Amor-Sabedoria. Outro fenômeno magnético é a cura esotérica, novamente relacionada à aura, especificamente à habilidade de transferi-la de um chakra a outro. O médico esotérico é capaz de transferir suas qualidades áuricas, principalmente do seu Centro da Cabeça para o Centro Cardíaco do paciente.

A idade avançada não é um empecilho para que os canais criativos levem o Fogo Kundalini à região da cabeça, contanto que a senda do Treinamento do Discípulo tenha sido iniciada antes da segunda metade de vida. Kundalini é uma fonte que se expressa na região da cabeça em três qualidades gloriosas que podem manter até a idade avançada a criatividade do discípulo em termos de Verdade, Beleza e Bon-

dade. Os três centros na cabeça se estabelecem, interagem e finalmente formam uma bola integrada de Fogo Espiritual, abrigando o deva solar. Mostramos na página 186 o diagrama da concentração dos Fogos Espirituais na região da cabeça feita por um iniciado adiantado. Cada um dos três Centros da Cabeça gira num plano em ângulo reto com relação a outro, formando uma esfera de discos interpenetrantes de grande radiância. O iniciado está praticando dharana (concentração mantida) e, portanto, o Centro Frontal oscila entre os dois planos (de uma elipse) enquanto os outros dois centros da cabeça, por não receberem atenção direta, permanecem mais estáveis.



26

AS CLAVÍCULAS, AS CHAVES DE SALOMÃO

"A História, conforme a estudamos atualmente, retrocede muito pouco no tempo e, embora um historiador e um cientista esclarecidos possam calcular a história da humanidade em milhões de anos, nada se sabe sobre as raças de homens que viveram nesta época; nada se conhece sobre as civilizações que floresceram nas primeiras épocas atlantes, há vinte milhões de anos; nada se conhece da civilização lemuriana, ainda mais antiga, que remonta a mais de quinze milhões de anos; menos ainda se conhece do período sombrio que existiu há vinte e um milhões de anos, quando os homens mal chegavam a ser humanos, sendo tão intimamente aparentados com o reino animal que os denominamos com o desagradável nome de 'homem-animal'."

O Mestre D. K., *Esoteric Healing*

O homem nunca chegará a conhecer toda a história do corpo humano antes que este deixe de lhe ser útil, isto é, quando superar a necessidade de possuir um corpo. Até que isto aconteça, os mistérios não resolvidos de suas partes fornecem um foco de pesquisa sempre fascinante para aqueles que procuram conhecer mais sobre o homem e, através dele, mais sobre o Universo.

A alteração da curvatura da coluna desde o embrião até chegar ao adulto completo, a ossificação dos ossos e a história do notocórdio são alguns dos muitos símbolos anatômicos que designam o grande mistério que envolve a evolução.

Uma parte reveladora do corpo humano é a clavícula. Estes ossos que são bilaterais, ou emparelhados, são conhecidos na linguagem esotérica por Chaves de Salomão. Para o leigo, são meramente um par de ossos proeminentes, facilmente apalpáveis sob a pele em ambos os lados do pescoço, até o ombro. As clavículas têm uma tendência comum de sofrer fratura diante da mínima provocação.

A Epífise Esternal ossifica-se por volta do 20º ano; funde-se por volta do 25º ano.

O Centro Primário aparece por volta da 5ª ou 6ª semana do feto.



OSSIFICAÇÃO DA CLAVÍCULA

OSSIFICAÇÃO — A clavícula no homem é notável porque começa a se ossificar antes de qualquer outro osso no corpo; isto acontece já na 5ª ou 6ª semana de vida do feto. O centro primitivo do qual a haste e extremidade lateral se desenvolvem aparece na membrana antes da formação de uma matriz cartilaginosa; e é só um estágio posterior que a cartilagem desempenha um papel no desenvolvimento do osso, ajudando no crescimento de suas extremidades.

Um centro secundário ou epífise aparece na extremidade posterior por volta da idade de vinte anos ou mais, e com a rápida fusão com a haste, completa-se a ossificação por volta da idade de vinte de cinco anos.

Clavícula é o nome de uma antiga chave romana, com a qual estes ossos se parecem. Estes ossos têm de fato a forma de S, e ao serem cruzados, parecem-se espantosamente com o antigo símbolo esotérico da suástica, que significa, entre outras coisas, Vida, Expansão e Movimento. Talvez não exista outro osso no corpo humano com uma individualidade tão expoente. As circunstâncias do seu desenvolvimento, formação e simbolismo esotérico fazem dele uma chave para se entender o Templo de Salomão e o Mistério do Homem.

Em termos de desenvolvimento, é o primeiro osso no embrião humano a demonstrar um centro de ossificação, que aparece por volta da quinta semana depois da concepção. Para o esotérico, isto significa que o osso é de origem muito antiga. O antropólogo provavelmente iria negá-lo de imediato, dizendo que o osso chegou a se desenvolver por completo muito mais tarde, como um mecanismo que possibilitou uma amplitude muito maior no movimento dos braços das criaturas eretas.



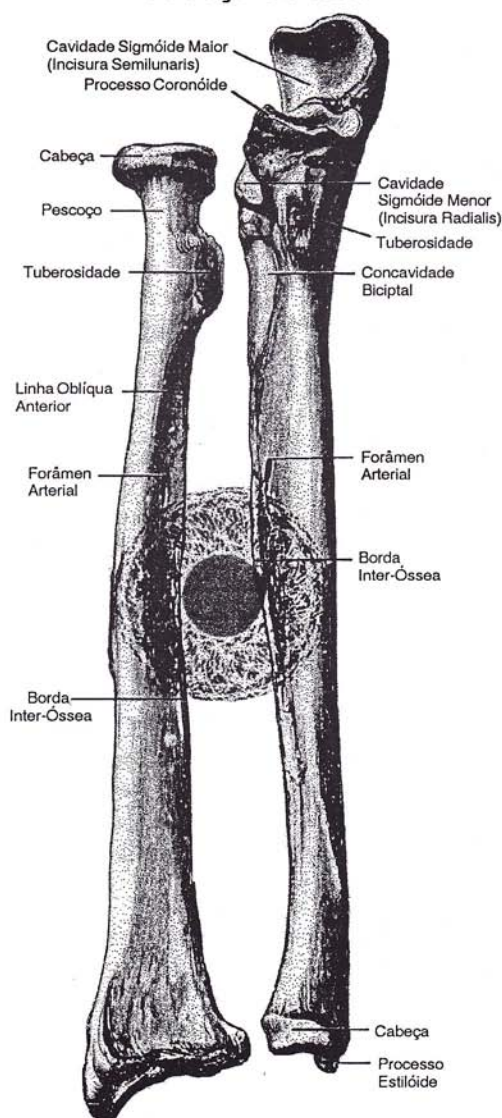
A CLAVÍCULA DIREITA VISTA DE CIMA



A CLAVÍCULA DIREITA VISTA DE BAIXO

OS CENTROS DE OSSIFICAÇÃO

Processo da Cabeça Cubital



O Radio Direito e o Cúbito Direito vistos de frente

Surge aqui um ponto de interesse para os médicos esotéricos. Os centros de ossificação no osso indicam os locais dos chakras pequenos. Os chakras menores existem por todo o corpo etérico, astral e mental. Encontram-se, por exemplo, atrás das articulações, como o joelho e a fossa cubital da parte superior dos membros. Um ponto de ossificação num osso indica onde a aplicação do tratamento seria mais eficiente. A doença pode nem ser um distúrbio ósseo como a osteomielite, mas um distúrbio que afeta outros tecidos também. O ponto onde a artéria nutriente penetra no osso é também o local de um chakra secundário ou mesmo terciário.

Às vezes os locais dos dois forâmens arteriais coincidem, como é frequentemente o caso com o rádio e o cúbito da parte superior do membro (ver Figura ao lado).

Um local assim torna-se mais eficiente com o tratamento magnético, aplicando-se campos pulsantes (como em Claregate College, na Inglaterra) na artéria nutriente que mergulha através do osso e se espalha na medula óssea, radialmente, por suas artérias intra-ósseas.

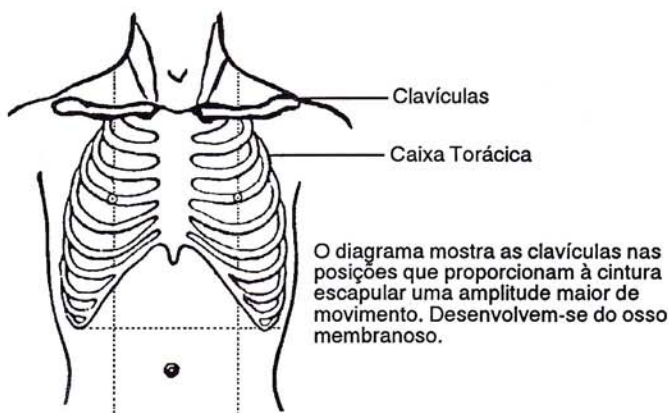
Não seria inapropriado mencionar aqui também a importância da própria medula óssea, o maior de todos os órgãos do corpo, por ser o local de produção das células sanguíneas e, portanto, um lugar onde de qualquer maneira o magnetismo tem um efeito pronunciado por causa da imensa absorção de ferro, necessário para a formação de glóbulos vermelhos.

Os ossos longos, como os ilustrados aqui, crescem nas suas extremidades e portanto existem centros menores, a cerca de cinco centímetros de onde eles se articulam com as suas juntas correspondentes.

Já escrevi sobre embriologia esotérica, onde os centros organizadores no embrião nos dão dicas de onde se desenvolvem em seguida os chakras maiores e menores.

A INDIVIDUALIDADE DA CLAVÍCULA

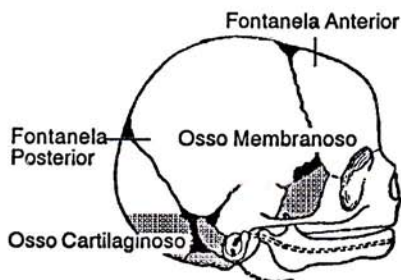
Este osso está completamente desenvolvido apenas no homem e em alguns antropóides. Na maioria dos vertebrados inferiores, as clavículas estão reduzidas ou incompletas, de maneira que a omoplata ou escápula torna-se o osso mais importante da cintura escapular (para o movimento). As clavículas de um coelho ou gato são pequenas, são ossos mais delgados embutidos no músculo, sem se articularem com outro osso (como o fazem os ossos humanos). Em muitos animais estes ossos não existem, indicando que o osso **degenerou-se** até se transformar num ligamento. Os animais que TREPAM e AGARRAM possuem este osso. Nestas últimas linhas, cujas palavras podem ser confirmadas por qualquer obra ou autoridade confiável, temos uma informação de grande importância sobre a ORIGEM DO HOMEM.



Entretanto, devemos considerar primeiro outro aspecto da individualidade deste osso. Dentre todos os ossos do corpo, somente os ossos achatados da caixa craniana ou crânio, os ossos faciais e as clavículas desenvolvem-se como ossos **membranosos**. Os outros desenvolvem-se como ossos **cartilaginosos**. Não tem sentido aprofundarmo-nos aqui nestes dois processos muito diferentes pelos quais o corpo constrói seu esqueleto, mas esta diferença é importante para resolver o mistério das Chaves do Templo de Salomão.

COMPONENTES DO CRÂNIO HUMANO POR OCASIÃO DO NASCIMENTO

As áreas em branco representam os ossos formados na membrana; as áreas pontilhadas, ossos formados na cartilagem. As áreas cruzadas são as fontanelas.



Devemos entender agora por que a clavícula recebeu o seu nome esotérico; como esta ajudou a fornecer uma saída para os animais vinculados à Terra, na sua necessidade de tornarem-se eretos e possuir um movimento diversificado do braço; por que o crânio humano tem sido capaz de arquear e reagir às contorções do encéfalo enclausurado e irrequieto, estimulado pelo Manas Superior; por que se diz que o homem é criado à imagem do seu Criador. Por que alguns humanos individualizaram-se na corrente lunar antes que o mesmo processo ocorresse na Terra; por que nunca houve um “elo perdido” e por que os antropólogos estão “em cima do muro”, e assim por diante.

O Templo de Salomão ainda não está completo, ainda não está aperfeiçoado. Ainda haverá uma segunda medula nervosa, certas glândulas ressurgirão, os ossos se tornarão menos densos e haverá menos deposição de tecidos. O Princípio Divino paira sobre a verdadeira forma do homem, como um arquétipo, sempre mudando, sempre fazendo evoluir o corpo físico terrestre do homem, até que um dia ele seja transformado num perfeito espelho de Si Mesmo. É por isso que alguns homens, às custas de grande sofrimento e esforço, dedicam-se a saber mais sobre este Eu e a ajudar outros a conhecê-lo.

“O homem terrestre avançou apenas até a metade do processo evolutivo ao qual se deve o seu desenvolvimento atual. Ele será muito maior do que o é hoje, antes que o destino do nosso sistema seja consumado, maior que o elo perdido.”

Esoteric Buddhism, p. 52.



NÃO HÁ RELIGIÃO MAIS ELEVADA QUE A VERDADE

27

A GLÂNDULA TIREÓIDE

Os anatomistas acreditam que o homem completou as suas mudanças anatômicas no processo de adaptação ao meio ambiente. O conceito esotérico é exatamente o oposto, ou seja, que estas mudanças mal começaram. O homem, um ser espiritual, está preso num vasto processo de metamorfose¹, comandado do ponto central de seu ser — a mônada humana. No geral, o homem se encontra no estágio de larva. Existem aqueles que trilham a senda rumo ao interior, prontos para o estágio de casulo, explorando as periferias do inconsciente. Outros ainda, filhos preciosos da humanidade, estão emergindo como jovens imagos, servindo de exemplo para todas as larvas que não estejam cegas a tudo que não seja sua própria e exclusiva alimentação.

1. Segundo a definição da *Encyclopaedia Britannica*, metamorfose ou transformação é o tema mítico de uma criatura transformando-se ou sendo transformada em outra criatura, como no mito do jovem grego Narciso, que se transformou numa flor.

Na Biologia, é surpreendente a mudança que ocorre na forma ou na estrutura de um indivíduo após ser chocado ou ter nascido. Estas mudanças físicas, assim como as que envolvem o crescimento e a diferenciação, são acompanhadas por alterações na fisiologia, bioquímica e comportamento do organismo. As formas imaturas, ou larvas, adaptam-se a ambientes e modos de vida diferentes das formas adultas. Estas diferenças podem ser importantes por garantir que entre as larvas e os adultos da mesma espécie não haja competição por alimento ou espaço vital. Exemplos de metamorfose incluem o girino, um estágio aquático de larva, que se transforma num sapo terrestre, a estrela-do-mar, o caranguejo, o caramujo, etc. Dentre os exemplos de metamorfose mais dramáticos e exaustivamente estudados estão os insetos. No desenvolvimento ametabólico, acontece simplesmente um aumento gradual no tamanho do filhote até que ele obtenha as dimensões de adulto. O ciclo de vida hemimetabólico consiste de ovo, ninfa e adulto. A ninfa, um inseto imaturo, tem hábitos alimentares parecidos com os da forma adulta, diferindo no tamanho, proporções corporais e padrão de cor. O seu desenvolvimento é gradual, através de uma série de trocas periódicas do esqueleto externo, culminando no adulto que emerge da última troca. A metamorfose completa, ou holometabólica, consiste de quatro estágios: ovo, larva, pupa e adulto. A larva difere muito do adulto. Sua forma e seus hábitos se prestam ao crescimento e ao desenvolvimento e não à reprodução. A transformação em adulto acontece durante o estágio inativo, quando a pupa não se alimenta. Nesta ocasião, a larva passa por uma transformação durante a qual os seus órgãos e tecidos são decompostos, dando lugar às estruturas de adulto.

É provável que o processo de metamorfose tenha-se desenvolvido no decurso da evolução por oferecer uma vantagem seletiva aos animais que possuíssem estes padrões de desenvolvimento e diferenciação. (*Encyclopaedia Britannica*, Micropaedia VI, p. 831.)

A metamorfose humana impele a roda da reencarnação, com um processo aparentemente infundável que garante que todos irão atingir a maturidade espiritual. As mudanças na forma física levam um tempo enorme. Os insetos o conseguem através de uma série de trocas da pele externa. No homem, as mudanças físicas ocorrem vagorosamente durante imensos períodos de tempo. As maiores mudanças acontecem em níveis mais sutis, numa série de “trocas de pele espirituais”, as reencarnações espirituais em terminologia esotérica, que coincidem com o desabrochar dos centros energéticos, ou chakras, e a sua interação e coordenação uns com os outros.²

Nos animais, as mudanças anatômicas da metamorfose são monitoradas pela glândula tireóide. No homem, a tireóide colabora com a moldagem do corpo, como também com a sua adaptação às mudanças mais abrangentes, **internas**, que acontecem via Chakra da Garganta, intimamente ligado à glândula tireóide, e via centros vinculados ao Lótus de Dezesseis Pétalas.

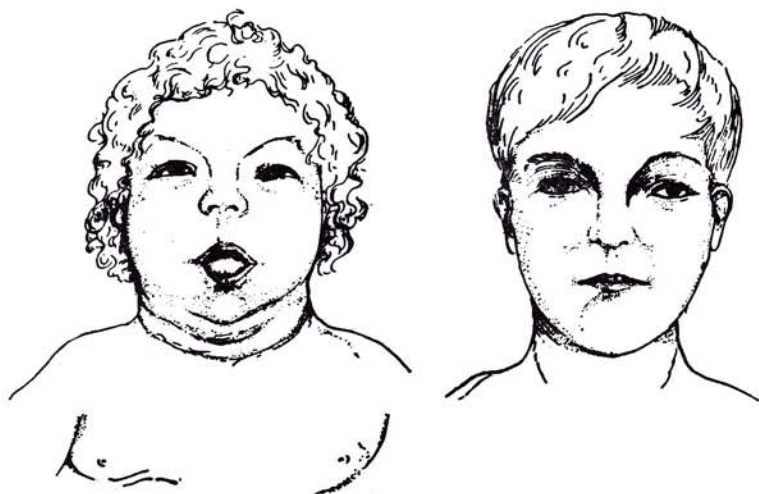
A retirada da glândula tireóide em animais novos, como coelhos, bezerros, etc., retarda o crescimento do esqueleto e inibe o desenvolvimento sexual. A pele engrossa e se torna como couro; o cabelo perde o brilho e se torna ralo e quebradiço; os ossos compridos (fêmur, úmero, etc.) param de crescer longitudinalmente e engrossam.

No homem, a perda da função tireoidal produz o **cretino**, com defeitos no desenvolvimento físico, sexual e mental. Jovens vítimas da insuficiência tireóide são acentuadamente anãs e, a menos que recebam extrato da glândula tireóide, não passam da estatura de uma criança normal de sete anos.



Um caso de cretinismo infantil médio (BEST e TAYLOR)

2. *The Jewel in the Lotus*, pp. 214-219.



Cretinismo. À esquerda, aos 3 ½ anos de idade (antes do tratamento); à direita, o mesmo indivíduo após tratamento com hormônio tireóide) aos sete anos de idade (BEST e TAYLOR).

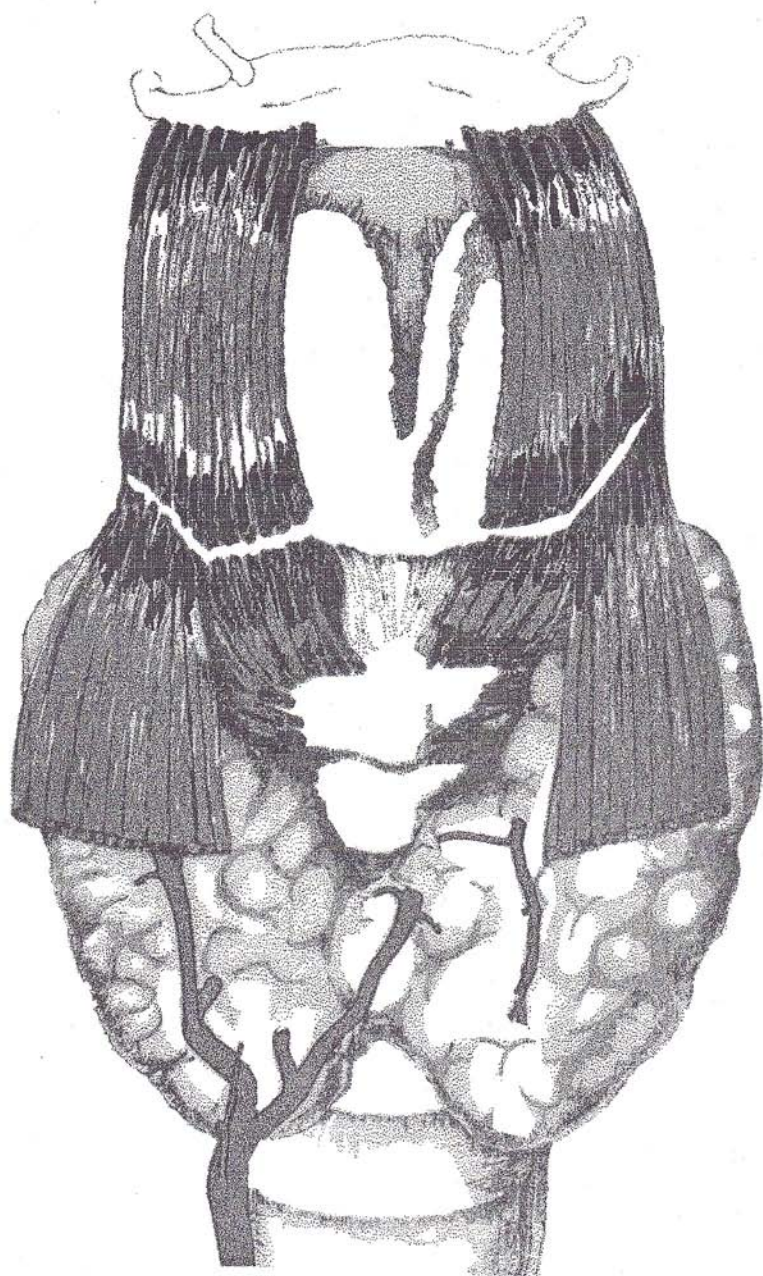
Características dos Cretinos:

- (a) Crescimento mental gravemente retardado.
- (b) Frequentemente são imbecis ou idiotas.
- (c) Baixo ritmo metabólico basal.
- (d) Muitos são mudos de nascença.
- (e) Traços faciais são grosseiros.
- (f) A língua aumenta de volume tornando-se grande demais para a boca.³
- (g) Fluidos gelatinosos são depositados sob a pele, dando aspecto de inchaço.

Embora existam muitas causas físicas para a insuficiência tireóide, existem também fatores psicossomáticos e esotéricos que no decurso do desenvolvimento humano afetam raças e sub-raças inteiras.

As mudanças nas formas humanas primitivas, que aconteceram quando este equipamento físico emergiu do Terceiro Reino, foram parcialmente induzidas pelas mudanças nos veículos etérico e astral que ocupavam e interpenetravam o físico. A evolução interior do homem agia em muitas estruturas externas, inclusive na tireóide, e apressou as mudanças físicas. “Naqueles dias havia gigantes”, e ocorreram amplas mudanças na pele, especialmente quanto à coloração e à espessura. Apareceram homens de pele vermelha e até de pele azul. Estes efeitos resultaram também dos impactos internos sobre a glândula pituitária via seu próprio chakra minúsculo.

3. Embriologicamente, a glândula tireóide é uma estrutura da língua. Quando falta iodo, torna-se ineficiente e aumenta, transformando-se num papo.



A GLÂNDULA TIREÓIDE

Os hominídeos que não estivessem “soberaneados” por matrizes divinas extinguiriam-se ou regrediriam para tipos de gorilas e gibões. O destino superior do homem estava entregue às energias com as quais as matrizes interiores e “soberanas” alimentavam a glândula tireóide.

A glândula tireóide não possui um duto e segrega o seu hormônio (tiroxina) diretamente para os vasos sanguíneos que saem da glândula. Esta mensagem química age como catalisador, apressando a oxidação dos tecidos. Na verdade, a glândula dita o ritmo pelo qual os tecidos do corpo farão o seu trabalho e, por extensão, afeta o ritmo segundo o qual o oxigênio é consumido pelos mesmos tecidos. O iodo é um componente essencial da tiroxina, extraído do sangue pela glândula tireóide. Na falta de iodo, a glândula incha até se transformar num papo.

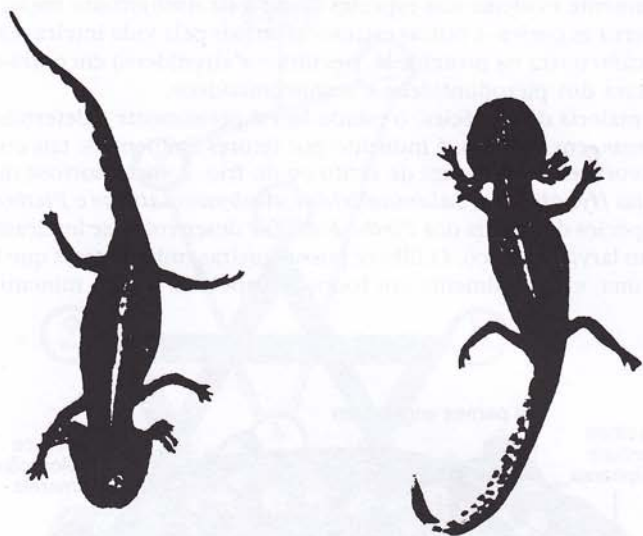
A falta de tecido tireóide nos girinos produz efeitos dramáticos, interrompendo a metamorfose, impedindo que o girino se desenvolva em sapo. Adicionando-se extrato de tireóide à água, a metamorfose continua. O extrato de tireóide ministrado a girinos normais faz com que eles se transformem em sapos em um terço do tempo normal.

Há um século ou mais, algumas criaturas aquáticas da América do Sul, chamadas *axolotls*, foram trazidas para uma exposição em Paris. Nas águas normais dos lagos da América do Sul, o axolotl é totalmente aquático. Assim como o girino, embora muito maior (cerca de 25 cm de comprimento), possui guelras, uma cauda com barbatanas e quatro membros curtos, sugerindo que a sua metamorfose fora interrompida. Colocando os axolotls em tanques, na exposição de Paris, os oficiais foram surpreendidos ao se depararem com estas criaturas transformadas em animais terrestres, tendo perdido suas guelras e barbatanas, desenvolvido órgãos respiratórios de oxigênio, abandonado a vida aquática e desenvolvido uma pele amarela e preta, pálpebras, uma enorme cauda e patas com garras. A razão desta mudança foi a presença de iodo nas águas parisienses. A metamorfose nestas criaturas fora concluída, resultando num animal terrestre espantosamente diferente de sua forma aquática.

Quando o homem, no arco ascendente de evolução, deixar para trás as águas da sua natureza emocional (astrologicamente) e polarizar-se para atitudes inteiramente desapegadas e mentais, passará por uma grande metamorfose. Nesta transição, a mágica contraparte do iodo será a capacidade intermitente de focalizar a mente, desapaixonada, no assunto em questão. As massivas mudanças internas acontecerão através de seus Centros da Garganta, nos níveis dos diversos planos. Ao mesmo tempo, espantosas mudanças nos tipos raciais também serão observadas nos níveis do plano físico. E será por intermédio das glândulas endócrinas, como a hipófise e a glândula tireóide, que estas mudanças serão efetuadas.

AXOLOTL (*Ambystoma*)

“Um membro da família das salamandras, o axolotl distingue-se por conservar permanentemente as características larvais, como as guelras externas. É encontrado em lagos próximos da Cidade do México, onde é considerado uma iguaria de primeira. O nome ‘axolotl’ também é aplicado a qualquer larva crescida do gênero *Ambystoma*, que ainda não perdeu suas guelras externas.



“*Ambystoma mexicanum* cresce até cerca de 25 cm de comprimento e é marrom escuro, salpicado de preto. Tem as pernas e os pés pequenos e fracos, a cauda comprida. Uma barbatana se estende de trás da cabeça até a ponta da cauda; e uma barbatana mais baixa, desde o meio das pernas traseiras até a ponta da cauda. Espécimes de laboratório às vezes transformam-se em formas sem guelras, parecidas com a salamandra-tigrina adulta (*Ambystoma tigrinum*).

“A evolução produziu vários tipos de desenvolvimento multifásico, nos quais a história de vida envolve sucessivos estágios larvais. Estes tipos de desenvolvimento oferecem a possibilidade de mudar a importância relativa dos diversos estágios em relação à exploração de recursos e reprodução da espécie. Existem, por exemplo, muitos tipos de animais (principalmente insetos) nos quais quase toda a história de vida passa no estágio larval, durante o qual transcorre a maior parte da alimentação e crescimento do organismo; o último estágio adulto é curto e usado quase inteiro para a reprodução.

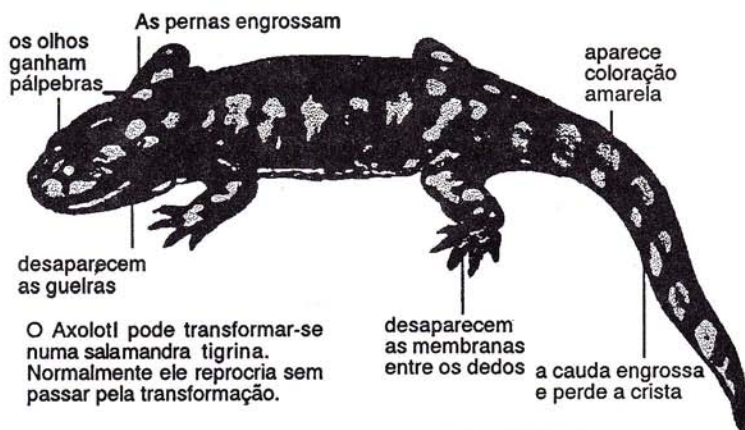
“Outra estratégia evolucionária tem sido a de transferir a fase reprodutora do estágio final da história de vida para algum estágio larval anterior. Isto, novamente, ocorreu em alguns insetos. Se um processo assim é levado a suas conclusões evolucionárias lógicas, o estágio final da história de vida, que antes era o de adulto, pode desaparecer totalmente, isto é, o último derivativo do estágio larval da forma evolucionária anterior passa a ser o estágio de adulto.

“Um exemplo onde este processo é pelo menos parcialmente realizado é o Axolotl, uma salamandra que reproduz o seu estágio larval e, quando deixada no seu ambiente natural, raramente se metamorfoseia em adulto. Entretanto, pode ser persuadida a fazê-lo se receber injeção de suprimento extra do hormônio tiroxina.

“Sugeriu-se que estes processos de neotenia (a conservação de algumas características juvenis na idade de adulto) desempenharam um papel decisivo em determinadas fases anteriores da evolução, cuja evidência se perdeu. Argumentou-se que o sub-reino vertebrado inteiro pode ter-se originado da modificação de um dos estágios larvais de um grupo de invertebrados.

“Chama-se de pedomorfose o fenômeno pelo qual as características larvais são conservadas pelo adulto. Isto caracteriza até um certo ponto todas as salamandras, sendo particularmente evidente nas espécies como a da *Ambystoma mexicanum* (o axolotl), que conserva as guelras e outras estruturas larvais pela vida inteira. Esta condição extrema (que caracteriza os proteídeos, nectúrios e sirenídeos) encontra-se também em várias espécies dos pletodontídeos e ambistomatídeos.

“Na maioria das espécies, o estado larval permanente é determinado por hereditariedade, mas, em algumas, é induzido por fatores ambientais, tais como condições terrestres favoráveis, resultantes de vento ou do frio. A metamorfose mais completa se dá nas famílias *Hynobiidae*, *Salamandridae*, *Ambystomatidae* e *Plethodontidae*. A maioria das espécies da família dos *Plethodontidae* desenvolve-se inteiramente na terra, sem um estágio larval aquático. O filhote possui guelras rudimentares que logo desaparecem, ou nenhuma, e, virtualmente em todos os aspectos, é uma miniatura do adulto.”

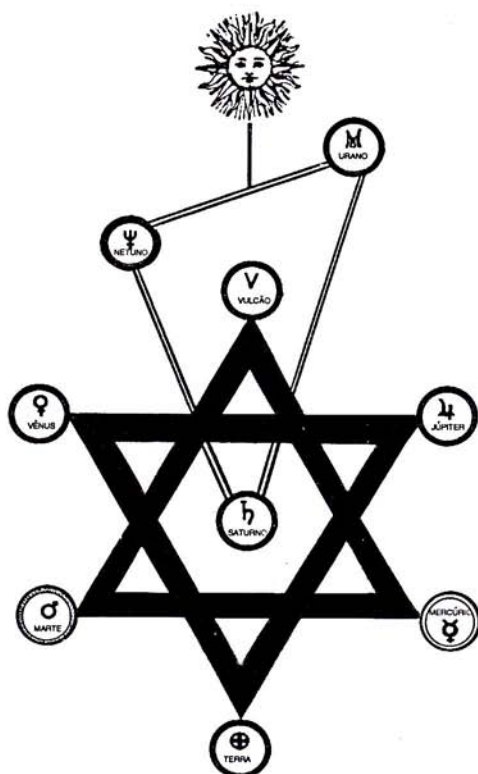


SALAMANDRA TIGRINA

Na astrologia esotérica, Saturno governa a glândula tireóide e o esqueleto, o qual é profundamente afetado por aquela glândula. Saturno é um Senhor do Terceiro Raio da Inteligência Ativa, o “Regulador dos Raios”. É também o planeta que governa a integração (individação) da personalidade, o que é sempre um pré-requisito para o renascimento espiritual e a resultante transformação da psique e da soma.*

Para que as energias passem normalmente para os Chakras da Cabeça é necessário um Centro da Garganta estável por cujo “território” elas devem passar. Nas pessoas mais desenvolvidas espiritualmente, a região da garganta torna-se um dos locais de ancoragem do deva solar a quem alguns chamam de Nirmanakaya. Com isso, as estruturas na medula do encéfalo são sensibilizadas para que sejam intermediárias para a comunicação superior. Esta estabilidade da área se consegue somente com o constante influxo das energias do ego inferior do Chakra da Garganta.

* Soma — conjunto de tecidos do corpo vivo que mantém e transmite o germe, elemento de perpetuação da espécie. (N. do T.)



SATURNO, O SENHOR DO CARMA, SINTETIZADOR DA PERSONALIDADE

(VER ESOTERIC ASTROLOGY, PARTE IV)

As energias sexuais do Centro Sacral, um Lótus de Seis Pétalas, precisam subir até a garganta, sem o que a estabilidade não será possível. A inteligência ativa necessita de grande quantidade de energia, e se alguém não consegue “alimentar” a área da garganta com energias sacrais sublimadas, fica propenso à exaustão, hipertireoidismo, inflamação da garganta por estreptococos, eczema e acne crônica.

Se os Centros da Cabeça forem despertados rapidamente demais e a criatividade não conseguir manter o passo com tal exuberância, o Chakra da Garganta ficará hiperestimulado, e pode acontecer o **hipertireoidismo** com tirototoxicose.⁴ O neófito está sempre “inebriado” e deve praticar o relaxamento e a meditação para recuperar o equilíbrio. É bom incluir o sal iodado na alimentação, por causa da glândula tireóide, quando se participa dos treinamentos da iniciação.

A glândula pineal, a hipófise e a glândula tireóide, trabalhando sozinhas ou em conjunto e com os seus chakras correspondentes, podem agir como instrumentos que irão construir um veículo para a alma, desde o de um cretino até o corpo de um verdadeiro querubim.

4. Tirototoxicose — um tipo de intoxicação devido ao excesso de secreção tireóide. Entre os sintomas estão atividade cardíaca acelerada, tremores, metabolismo basal elevado, glândula aumentada, exoftalmos, sintomas nervosos e perda de peso.

Dentre todas as glândulas de secreção interna, a tireóide é a que provavelmente melhor entendemos. Sua função é regular o metabolismo do corpo e, portanto, a tireóide governa o ritmo em que cada célula do corpo irá “queimar” a glicose na presença de oxigênio. A energia liberada por esta atividade metabólica é usada pela célula para realizar o seu trabalho especializado e geral para o corpo. A fórmula química clássica para esta “respiração interna” é a seguinte:



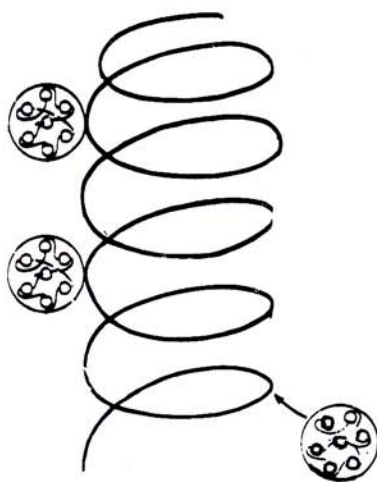
glicose + oxigênio = dióxido de carbono + água + energia

Ou, em termos mais simples, uma molécula de glicose, “queimada” com seis moléculas de oxigênio, emite energia calórica com seis moléculas de dióxido de carbono e seis moléculas de água como “resíduo”.⁵

Ao examinar a fórmula química da respiração interna dada acima, o estudante da ciência esotérica notará imediatamente os dois gases componentes — oxigênio e dióxido de carbono — e irá lembrar-se que o controle da respiração **externa** é uma condição indispensável para uma meditação eficiente.

OXIGÊNIO

Agregados à molécula de oxigênio estão os glóbulos de vitalidade, contrapartes **esotéricas** da molécula de glicose.



ÁTOMO DE OXIGÊNIO COM O GLÓBULO DA VITALIDADE

5. Sobre os detalhes da íntima relação entre as glândulas endócrinas (glândulas de secreção interna) e o corpo etérico (o veículo que fornece a energia vital ou prana para o corpo físico), o estudante deveria consultar a primeira parte do livro

A regulação do metabolismo pela glândula tireóide implica também controle da absorção do prana armazenado nos glóbulos de vitalidade agregados à molécula de oxigênio, embora este controle possa ser muito menos rígido. Notaremos também que a atividade tireóide é medida normalmente pela quantidade de oxigênio que uma pessoa retira do ar que respira, proporcional à área da superfície da pele. Quando a tireóide é hiperativa, aumenta a quantidade de oxigênio consumido na respiração interna.

DIÓXIDO DE CARBONO

O dióxido de carbono é expelido pelos pulmões, acumulando-se no corpo quando a respiração diminui. Age sobre os químio-receptores no corpo carótido, uma glândula localizada no pescoço, que, segundo as escolas esotéricas, tem efeito endócrino e influencia o ritmo respiratório. Alguns exercícios respiratórios coordenados com meditação podem elevar tanto o nível de dióxido de carbono no corpo que o centro respiratório torna-se **sensível o bastante para que o Mestre o alcance** e o estimule, tornando mais marcantes as experiências audiovisuais durante a meditação.

Com o crescente despertar dos centros acima do diafragma, aumenta a demanda de prana, e embora isto seja parcialmente satisfeito pelos mecanismos que não envolvam a tireóide, sua atividade aumenta na proporção em que se expandem as capacidades energéticas do Chakra da Garganta. É raro esta necessidade maior de oxigênio manifestar-se durante a hiperatividade tireóide (hipertireoidismo), mas a necessidade existe, mesmo que não haja sintomas clínicos. Se aplicássemos testes do consumo de oxigênio naqueles que praticam treinamentos esotéricos rigorosos, principalmente os que envolvem meditação, e os comparássemos com o normal, poderíamos descobrir que o consumo de oxigênio se reduz durante a meditação, mas, no total, aumenta.

A explicação esotérica para o aumento de consumo de oxigênio, diferente da que foi dada aqui, repousa no fator FOGO. Vimos como os fogos da respiração interna consomem oxigênio. Este é o Fogo por Fricção, uma verdadeira manifestação do Terceiro Aspecto da Trindade, aquela que mantém o Espírito Santo. O Fogo Solar está relacionado ao Segundo Aspecto da Trindade. É a força que impele a evolução da vida para formas mais sutis e mais espirituais. Está relacionado à qualidade de vida. Resta então a natureza foga do Primeiro Aspecto da Trindade. Este é o Fogo Elétrico.

O Fogo Elétrico é extra-sistêmico, elaborado pelos eleitos da humanidade, aqueles que tomam o caminho espiritual e escolhem por vontade própria fazer curto-circuito de sua evolução espiritual, concentrar esforços num número mínimo de vidas, e apressar o seu desabrochar espiritual através do processo de iniciação. Aplicando-se o bastão iniciático aos diversos centros, os lótus acima do diafragma desabrocham rapidamente, um após o outro. A ação do Fogo Elétrico tem o seu último alvo nas jóias brilhantes, ou átomos permanentes, que se encontram no fundo dos três Centros da Cabeça.

O prana existe em todos os planos, e a respiração praticada sob certas condições, que faz os sentidos se retraírem do mundo externo, atíça os fogos interiores. O Fogo Elétrico é avivado apenas quando se abre o Chakra Alta Maior, o *alter ego* do Chakra Laríngeo, quando então proporciona um duradouro poder criativo. Aquilo que o oxigênio é para a glândula tireóide, o dióxido de carbono o é para a glândula carótida, na medida em que as duas representam seus chakras subjacentes e inter-relacionados.⁶

6. Para maiores informações sobre o Chakra Alta Maior, o estudante deve consultar as pp. 36-41 de *Meditation, The Theory and Practice*, do Dr. Douglas Baker.

28

A ANATOMIA DA DOR E DO ÊXTASE

A ANÁLISE DA DOR

Quando a dor e a doença grave nos castigam pesadamente, perguntamos: “Por que isto deve acontecer comigo? Quanta dor posso suportar? Devo tomar algo contra a dor? Por que existe a dor? Será que existe um sentido mais profundo e oculto da dor?” Estas são algumas das perguntas com as quais nos defrontamos, muitas vezes nos momentos mais amargos da nossa vida.

A dor é o “parente pobre” da família dos sentidos... ninguém a quer. É inconveniente e muitas vezes nos amedronta. Entretanto, sua tarefa para com a consciência protetora é tão importante quanto a de qualquer um dos outros sentidos especiais, como a visão ou a audição. A dor possui seus próprios órgãos dos sentidos que a despertam e tratos nervosos especiais que transportam os impulsos dolorosos para o encéfalo. Embora tendamos a considerar a dor como extensão dos outros sentidos, o resultado de excesso de luz ou de barulho, a dor é um sentido bem distinto dos outros.

Os cinco sentidos bem conhecidos servem para nos contar e ensinar sobre o nosso meio ambiente. A ciência esotérica ensina que sua função é de ampliar a consciência interior (assim como a exterior). No entanto, dentre todos os sentidos, é a DOR que mais preenche esta função. É a dor que **regula** a nossa consciência e impede que absorvamos de uma só vez um excesso de impressões do nosso meio ambiente, isto é, excesso de luz para o detrimento dos olhos, excesso de som para o detrimento dos ouvidos, etc.

A dor se coloca em relação aos sentidos como a hipófise anterior se coloca em relação às outras glândulas endócrinas, ou seja, como uma espécie de regente de banda. Excesso de dor pode afetar o limiar para os impulsos vindos dos outros sentidos. Depois de um acesso de dor persistente, ficamos hipersensíveis a outros estímulos ambientais. Assim como o enjôo do mar intensifica o sentido da visão, a dor nos afina com uma gama mais ampla e sensível de impulsos. Por outro lado, excesso de dor **iniciará** um processo de ação que **nos deixará tontos**; com isto **elimi-**

nando todos os sentidos. (Escolhi minhas palavras com cuidado para beneficiar os estudantes orientados para o esoterismo.)

Sabendo que existem diversos graus e tipos de dores, desde a dor de cabeça, a enxaqueca, até as dores do parto, como definiremos a dor? O que pode ser doloroso para uma pessoa, pode não ser (tão) doloroso para outra. Sem pensar muito, a maioria das pessoas poderá invejar um certo cabo do exército, de 25 anos de idade, que nunca tinha sentido dor. Numa ocasião, seus dentes foram perfurados por broca. Ele tomou numerosas injeções. Teve sua perna cortada por um machado, que penetrou no osso provocando uma ferida que exigiu 20 pontos. Mantendo suas mãos na água gelada por vários minutos, o que provoca dores atrozes nos outros, o cabo apenas fez a seguinte observação: “Parece que esta água está um pouco fria”. Na verdade, sem a dor para alertá-lo, este homem leva uma vida difícil e precisa aprender sobre os perigos da vida do dia-a-dia que não ameaçam os outros.

A dor é inconveniente, e muitas vezes amedronta. Entretanto, a aparente ausência de limite para a dor, que tem assustado as pessoas por estes muitos séculos, é tão irreal quanto o bicho-papão. Já foi provado que o limite da dor está dentro da capacidade de qualquer pessoa normal de agüentar. Portanto, da próxima vez que você tiver dor, reconsidere-a sob a luz deste conhecimento mais atual... é surpreendente como vai doer menos.

ASPECTOS ESOTÉRICOS DA DOR

Aquilo que discorreremos do ponto de vista exotérico sobre a dor já é suficiente. E quanto à dor e à angústia que não podem ser medidas por aparelhos ou fitas métricas — a dor da mente e das emoções?

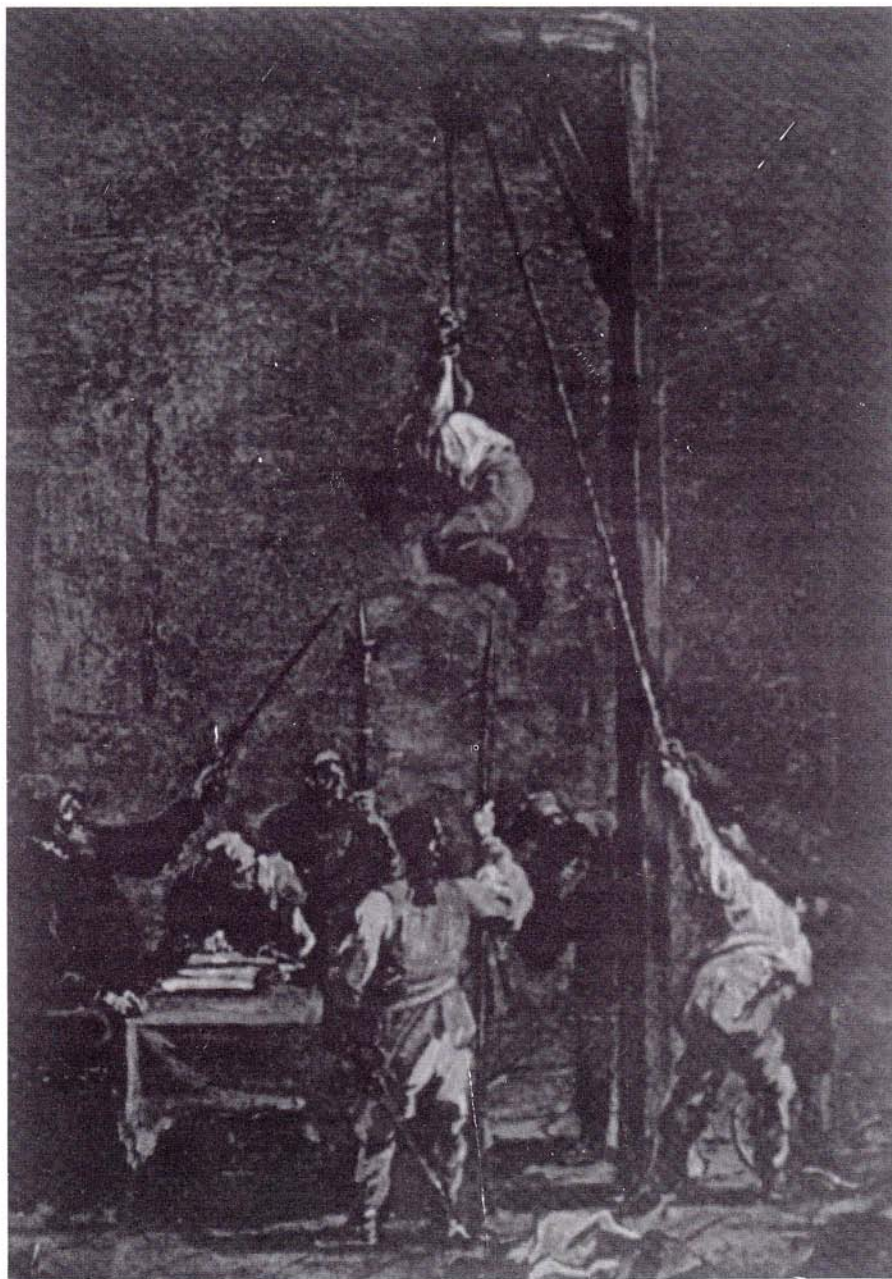
A intensidade da dor que sentimos depende muito da informação codificada, localizada no átomo permanente do corpo físico. Por sua vez, isto é decidido pelo karma do indivíduo e especialmente pelo karma físico. O grau de consciência espiritual também é um fator. Aqueles que são mais espirituais carregam uma responsabilidade maior pela humanidade e devem compartilhar a carga do karma doloroso da humanidade mais do que outros menos evoluídos.

Conquanto a consciência do homem suba vagarosamente, mas sempre, em direção da região da cabeça, e conquanto os manicômios se encham e as vendas de drogas disparem, que consolo resta para a extenuada humanidade? Apenas os ensinamentos esotéricos têm condições de oferecer a verdadeira resposta para estas perguntas, na grande sabedoria contida neles sobre o assunto da dor.

A dor é uma das serpentes que se entrelaçam ao redor do caduceu... a outra é a alegria. A dor e a alegria levadas ao clímax são o sofrimento e o êxtase. Quando as duas se harmonizam no êxtase doloroso, estão ligadas aos testes da iniciação. O bastão da iniciação é aquele ao redor do qual as duas serpentes se entrelaçam:

“Não é na senda do prazer nem na senda da dor que se conseguem a liberdade e a sabedoria. É da transcendência de ambas, através da fusão da dor com o prazer, que o objetivo é alcançado, o objetivo que se encontra adiante, como uma luz que se vê no escuro de uma noite de inverno.”¹

1. *A Treatise On White Magic*, Alice A. Bailey.



SOFRENDO ENTRE OS DOIS MUNDOS

Mesmo a dor imposta aos inocentes pela Inquisição em Nome de Deus não pode comparar-se à dor experimentada por aqueles poucos que se colocam de livre vontade entre os dois mundos na sua luta em busca do Quinto Reino.

“Contam-nos que dor é seguir a linha de maior resistência, alcançando assim o cume da montanha; dor é esmagar a forma e alcançar o fogo interior; dor é o frio do isolamento que conduz ao calor do sol central; dor é queimar na fôrnalha para finalmente conhecer o frescor da água da vida; dor é viajar para um país distante, e acabar bem-vindo na Casa do Pai; dor é a ilusão de ser deserdado pelo Pai, que impele o filho pródigo direto ao coração do Pai; dor é a cruz da perda total, que devolve as riquezas do tesouro eterno; dor é o chicote que impele o construtor a lutar para atingir a extrema perfeição na construção do Templo. Os usos da dor são muitos, e conduzem a alma humana da escuridão para a luz, da escravidão para a liberdade, da agonia para a paz. Esta paz, esta luz e esta liberdade na harmonia ordenada do Cosmo são destinadas a todos os filhos dos homens.”²

A dor é o auge da força negativa que impele o corpo para a submissão. Outras disciplinas como a meditação e a aplicação consciente da vontade podem fazer o mesmo, mas de uma maneira mais delicada. Sob o jugo da dor, o corpo se submete a qualquer forma de atividade para evitá-la — gritos, contorções, reação de fuga, etc. Esta atividade está quase totalmente **fora do controle da vontade** e, portanto, negativa e praticamente sem valor para o esotericista. O processo alternativo, que não tem paralelo na sua capacidade de forçar a evolução interna do homem, é a submissão proposital (e cheia de alegria) do corpo à dor. Estudantes sérios irão reconhecer aqui a ligação com os feitos da yoga.

“... a ausência de paixão é a grande virtude a ser cultivada, e deve ser desenvolvida a prontidão de se submeter com alegria a qualquer inconveniência temporária, dor ou agonia, tendo em vista a glória futura que afastará as nuvens na hora da morte.”³

CLASSIFICAÇÃO DA DOR

A ciência esotérica distingue três tipos principais de dor. Existe a dor derivada da aprendizagem por tentativa e erro. Todo o homem sofre este tipo de dor, e é uma parte muito necessária no processo de formação e integração do corpo da personalidade e **não deveria sofrer interferência** dos outros. Aprendemos com a dor dos nossos erros, e um homem que nunca cometeu um erro nada fez. A criança que é sempre protegida dos espinhos e das flechas não serve de veículo para os rigorosos processos moldadores do treinamento do discípulo e da iniciação.

Existe a dor do sofrimento não merecido. Muitas vezes alguém quase livre de envolvimento kármico é empurrado para um conjunto de circunstâncias que lhe causam grande dor, por exemplo, uma guerra, um acidente, um terremoto, etc., do qual a tentativa e erro não fazem parte. Essas pessoas deveriam ser ajudadas de toda a maneira possível a reduzir sua dor.

A dor resultante de indiscrições e ações involuntárias de vidas passadas é a mais difícil de reconhecer e de lidar. As doenças físicas, emocionais e mentais ou deformações de qualquer um destes corpos que produzam dor, resultam do trabalho in-

2. *The Golden Hoard*, p. 58.

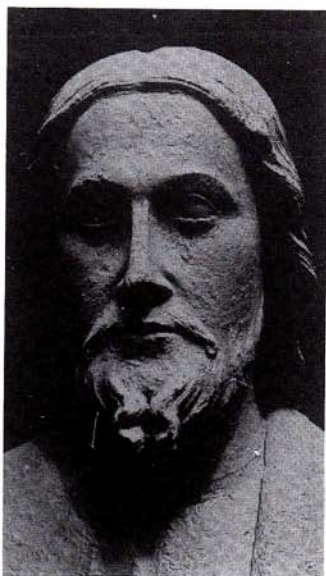
3. *A Treatise on White Magic*, p. 85.

tencional de um mecanismo que fornece à alma encarnada os veículos que assegurarão, da maneira mais econômica, um campo de aprendizagem que fornecerá a experiência necessária para acertar algum defeito deixado para trás das lições de uma vida anterior.⁴

Em seguida, temos a dor mais atemorizante e ao mesmo tempo mais cheia de alegria de todas — atemorizante porque é uma dimensão de dor diferente da geralmente conhecida, alegre porque é aceita voluntariamente, de dimensão diferente porque é uma dor de um **planeta**. É a dor que o Mestre Jesus tomou para si, da qual todos os discípulos da Senda devem compartilhar.

O karma e a dor estão intimamente ligados. Quando um homem toma conscientemente para si a responsabilidade de um ser maior, como o patriota o fará pelo seu país, os atos que ele realiza impõem-lhe o karma segundo o grau relacionado com a diferença entre a vida organizada do seu corpo e a do país do qual ele é apenas uma parte menor. Assim, a dor sofrida na participação do karma nacional, como a guerra, a revolução, uma cruzada por algum ideal elevado, etc., ergue a pessoa a um nível mais elevado de sofrimento. E neste sofrimento, reduzimos a quantidade total de dor do karma desta nação, decidida pelas vidas vividas pela alma da nação nas suas encarnações anteriores. Os indivíduos mais adiantados da humanidade, como os intelectuais, os patriotas, os sensitivos, tenderão a tomar para si a parte de leão da dor planetária, e quanto mais tomarem para si, menos sobrá para as almas mais jovens desta nação em particular.

Refletindo cuidadosamente, descobriremos as implicações esotéricas da ação do Mestre Jesus, que deu o testemunho de exatamente este tipo de dor. É um exem-



4. Assim, a gula numa vida anterior pode trazer nesta vida uma digestão fraca, acompanhada de dor. Um homem que ocupava um cargo na Pérsia Antiga, desempenhando a tarefa de cegar os prisioneiros inimigos, sofria de cegueira nesta vida. Ver o artigo de Margaret Tutt "Karma and Pain", *Aquarius Rising*, junho/julho de 1959.

plo para aqueles que seguem a senda do treinamento do discípulo, que se sacrificam para o bem de seus irmãos mais novos. Alguns servem de outras maneiras, como o artista, o político, o médico, etc. Há sete caminhos principais, correlacionados aos Sete Raios.

Sabemos que o maior crescimento decorre da experiência da dor. O impulso evolucionário das civilizações atuais é o resultado inevitável da era que está terminando, a Era de Peixes, marcada por sofrimento intensíssimo, como a guerra, o martírio, o sacrifício. Os frutos deste sofrimento irão aparecer principalmente no progresso da ciência, na arte e em outras facetas da expressão humana durante a Era de Aquário, na qual estamos ingressando.

A Hierarquia sabia que a raça humana deveria passar por um período de tensão. Eles enviaram o seu eleito, o Mestre Jesus, que escolheu o signo de Peixes (Pisces) para seu símbolo, e sem dúvida foi um “pescador de homens”. Ele sabia que o clímax do seu trabalho no Sexto e no Segundo Raio era o ato supremo para o bem da humanidade, ou seja, compartilhar da carga comum de dor que fazia parte do karma da raça humana para aquela era — uma condição prévia para a iluminação que deveria ocorrer na Era de Aquário, que agora se inicia.

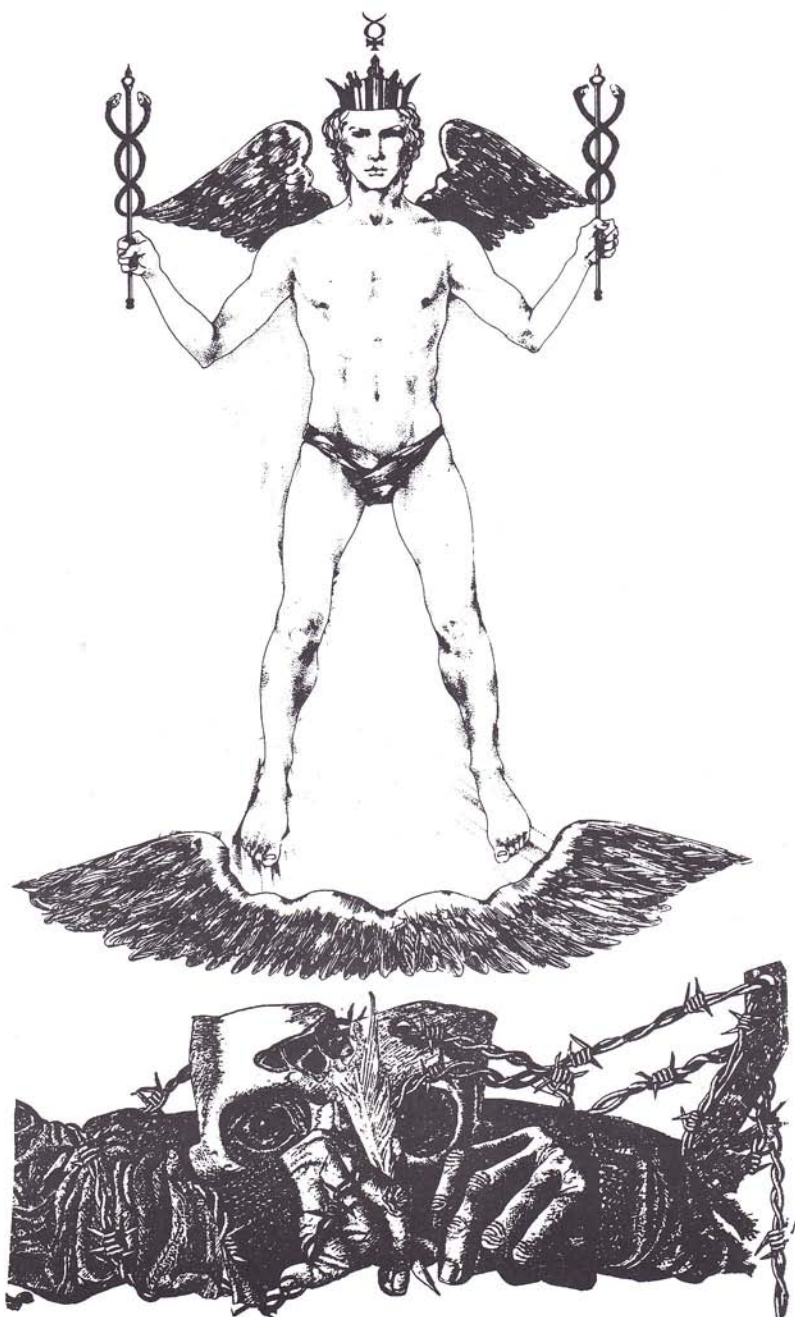
Nós, que trabalhamos no Caminho, conhecemos muitos exemplos de discípulos que ainda partilham desta carga comum, para que o caminho não seja tão doloroso e tortuoso para as almas mais jovens, os “pequeninos” que vêm atrás. Assim, o discípulo, chegando ao final de sua utilidade, esgotado e cansado do trabalho, às vezes pode tomar voluntariamente para si uma doença amedrontadora que envolva dor extrema. Ele sofrerá sozinho, sem procurar um médico, sem pedir alívio, neste seu ato final em benefício da humanidade — a redução da carga comum de dor.

A DOR E A EVOLUÇÃO PLANETÁRIA

“Vislumbrei a parte que me cabe do céu e do inferno
Das estradas incultas da minha própria mente.
Meus pés de peixe sentiram as armadilhas e as lutas
De milhares de vidas ao longo deste caminho atormentado;
Agora despidos dos sapatos piscianos e calçados com alma
Eles sentem o pulsar da “Terra abarrotada de Céu
E cada arbusto comum ardendo com Deus”,
A alma mundi, orvalho celeste
Fitando em cada olho, brilhando em cada cor;
Seu bordão, o bastão sagrado de Sanat, o brinquedo do primogênito
Assediava urgente e sem cessar com aguilhoadas neural as minhas costas
E cresciam as correias vagais do açoite sensório,
Doce dor das serpentes entrelaçadas, o bastão da vida
Que me açoitava e me impelia para o topo da montanha.”

Douglas Baker

Uma vez conceituadas claramente as dimensões mais elevadas da dor, emergem os outros fatores, mais esotéricos. Discursamos sobre a maneira de como o lidar para os impulsos sensórios vindos para o corpo pode ser erguido ou abaixado,



Compartilhar da dor planetária pode elevar infinitivamente o nível de percepção espiritual.

sob certas condições — tornamo-nos mais sensíveis ao som, à luz, etc., depois de experienciarmos uma dor persistente. Na época da lua cheia, o limiar dos impulsos vindo para este planeta, oriundos de níveis superiores, fica muito baixo e a força dos impulsos, elevada. É nesta ocasião que os seres avançados deste mundo se preparam para receber, em meditação receptiva, a torrente e os dilúvios das energias estimulantes, inspiradoras, que, interceptadas no espaço sideral pelas hostes solares, fluem para a Terra.

Os homens evoluídos correspondem às células sensórias do encéfalo planetário, e sua capacidade de sofrer, sentir e absorver as forças divinas que chegam irá determinar o quanto de inspiração o planeta irá receber, o quanto da energia estimulante do poder evolutivo pode ser absorvido nesta ocasião. Assim como a dor dilata as pupilas dos olhos, permitindo maior entrada de luz, a dor planetária, suportada pelos poucos que são capazes de compartilhá-la a qualquer momento, irá permitir um influxo maior da luz divina ou consciência.

As lágrimas são a umidade da vida, e a dor compartilhada com qualquer homem ou animal cria um laço que raramente pode ser rompido. Se você já cuidou de um animal gravemente doente ou compartilhou a dor de um ser humano, deve ter notado como os laços de um amor indescritível cresceram entre vocês em consequência disto. As barreiras de raça, sexo, classe social e reino se desvanecem. Ofereço a seguinte experiência da minha vida para ilustrar este assunto:

“Nunca me esquecerei de como em meio ao pó e à fumaça do El Alemain, na noite de 23 de outubro de 1942, LUA CHEIA, quando uma granada arrancou 25 cm de carne do meu ombro, um pequeno menino basuto, de face negra, arrastou-se até mim no meio do inferno para estancar o jorro de sangue. Eu me lembrava apenas do brilho de seus dentes brancos ao luar e não muito mais, exceto talvez de sua ternura. Cerca de seis semanas mais tarde, dei uma escapada para o acampamento basuto, na esperança de localizar de alguma maneira e recompensar o pequeno e incógnito carregador de feridos. Dentre toda aquela multidão, não sabia como procurar. Então, um grito e uma figura correndo chamaram minha atenção, e lá estava ele, eu o **reconheci** e ele me **reconheceu**. Não dissemos muita coisa um ao outro, não havia nada a dizer, mas nós compartilhamos e comungamos o silêncio mais eloquente que jamais voltei a experimentar. Nós tínhamos compartilhado a dor, e isto queimara os muros que muitas vezes separam os negros dos brancos.”

A FUNÇÃO FÍSICA DA DOR

A dor exerce no homem uma forte função de preservação. Quando machucamos uma parte de nós mesmos, a dor resultante chama nossa atenção para o local atingido. A FOCALIZAÇÃO de nossa atenção no local é aguçada pela própria dor. Esta mesma focalização é muito importante por ajudar o corpo a consertar e recuperar a região afetada. ACONTECE UMA EMISSÃO de energia vitalizante, mental e emocional, para a região lesada, que atrai por simpatia as forças etéricas. Isto ajuda o corpo no seu trabalho de cura.

Este princípio básico de “a energia segue o pensamento” fundamenta a cura pelo toque e a cura pelo olhar. O ponto no qual a pessoa focaliza seu olhar recebe

uma corrente da melhor energia do "olhador". Os estudantes da ciência esotérica talvez se lembrem da obra do Dr. Oscar Brunler sobre radiações cerebrais, com relação a este assunto.

O fenômeno da dor no homem é da mais remota origem e, na qualidade de sensação, certamente é mais antigo que os sentidos da visão, olfato e paladar. Nas suas primeiras manifestações, não passava de um embotado mecanismo de reação, inerente às superfícies ectodérmicas ou superficiais da estrutura humana, mal se distinguindo da sensação do tato. Mesmo na nebulosa história do homem que precedeu a sua condensação etérica no continente hiperbóreo, e antes do desenvolvimento do sistema nervoso mais primitivo na matriz mental e astral, o comportamento humano passou a incluir a experiência da tentativa e erro.

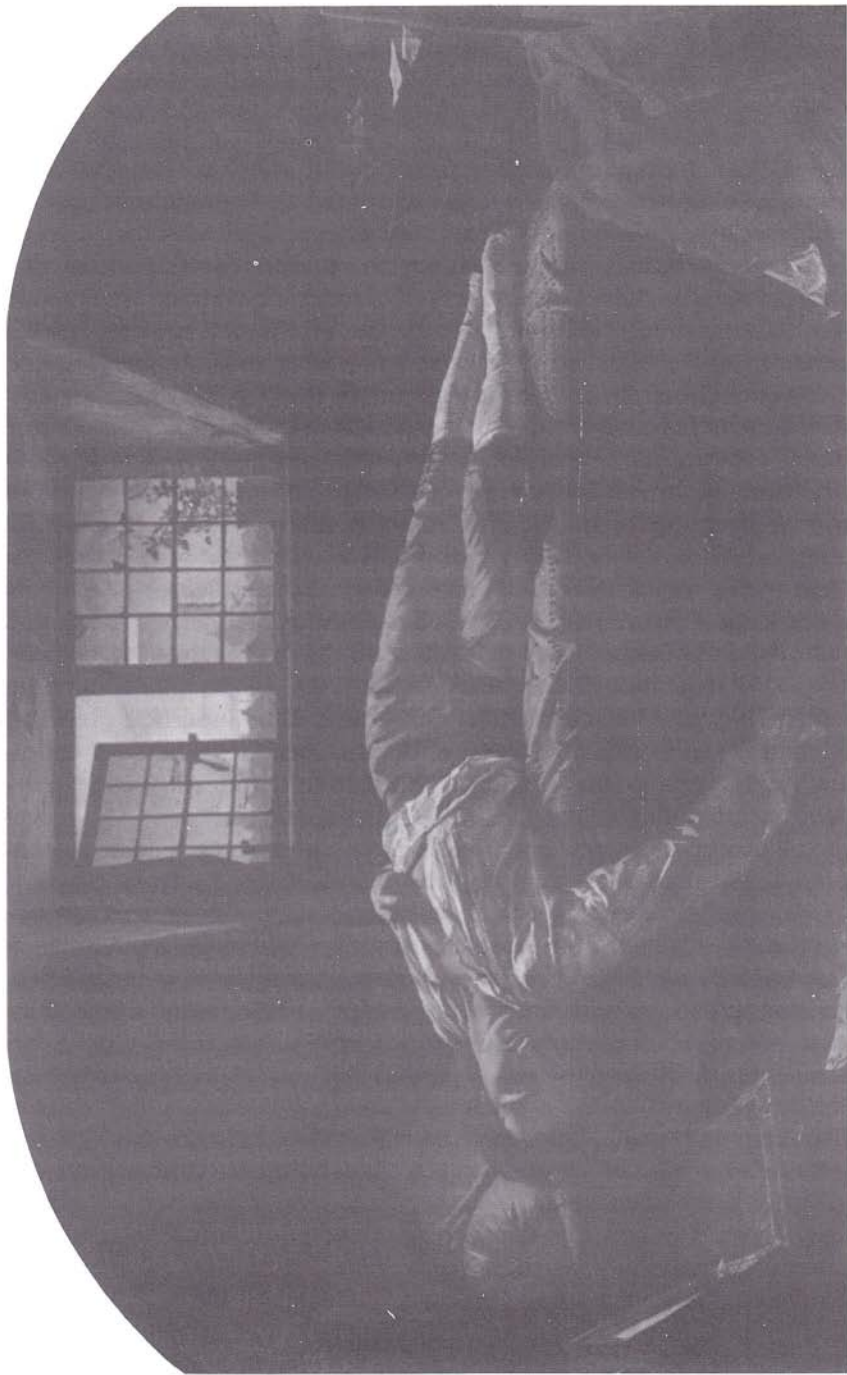
Nestes estados sem mente, já tinha sido elaborado com o tato o vago desconforto que acompanhava as incursões em erros de julgamento. As ameaças à sobrevivência, provenientes dos contatos táteis danosos, evocavam reações das estruturas superficiais que acabavam concretizando a matriz etérica do que chamamos de ectoderme no corpo material. Observando o embrião humano **atual**, no que ele reflete de como estes desenvolvimentos eram **então**, notamos que onde a ectoderme começa a se dobrar para dentro, formando diversos órgãos como o sistema nervoso, os olhos, a boca, o cabelo, o esmalte dos dentes, o ânus, etc., a rude reação desagradável ao toque doloroso se desenvolve em dor. Mesmo naquilo que por fim condensou-se em pele verdadeira, a dor se desenvolveu em órgãos sob a superfície da derme.

Por esta razão, na Astrologia, a dor é associada ao signo de Escorpião. As qualidades de Escorpião emergem de recessos escondidos, como as invaginações de superfícies que formam órgãos. Assim, além da dor localizada na superfície do corpo (onde ela poderia ser facilmente aliviada coçando-se o local), existia a dor em níveis profundos, em recessos de órgãos que não podiam ser alcançados, como a vagina, o cólon, o meato auditivo, etc.

A irritação da superfície da pele era provocada pelos enxames de insetos, contra os quais o homem primitivo estava praticamente indefeso, e Escorpião governa os insetos. O ferimento por instrumentos cortantes que levava à dor estava associado a Marte, o soberano planetário, ortodoxo e esotérico, de Escorpião. A inflamação, seqüela da lesão de tecidos e da infecção, também contribuiu com suas próprias qualidades de tensão. Na Astrologia, a dor e a inflamação, como a tensão intensa e dolorosa, são soberaneadas por Escorpião. Também são atributos de Escorpião as lesões que uma pessoa provoca em si mesmo em consequência de erros simples, desde indiscrições sexuais até o suicídio.

No momento em que conseguimos relacionar uma característica anatômica ou fisiológica com o seu Raio ou correspondente astrológico, imediatamente podemos deduzir muitas características correlatas.

Todos sabemos que dor gera dor, que consome energia, especialmente nos níveis mais profundos, e o resultado é uma sensação ampliada de dor. Assim, o corpo inteiro torna-se um brinquedo da dor que começara, talvez, num só local, como um abscesso na raiz de um dente. Esta hipersensibilidade à dor e outras percepções sensórias têm a essência de Escorpião, que duplica sua intensidade quando está na primeira casa ou se a Lua se encontra em Escorpião.



Chatterton, por Henry Wallis

A morte do poeta Chatterton, que se envenenou. Ele tinha os inconfundíveis traços de Escorpião, era hipersensível à dor espiritual ou de outro tipo, e morreu por suas próprias mãos (Escorpião).

A Lua em Escorpião ou a conjunção de Marte e da Lua dá sensibilidade à dor. Dá também a profunda sensibilidade da psique, ao que chamamos de consciência. A casa onde a Lua estiver com Escorpião indica para o que a consciência está sensível. (Ver página 119 de *Esoteric Astrology*, Parte II, de Douglas Baker.)

Luther Burbank demonstrou que, submetendo as plantas à tensão, ocorrem mudanças muito rápidas na sua forma. Mostrou também que a maior variedade e extensão das mutações resultaram não de fatores temporais mas sim desse aumento de pressão. Concordamos com Burbank que:

“quanto mais sensível a planta ou o homem, tanto mais rapidamente ele absorve as impressões que as circunstâncias ou situações provocam. É tudo uma questão de vibrações, uma questão de resposta a vibrações.”

O ponto onde queremos chegar é que a dor e a hipersensibilidade de órgãos profundos são freqüentemente refletidas para áreas específicas na superfície da pele, no fenômeno que a Medicina denomina de “dor reflexa”. Por exemplo, a dor localizada na vesícula biliar pode se refletir na omoplata direita. A dor no lado interno do braço esquerdo indica problema cardíaco. Embora isto tenha óbvias implicações para a cura esotérica na terapia de massagem ou no procedimento de golpear áreas da superfície da pele para aliviar a dor nos órgãos profundos, a correlação de causa e efeito não é sempre fácil. A acupuntura muitas vezes opera neste sentido, mas a razão de como um ponto de acupuntura afeta um órgão distante nunca foi adequadamente explicada de outra maneira.

A correlação existente entre um fator (a dor, no caso) e o seu correspondente distante (o órgão afetado) faz surgir a proposição oculta de que o corpo como um todo está contido naquelas partes que intumescem, emergem ou **são extensões** do corpo conjunto. No campo da cura esotérica, os melhores exemplos destas extensões da anatomia conjunta são:

- (1) a sola do pé, como Terapia de Zona;⁵
- (2) a íris do olho, como Iridiagnóstico;⁶
- (3) e o ouvido externo.⁷

Nos círculos esotéricos pouco se sabe que a forma dos dedos e das unhas reflete distúrbios do corpo conjunto, como, por exemplo, dedos nodosos podem indicar insuficiência cardíaca.

O signo de Escorpião governa as “extensões de” e o próprio glifo do signo (♏) sugere esta propriedade:

Escorpião na terceira - extensão de uma estrada.

Escorpião na décima - extensão de uma praça ou rua.

Escorpião na quarta - extensão até a casa.

5. *Esoteric Healing*, parte I, p. 147, Dr. Douglas Baker.

6. *Esoteric Healing*, parte II, p. 101, Dr. Douglas Baker. Também cap. 14, pp. 84-88.

7. *Esoteric Healing*, parte II, p. 204, Dr. Douglas Baker.

Segundo os conhecimentos da Astrologia, Escorpião governa os órgãos sexuais, e Sagitário na oitava casa (a casa de Escorpião) sugere a extensão do órgão masculino e, portanto, tecnicamente falando, a glândula deste órgão representa o local da extensão temporária (e distensão) que deveria agir como a sola do pé no que esta reflete a totalidade do corpo. Em determinados círculos esotéricos, o uso deste órgão inflado para propósitos terapêuticos ainda é praticado. A extensão da coluna vertebral ajudou o homem a caminhar ereto e abriu o caminho para muitas modificações anatômicas na sua evolução. A espinha, portanto, pode ser considerada uma extensão do corpo conjunto.

A área espinhal é um local tão freqüente para manifestação da dor e do êxtase que é apropriado tratarmos disso a seguir.

29

A COLUNA VERTEBRAL (SANTUÁRIO DA SERPENTE SAGRADA)

Uma das extensões do corpo menos consideradas é a coluna vertebral.

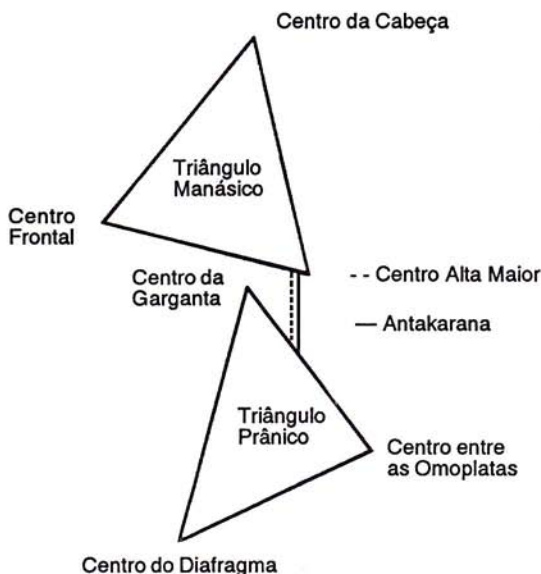
São diversas as razões pelas quais a coluna humana recebe enfoque especial nos ensinamentos esotéricos. Primeiro, porque é o ponto focal anatômico por onde passam os três Fogos sistêmicos do nosso sistema solar, que banham todos os organismos vivos. No homem, eles se fundem com uma excelência inigualável a qualquer outra forma **material**. A coluna vertebral possui um canal tríplice que permite a parte espiritual do Fogo fundir-se com os Fogos latentes na matéria. Na coluna, portanto, dá-se o encontro entre os Fogos espirituais e os Fogos latentes na matéria. Os Fogos espirituais irradiam do coração do Sol e do Sol espiritual central do nosso sistema solar que, neste relacionamento, são positivos. Os Fogos latentes na matéria têm seu ponto focal no centro deste planeta, cujas delicadas gavinhas procuram repouso temporário na caverna que se encontra na base da coluna humana (dentro do Lótus etérico de Quatro Pétalas) antes de serem convocadas a subir, no seu aspecto feminino, pelos seus contrários masculinos.

É desta maneira que a evolução se realiza em todas as formas. Como o homem é um reino superior a qualquer outro reino material do sistema solar, a complexidade dos Fogos alcança nele um alto grau de interação e organização.

O assunto do Fogo é impressionante e amplo. Estamos falando aqui de uma força motivadora que permeia tudo, que impulsiona os quatro reinos e as hierarquias de-
va a eles associadas em direção ao seu objetivo evolucionário. Devemos incluir, naturalmente, as grandes raças da humanidade, tais como os lemúrios, os atlantes e a nossa própria Quinta Raça-Raiz. Já vimos que a Lemúria ofereceu ao homem oportunidades de levar o Fogo latente na base de sua coluna para o nível do Centro Sacral, que corresponde aos órgãos endócrinos das gônadas. Vimos também que a civilização atlante possibilitou ao homem, através de suas numerosas encarnações nesta civilização, fazer subir os Fogos mais ainda, para o Centro do Plexo Solar. E na atual Quinta Raça-Raiz, é fornecida uma oportunidade de natureza existencial muito especial de fazer subir os Fogos para o Centro da Garganta da humanidade. Estes saltos evolucionários, que ocorrem durante os ciclos e esmaecem nas praias inter-

mediárias, precisam de caminhos na coluna através dos quais eles possam se expressar.

A coluna, por causa do seu comprimento, oferece uma variedade de interações com os chakras associados, ligados aos subchakras vizinhos, alguns dos quais já descrevemos (como os subchakras associados à ossificação). Por exemplo, a interação vital entre o triângulo manásico e o triângulo prânico ocorre na parte cervical da coluna. Portanto, é neste estreitamento do corpo, localizado no pescoço, que é mais provável ocorrer um bloqueio, vedando a passagem aos Fogos, seja acima do diafragma, na área torácica, seja abaixo do diafragma, nas áreas abdominais da coluna vertebral.



OS CENTROS E OS TRIÂNGULOS

Isto não exclui a consideração puramente exotérica da coluna vertebral — a carnuda matéria cinza e branca do sistema nervoso central, protegida dentro das cavidades dos corpos vertebrais. Um corte da medula nervosa em consequência de qualquer golpe mais forte, como a queda de uma árvore, coloca a parte do corpo abaixo do rompimento fora do controle dos centros da consciência e da vontade no próprio cérebro.

A expressão, usada não só no Antigo Testamento mas também na literatura esotérica, “Nosso Deus é um Fogo que a tudo devora”,¹ refere-se ao Fogo Solar e ao Fogo de Fricção, assim como ao que Alice Bailey chamou de Fogo Elétrico, fundidos num só. “Que tudo devora” não só se refere ao destino final de todas as coisas viventes dentro do sistema solar que explodem no final de um Manvantara, devoradas pelos fogos da supernova resultante, mas também se refere aos riscos de fazer

1. Bíblia. Deut. IV, 24; Hebreus, XII, 29.



UM DEVA DO FOGO

subir o Fogo no indivíduo humano que não purificou os centros e os canais a eles ligados. Destes, os associados com a coluna são os mais importantes e perigosos.

Devemos lembrar-nos também que o Fogo existe em todos os planos, e enquanto estivermos referindo-nos principalmente aos Fogos associados ao corpo físico e a sua matriz etérica, subentendemos também a interação dos Fogos no corpo astral e no corpo mental, assim como nos veículos espirituais. Nos discípulos altamente evoluídos, estes diversos Fogos dos planos fundem-se, consumindo cada vez mais as barreiras inerentes na forma e que normalmente separam os planos, os chakras e os nadis. Um exemplo disso é dado na figura da pág. 184, onde os discos etéricos enfatizam a terra-de-ninguém que se encontra entre os diversos centros.

Ao se visualizarem barreiras semelhantes entre os planos, etc., a ação corrosiva do Fogo pode ser apreciada como um instrumento de evolução espiritual. Talvez seria apropriado descrevermos aqui os diversos centros conforme vistos por clarevidência:

1. A Base da Coluna, quatro pétalas. Estas pétalas estão dispostas em cruz e irradiam fogo cor laranja.
2. O Plexo Solar, dez pétalas, cor rosa com matizes de verde.
3. O Centro Cardíaco, doze pétalas, dourado brilhante.
4. O Centro da Garganta, dezesseis pétalas de um azul prateado, com a predominância do azul.
5. O Centro da Cabeça dividido em dois:
 - (a) Frontal, consistindo de noventa e seis pétalas, sendo metade do lótus, rosa e amarelo e metade, azul e roxo.
 - (b) O Topo da Cabeça. Um centro consistindo de doze pétalas maiores, brancas e douradas, e novecentas e sessenta pétalas secundárias, arrumadas em volta das doze centrais. Isto perfaz um total de mil e sessenta e oito pétalas nos dois Centros da Cabeça (sendo que um deles é o Centro) ou trezentos e cinquenta e seis triplicidades. Todas estas cifras têm significado oculto.²

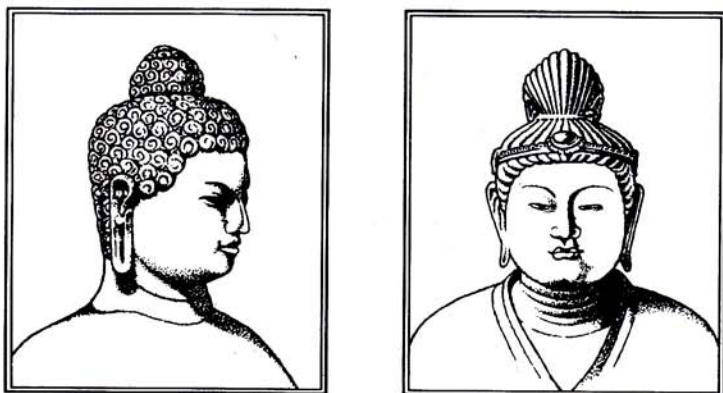


A RODA ALADA

2. *Inner Life*, de C. W. Leadbeater, vol. I, pp. 447-460.

O diagrama da figura da página 218 — “Os Centros e Os Triângulos” — mostra o triângulo prânico que possui um centro localizado entre as omoplatas. Coincide com o complexo de tratos do Nervo Vago que se ramifica em torno das raízes dos pulmões, mas não é o Chakra Cardíaco. O maior salto para cima que o Fogo Kundalini realiza partindo da Base da Coluna, no atual nível de desenvolvimento da Quinta Raça-Raiz, dirige-se para este centro. Kundalini gosta de cavernas ou concavidades, e de um ponto de vista clarividente, existe uma concavidade neste local no corpo etérico, um tipo de caverna que atrai kundalini.

Mais acima na medula nervosa, atrás da orofaringe, está o Centro Alta Maior que guarda os portões que levam ao triângulo manásico. Este chakra, simbolizado pela roda alada, absorve a energia prânica convertida no triângulo prânico e a irradia, alterando o seu ritmo vibratório. Assim, esta energia modificada, monitorada pelo Chakra Alta Maior, o mais baixo dos três centros componentes do triângulo manásico, sustenta as funções operacionais do Centro Frontal e do Centro da Cabeça.

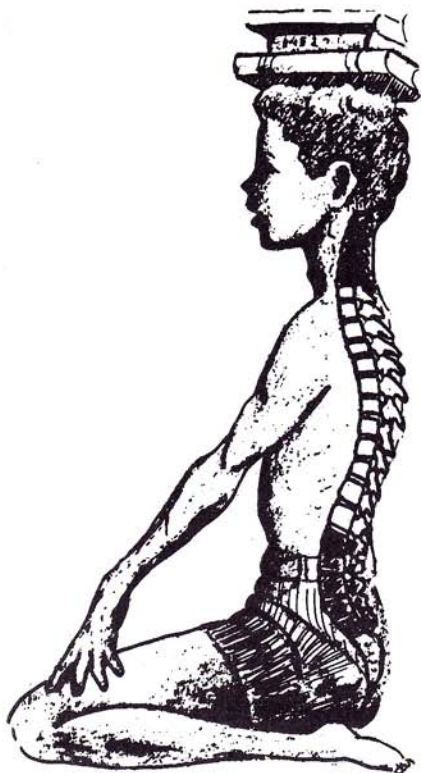


EFUSÃO SAINDO DA CABEÇA

O Nervo Vago desempenha aqui novamente um papel importante, combinando-se com o centro respiratório e o feixe medial longitudinal. Sem este segundo grande influxo de Fogo Kundalini, os iniciados mais elevados não poderiam realizar o esforço ininterrupto exigido deles. É claro que o destino final do kundalini é o vértice do crânio, onde a síntese de suas diversas aspirações produz uma emanção no topo da cabeça, indicando assim que o homem alcançou um nível evolutivo que o mantém não só no reino humano, mas também o admite, na qualidade de deva solar, à companhia dos anjos.

A medula nervosa, com seus numerosos rebentos de gânglios na região cefálica, muitas vezes tem sido comparada a um lótus com um longo caule e a uma fonte que jorra para o alto e se abre em cogumelos de água.

Não se deve supor que o despertar destes Fogos restrinja-se apenas à área da coluna. Simultaneamente à sua expansão, a cada nível sucessivo, todos os centros (maiores e menores) assim como todos os nadis (filamentosos ou maiores) são estimulados até a sua máxima capacidade de funcionamento. Isto implica na limpeza de todas as áreas, livrando-as do entulho, de maneira que cada onda de Fogo encontra menos dificuldade que a anterior em permear a substância dos corpos mais sutis.

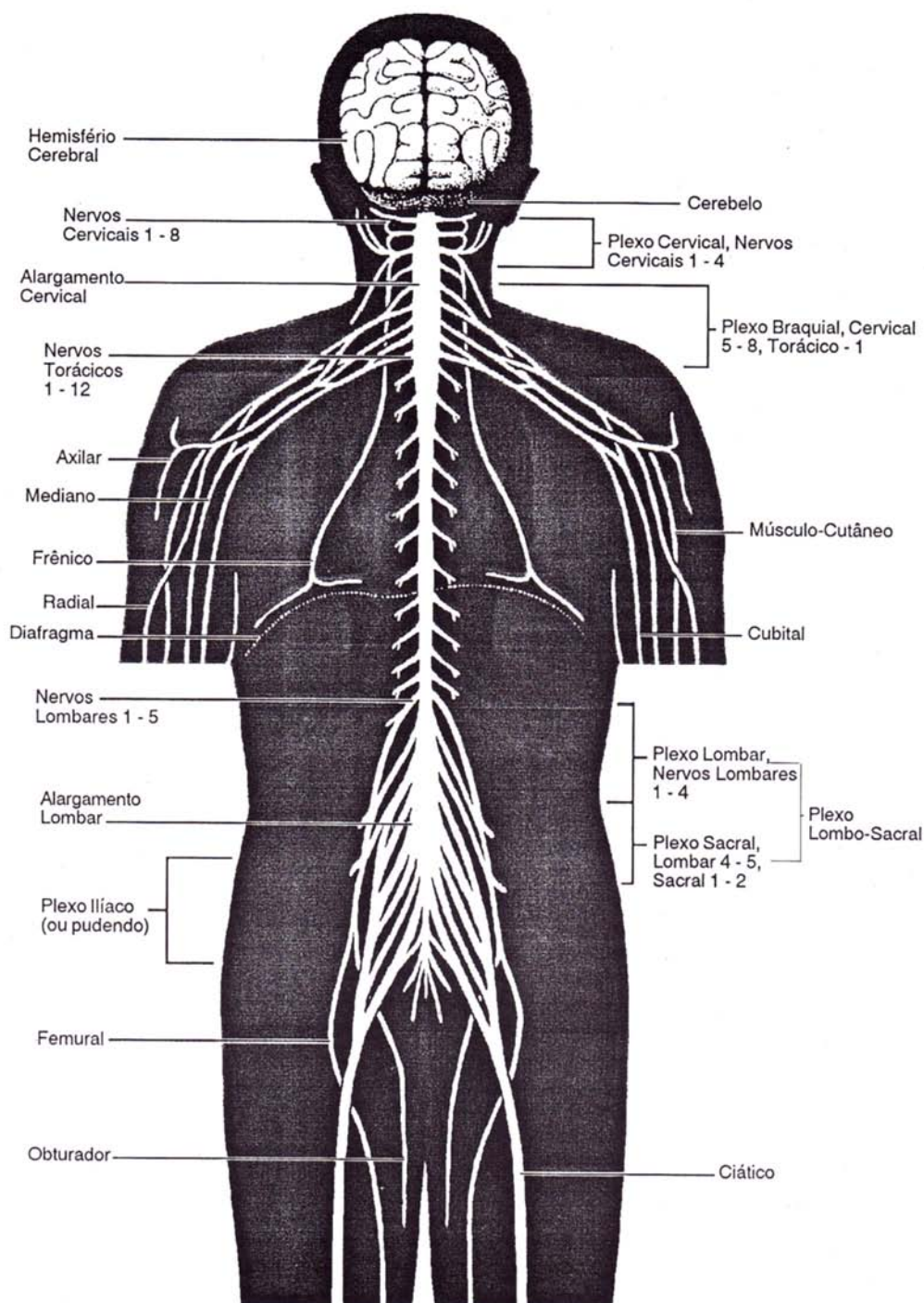


A coluna ereta mas não reta.

É por esta razão que a coluna é mantida ereta pelos que se “sentam” para meditar. A coluna não é reta. Tem curvas naturais. Somente quando está ereta, os três Fogos podem exercer suas poderosas qualidades corrosivas sem o perigo de “queimar”.

Com esta fogosa transição, torna-se altamente seletivo o subsequente depósito de átomos, que substituem os que antes estavam conjugados com a matriz etérica. Apenas os átomos de vibração mais elevada (seja de carbono, oxigênio, enxofre, nitrogênio ou hidrogênio) são incorporados então à matriz etérica. Isto exige uma iniciação apropriada, que ordene o processo todo de transformar o templo do corpo com um mínimo de dor e sofrimento.

A iniciação é um assunto extra-sistêmico. Por isso, todas as disciplinas que tenham algum valor dentro da ciência esotérica devem ser solicitadas junto às entida-



SISTEMA NERVOSO CENTRAL

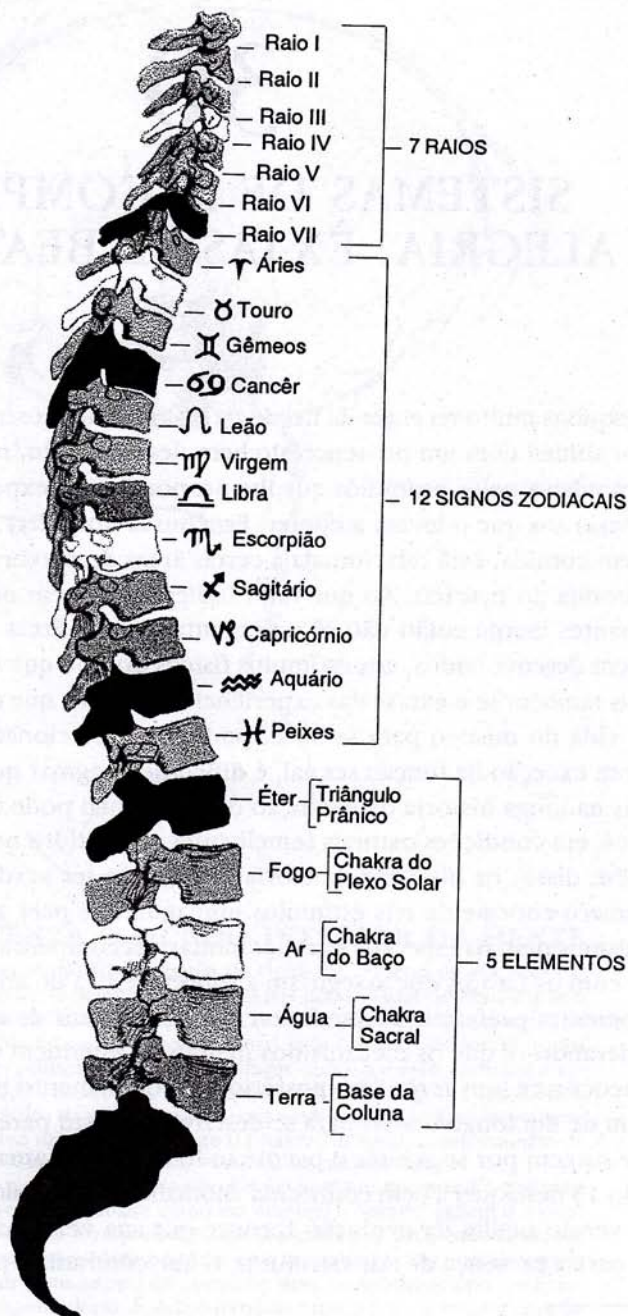
des cósmicas, que são os regentes do grande inconsciente. Nenhum ser físico pode aplicar este tipo de iniciação, que é o mais válido de todos. A iniciação é um assunto planetário, e não propriedade de algum guru.

É por causa da natureza extra-sistêmica do Fogo iniciático que a coluna ocupa um lugar especial na anatomia esotérica. Sendo o local dos canais do Fogo extra-sistêmico, possui correlações extra-sistêmicas, assim como intra-sistêmicas. Assim, as sete vértebras superiores, chamadas de cervicais por localizarem-se no pescoço, relacionam-se com os Sete Raios, em ordem numérica. Portanto, Atlas, ou a primeira vértebra da coluna, sustenta o mundo da mente, e o Primeiro Raio é o que mais se relaciona com a cabeça e seu conteúdo, o encéfalo.

Observando cuidadosamente a Figura da página anterior, O Sistema Nervoso Central, veremos que um plexo de nervos emerge do espaço entre as primeiras três vértebras cervicais, sobe até as áreas na cabeça e no pescoço e desce até o diafragma via nervo frênico. Esta é uma área que controla as forças da vida e corresponde adequadamente aos três Raios maiores. As quatro vértebras cervicais inferiores relacionam-se aos Raios do Atributo, e delas emerge o plexo braquial de nervos que controla o movimento dos braços. Este plexo serve às funções superiores, como as funções dos membros superiores do homem (inclusive as mãos, é claro), que protagonizaram o rápido crescimento de sua consciência e sua habilidade de adaptação, sendo esta a função principal dos Raios auxiliares menores.

As vértebras da coluna vertebral que se localizam atrás da caixa torácica (triângulo prânico) correspondem aos doze Signos do Zodíaco, na ordem usual, de Áries a Peixes. A caixa torácica, que contém os órgãos vitais como o coração e os pulmões, forma a estrutura onde os nervos torácicos, oriundos dos espaços entre as vértebras torácicas, circundam o mundo no qual os órgãos vitais têm sua existência, como o zodíaco circunda o sistema solar.

As cinco vértebras lombares correspondem aos cinco elementos da ciência oculta: fogo, éter, ar, água e terra. Da região lombar emerge o plexo lombar, suprimindo de nervos a parte do corpo humano que o ancora ao planeta Terra, onde operam os cinco elementos.



30

SISTEMAS DE RECOMPENSA, ALEGRIA, ÊXTASE E BEATITUDE

Pesquisas muito recentes da fisiologia do encéfalo mostraram que o macaco rhesus, um animal com um prosencéfalo bem desenvolvido, manifesta uma preferência compulsiva pelos estímulos que lhe proporcionam experiências agradáveis (recompensa) aos que o levam a comer. Esta busca do prazer, mesmo sob ameaça de ficar sem comida, está relacionada a certas áreas do cérebro que foram localizadas na anatomia do macaco. Ao que tudo indica, o homem possui locais anatômicos semelhantes. Surge então não só a pergunta se estas áreas reagem, como nos animais bem desenvolvidos, aos estímulos físicos do tipo que são usados em laboratório, mas também se o êxtase das experiências místicas, que tão freqüentemente mudam a vida do místico para sempre, pode estar relacionado aos mesmos locais.

Com exceção da função sexual, é difícil de imaginar que tipo de situações ambientais na longa história da evolução de um animal pode ter produzido estímulos elétricos, em condições naturais semelhantes aos obtidos num sofisticado laboratório. Além disso, na hipótese da teoria de Darwin ser verdadeira, seria necessário um número enorme de tais estímulos inimagináveis para garantir a elaboração de mecanismos neurais especiais para acomodar a recompensa. E mais, em vez de contribuir com os fatores que asseguram a sobrevivência do animal, os estímulos parecem fomentar preferências que fazem o animal deixar de comer para satisfazê-las. Considerando-se que os mecanismos neurais se estendem desde o antigo encéfalo até o neocórtex (um acréscimo posterior ao equipamento nervoso do animal), precisariam de um longo tempo para se desenvolver! Isto parece outro enigma daqueles que surgem por se aceitar o pacote todo das idéias atuais sobre a evolução. No capítulo 13 destaquei a bem conhecida anomalia na embriologia dos olhos humanos.

A versão oculta da evolução fornece por sua vez uma explicação muito adequada para a presença de tais estruturas, o que contradiz a proposição Darwiniana.¹

1. *Anthropogeny*, S.P.A.W., vol. VI, Dr. Douglas Baker.



ATLAS SUSTENTA O MUNDO INTERIOR DA MENTE

Talvez para a grande multidão de pessoas do Ocidente, a forma de dor mais experienciada é a tensão. O acúmulo de tensão nas nossas vidas do dia-a-dia tem sido uma característica da vida pós-guerra. Com o término do racionamento de alimento e a vagarosa retomada da vida normal após seis anos de guerra, todos esperavam por uma redução de tensão. Em lugar disso, a tensão continua a aumentar de maneira que o estudante da ciência esotérica começa agora a considerá-la como uma característica da vida planetária para a sub-raça anglo-saxã, juntamente com o seu objetivo de abrir totalmente o Chakra Laríngeo, como também de aticar o Chakra do Coração e o Chakra Frontal ao mesmo tempo.

Atlas carregando o mundo sobre os ombros é um símbolo que nos diz que mesmo os gregos e os romanos sabiam como era possível o homem agüentar o peso do mundo nas suas costas. A responsabilidade crescente por sua comunidade, sua nação e até a própria humanidade pode ser uma das experiências mais dolorosas no que chamamos de treinamento do discípulo, mas, ao mesmo tempo, pode ser uma das mais recompensadoras. É muito freqüente que a dor e a recompensa façam parte do desabrochar do homem. Por vezes elas andam quase de mãos dadas.

Mas não nos devemos desviar. A idade do homem ultrapassa qualquer uma que tenha sido sugerida, mesmo pelos mais iluminados antropólogos, por questão de dez milhões de anos. Assim, houve tempo suficiente para estabelecer dispositivos tão extraordinariamente complicados como o olho humano e até um mecanismo nervoso para captar a recompensa (divina) ou o êxtase místico. Confirma-o também se lembrarmos (como sempre deveríamos) que o homem existiu durante um bilhão de anos num invólucro puramente mental, antes de se materializar em torno de um invólucro astral e, em seguida, viveu outro bilhão de anos com este invólucro emocional antes de elaborar e materializar uma matriz etérica para o seu corpo físico. Bem antes que os sentidos físicos do homem fossem elaborados, ele possuiu dispositivos sensíveis para registrar a dor e o prazer nos estágios etérico e astral do seu desenvolvimento. A partir destes, foram materializados os "caminhos de recompensa", recentemente descobertos.

Muitos dos assim chamados expertos no assunto da Sabedoria Antiga são desmascarados quando demonstram ignorar a imensa idade da humanidade e sua origem, numa evolução espalhada por 5.432 milhões de anos, se confiarmos nas escrituras hindus (assim como as escrituras budistas e teosofistas).

A ANATOMIA DOS SISTEMAS DE RECOMPENSA

Quando um feixe de tratos nervosos, chamado de feixe hipotalâmico do prosencéfalo mediano, é estimulado por um eletrodo, no caso de um rato, este permanecerá estimulado durante dias, quase sem interrupção, esquecido da comida, água ou sono.³ Há um processo semelhante no misticismo, quando o yogue entra em Samadhi e permanece num estado de beatitude durante longos períodos, abandonando todas as atividades externas.

O mesmo feixe de tratos nervosos parte do prosencéfalo, passa pelo mesencéfalo e chega ao cérebro posterior ou medula. Descobriu-se que este feixe funciona como uma "estação de revezamento do prazer" para outros caminhos cerebrais. O interesse da ciência no fenômeno inteiro dos sistemas de recompensa deve-se ao vínculo existente entre estes sistemas e o estado de humor e a personalidade. Alguns acreditam que os sistemas de recompensa, anormais por influências genéticas ou ambientais, podem produzir mudanças permanentes no estado mental. Algumas drogas, como a clorpromazina, inibem o sistema de recompensa.⁴ Outras, como a cocaína e as anfetaminas, estimulam-no.

Os animais superiores, embora possuam sem dúvida mecanismos de recompensa semelhantes, não chegaram nem perto das condições predeterminantes que os pudessem afetar. O homem, entretanto, despende enormes esforços em busca de tais condições, sendo prova disso o hedonismo dos nossos dias. Existem poucos (muito poucos) que, ao longo dos séculos, têm dado seu testemunho de que é possível empreender uma busca **interior**, levando a experiências oniscientes, que também proporcionam a onipotência àquele que procura. Juntas, a onisciência e a onipotência

3. "Scientific American", nov., 1978.

4. Um tranqüilizante usado no tratamento de psicose e neurose.



Faquires hindus, andando sobre carvão em brasa,
num estado de êxtase.

são acompanhadas pelo que aqui devemos, por ora, chamar de mecanismos de recompensa, mas que têm sido definidos por estes Poucos como “alegria inefável”, “beatitude sem igual” e êxtase.

A descoberta dos aspectos externos dos sistemas inerentes de recompensa fornece apenas a evidência anatômica e fisiológica daquilo que tem sido a fonte inspiradora para a maioria das formas artísticas que conhecemos. Aqueles que descreveram estados místicos de beatitude revelaram também a existência de outros planos de consciência, de uma potencialidade para a alegria tão superior a outros planos quanto a consciência do homem é superior à consciência animal ou à consciência de um camundongo que fica parado num aparelho de caixa Skinner por dias seguidos, esquecendo do alimento, água e sono.

Certamente, na parte que se chama de medula, os caminhos do êxtase e da dor seguem próximos um ao outro. Não é de admirar que, para as pessoas espiritualmente sensibilizadas, que canalizaram as forças espirituais, os dois se alternem ou mesmo se juntem. O estado de transe de um faquir hindu caminhando pelo carvão em brasa a uma temperatura de 760°C prova que o êxtase do misticismo sobrepuja a dor provocada pelo trauma na carne.

Não se deve esquecer que a tensão é também uma característica do Quarto Raio da Arte e da Harmonia através do Conflito, que é o Raio da própria humanidade. E a humanidade muitas vezes manifesta grandiosamente o que tem de melhor, sob o chicote da tensão.

Na sua longa viagem para fora do Éden, o homem foi esquecendo o seu potencial de alegria que outrora exercitava. Agora, quando lhe contam sobre este estado paradisíaco existente no seu íntimo, este “esplendor aprisionado”, o homem acha impossível acreditar nisto. Apenas quando a dor e o sofrimento (“o remédio misericordioso do céu para os espiritualmente doentes”) executaram bem o seu trabalho, só quando uma vida cheia de tensão e sem sentido o fez ajoelhar-se, é que ele está pronto para ouvir mais uma vez a Canção do Éden dentro do seu ser, a sua própria alma chamando-o de volta para casa (ver Figura da página ao lado).

“Agora, quem irá arbitrar?
Dez homens amam o que odeio,
Evitam o que sigo, recusam o que recebo;
Dez, que têm os mesmos ouvidos e os mesmos olhos
Como eu: todos nós suspeitamos,
Eles, isto, eu, aquilo:
Em quem minh'alma deve acreditar?”

Robert Browning

Existem muitas maneiras de descrever o caminho para a síntese espiritual, e cada pessoa encontra por fim o seu próprio caminho, que pode ser uma fusão de muitos. E então, será sua vez de ensinar aos outros como alcançar o topo da montanha, o solo ardente. Esta pessoa pode apenas aconselhar, e os melhores conselhos são frutos da experiência pessoal. Mesmo assim, existem sérias limitações para descrever o inefável. Felizmente, para aqueles que ensinam os princípios da Sabedoria Antiga, há um ditado oculto que ajuda na transmissão do conhecimento esotérico:



O FILHO PRÓDIGO. (De uma estátua de M. Peynot.)

“Para cada imagem externa, existe uma contraparte interna.”

Mesmo a forma física do homem, incorporando todas as leis da Física e os representantes da maioria dos elementos, tem uma imagem interna. Isto é verdade quanto a qualquer um dos seus componentes. Também é verdade quanto ao elemento Fogo.

Um estímulo elétrico aplicado no cérebro de um rato, e Fogo no córtex de um místico... o êxtase difere apenas quanto ao grau e à origem, o primeiro oriundo de uma bateria, o último proveniente de um nirmanakaya. O que o Fogo espiritual é para mim, não passa de um impulso elétrico para o rato. Aos outros, a verdade ou a beleza pode conduzir ao êxtase. Para alguns, mesmo o confronto com a dor ou o perigo produz êxtase:

“Assim como a corrente atrai o Fogo, sou atraído para Ti
A respiração intensa traz o êxtase
E a fênix me ergue do meu ataúde astral
Para guiar-me num vôo mental através das estrelas.
Pela fenda do anel limite do mundo
Vejo o orbe do nosso planeta reduzido a um ponto
E observo a Via Láctea restaurar seu anel
E o Zodíaco lançar suas constelações
Num tecido de diamantes em torno do Fogo central
Como se a minha vestimenta de cera
Fosse derreter como Ícaro e deixar cair uma asa
Ante este calor, Esta Coisa Esplendorosa,
Que compartilha de Sua sabedoria, amor e visão que tudo vê
Em Quem vivemos, e nos movemos e temos a nossa existência.

Bebo Seu sangue como vinho, fermento divino
Vejo como Cristo flutua pelo firmamento⁵
Ora emerge tão brilhante de trás do disco
Ora eflui, ofuscando todas as suas células de luz,
Como os dez planetas compõem os Seus cinco sentidos,
Como derivam dos reinos da natureza os Seus membros.”

Douglas Baker

Para alguns, inclusive para o autor e o seu Mestre, os estados internos mais elevados são experimentados como Fogo.

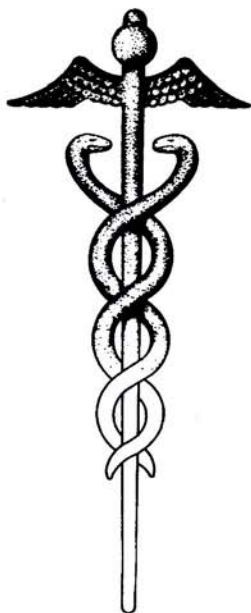
O ELEMENTO FOGO

Nossas atitudes mundanas para com a natureza do Fogo não nos deixam muito espaço para especular sobre suas verdadeiras funções. O Fogo nem é considerado uma energia, e sim um mero resultado de liberação de energia. Vemos o Fogo destruindo a forma, ou produzindo calor e transformando uma forma em outra sobre

5. Christopher Marlowe, *Dr. Faustus*.

os nossos fogões de cozinha. Acrescente-se a isso a suposição científica de que o Fogo resulta de um aumento de temperatura de certos gases até chegar a um ponto crítico de combustão. Isto constitui quase tudo o que o homem conhece sobre a **força** mais importante do Universo.

O Fogo, como é conhecido pelo ocultista e revelado gradualmente para aquele que medita, é subjacente a todos os fenômenos e noumenos.⁶ É o Criador, o Mantenedor e o Destruidor de todas as formas microcósmicas e macrocósmicas. É a manifestação do Primeiro Raio da Vontade e do Poder. O Fogo manifesta-se de muitas maneiras e aquilo que é visível a olho nu é apenas uma de suas manifestações mais grosseiras. O Fogo visível é a súbita encarnação de miríades de formas de inúmeros elementais do Fogo e de salamandras. Cada plano, porém, possui seus próprios Fogos. Os raros indivíduos ou clarividentes que possuem a visão etérica do mundo dos etéricos, que inclui o corpo etérico do homem, vêem o Fogo como um tremulante espetáculo de pontos de luz faiscantes, cintilantes, em movimento constante e mantendo uma manifestação noumenal de energia no equilíbrio dinâmico que serve de estrutura ou matriz subjacente para qualquer forma. Os chakras são vórtices deste Fogo. Cada célula, na sua tarefa de produzir energia no metabolismo de glicose e oxigênio, é um ponto brilhante do Fogo latente em toda a matéria. Os eflúvios de Fogo que penetram nas nossas auras a cada respiração, constituem o movimento do prana na sua circulação pelo nadis e centros de força, enquanto o prana preenche de vitalidade os órgãos físicos.



**O CADUCEU,
UM EMBLEMA DO FOGO**

6. A substância de um fenômeno subjacente; um objeto ou o conceito de um objeto como é em si, ou como aparece no pensamento puro. O noumeno pode ser apreendido totalmente apenas na meditação, que é o espaço entre os pensamentos.

O mesmo prana penetra diretamente no Chakra do Baço e supre os três Fogos que emergem do Chakra da Base da Espinha, aquecem o sangue, energizam as gônadas e alimentam os chakras acima e abaixo do diafragma, conforme sua potência.

Todos os chakras, por sua vez, são nutridos pelo Fogo de uma ordem mais elevada, oriundo do plano astral, que penetra-os em ângulos retos em relação a seus discos. O Fogo da energia emocional pode ser ofuscante, cegante e desordenado (excesso do Sexto Raio) ou pode ser refinado, delicado e disciplinador, quando introduzido paulatinamente no chakra acima do diafragma, sob o estímulo de música clássica.

Em seguida, há os Fogos da Mente, que se expressam facilmente através do Chakra Sacral e do Chakra Laringeo do corpo etérico, dependendo do grau de evolução espiritual do indivíduo.

Sempre que o Fogo se manifesta no vórtice e na torrente do átomo ou da aura, no coração pulsante ou no planeta pulsante, age no sentido de mudança e crescimento. O calor é uma manifestação do Fogo iniciado dentro ou aplicado de fora. É através do Fogo Solar que a força da evolução é manipulada, esta ânsia por uma expressão mais plena e mais perfeita que impele todas as formas para mais perto da Verdade, Beleza e Bondade. É o Fogo da Mônada que atrai a personalidade integrada para os assuntos espirituais e a conduz pela senda do treinamento do discípulo, rumo à religação e à síntese com o grande centro ou Chama Divina, de onde ele, uma "jovem" mônada ou filho pródigo, outrora partira para sua longa e cansativa viagem.

A importância da concentração mental, da meditação e do desabrochar espiritual reside no fato de estes serem meios de controlar e canalizar o Fogo, e, portanto, devemos lembrar-nos sempre de tratá-lo com o devido respeito, como o fazemos com o fenômeno externo do Fogo.

Quando homenageamos o grande disco dourado nas nossas meditações, ao nascer-do-sol e ao pôr-do-sol, entramos em contato com a própria essência da nossa natureza que se compõe dos três Fogos do Sol:

O Sol Espiritual Central

O Coração do Sol

O Disco Visível

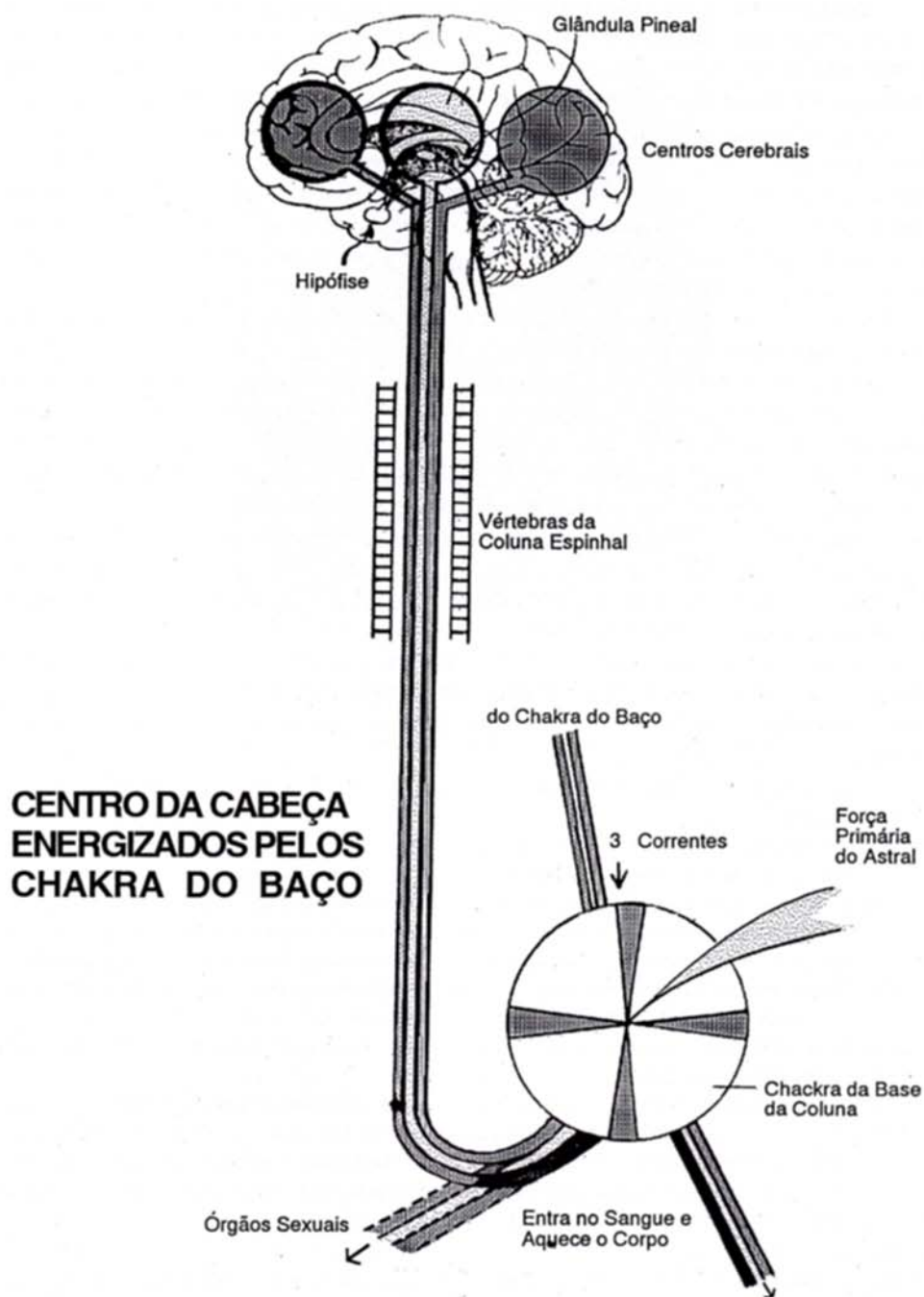
Fogo Elétrico

Fogo Solar

Fogo por Fricção

Todos são necessários para a manutenção da forma. Aquele que quer intervir nos assuntos da sua própria evolução espiritual ocupa-se em manipular os três Fogos. Deve tornar-se o alquimista, empenhado em transmutar o refugo de sua personalidade no reluzente ouro do homem aperfeiçoado, o iniciado, um Mestre da Sabedoria.

A meditação é o processo pelo qual se realiza a alquimia divina. Ela constrói o próprio canal pelo qual o Fogo pode operar as mudanças necessárias nos diversos corpos, transformando cada um numa "Tigela Brilhante", o santo graal, um receptáculo digno para a consciência superior. O homem é um deus no processo de criação, e a criação envolve a capacidade sempre crescente de canalizar o Fogo. Cada homem é um Prometeu em potencial que deve roubar o Fogo dos deuses, porque



A figura acima ilustra alguns dos Fogos que circulam na coluna vertebral e que juntos, ao desabrocharem nos três Centros da Cabeça, trazem o Fogo elétrico, um Fogo sistêmico monitorado por meio do globo de Vênus, da corrente da Terra.

para conseguir este Fogo⁷, ele deve entrar com o seu equipamento físico, emocional e mental de um cidadão do Quarto Reino (o humano), num reino superior (alienígena). Isto só lhe é permitido se usar os Fogos, armazenados nos seus três Centros da Cabeça, em benefício da humanidade, na cura, no ensino, na orientação das massas. O preço é a destruição de seus próprios corpos. Seus corpos são vagarosamente substituídos pelos átomos, queimados não pelas energias da primeira expansão do Chakra da Base da Espinha, mas pelas energias oriundas dos quatro Planos Etéricos Cósmicos: o Monádico, o Átmico, o Búdico e o Manásico. Os últimos átomos dos seus corpos são substituídos gradativamente pelos átomos que fazem circular os Fogos dos Quatro Planos Etéricos Cósmicos, na sua Quinta Espirila.

O fato triste de nossa época é haver tantos indivíduos prontos para o progresso espiritual, que têm sofrido, resgatado o karma ruim, muitas vezes por meio de boas obras para com os seus irmãos, mas que, cegados pelo materialismo da sociedade na qual cresceram, não percebem que o Fogo, com suas CHAMAS, funciona na qualidade de noumena em todos os planos da consciência. Afinal, é isto que eles devem conhecer. O principal objetivo da minha vida tem sido comunicar a realidade e a onipresença destes Fogos, objetivo no qual persistirei nesta vida e nas vindouras, até que eles sejam investigados, desapassionadamente (se não cientificamente), sem os efeitos nubladores de religião alguma ("Não existe religião mais elevada que a Verdade.'). Até então, esse assunto estará sempre sujeito à distorção, mito, escárnio, medo e guerras religiosas.

O dragão, a serpente, o falo, o vinho e outros emblemas têm sido amplamente usados por todas as raças para simbolizar estes Fogos dentro de nós. Apresentamos a seguir uma paráfrase do comentário de H. P. B. relativo às Chamas, de *The Secret Doctrine*:

"Sobre o Fogo e os deuses do Fogo:

Eles foram os titãs.

Eles foram os kabiri, nome que hoje indica os persas, antigos adoradores do Fogo de Parsis, os zoroastrianos na Pérsia.

Eles foram os dois dióscuros, Castor e Pólux, e, exotericamente, Júpiter e Baco (Júpiter — relâmpagos; Baco — vinho). Aqui eles personificaram os pólos da Terra, os pólos dos céus (Estrela do Norte, etc.), e a polaridade física/espiritual no homem.

Os titãs-kabirin eram também os geradores e reguladores das estações. Eles ativavam os vulcões e presidiam à alquimia dos minerais.

Por intermédio de Prometeu, eles trouxeram a luz ao mundo e dotaram o homem com o intelecto e a razão.

Eles foram os divinos Fogos sagrados (3 + 4, 7 e 49) das alegorias hindus.

Os gênios do Fogo na Grécia e outros lugares (por exemplo, Aladim e sua lâmpada).

Os cultos de Frígia, Fenícia, Tróia, Trácia, Egito, Lemnos e Sicília sempre foram ligados ao Fogo, e em sua homenagem, os templos sempre eram construídos nas regiões mais vulcânicas.

7. Prometeu ousava fazer homens de barro e animá-los com o Fogo que ele tinha roubado do céu. Isto desagradou tanto a Júpiter que ele castigou Prometeu, mandando que Mercúrio o amarrasse no Monte Cáucaso, onde um abutre comia diariamente o seu fígado, que se regenerava durante a noite o tanto quanto fora consumido durante o dia, transformando o castigo numa tortura sem fim. Finalmente Hércules matou o abutre e libertou Prometeu.



O DRAGÃO: Um Símbolo de Fogo para a Base da Coluna

A figura acima ilustra o famoso símbolo de Fogo do Dragão. É um emblema chinês, que expressa esotericamente o Chakra da Base da Espinha. Sugeriu-se numa obra anterior (*The Jewel In The Lotus*) que a constelação do Dragão é o ser celeste que constitui o Centro da Base da Espinha naquele Um Sobre Quem Nada Pode Ser Dito.

Os cristãos interpretaram estes deuses do Fogo como divindades ctônicas ou DEUSES INFERNALIS, procurando assim derrubá-los.

Homens plenos de fogo, inspirados pelas chamas, que nos tempos antigos tornaram-se dirigentes da humanidade.

Eles agiam através dos semideuses e heróis, como Orfeu, Hermes, Cádmo, Set e Esculápio. Eles revelaram o grande benefício da agricultura, mostrando como produzir o milho e o trigo, na figura de Ísis-Osíris no Egito e Ceres na Sicília.

Quando encarnados como reis das 'dinastias-divinas', eles deram os primeiros impulsos para as civilizações, e dirigiram a mente com a qual dotaram o homem para a invenção e o aperfeiçoamento de todas as artes e ciências."

O vinho da comunhão do cristianismo, bebido como o Seu sangue (fogos), diz o mesmo — um Fogo que permeia tudo, percebido apenas por alguns "poucos".

Os guardiães idealizados por Platão em sua *República* deveriam ser homens **especiais**, e a cena da Caverna mostra que eles deveriam cultivar um Fogo central.

Devemos acrescentar a estes nomes o de Akhenaton do Egito, que há cerca de três mil e quatrocentos anos tentou sem muito sucesso restaurar o culto das forças do Fogo situadas atrás do Disco Solar, assim como o nome de Omar Khayyam, poeta sufi, que usou a alegoria do vinho em *O Rubáiyát*:

“Eis que o meu corpo ainda arde com este vinho tinto
E nunca está vazia esta minha taça
Por centenas de vidas com este doce aroma inundada
Dez mil anos para marcar o seu sutil progresso
Entre os clamores desta taverna Terra
Onde são raras as taças que conhecem o seu valor.”⁸

No momento em que o estudante de anatomia esotérica percebe que todos os veículos do homem são individualmente e coletivamente, permutativamente e sinteticamente, veículos para o Fogo, torna-se possível entender este assunto inteiro.

Tendo o Fogo no meu ventre, escrevi estas linhas que se referem, é claro, ao caduceu como um órgão transmissor do Fogo:

“Nunca havia visto um homem tão inebriado com Deus
Do que aquele que atíça este fogo para montar o seu bastão,
Que deixa de lado os tentáculos da riqueza
E encontra dentro de si um ouro secreto, sem igual.”

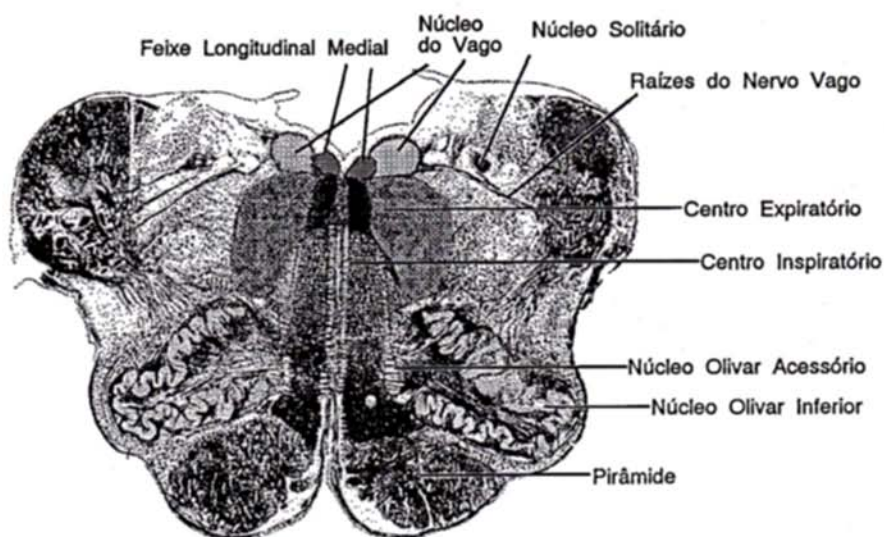
Quando examinamos as relações anatômicas do feixe medial que se prolonga até o interior da medula, aparece o significado esotérico do sistema de recompensa. No tronco cerebral, o sistema de recompensa aloja-se próximo:

- (a) aos núcleos do Nervo Vago,
- (b) ao centro respiratório, e
- (c) ao feixe longitudinal medial, que envia tratos para os músculos que controlam os movimentos dos olhos.

Apresso-me a salientar que embora estas estruturas relacionem-se com as disciplinas mais importantes no crescimento espiritual ou desempenhem um papel essencial na “Biologia do Desenvolvimento Espiritual”, não é prudente saltar a repentinas conclusões baseadas na anatomia. Imediatamente surgiriam problemas sobre funções “sensórias e motoras”. Mesmo farmacologicamente, a única definição dada ao sistema de recompensa é que ele depende de dopamina, um agente neuro-transmissor. Não se afirmou muito mais do que isso.

Podemos afirmar com certeza, porém, que estas estruturas são sustentadas por um centro de energia etérica, um chakra que monitora sua sensibilidade a estímulos internos e externos, e a relação entre elas. Portanto, estas quatro estruturas podem não diferir muito fisicamente de uma pessoa para outra, mas nos planos mais sutis diferem bastante em termos de recursos disponíveis, acessibilidade, potencial e função real, conforme o grau de abertura do chakra associado. Não há dúvida de que este é o Chakra Alta Maior, posicionado estrategicamente entre o “triângulo prânico”, composto pelos centros do tórax, e o “triângulo manásico”, composto pelos Centros da Cabeça, sendo que o primeiro representa as hostes da Vida e o segundo, as da Consciência.

8. Um fragmento de *O Rubáiyát*, da tradução inglesa de Mestre R. B.

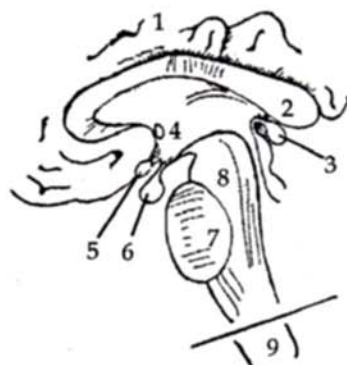


SEÇÃO TRANSVERSAL DA MEDULA HUMANA (na altura da região Olivar = Região Bulbar)

AS RAÍZES DO NERVO VAGO

Diagrama do Cérebro e do Tronco Cerebral mostrando:

- (1) o Hemisfério Cerebral, (2) Corpo Caloso,
- (3) Glândula Pineal, (4) Terceiro Ventrículo,
- (5) Quiasma Óptico, (6) Hipófise, (7) Ponte,
- (8) o Mesencéfalo, e (9) o Tronco Cerebral de cujo nível foi abstraída a seção acima.



Cabe lembrar que aquilo que se passa no mundo físico é na maioria das vezes refletido nos planos internos. Todos conhecemos o processo biológico no qual o homem substitui cada átomo e molécula do seu corpo por outros átomos. Portanto, no decurso de apenas alguns anos (e, no caso de alguns átomos, de apenas alguns meses), cada um dos átomos é substituído, promovendo uma transformação mais rápida no corpo etérico que interpenetra o físico, como também dos corpos astral e mental.

Este processo incrível, que mantém a integridade dos veículos do homem, seu formato, seu caráter, seu karma, etc., assim como um estado de equilíbrio dinâmico, deve oferecer às forças que trabalham na evolução espiritual do homem uma oportunidade de colonizar estes veículos com elementos espirituais necessários para que a personalidade se adapte ao Quinto Reino, no qual ele está prestes a entrar.

Sabemos que o crescimento espiritual é um processo de mudança que se inicia no núcleo (a Alma) e irradia para fora, e nunca ao contrário. Durante o processo de regeneração espiritual, o discípulo e, principalmente, o iniciado que trilharam o Caminho têm os átomos de todos seus veículos substituídos num ritmo tão acelerado que no decurso de cinco anos podem transformar-se numa nova pessoa. Isto ajuda a explicar o tão falado fenômeno do "renascimento". Mais importante que isso, a nova pessoa pode identificar-se mais com um Ser espiritual já existente do que com o seu antigo Eu.

É extremamente raro, mesmo para as pessoas mais dedicadas, progredir tanto no seu crescimento espiritual a ponto de produzir um instrumento que se torne não só objeto de inveja por parte dos seres espirituais, ansiosos em usar um veículo físico, mas também seu alvo. Este processo muito difícil de entender pode não parecer plausível nem ter exemplo histórico algum para demonstrá-lo. É levado ao extremo nos chamados nirmanakayas. Estudando o crescimento e desenvolvimento de um nirmanakaya, podemos entender um pouco como isto ocorre em indivíduos menores.

Um nirmanakaya é um ser avançado que ultrapassou a humanidade, continuando sua evolução espiritual num ciclo interno, o que significa que o seu progresso está restrito ao avanço em Globos de existência mais sutil; portanto, que os seus veículos internos são capazes de progredir sem o empecilho de um corpo físico. Entretanto, no caso de um nirmanakaya ou "Rebelde Divino", ele sacrifica o seu progresso espiritual no ciclo interno, tomando um corpo físico neste denso globo físico onde caminha por um ciclo anterior, para acelerar a evolução da humanidade.

Ele seleciona previamente os pais adequados e ancora o seu átomo físico permanente no embrião apropriado. Em seguida, ele deve fundir progressivamente a sua tríade superior com a tríade da personalidade em desenvolvimento que ele está abrigando. É um longo e gradual processo de fusão, sendo possível apenas por causa do acesso que o nirmanakaya tem aos reservatórios de Fogo do seu globo interno.

Ele é capaz de canalizar para a sua tríade inferior uma quantidade cada vez maior de Fogo espiritual, que entra nas matrizes dos corpos triádicos, assegurando, com o passar dos anos, uma classe superior de novos átomos alojados nestas matrizes. Desta maneira, ele reconstitui sutilmente os materiais da tríade inferior, que fica, a partir de então, em contato com a sua tríade superior. De início, a personalidade

não tem consciência do soberano. Se empreender treinamentos esotéricos, a rapidez com que o nirmanakaya pode abrigar e eventualmente ocupar a sua tríade inferior é aumentada em progressão geométrica, especialmente se a tríade inferior passar por iniciações.

Uma vez que a personalidade transfigurada estabelece uma via de comunicação com o seu eu superior, o nirmanakaya, certas partes anatômicas nos corpos triádicos tornam-se objeto de sua atenção especial. As três mais notáveis, em ordem temporal são:

- (1) o Nervo Vago
- (2) o Centro Respiratório
- (3) o Feixe Longitudinal Medial.

Estes podem ser correlacionados da seguinte maneira:

Nervo Vago	Sistema Nervoso Parassimpático
Centro Respiratório	Sistema Nervoso Simpático
Feixe Longitudinal Medial	Sistema Nervoso Central e Encéfalo

Estas três partes anatômicas do corpo físico passam a ser os locais da ancoragem do nirmanakaya e podem ser usadas por ele para se comunicar com a tríade inferior:

Feixe Longitudinal Medial	Comunicação por Fogo
Centro Respiratório	Comunicação por Éter — Prana
Nervo Vago	Comunicação por Eletricidade — Ar (Ionizado)

Não é difícil perceber aqui o processo da alquimia divina, no qual a tríade inferior transforma-se progressivamente de um "metal" embaçado e corruptível no reluzente ouro do vaso de um nirmanakaya.



A Escola para Alquimistas, numa pintura de Pietro Longhi. A alquimia foi durante muito tempo uma fonte de inspiração artística e literária. Veneza, Museu Correr. (Mella)

31

O GÂNGLIO CERVICAL SUPERIOR (O SISTEMA NERVOSO SIMPÁTICO)

Há muito as ciências esotéricas afirmam que certas disciplinas, provocando o distanciamento do mundo exterior, encorajam a estimulação e o crescimento dos corpos celulares neurais (neurônios) e suas conexões dentro do cérebro e regiões afins. Isto se aplica não só ao sistema nervoso central, como também aos nervos periféricos e até aos corpos celulares dos gânglios do sistema nervoso simpático. A ciência isolou recentemente uma proteína que fornece um fator de crescimento neural (NGF).¹ A descoberta de NGF promoveu intensa pesquisa em busca de outros fatores específicos do crescimento.

Os neurônios sensórios e alguns dos sensores do sistema nervoso simpático são dispostos em cadeias de gânglios de cada lado da medula nervosa, numa extensão tal que algumas escolas de yoga pressupõem que as cadeias dos gânglios simpáticos correspondam aos tratos etéricos de Ida e Pingala. Estes gânglios são de fácil acesso à pesquisa por estarem alojados do lado de fora da medula nervosa e do próprio cérebro, e é neste local que foi possível isolar fatores como NGF.

Na sua obra principal, *A Study in Consciousness*, Annie Besant enfatizou que bem antes do embrião tomar forma física, estruturas pré-físicas são montadas nos planos mental, astral e etérico, que mais tarde originam o encéfalo e o sistema nervoso central, assim como o sistema nervoso simpático. A correlação é a seguinte:

Matriz mental	Cérebro e Sistema Nervoso Central
Matriz astral	Sistema Nervoso Simpático
Matriz etérica	Estrutura Física dos Sistemas Nervosos

Uma das assim chamadas maravilhas das ciências biológicas é o modo com que as excrescências neurais dos gânglios acham “seus órgãos apropriados que devem enervar”. Embora muitas enzimas e hormônios contribuam externamente com esta interação e com a ligação de uma célula neural a seu órgão apropriado, o fator de-

1. *Scientific American*, junho, 1979.

cisivo neste processo é a matriz etérica, a estrutura pré-física que estimula as reações químicas das enzimas e o crescimento ordenado, gerado pelos hormônios.

A matriz etérica estabelece no corpo humano (assim como nas plantas e nos animais) a coordenação perfeita dos sistemas de crescimento. Quando um órgão cresce rapidamente, os nervos apropriados, mesmo que distantes, são estimulados através da matriz etérica a crescer com igual rapidez para ligarem-se a este órgão, independentemente das diferentes forças atuantes, como o calor, ou dos elementos de ligação disponíveis, como os aminoácidos.

Estes simples fatos esotéricos da Natureza podem parecer tão óbvios a ponto de não merecerem atenção. No entanto, existem implicações com relação à patologia e à respectiva cura. No local onde cresce um tumor, acontece um correspondente aumento de atividade nos corpos das células nervosas que o supre. Assim, um médico esotérico tem à sua disposição um eficiente método de cura, se puder intervir no campo de força etérico que interpenetra tanto o suprimento de nervos quanto o suprimento de sangue de um órgão invadido por um câncer ou um tumor.

Pesquisadores científicos constataram que os gânglios simpáticos podem aumentar cinco ou seis vezes o seu volume normal, e que seus tratos podem alcançar os órgãos-alvos muito antes do normal, forçando seu caminho pelas veias grandes e pequenas, às vezes interrompendo a corrente sangüínea. Isto tudo pode ser explicável em termos de algum fator químico. O ensinamento esotérico, porém, é bem claro: é necessário que haja uma expansão pré-física na matriz etérica.

A ciência esotérica adianta-se e diz que, com estímulos apropriados provenientes dos planos físicos, qualquer célula neural ou célula germinal pode ser orientada a gerar células de qualquer parte do corpo, porque dentro da célula neural e da célula germinal aloja-se um microcosmo do corpo inteiro. De fato, cada gânglio celular dos tratos simpáticos é uma projeção virtual do corpo inteiro, assim como o são a sola do pé, a palma da mão, a íris do olho e as vértebras. Por existir cooperação entre as estruturas físicas, quase toda mudança pode ser realizada engatilhando-se o mecanismo de dentro, a partir dos níveis pré-físicos.

Isto ajuda a explicar como foi possível, através do sistema nervoso do senhor inferior e suas glândulas endócrinas, como a pineal, a hipófise e a tireóide, o senhor superior promover aquelas extensas mudanças na estrutura humana, do hermafroditismo até a heterossexualidade, e dos invólucros etéricos até um esqueleto ossificado, e do ananismo até o gigantismo.

Esta reação de uma célula microcósmica a uma mudança na matriz macrocósmica pré-física foi mostrada de maneira muito bela pelo Instituto de Biofísica do Rio de Janeiro. Numa de suas experiências, foi feita uma cultura de um gânglio que cresceu num meio semi-sólido de fragmentos de um sarcoma de rato, fazendo surgir, no espaço de dez horas de incubação, uma densa auréola de tratos nervosos que irradiavam da célula em cultura como raios de sol (ver Figura p. 247).

A Figura da página 245 mostra os tratos de nervos simpáticos ordenados numa cadeia de gânglios simpáticos do lado direito da coluna espinhal. O gânglio situado na parte mais elevada, o gânglio cervical superior, tem vínculos com o sistema visual, com as áreas emotivas do hipotálamo e com a glândula pineal. Algumas escolas de pensamento esotérico ligam as duas cadeias simpáticas com os gigantes

tratos etéricos Ida e Pingala, propondo também que Sushumana esteja contido na medula nervosa.

É interessante notar que os mesmos efeitos de NGF, estimulando o crescimento excessivo de um gânglio simpático, podem ser observados no caso do veneno de serpente, sendo que a serpente é um símbolo esotérico do potencial de cura regenerativa.

Estas observações tornam-se mais significativas ao estudante de antropogênese quando entende que a glândula pineal é energizada principalmente através dos tratos provenientes do gânglio cervical superior, um gânglio simpático alojado no alto do pescoço, o mais alto e o primeiro da cadeia. Sugere-se que muitas das mudanças no tamanho, estrutura e função da glândula pineal foram geradas por efeitos que alcançavam primeiro o gânglio cervical superior. Um deles certamente foi o fator luz.

A glândula pineal funcionou poderosamente na penumbra da superfície do planeta, há cerca de vinte e cinco milhões de anos, quando era freqüente as nuvens e brumas vulcânicas obscurecerem totalmente o Sol. Com o assentamento da superfície do planeta, a luz foi aumentando gradual e constantemente, reduzindo o tamanho da glândula pineal.

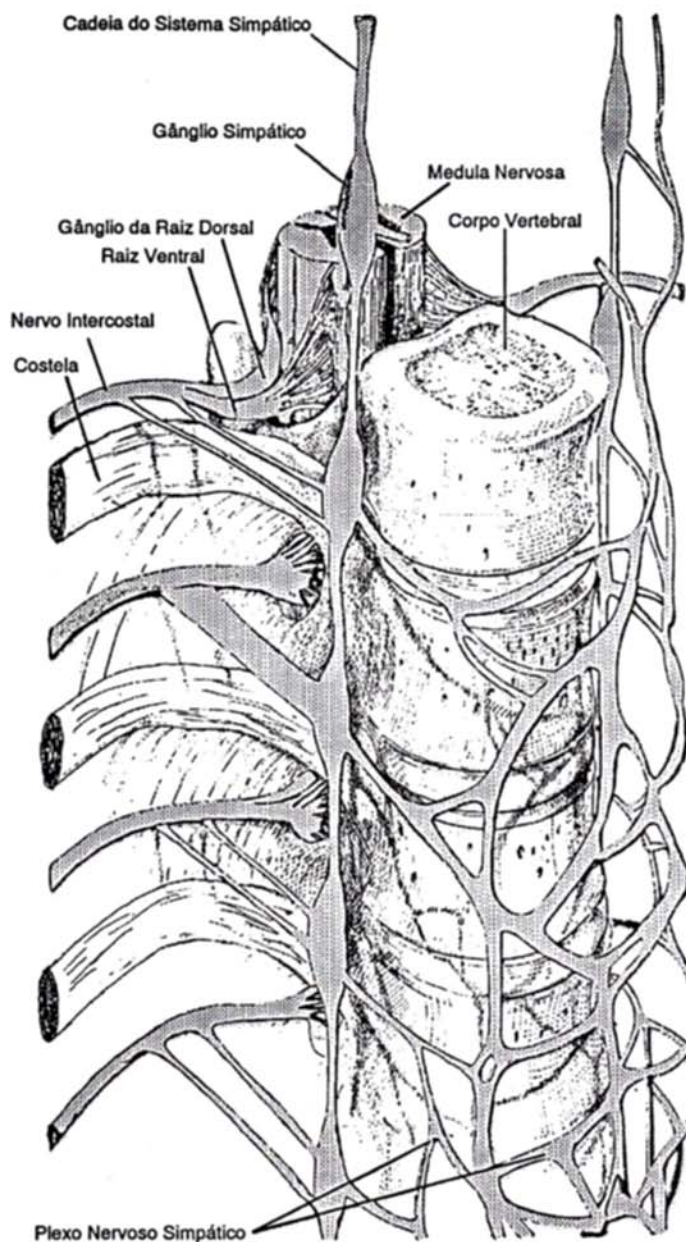
Aqueles que estudam a *A Doutrina Secreta* irão lembrar-se da ênfase dada por Madame Blavatsky ao fato de que, enquanto se desenvolviam os dois olhos, e presumivelmente ela queria dizer com isso que os olhos reagiam cada vez mais aos estímulos visuais e à luz, reduzia-se o funcionamento do terceiro olho ou o olho parietal. Ao escrever sua obra, ela não tinha como saber sobre as descobertas dos últimos trinta anos. Apesar disso, o que ela afirmou está comprovado atualmente: que o fato de os olhos receberem luz constante pode resultar em regressão da pineal.

Demonstrou-se recentemente que a glândula pineal reage também à luz não visual e que a capacidade da glândula em produzir diversos tipos de hormônios, como melatonina e serotonina, pode variar de trinta a setenta vezes nas suas flutuações diárias. Na pineal das aves, existem fotorreceptores que reagem à luz não visual. Descobriu-se também que os fotorreceptores dos olhos de ratos transmitem estímulos para a glândula pineal por um caminho que passa pelo gânglio cervical superior, o que não acontece nas aves.

Já fornecemos exemplos de como a glândula pineal pode afetar o crescimento e a maturação sexual do homem, e postulamos alguns dos meios pelos quais este crescimento se deu no decorrer de milhões de anos, com suas enormes e variadas mudanças.

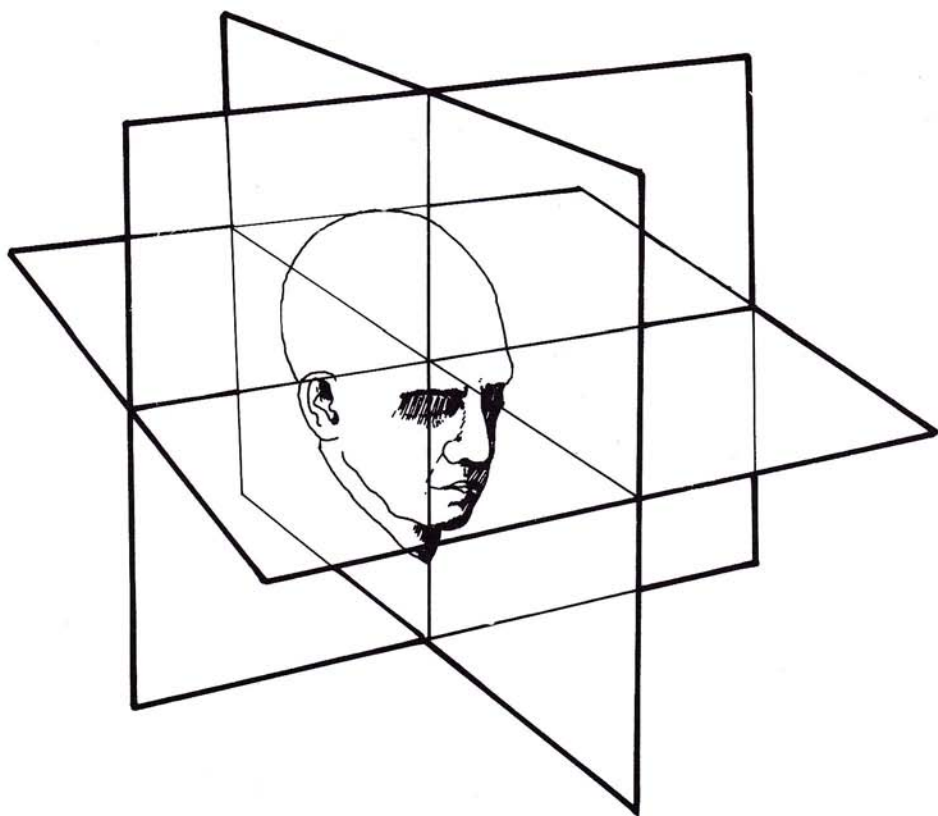
No reino animal, onde a consciência ainda não evoluiu para a autoconsciência, é acentuada a interação entre o invólucro astral e o sistema nervoso simpático. Annie Besant escreve sobre este assunto o seguinte:

“Os impactos do plano astral sobre o invólucro astral geram ondas vibratórias por todo o invólucro astral e, aos poucos, a consciência encoberta adquire uma vaga percepção destes acontecimentos, sem relacioná-los com alguma causa externa. A consciência está tateando à procura de impactos físicos muito mais violentos, aos quais dedica o poder de atenção que desenvolveu. Os agregados de matéria astral, conectados aos sistemas nervosos físicos, compartilham naturalmente dos acontecimentos gerais do invólucro astral. As vibrações causadas por estes acontecimentos misturam-se com os acontecimentos vindos do corpo físico, afetando também as vibrações que lhe são impostas pela consciência através destes agregados. Assim, estabelece-se uma conexão entre os



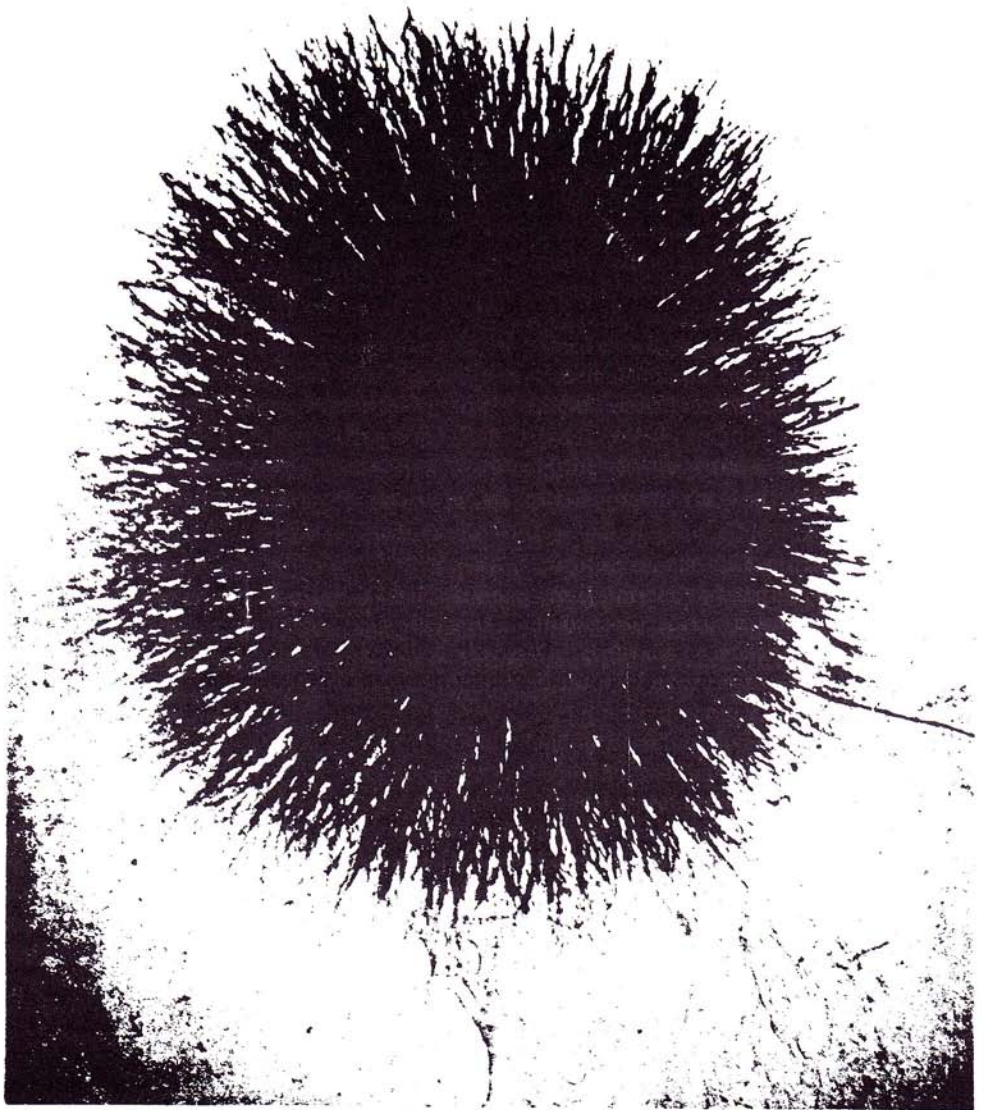
O diagrama acima mostra os tratos de nervos simpáticos, ordenados numa cadeia de gânglios simpáticos do lado direito da coluna espinhal. O gânglio situado na parte mais elevada, o gânglio cervical superior, tem vínculos com o sistema visual, com as áreas emotivas do hipotálamo e com a glândula pineal. Algumas escolas de pensamento esotérico ligam as duas cadeias simpáticas com os gigantescos tratos etéricos ida e pingala, propondo também que sushumna esteja contido na medula nervosa.

impactos astrais e o sistema simpático, sendo que aqueles desempenham um papel considerável na evolução do último. Ao mesmo tempo em que a consciência, operando no corpo físico, começa a reconhecer aos poucos um mundo exterior, estes impactos oriundos do astral, gradualmente classificados pelos cinco sentidos (que fazem o mesmo com os impactos do plano físico), misturam-se com os impactos do plano físico, sem se distinguirem destes quanto à sua origem. Reconhecer esta distinção é a clarividência inferior, aquela que precede a grande evolução da mente. Enquanto o sistema simpático for o instrumento dominante da consciência, a origem dos impactos astrais e físicos continuará sendo a mesma para a consciência. Mesmo os animais superiores, que têm o sistema cérebro-espinhal bem desenvolvido, mas não ainda o principal mecanismo da consciência salvo os seus centros sensórios, não distinguem entre as imagens físicas e astrais, sons, etc. Um cavalo saltará sobre um corpo astral como se fosse um corpo físico; um gato se esfregará na perna de uma figura astral; um cachorro irá latir para uma imagem semelhante...”²



O meio criado pelos Centros da Cabeça integrados fornece uma cultura adequada para que os tecidos nervosos cresçam e se ramifiquem.

2. Annie Besant, *A Study in Consciousness*, pp. 120-121.



Aparece um halo de fibras nervosas que irradiam do gânglio no sistema nervoso simpático quando o gânglio reage às secreções do tumor de um rato. (*Scientific American*, june 1979)

É bem conhecida a íntima relação existente entre o hipotálamo e o sistema nervoso simpático. No treinamento do discípulo, o constante controle das energias emocionais é um pré-requisito às iniciações que levam o homem do Quarto para o Quinto Reino. A meditação, um método pelo qual estas iniciações são abordadas, age poderosamente sobre o gânglio simpático, mantido sob controle rigoroso pelo neófito. Um conjunto harmonizado de gânglios simpáticos é que promoverá as mudanças futuras na estrutura da glândula pineal. Isto irá coincidir com a subida das energias espirituais para os três Centros da Cabeça, da maneira que já descrevemos.

A reação de cada um destes três Centros da Cabeça despertos, localizados em ângulos retos um em relação ao outro, cria um meio tridimensional de energias espirituais, no qual se realiza o cultivo dos tecidos nervosos. Já afirmamos que uma meditação metódica pode produzir o crescimento e o alongamento dos gânglios e tratos no encéfalo.

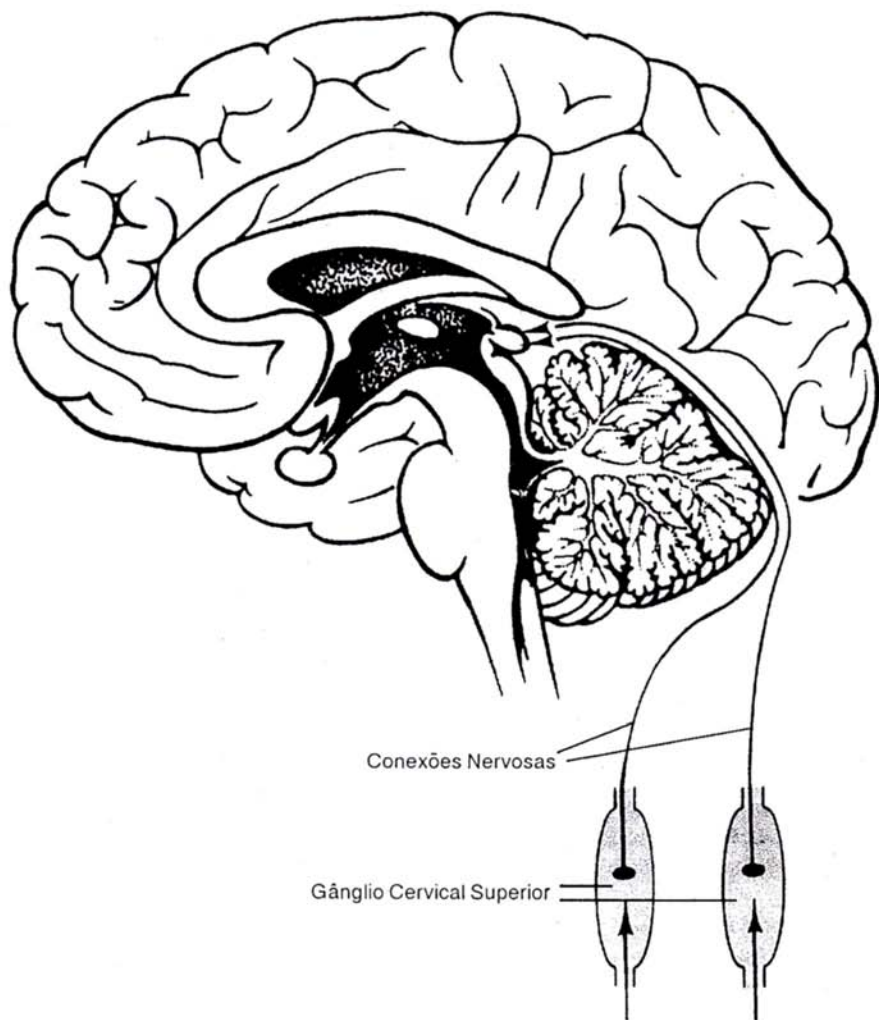
Neste estágio, deveríamos mencionar que a formação original das glândulas endócrinas, que não são nem tecidos nervosos nem glândulas exócrinas, provém do plano búdico. Neste sentido, o tecido endócrino é basicamente “sagrado”.

As observações que fizemos sobre as matrizes pré-físicas dos diversos sistemas nervosos são tão importantes que torna-se recomendável apresentar aqui o texto exatamente como foi escrito por Annie Besant.

Annie Besant salientou a mudança do papel das Raças-Raiz em consequência dos impactos vindos de dentro sobre os sistemas nervosos do homem.

“Na Quinta Raça-Raiz, o homem tem o interior das suas células nervosas bem mais diferenciado, sendo que as intercomunicações são muito mais numerosas. Em termos gerais, a consciência do homem da Quinta Raça-Raiz opera no plano astral, e está ausente do corpo físico com exceção do sistema nervoso cérebro-espinhal. O controle dos órgãos vitais do corpo é delegado para o sistema simpático, treinado durante longas épocas para este trabalho. O sistema simpático opera por intermédio de impulsos vindos dos outros centros astrais que não os dez, sem receber atenção intencional da consciência, ocupada com outros assuntos, embora, sem dúvida, ela o sustente. Entretanto, como veremos, é bem possível atrair novamente a atenção da consciência para esta parte do seu mecanismo, e reassumir um controle inteligente. Nos membros mais evoluídos da Quinta Raça, o mundo mental inferior envia os principais impulsos conscientes que penetram no físico através do astral, para então estimular a atividade nervosa física. Esta é a consciência inteligente, aguçada, sutil, movida mais por idéias do que por sensações, mais ativa nos centros cerebrais mental e emocional, do que nos centros que se ocupam com fenômenos sensórios e motores.

“Os órgãos dos sentidos do corpo da Quinta Raça são menos ativos e aguçados do que os da Quarta Raça, mais elevada, ao reagirem aos impactos puramente físicos. O olho, o ouvido, o tato não reagem às vibrações que afetariam os órgãos dos sentidos da Quarta Raça. É significativo também o fato de estes órgãos estarem no seu auge durante a primeira infância, diminuindo sua sensibilidade a partir do sexto ano de vida, aproximadamente. Por outro lado, embora sejam menos apurados para receber os impactos sensórios puros, eles se tornam mais sensíveis para sensações misturadas com emoções. As sutilezas de cor e som, seja na natureza ou na arte, atraem-nos com mais eficiência. A organização superior mais intrincada dos centros sensórios do cérebro e do corpo astral parece provocar um aumento de sensibilidade à beleza da cor, forma e som, mas diminui a reação à sensação onde as emoções não participam.



A GLÂNDULA PINEAL E GÂNGLIO CERVICAL SUPERIOR

As conexões nervosas entre o gânglio cervical superior e a glândula pineal (indicada por setas). A proposição esotérica é que o impacto da luz crescente sobre os olhos humanos em rápida evolução gerou reações via sistema nervoso simpático, causando a regressão da glândula pineal, que de um olho parietal ativo passou a ser um órgão astrofiado de secreção endócrina.

“O corpo da Quinta Raça é também muito mais sensível ao choque que os corpos da Quarta e da Terceira Raças, mais dependentes da consciência para a sua manutenção. Um choque nervoso é sentido com muito mais intensidade e engendra uma prostração muito maior. Uma mutilação grave não é mais uma mera questão de um músculo lesado, ou tecidos rompidos, mas uma questão de choque nervoso; o sistema nervoso altamente organizado carrega a mensagem aflitiva para os centros cerebrais, que de lá segue para o corpo astral, perturbando e alvoroçando a consciência astral. A isto se segue uma perturbação no plano mental; a imaginação é ativada, a memória estimula a expectativa, e a correria de impulsos mentais intensifica e prolonga as sensações. Estas novamente estimulam e excitam o sistema nervoso, e uma excitação indevida age sobre os órgãos vitais, causando perturbação orgânica; daí a depressão da vitalidade e a recuperação lenta.

“No corpo altamente evoluído da Quinta Raça, também as condições mentais governam amplamente o físico, e a ansiedade intensa, o sofrimento mental e a preocupação, que levam à tensão nervosa, perturbam de imediato os processos orgânicos e provocam a fraqueza ou a doença. Conseqüentemente, a força mental e a serenidade promovem diretamente a saúde física, e quando a consciência está definitivamente estabelecida no plano astral ou no plano mental, as maiores causas da má saúde são as perturbações emocionais e mentais do que quaisquer privações infligidas ao corpo físico. Em termos físicos, o homem evoluído da Quinta Raça vive literalmente no seu sistema nervoso.”³

No texto a seguir, Annie Besant trata do uso de técnicas visuais na cura das matizes mais sutis de matéria mental, emocional e etérica:

“As escolas da Ciência Cristã, Ciência Mental, Cura pela Mente, etc., dependem todas do poder emissor da Vontade para obter seus resultados. As doenças em geral cedem a este fluxo de energia, e não só os distúrbios nervosos, como alguns imaginam. Os distúrbios nervosos são os que cedem mais rápido, porque o sistema nervoso foi moldado para expressar os poderes espirituais no plano físico. Os resultados mais rápidos acontecem quando se trabalha primeiro no sistema simpático, pois este está mais diretamente relacionado ao aspecto da Vontade, na forma de Desejo, assim como o cérebro-espinhal está mais diretamente relacionado aos aspectos da Cognição e da Vontade pura. A disseminação de tumores, cânceres, etc., e a destruição de suas causas, a cura de lesões e fraturas de ossos, em geral exigem do médico um considerável conhecimento. Eu digo ‘em geral’, porque é possível guiar a Vontade a partir de um plano superior, mesmo sem o conhecimento do plano físico, caso o operador esteja num estágio avançado de evolução. O método da cura, quando existe o conhecimento, seria como se segue: o operador forma uma imagem mental do órgão afetado em estado de perfeita saúde, criando-o, portanto, na matéria mental; em seguida, introduz esta imagem na matéria astral, tornando-a assim mais densa, e em seguida usa a força do magnetismo para densificá-la ainda mais na matéria etérica, introduzindo nesta forma os materiais mais densos de gases, líquidos e sólidos, utilizando-se dos materiais disponíveis no corpo e fornecendo de fora o que falta. Neste processo, a energia direcionadora é a Vontade, sendo esta manipulação da matéria mera questão de conhecimento, seja neste ou em planos superiores. Este método de cura não oferece perigo, pois acompanha as curas realizadas por um sistema mais fácil e portanto mais comum, que opera sobre o sistema simpático, ao qual nos referimos acima.”⁴

3. *Ibid.*, Annie Besant, pp. 115-117.

4. *Ibid.*, pp. 274-275.

32

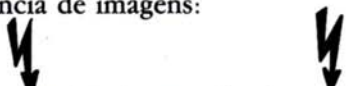
O CENTRO RESPIRATÓRIO

O sistema de recompensa que conduz ao Samadhi às vezes é evocado por meio de exercícios respiratórios, que só funcionam se os três Centros da Cabeça estiverem convenientemente despertos. A maioria dos exercícios respiratórios da yoga tem como objetivo o Samadhi. No entanto, aqueles que ensinam Yoga têm geralmente passado por cima do fato de que o mecanismo respiratório inteiro, inclusive o trato respiratório em geral e o centro respiratório em particular, pode servir de ressoador para o Eu superior.

O estado de esolepsia fornece uma recompensa preciosa, pois quando a consciência volta-se para dentro, o corpo inteiro se transforma num olho, como dizem os budistas. Poder-se-ia afirmar igualmente que o corpo inteiro se transforma num ouvido. Há um estágio crítico durante a esolepsia em que o discípulo deve distinguir entre as imagens visuais criadas espontaneamente pelos veículos da personalidade e as imagens injetadas na sua consciência pela Alma, o Eu superior ou o Mestre (dependendo de qual dos três a atitude do neófito abraça).

Distinguir a imagem real da irreal é uma das exigências essenciais para se penetrar no inconsciente, em cujos domínios o conjunto do Eu superior pode ser encontrado. Quando o neófito recebe a atenção direta do Mestre, este pode indicar a imagem visual diretamente implantada por ele na consciência do esoléptico, estimulando imediatamente o centro respiratório, provocando com isso uma inspiração involuntária, curta e aguda.

Denominando as imagens visuais que são geradas espontaneamente pela personalidade de "vrittis" e as imagens injetadas pelo Mestre de "imagens projetadas", podemos obter a seguinte sequência de imagens:


vritti → vritti → imagem projetada — estímulo respiratório →
vritti → vritti

Repetindo, nesta seqüência de acontecimentos visuais, podemos ver que à projeção da imagem do Mestre na consciência do neófito, segue-se um estímulo do centro respiratório, para que o neófito saiba que o padrão visual experimentado por ele naquele átimo de segundo antes da inspiração repentina foi implantado pelo Mestre.

Quando esta técnica é dominada (estou escolhendo minhas palavras com cuidado), pode desenrolar-se um diálogo de glifos visuais, que num período muito curto de esolepsia pode transmitir uma quantidade imensa de informações. Esta é uma das razões por que as escolas chinesas afirmam que “uma imagem vale mil palavras”. O estudante precisa ler e reler com muito cuidado os últimos parágrafos se quiser colher o prêmio do que está sendo ensinado, um método nunca antes exposto neste planeta, e desconhecido para a maioria das escolas de mistérios.

A interpretação da informação visual transmitida é um outro assunto, do qual tratei na minha obra *Beyond The Intellect*, como também na série de minhas obras sobre a Astrologia Esotérica.

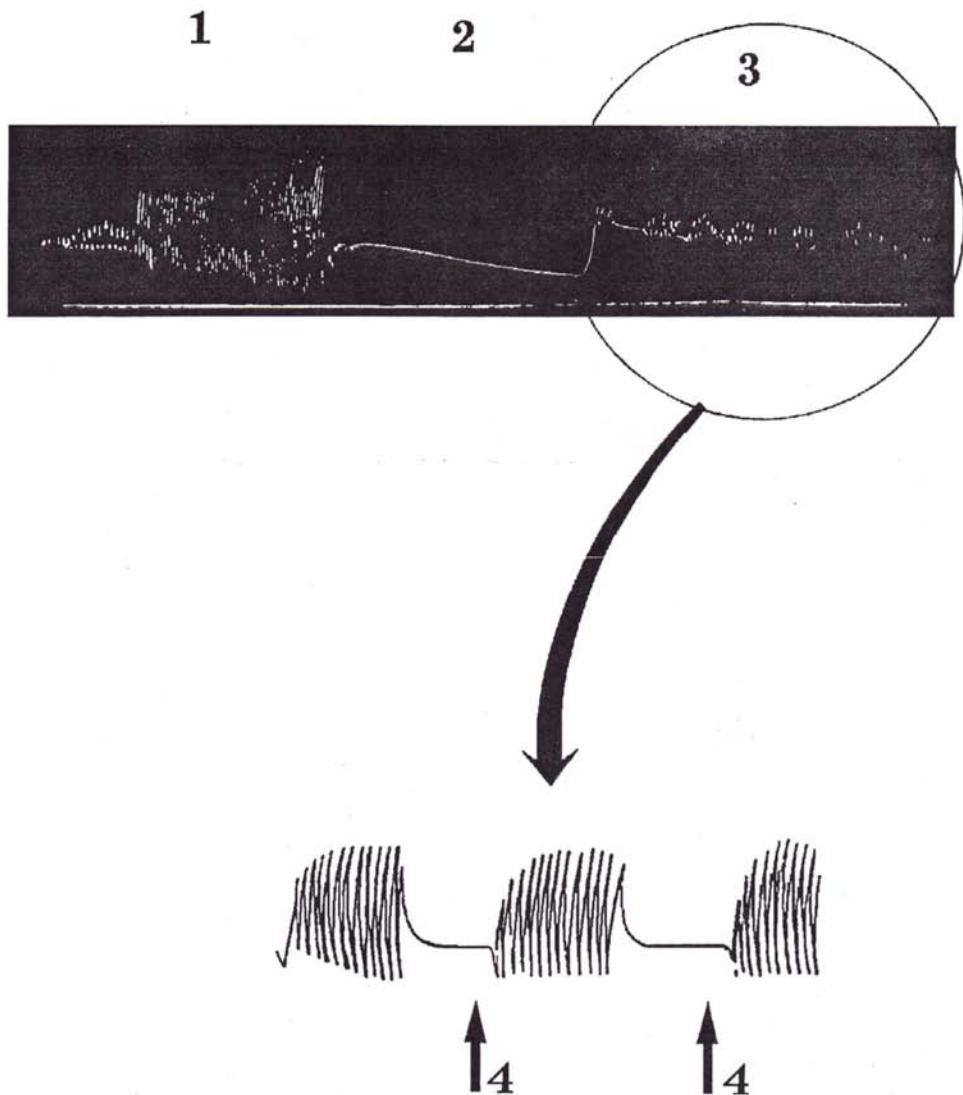
A respiração é um ato involuntário, automático, no qual o pensamento não participa. Entretanto, podemos intervir a qualquer momento, colocando-a sob o controle da Vontade. Assim, podemos interromper a respiração por um espaço de tempo, e podemos variar o ritmo e o padrão da nossa respiração ao falar e ao cantar. Podemos até colocar as palavras ou sons que emitimos numa seqüência intencional de significado esotérico, o que chamamos de mantra. Controlamos a respiração semi-automaticamente ou por reflexo quando engolimos ou tossimos ou chupamos qualquer coisa. Tudo isto pode ser afetado pelo estado emocional. Apesar disso, porém, os movimentos respiratórios são essencialmente automáticos.

Sabemos também que podemos suspender voluntariamente nossa respiração por cerca de sessenta segundos, depois do que somos forçados a inspirar. Esta última afirmação implica no fato de que a falta de oxigênio, ou talvez o acúmulo de dióxido de carbono, gera estímulos no centro respiratório da medula, que nos forcem a retomar o fôlego. Se um ser superior aplica um impulso de Fogo espiritual ao núcleo respiratório, somos forçados a inspirar involuntariamente, o que pode sinalizar o que já descrevi.

É fácil de entender também que ao se diminuir o ritmo respiratório, um pré-requisito para o estado esoléptico, podemos tornar receptivo o centro respiratório ao estímulo oferecido pelo Mestre.

Há um ritmo respiratório anormal, característico de certas doenças, denominado respiração Cheyne-Stokes, descrito por dois médicos do século passado que lhe emprestaram seu nome. Ela se compõe de respiração profunda e rápida, alternada com a interrupção completa da respiração. A respiração profunda elimina o dióxido de carbono do sangue, o que provoca a interrupção. O nocivo dióxido de carbono vai acumulando-se no sangue, como resultado da atividade metabólica e respiratória das células, até o ponto de exigir uma inspiração repentina novamente, e o processo se reinicia.

Deve ficar claro que, por um ato de vontade, podemos produzir com segurança condições semelhantes nas quais a eliminação do dióxido de carbono pode facilmente tornar o centro respiratório suscetível ao estímulo.



RESPIRAÇÃO CHEYNE-STOKES

O diagrama ilustra: (1) respiração forçada durante dois minutos, seguida de (2) um período de apnéia, ou ausência de respiração, durante três minutos. A isto se segue (3) respiração periódica do tipo Cheyne-Stokes, durante um minuto ou mais, antes de se retomar a respiração normal. Este período importante e crítico, durante o qual uma imagem pode ser projetada na consciência, é mostrado em (4).

A Figura da página 239 mostra o local do centro respiratório, dividido em duas partes: o centro expiratório e o centro inspiratório, abaixo do primeiro. Quando o centro é estimulado, os impulsos gerados são conduzidos ao longo da medula nervosa através do nervo frênico, que vem de um plexo de nervos oriundo da terceira, quarta e quinta vértebras. (ver Figura da pág. 223).

O acúmulo de dióxido de carbono no sangue, que pode ser produzido deliberadamente diminuindo-se o ritmo respiratório, pode causar uma inspiração quase violenta. Nas intervenções cirúrgicas, o dióxido de carbono introduzido no anestésico garante a manutenção da respiração profunda e regular.

O CORPO CARÓTIDO

Quando estamos com necessidade premente de oxigênio, um efeito indireto é produzido sobre o centro respiratório através da estimulação do corpo carótido. (Ver Figura abaixo). No entanto, se suspendemos a respiração, como, por exemplo, no exercício de yoga chamado kumbaka, o desejo incontrolável de respirar deve-se ao acúmulo do dióxido de carbono e não à falta de oxigênio.

O Nervo Vago também desempenha um papel na respiração. Ao inflarmos ao máximo os pulmões na respiração profunda, o Nervo Vago é estimulado, fazendo com que o fluxo de impulsos diminua o ritmo do centro respiratório.

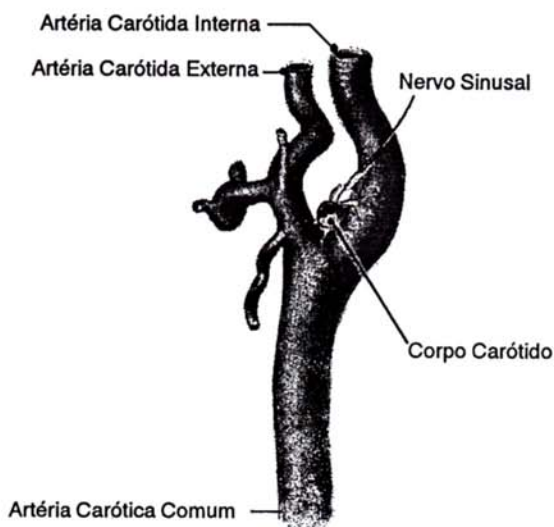


Diagrama mostrando as relações do Corpo Carótido alojado na bifurcação da Artéria Carótida Comum. O Corpo Carótido, segundo a ciência esotérica, está ligado ao Chakra Alta Maior. O Nervo Sinusal que vai ao Corpo Carótido afeta a respiração e a pressão sanguínea.

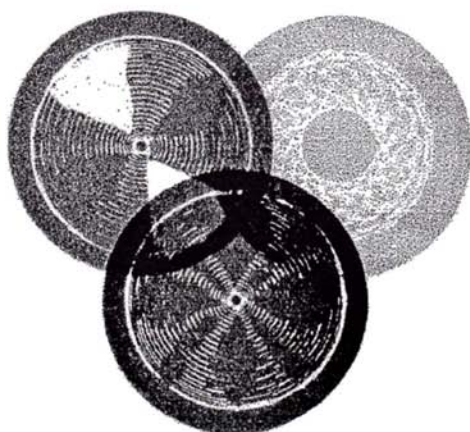
As cavidades das artérias carótidas e os próprios corpos carótidos também desempenham um papel na respiração, sob certas circunstâncias especiais. Suas paredes contêm receptores, de maneira que quando a pressão sanguínea dentro da artéria aumenta ou as paredes da artéria são esticadas, os impulsos precipitam-se para o centro respiratório. Portanto, o aumento da pressão sanguínea pode desacelerar a respiração ou mesmo interrompê-la por um breve período, e uma queda na pressão sanguínea provoca o efeito inverso.

O corpo carótido é uma pequena estrutura alojada na bifurcação da artéria carótida comum em suas artérias interna e externa. Contém células quimo-receptoras, estimuladas pelo dióxido de carbono quando este aumenta no sangue arterial, pelo aumento de íons de hidrogênio, o que torna o sangue mais ácido, e também pela falta de oxigênio.

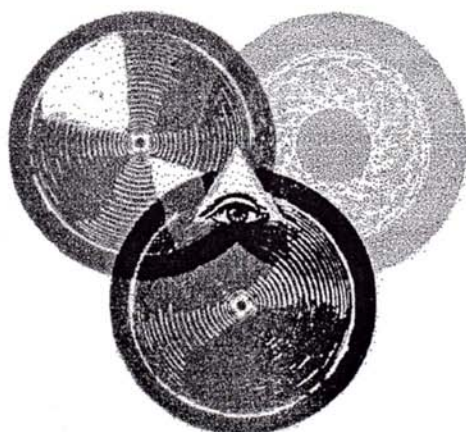
Há um nervo sinusal ligado à medula via nervo glossofaríngeo. O sistema carótido, portanto, está ligado não só à respiração, mas também ao sistema cardiovascular, afetando assim tanto a respiração como a pressão sanguínea.

Esta glândula e suas ramificações, ligada ao Centro Alta Maior, é a roda alada já descrita por nós. O Chakra Alta Maior é um centro que proporciona um poderoso suporte para as forças criativas atuantes nos dois outros Centros da Cabeça. Seu vínculo com a pressão sanguínea e com a respiração garante que o suprimento de prana nos níveis mental, emocional e etérico seja mantido quando a demanda de criatividade está no auge. O despertar do Chakra Alta Maior implica a habilidade de manter a criatividade.

Na verdadeira meditação, que é um ato de introspecção, aumenta bastante o suprimento de sangue para a cabeça, embora, usando certos artifícios respiratórios, possamos restringir o suprimento sanguíneo ao cérebro em si.



Os três Centros da Cabeça despertados e interagindo



Os três Centros da Cabeça despertados, interagindo e justapondo-se em ângulos retos, gerando o órgão da visão interior

33

A ANATOMIA DA RESPIRAÇÃO NASAL

AS AURÍCULAS DO NARIZ

No local de entrada da respiração, que são as narinas, interagem muitas forças elétricas. A atmosfera está repleta de íons que são partículas de carga elétrica. Quando o ar é puxado com força pelo nariz alcança grande velocidade, e com isso a passagem de íons se manifesta como uma força elétrica que estimula as superfícies mediais e laterais de cada narina.

Sabemos pelos ensinamentos de hatha yoga que a narina esquerda e a direita têm significado esotérico. A narina direita recebe o nome de "Ha" e a esquerda de "Tha", simbolizadas pelo Sol e pela Lua, respectivamente. Segundo a yoga, estes orifícios são a entrada para as vias de forças etéricas que descem pela coluna, entrelaçando-a com dois tratos etéricos, chamados de Ida e Pingala.

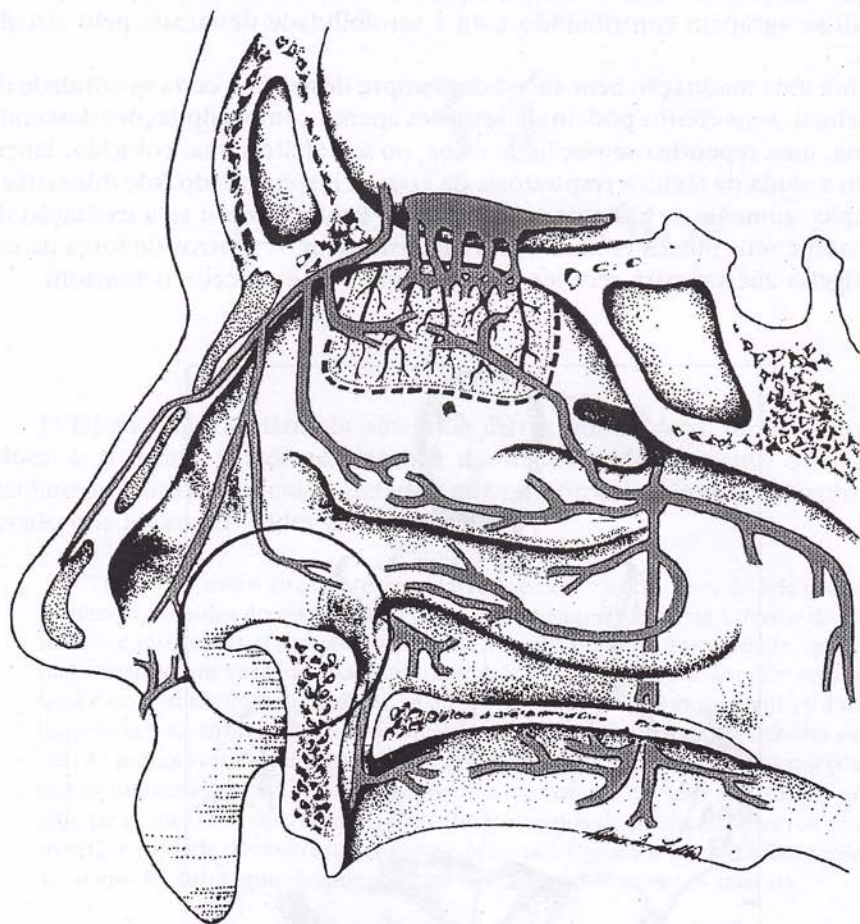
Torna-se óbvio ao estudante que a sagrada ciência do hatha yoga baseia-se na respiração do Sol e da Lua. Combinando-se "Ha" e "Tha" temos a palavra "Hatha".

Muitos exercícios de yoga que envolvem a respiração exigem a obstrução de uma ou da outra narina, ou uma maneira de inspirar que acelera ao máximo a corrente do ar inspirado. Um dos objetivos principais das diversas disciplinas respiratórias é agir sobre os plexos dos nervos e dos vasos sanguíneos que se ramificam nas paredes internas e externas de cada uma das narinas.

Por exemplo, a parede lateral do nariz encerra sob sua membrana mucosa os seguintes terminais nervosos:

- (a) ramos nasais internos e externos do nervo etmoidal anterior;
- (b) ramos nasais do nervo infra-orbital;
- (c) nervos naso-palatinos;
- (d) nervos alveolares superiores e terminais nervosos do gânglio pterigo-palatino;
- (e) ramos do nervo olfativo.

A importância esotérica desta concentração de terminais nervosos é que, com a rápida passagem da respiração, são excitados os tratos etéricos que vão da área



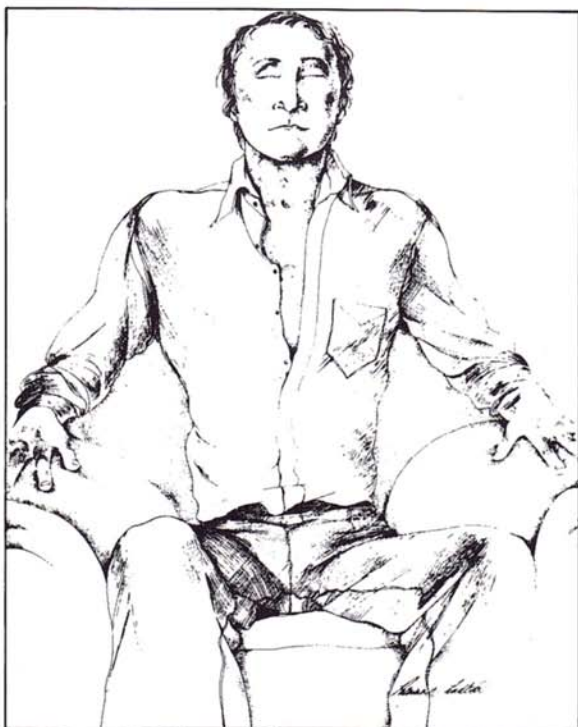
ANATOMIA DA HATHA YOGA (AS CAVIDADES NASAIS)

A membrana mucosa nasal contém os terminais nervosos de uma quantidade de nervos que foram enumerados no texto ao lado. O nosso diagrama mostra uma área de sensibilidade especial, circundada onde a passagem do ar é mais veloz ao entrar nas narinas. É desta região que os impulsos são disparados, que passam na matéria etérica ao chakras na coluna vertebral e Centros da Cabeça, especialmente no exercício de yoga da respiração de fole.

nasal para a coluna. Conseqüentemente, os chakras da coluna se alteram, o que é um pré-requisito muito necessário para a meditação eficiente.

A Figura da página anterior mostra a parede lateral do nariz e alguns dos nervos que ali se agrupam contribuindo com a sensibilidade destacada pelo círculo vermelho.

Durante uma meditação bem-sucedida, sempre desce uma certa quantidade de Fogo espiritual. Seus efeitos podem ser sentidos apenas como palpitações descendo pela coluna, uma repentina sensação de calor, ou um efeito visual colorido. Entretanto, com a ajuda da técnica respiratória da yoga, a respiração do fole (bhasrika), por exemplo, aumenta-se bastante a corrente do Fogo. É como se a excitação da aurícula nasal e seus plexos escondidos transformassem os centros de força da coluna em tigelas abertas para receber o Fogo líquido que precede o Samadhi.



A RESPIRAÇÃO DE FOLE (BHASTRIKA)

Aqui usamos uma variante desta respiração. O estudante senta-se ereto mas confortável numa cadeira da qual ele não poderá cair. Ele puxa o ar com força pelas narinas, com tal intensidade que elas se dilatam. Isto é feito várias vezes num ritmo de uma vez por segundo. Não se preocupe com a expiração. A elasticidade natural da caixa torácica e dos pulmões irá expelir o ar antes da próxima inspiração. **NÃO FAÇA MAIS QUE QUATRO RESPIRAÇÕES** nas primeiras vezes. Você pode ficar tonto. Isto resulta de mudanças pequenas na química do sangue e não é perigoso se você estiver sentado. Com o tempo, você deve chegar a dez ou mais respirações.

34

O PLEXO CORÓIDE

Já falamos que a glândula pineal de certos hominídeos, junto com o sistema pineal e o tecido adjacente, recebeu os impactos do elemento do Fogo extra-sistêmico. Dentre os tecidos afetados por este processo individualizante estava o tecido dos plexos coróides dos hominídeos.

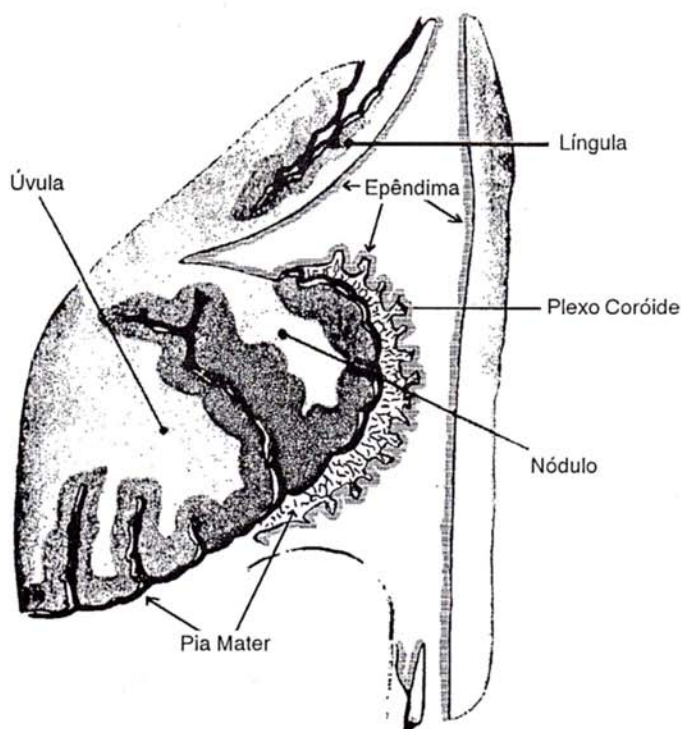
“Dois processos altamente vasculares com a forma de frisos da tela coróide contêm os plexos coróides do quarto ventrículo; eles invaginam a parte inferior do teto do ventrículo e são cobertos por toda a parte pelo forro epitelial da cavidade, que é modificada formando um verdadeiro epitélio secretório.¹ Cada um consiste de uma porção vertical e uma horizontal: a primeira se encontra perto do plano mediano, e a última passa para o recesso lateral e projeta-se através da abertura lateral ainda coberta pelo epêndima. As partes verticais dos plexos são diferentes uma da outra, mas as porções horizontais se juntam no plano mediano; e assim a estrutura total tem a forma de uma letra T, cujo pé vertical é duplo. Numerosos tufo pequenos do plexo associam-se com a parede superior recuada da abertura mediana e projetam-se para o espaço subaracnóide (Figura 1), como os tufo que despontam dos forâmens dos recessos laterais.”²

O tecido vascular dos plexos coróides não era só o local que recebia o estímulo do Fogo extra-sistêmico para o crescimento e desenvolvimento rápido do cérebro do homem individualizado, mas até os dias de hoje, junto com todos os tecidos vasculares do cérebro (por exemplo, as artérias terminais), continua sendo o local que recebe o impacto das impressões mentais que fluem para dentro ao serem projetadas do corpo mental. A Figura da página 261, “O Mecanismo da Produção de Imagem”, reflete esta sensibilidade dos plexos coróides à estimulação mental.

1. W. E. Le Gros Clark, *Tissues of the Body*, Clarendon Press, Oxford, 1939.

2. *Grays Anatomy*, Longmans, Green and Co., Londres, trigésima edição, p. 963.

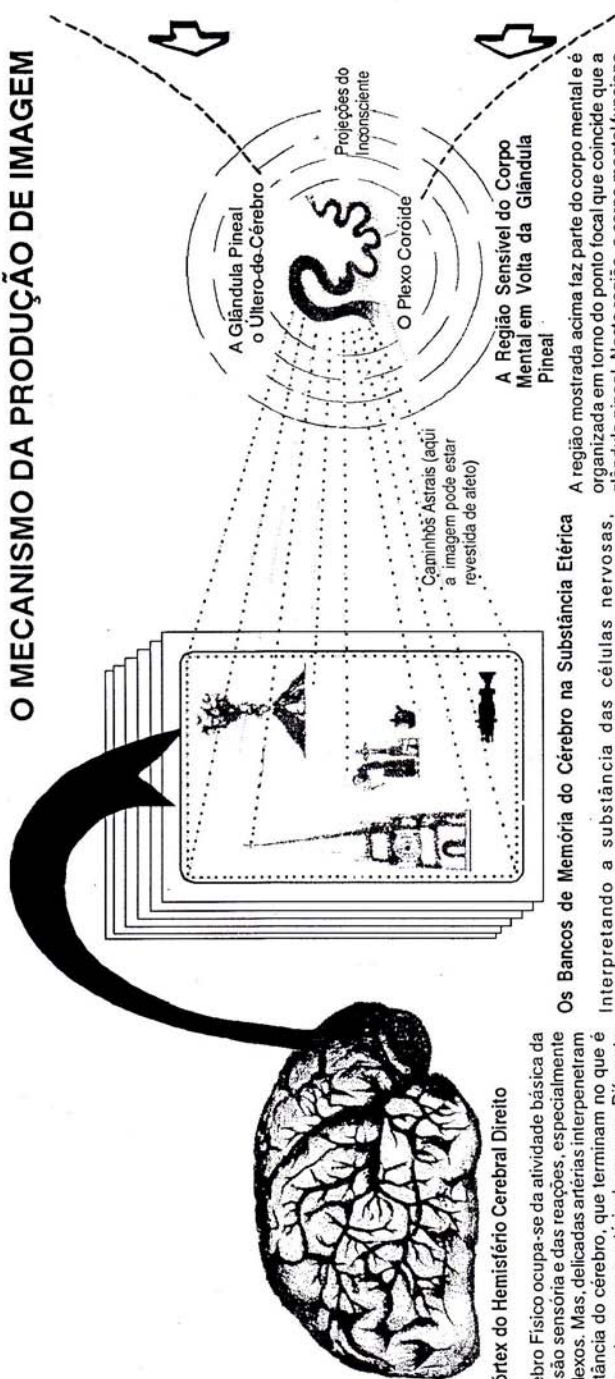
Muitas das chamadas “dores de cabeça” originam-se deste mecanismo ainda manifesto no homem, o que significa que uma atividade excessiva do corpo mental pode produzir uma repentina e intensa secreção nos plexos coróides, fazendo com que um aumento transitório no volume do fluido cérebro-espinhal, localizado nos ventrículos do encéfalo, seja responsável por um aumento na pressão e sintomas de dor de cabeça.



O PLEXO CORÓIDE NO TETO DO QUARTO VENTRÍCULO

O diagrama acima mostra como as imagens projetadas do corpo mental (ver à direita) golpeiam a área etérica em torno daquela parte do cérebro que inclui a glândula pineal e o plexo coróide. É aqui que pensamentos germinais podem ser registrados primeiro na consciência que está despertando, mediados pelo cérebro e a sua contraparte etérica. No terceiro ventrículo, o plexo coróide encontra-se muito próximo da glândula pineal. Os outros plexos são também muito sensíveis aos estímulos mentais.

O MECANISMO DA PRODUÇÃO DE IMAGEM



O Córtex do Hemisfério Cerebral Direito

O Cérebro Físico ocupa-se da atividade básica da impressão sensorial e das reações, especialmente dos reflexos. Mas, delicadas artérias interpenetram a substância do cérebro, que terminam no que é virtualmente um reservatório de sangue. Diferente de outras artérias, estas não se dividem em capilares que drenam para veias. Esta área pigmentada, muito sensível, funciona como uma região que recebe as impressões de muitas radiações emocionais e mesmo mentais vindas de dentro. Ninguém nega que as células cerebrais tenham uma estrutura igual a um computador, mas o que escapa ao anatomista moderno é a contraparte elétrica do cérebro, onde estão os mecanismos responsáveis pelos inexplicavelmente imensos componentes de memória do cérebro.

Os Bancos de Memória do Cérebro na Substância Elétrica

Interpretando a substância das células nervosas, componentes do grande gânglio do cérebro, existem regiões correspondentes e interpenetrantes de substância elétrica ou pré-física. Estas funcionam como bancos de memória e guardam o imenso número de imagens que estão associadas às imagens contidas de fato na substância cerebral e que ultrapassam a proporção de muitas centenas para uma. Enquanto o cérebro tem acesso direto a estes bancos elétricos e deles retira quase por reflexo, existe um mecanismo seletor que depende da parte mental da região da glândula pineal no mesencéfalo, a contraparte mental. Quando adormecemos, a corrente de imagens incoerentes que às vezes passa pela consciência resulta de fato de que o cérebro perde, através do sono, a sua capacidade seletora, e as imagens armazenadas mais recentes ou os bancos de memória tendem a se apresentar no que os filósofos orientais chamaram de "vrittis".

A Região Sensível do Corpo Mental em Volta da Glândula Pineal

A região mostrada acima faz parte do corpo mental e é organizada em torno do ponto focal que coincide que a glândula pineal. Nesta região, o corpo mental funciona com o receptor de imagens do inconsciente coletivo, do inconsciente pessoal e da aura imediata de um indivíduo. Estas são projetadas através de caminhos astrais onde se revestem de substância emocional, procurando bancos de memória que contenham as imagens correspondentes mais próximas destas contrapartes mentais.

Tudo que foi descrito acima pode ser aplicado a um processo que funciona nos dois sentidos, isto é, do cérebro para dentro e do corpo mental para fora.

CONCLUSÃO

O propósito deste tratado sobre anatomia esotérica é fornecer um histórico e um embasamento para as ciências esotéricas especializadas, como a cura esotérica, antropogênese, biomagnetismo, etc. Talvez alguns dos princípios básicos da cura esotérica devam ser evocados pelo estudante ao revisar o conteúdo desta obra:

A ENERGIA SEGUE O PENSAMENTO

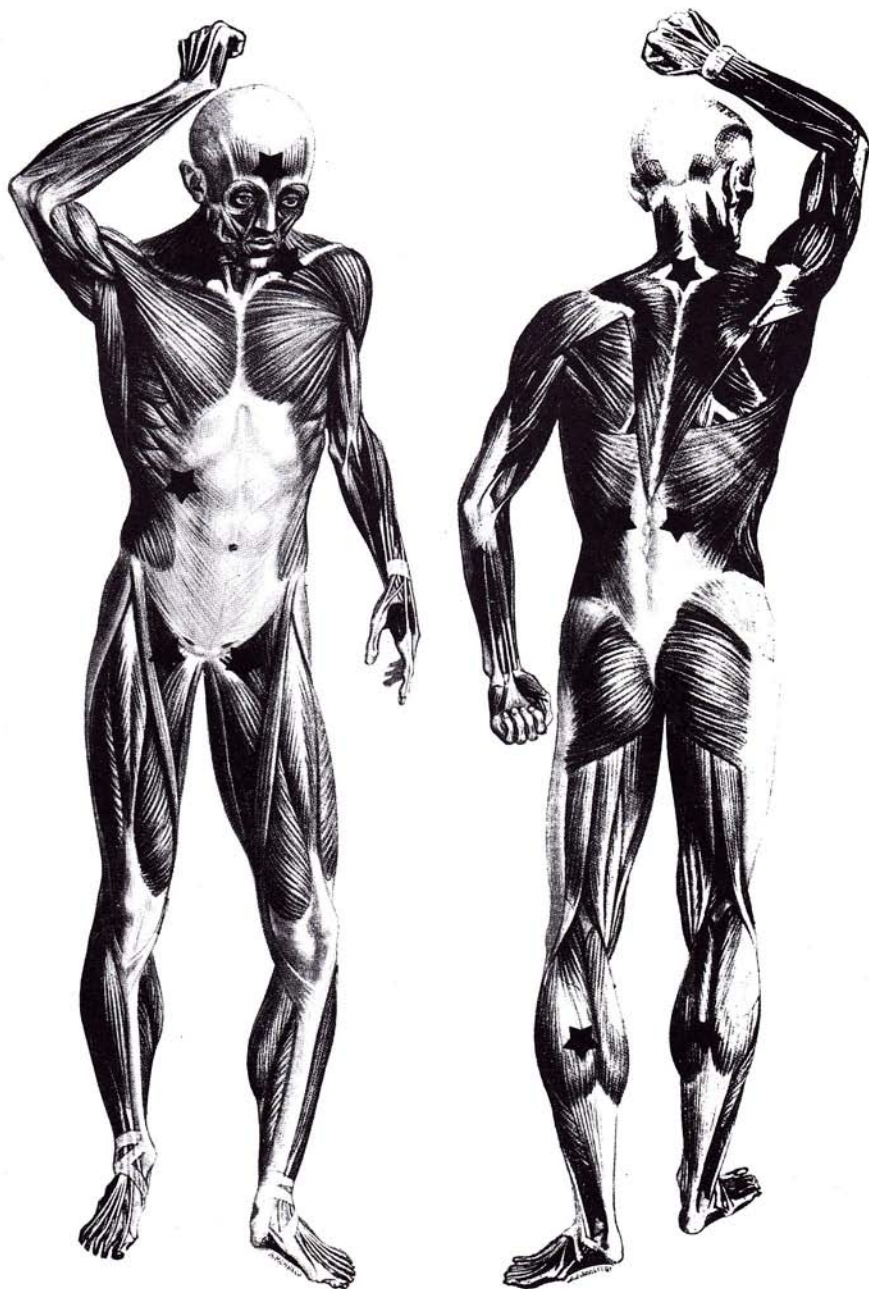
Obtém-se um resultado melhor na transferência da energia de um centro abaixo do diafragma para um centro superior quando o movimento acontece do centro inferior para o seu *alter ego*. Quando uma pessoa espiritual tem os três Centros da Cabeça ativos, mesmo se ainda não aguçados, existe uma transferência de energia de pelo menos três dos centros abaixo do pescoço para a cabeça e, portanto, é de esperar uma congestão na região do pescoço.

O autor descobriu que o uso de campos magnéticos de fraca pulsação (que apesar disso são mensuráveis) através de solenóides apropriados, colocados na base do pescoço, podem aliviar muitas congestões que levam à exaustão, falta de concentração, incapacidade na meditação, assim como doenças como enxaqueca e outros tipos de dores de cabeça.

Pensamentos congestionados implicam o congestionamento na transferência de energia. Colocar a cabeça inteira num único campo magnético, pulsando a 256 ciclos por segundo, não só reduz a congestão, como também descortina a vida dos sonhos e o mundo da experiência subjetiva.

SIMETRIA INTERNA

A simetria do corpo físico pode nem sempre estar presente, mas é possível obter a simetria dos veículos internos. E ajudar o entendimento da estrutura destes veículos e mostrar onde aplicar os estímulos são os outros objetivos desta obra. As causas da maioria das doenças estão nestes veículos internos. É possível fazer com que



POSIÇÕES ANATÔMICAS QUE SÃO SENSÍVEIS À APLICAÇÃO
DE CAMPOS MAGNÉTICOS PULSANDO NAS FREQUÊNCIAS
ENTRE 200 E 800 CICLOS POR SEGUNDO.

a causa inibida se expresse, aplicando-se à aura e aos vórtices etéricos as energias naturais como cor, som e magnetismo. Afirmar na *Esoteric Healing*, Parte I, que “O magnetismo não deixará mentir”, tendo em mente este assunto de causas inibidas.

As Chaves de Salomão, já descritas antes, formam uma importante estrutura equilibrada. Logo acima de cada clavícula pode-se apalpar uma fossa (uma concavidade) que permite que os dedos se aproximem bastante não só dos vasos subclavianos como também dos tratos etéricos que sobem até a cabeça. É por esta razão que os solonóides magnéticos são colocados nessas fossas supraclaviculares para que possam ser estabelecidos a ordem e o ritmo nos tratos, nos nervos e nos vasos sanguíneos que passam para cima e para fora, até os braços.

Este trabalho sobre anatomia esotérica tem por objetivo encorajar sempre o uso das energias naturais em vez de drogas que produzem invariavelmente algum efeito tóxico. A medicina do futuro, especialmente a que chamamos de preventiva, deve levar em conta os tratos energéticos dos corpos mais sutis e a aplicação de energias naturais para corrigir os seus distúrbios.

Se o estudante pode entender a anatomia esotérica da cabeça e do pescoço, entenderá também o processo pelo qual ao homem é dada a possibilidade de se transformar num deus, pois todos nós somos deuses pela capacidade de criar.

Douglas Baker

A meta do Homem é a evolução, e uma das necessidades básicas é o autoconhecimento. Por isso a antiga máxima grega: "Homem, conhece-te a ti mesmo", tomada por Platão como conceito de sabedoria.

Mas para que isso aconteça, é preciso conhecer também o funcionamento do corpo físico, que não está separado da parte energética que nos envolve e interpenetra.

Este livro é importante para saber como age no físico a parte energética. O papel que as glândulas, por exemplo, exercem ligadas que estão aos centros energéticos — os chakras.

Baker fala das diversas raças que já passaram pela face da Terra e os níveis de evolução que conseguiram. A influência dos Sete Raios e o que cada um deles proporciona para o crescimento do Homem como uma parte do Universo.

Tudo, enfim, para que cada um possa conhecer-se melhor e ter mais consciência de si mesmo e do Todo.



MERCURYO



ISBN: 85-7272-050-2



9 788572 720502